



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
DOUTORADO EM LETRAS

CARLOS ANDRÉ ARAÚJO MENEZES

**EXPRESSÕES DE UMA “VINGANÇA ADIADA”: O *KIT GAY* E A MAMADEIRA DE
PIROCA COMO MOVIMENTOS PERFORMATIVOS NA LINGUAGEM**

São Cristóvão-SE
Fevereiro de 2024

CARLOS ANDRÉ ARAÚJO MENEZES

EXPRESSÕES DE UMA “VINGANÇA ADIADA”: O *KIT GAY* E A MAMADEIRA DE PIROCA COMO MOVIMENTOS PERFORMATIVOS NA LINGUAGEM

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras.

Área de Concentração: Estudos Linguísticos.
Linha de Pesquisa: Linguística Aplicada.
Orientador: Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi.

São Cristóvão-SE
Fevereiro de 2024

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE

M543e Menezes, Carlos André Araújo
Expressões de uma “vingança adiada” : o *kit gay* e a mamadeira de piroca como movimentos performativos na linguagem / Carlos André Araújo Menezes ; orientador Vanderlei José Zacchi. – São Cristóvão, SE, 2024.
189 f.

Tese (doutorado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, 2024.

1. Linguística. 2. Linguística de corpus. 3. Narrativa (Retórica). 4. Notícias falsas. 5. Campanhas eleitorais. 6. Competência comunicativa. 7. Ressentimento. I. Zacchi, Vanderlei José, orient. II. Título.

CDU 81'1

CARLOS ANDRÉ ARAÚJO MENEZES

EXPRESSÕES DE UMA “VINGANÇA ADIADA”: O *KIT GAY* E A MAMADEIRA DE PIROCA COMO MOVIMENTOS PERFORMATIVOS NA LINGUAGEM

Aprovada em: 26/02/2024.

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe como requisito parcial à obtenção do título de Doutor em Letras à seguinte Banca Examinadora.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Vanderlei José Zacchi
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Presidente

Prof.^a Dr.^a Dinamara Garcia Feldens
Universidade Federal de Sergipe – UFS/PPGED
Examinadora Externa

Prof. Dr. Danilo da Conceição
Instituto Federal de Alagoas – IFAL
Examinador Externo

Prof.^a Dr.^a Simone Tiemi Hashiguti
Universidade Estadual de Campinas- Unicamp
Examinadora Externa

Prof.^a. Dr.^a Ana Karina Nascimento de Oliveira
Universidade Federal de Sergipe – UFS
Examinadora Interna

Prof.^a. Dr.^a Elza Ferreira dos Santos
Instituto Federal de Sergipe- IFS
Suplente

Dedico esta escrita às professoras e aos professores das escolas públicas brasileiras, que atualmente são acusados, quase que diariamente, de promovedores de uma “ideologia de gênero”, quando, na verdade, buscam, pelo menos uma grande parte, promover a diferença e a proteção frente aos ataques homofóbicos do sistema de normatização sexual e de gênero.

Dedico também ao colega professor Fernando Haddad, que um dia frente ao Ministério da Educação ajudou a promover a ideia de um *Brasil Sem Homofobia*.

AGRADECIMENTOS

OBRIGADO às pessoas citadas e a outras que podem ter sido esquecidas ao longo do percurso: Fabiana Lisboa de Menezes pelas inúmeras trocas que aconteceram durante os meses de outubro e novembro de 2019 – período em que estudávamos arduamente todas as noites para a seleção do doutorado. Danilo da Conceição Pereira Silva e Emilly Silva dos Santos pelo excelente curso: *Linguagem, Gênero e Interseccionalidades*, que me trouxe novos olhares sobre a Linguística; professora Leônia Garcia pela compreensão e imparcialidade em um momento difícil dessa caminhada; Jacira Santos, pelo acolhimento e pelas palavras no início desse percurso; Vanderlei José Zacchi por ter me recebido como seu orientando e por me ajudar a construir este texto com a liberdade e os direcionamentos necessários. Aos professores Daniel Nascimento e Silva, Luiz Paulo da Moita Lopes e Branca Falabella Fabrício por me receberem em suas aulas e contribuírem tanto para este trabalho. Aos professores e às professoras do PPGL-PPGED /UFS que durante a Covid-19 tiveram de encontrar formas possíveis de aulas em meio à prática (dor)cente; Rosimare Sampaio/SEDUC – Gilvânia Guimarães/DEA, Sylvania Amorim e Gilvan Santos pelo apoio; Ueslâne Melo, Lívia Soares Santos, José Gilmar Guimarães Reis, Cristiane Mirtes, Jânio Nunes dos Santos, João Carvalho de Souza Júnior e Martha Lícia pelas contribuições e pelos apontamentos que fizeram em diferentes momentos desta produção textual. Aos amigos e amigas: Allan Dantas, José Wagner, José Lucas, Juninho Carvalho, Lívia Barreto, Elaine Heily, Dinamara Feldens, Mônica Lima, Elza Ferreira, Juliana Lira, Mirtinha, Euza Rodrigues, Laila Gardência, Lanna Rodrigues, Antônio Dias, Jeane Santos, Nelemar Procópio, Ana Rita Bracker, Dayse Souza, Gilmar Reis, Richardson Moura, Mário Leony, Ingrid Seyman, Mateus Gama, Aha-lex, Cris Rose e Sil Legion por me ouvirem pacientemente falar tantas vezes do tema deste trabalho, assim como das minhas angústias e do meu medo em fazê-lo e, acima de tudo, por encontrar sempre em vocês tanta ressonância afetiva. Muito obrigado à banca examinadora (em dois momentos), seus direcionamentos tornaram/tornarão este texto mais potente!

E, **de forma ainda mais especial**, à minha família: Jonas Oliveira dos Santos, meus sobrinhos e minhas sobrinhas, minha mãe e meu pai, minhas irmãs e meu irmão pelas suas presenças em todos os momentos e para todas as coisas. Bem como às pessoas que, de alguma forma, contribuíram significativamente para o exercício da minha profissão: Maruza Andrade

(*in memoriam*), Djenal Baptista, Joaquim Francisco, Sônia Mota, Carla Cynara, Cleuza Guimarães Silvanira Cardoso e Alfrâncio Dias.

E por último, a Caetano Veloso, que com seu/sua “Verdade Tropical” tornou os últimos momentos dessa escrita algo suportável – fazendo inclusive com que a solidão se tornasse mais povoada. De alguma forma sinto que essa pesquisa, ainda que por caminhos diferentes, também abrace o que ele afirmou: “Todos temos a consciência (**ou não**) de que os direitos civis de um indivíduo não podem ser ignorados pelo fato de ele ser um homossexual. Mas sei também que muitas vezes o ódio, o medo e a repulsa que a homossexualidade inspira dizem mais sobre sua grandeza do que uma sua aceitação em termos meramente liberais”. (p. 469 – destaque meu).

ANJOS TRONCHOS

*Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Desses que vivem no escuro em plena luz
Disseram, vai ser virtuoso no vício
Das telas dos azuis mais do que azuis
Agora a minha história é um denso algoritmo
Que vende venda a vendedores reais
Neurônios meus ganharam novo outro ritmo
E mais e mais, e mais e mais, e mais
Primavera Árabe, e logo o horror
Querer que o mundo acabe-se
Sombras do amor
Palhaços líderes brotaram macabros
No império e nos seus vastos quintais
Ao que revêm impérios já milenares
Munidos de controles totais
Anjos já mi ou bi ou trilionários
Comandam só seus mi, bi, trilhões
E nós, quando não somos otários
Ouvimos Shoenberg, Webern, Cage, canções
Ah, morena bela, estás aqui
Sem pele, tela a tela
Estamos aí
Um post vil poderá matar
Que é que pode ser salvação?
Que nuvem, se nem espaço há
Nem tempo, nem sim nem não
Sim, nem não
Mas há poemas como jamais
Ou como algum poeta sonhou
Nos tempos em que havia tempos atrás
E eu vou, por que não?
Eu vou, por que não? Eu vou
Uns anjos tronchos do Vale do Silício
Tocaram fundo o minimíssimo grão
E enquanto nós nos perguntamos do início
Miss Eilish faz tudo do quarto com o irmão*

(Emanuel Viana Teles e Caetano Veloso. *Meu Coco*. 2021).

RESUMO

A eleição presidencial de 2018 foi profundamente marcada por *guerras narrativas* em torno de marcadores sociais, como gênero, raça e classe. O Brasil passou a viver sua disputa política compartilhando *fake news* (Dunker, 2019; Fuks, 2019; Tezza, 2019; Mello, 2020; Santaella, 2020). Em sua grande maioria, as *fake news* de campanha mencionavam um suposto “kit gay” e uma “mamadeira de piroca”, provocando, dessa maneira, em grande parte da população brasileira um pânico moral e de gênero (Miskolci, 2009) que impulsionou a adesão de muitos brasileiros ao projeto político conservador de Jair Messias Bolsonaro, que, à época, em cumprimento a uma agenda intercontinental, prometia restaurar velhos valores morais da “família tradicional”, bem como barrar os avanços recentes nas políticas públicas que garantiam direitos históricos à população LGBTQIPAN+ (Pesavento, 1995; Petó, 2015; Kuhar; Paternotte, 2017; Leite, 2019). A principal hipótese desta pesquisa é a de que o afeto do ressentimento (Kehl, 2020; Nietzsche, 2020a, 2020b; Giacoia, 2021) mobilizou grande parte da população brasileira a aderir ao citado projeto político conservador. Esta tese teve como objetivo principal investigar de quais formas o ressentimento foi mobilizado em algumas *fake news* que mencionaram os termos “kit gay” e “mamadeira de piroca”. Por sua vez, como objetivos específicos: 1. Identifiquei as estratégias persuasivas presentes no vídeo “A mamadeira que mudou o Brasil”, situando valores e conceitos morais que apontaram sinais de *ressentimento* entre grupos sociais; 2. Observei como o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar estão presentes em três notícias jornalísticas e em uma vídeo-entrevista, que mencionaram o *kit gay*, por último: 3. Investiguei, no clipe musical “Kit gay”, dos Detonautas, quais formas de resistência foram mobilizadas após a campanha eleitoral brasileira de 2018. Para alcance de seus objetivos, o *corpus* desta pesquisa foi problematizado com Austin (1990), Butler (2015, 2021), Foucault (1994, 2005, 2014a, 2014b, 2017) e Derrida (1991), que, respectivamente, pensaram a linguagem como princípio anti-idealista e desconstruída, como ação dizer-fazer, também como performance. Esses marcos teóricos ajudaram a pensar as práticas discursivas e as ações performativas da/na linguagem, marcando-a como uma instância social viva, situada em práticas sociocomunicativas. Metodologicamente, o percurso escolhido para produção dos dados se ancorou na Linguística Aplicada (LA) mais recente (Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2021, 2023) e no método genealógico (Nietzsche e Foucault). O uso da LA possibilitou diversas intersecções entre os estudos da linguagem e outros campos de estudo e buscou, a partir dessas intersecções, pensar questões que tiveram impactos na vida social. Os resultados encontrados apontaram para um agenciamento da população brasileira, por grupos religiosos conservadores e pelo forte ressentimento, que culminou na vitória de Jair Messias Bolsonaro em 2018 e cujos efeitos puseram e ainda põem em risco a recente democracia brasileira.

Palavras-chave: *Kit gay* e mamadeira de piroca. *Fake news*. Performatividade. Ressentimento.

ABSTRACT

The 2018 presidential election was deeply marked by narrative wars around social markers such as gender, race and class. Brazil went through its political dispute sharing fake news (Dunker, 2019; Fuks, 2019; Tezza, 2019; Mello, 2020; Santaella, 2020). The vast majority of the campaign's fake news mentioned an alleged "gay kit" and a "dick bottle", thus provoking a moral and gender panic in a large part of the Brazilian population (Miskolci, 2009), which drove many Brazilians to join Jair Messias Bolsonaro's conservative political project, who, at the time, in fulfillment of an intercontinental agenda, promised to restore old moral values of the "traditional family", as well as blocking recent advances in public policies that guaranteed historical rights to the LGBTQIPAN+ population (Pesavento, 1995; Petó, 2015; Kuhar; Paternotte, 2017; Leite, 2019). The main hypothesis of this research is that the affect of resentment (Kehl, 2020; Nietzsche, 2020a, 2020b; Giacoia, 2021) mobilized a large part of the Brazilian population to adhere to the aforementioned conservative political project. The main objective of this dissertation was to investigate the ways in which resentment was mobilized in some fake news stories that mentioned the terms "gay kit" and "dick bottle". The specific objectives were: 1. I identified the persuasive strategies present in the video "A mamadeira que mudou o Brasil", situating moral values and concepts and resentment between social groups; 2. I compared the discourses focused on educational practices present in some news reports and mentioned the term gay kit, situating the intertexts that made up its network of meanings, finally: 3. I investigated, in the music video "Kit gay", by Detonautas, what forms of resistance were mobilized after the 2018 Brazilian election campaign. In order to achieve its objectives, the corpus of this research was problematized with: Austin (1990); Butler (2015, 2021); Foucault (2017, 2014a, 2014b, 2005, 1994) and Derrida (1991) who respectively thought of language as an anti-idealist and deconstructed principle, as a saying-doing action, also as a performance. These theoretical frameworks have helped me to think about discursive practices and the performative actions of/in language, marking it out as a living social instance, situated in sociocommunicative practices. Methodologically, the path chosen to produce the data was anchored in more recent Applied Linguistics (Pennycook, 2006; Moita Lopes, 2021, 2023) and the genealogical method (Nietzsche and Foucault). The use of LA allowed for various intersections between language studies and other fields of study, and sought, from these intersections, to think about issues that had an impact on social life. The results pointed to a deep agency of the Brazilian population by conservative religious groups and strong resentment, which culminated in the victory of Jair Messias Bolsonaro in 2018 and whose effects have put and still put at risk Brazil's recent democracy.

Keywords: Gay kit and dick bottle. Fake news. Performativity. Resentment.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro explicativo da materialidade e produção de dados desta pesquisa.....	23
Quadro 2 – Quadro demonstrativo de 14 dissertações produzidas entre 2018- 2023.....	27
Quadro 3 – Quadro demonstrativo de 13 teses escritas entre 2018 e 2023.....	29

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Detonautas “Kit gay” – <i>Youtube</i>	36
Figura 2 – Revista <i>Veja online</i>	44
Figura 3 – Revista <i>Veja online</i>	47
Figura 4 – A mamadeira que mudou o Brasil.....	63
Figura 5 – Mamadeira erótica com bico em formato de pênis.....	66
Figura 6 – “The Russian firehose of falsehood”: modelo contemporâneo.....	84
Figura 7 – “The Russian firehose of falsehood”: produção e divulgação.....	86
Figura 8 – “The Russian firehose of falsehood”: rapidez, continuidade e repetição.....	88
Figura 9 – “The Russian firehose of falsehood”: percepção e realidade.....	89
Figura 10 – “The Russian firehose of falsehood”: Sucesso e contradição.....	91
Figura 11 – Eleitorado e manifestações de fé na política de 2018.....	97
Figura 12 – Notícia vinculada no site <i>Gospelprime</i> em maio de 2012.....	98
Figura 13 – Os principais temas das <i>fake news</i> pelo <i>El país</i>	103
Figura 14 – Se você defende crianças não vote nele (NF).....	104
Figura 15 – homem culpado pela facada (NF).....	107
Figura 16 – homem culpado ao lado de Lula (NF).....	107
Figura 17 – Senhora é espancada por petistas (NF).....	108
Figura 18 – Haddad e o apoio ao incesto e ao comunismo (NF).....	110
Figura 19 – Acusação de pedofilia – Lula é Haddad 13 (NF).....	111
Figura 20 – Houve sim! Afirma Crivella (NF).....	113
Figura 21 – É #FAKE que Haddad criou “kit gay” (Fato Fake).....	117
Figura 22 – Sock on the cock (meia no pau)	123
Figura 23 – “Moral de rebanho”	126
Figura 24 – Xamã da QAnon.....	129
Figura 25 – Soldados do mito.....	130
Figura 26 – Negacionismo e Terraplanismo	135
Figura 27 – “No meu tempo roqueiro usava, no mínimo calça jeans”.....	140
Figura 28 – “Cadê os ovos, tico?.....	144
Figura 29 – “Deus vendo isso deve pensar, pq não coloquei na arca só os animais”.....	146
Figura 30 – “O mundo está de cabeça pra baixo e eu estou gostando”.....	151

Figura 31 – “Por acreditarem em Kit Gay, vão ficar sem kit entubação!”	154
Figura 32 – “O amor como atitude: nihilismo ativo”	163

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
ENFRENTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS.....	18
1 A GRANDE VIRADA PERFORMATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE “MUNDOS POSSÍVEIS”	26
1.1 LEITURAS DO <i>CORPUS</i> PARA NOVOS CORPOS NA ERA DAS REDES SOCIAIS.....	40
2 RESENTIMENTO NAS PERFORMANCES DISCURSIVAS NA POLÍTICA BRASILEIRA	52
2.1 A MAMADEIRA DE PIROCA E O PÂNICO MORAL RESENTIDO.....	64
3 KIT GAY E MAMADEIRA DE PIROCA: CONVOCAÇÕES COLETIVAS DESSES SIGNOS	77
3.1 <i>FAKE NEWS</i> E PRODUÇÃO DE VERDADES: BREVE GENEALOGIA NA ATUAL POLÍTICA BRASILEIRA.....	80
3.2 “JOGOS DE VERDADE” EM QUATRO NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS.....	95
4. KIT GAY E MAMADEIRA DE PIROCA: PERFORMATIVIDADE RADICAL ENTRE OS “ATOS DE FALA” E OS “ATOS DE CORPOS”	120
4.1 A PERFORMATIVIDADE PRODUZINDO NOVOS FUTUROS EM OPOSIÇÃO AO RESENTIMENTO POLÍTICO.....	123
4.2. PERFORMANCES DISCURSIVAS: ENTRE A NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS E A PRODUÇÃO DE RESISTÊNCIAS DISCURSIVAS.....	137
4.2.1: “imagina a educação que ele deve dar para os filhos dele”: que corpo se desenha no ressentimento?.....	138
4.2.2 “Que pouca vergonha kkkkk posta mais que tá pouco 😂❤️🚩☐”: Performances linguísticas e resistência.....	149
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS – DO MEDO PESSOAL À MOBILIZAÇÃO INTERPRETATIVA DO “PÂNICO MORAL E DE GÊNERO”	157
REFERÊNCIAS	164
ANEXO A: Manchete 1 da revista <i>Veja online</i>	175
ANEXO B: Manchete 2 da revista <i>veja online</i>	176
ANEXO C: Rad Corporation “The Russian firehose of falsehood”	177

ANEXO D: Manchete da <i>Gospel prime</i> sobre afirmação de Haddad.....	185
ANEXO E: Manchete do jornal El País sobre as cinco <i>fake news</i> de campanha.....	186
ANEXO F: Vídeo da <i>Band News</i> e firmação de Marcelo Crivella.....	187
ANEXO G: Manchete do G1 Fato ou <i>fake</i> – comprovação de inveracidade.....	188

INTRODUÇÃO

Em 2018, passei a maior parte do tempo escrevendo minha dissertação de mestrado, na qual busquei compreender de que forma a presença de corpos de alunos LGBTQIPAN+¹ promoveu mudanças curriculares em uma escola da Educação Básica na cidade de Umbaúba-SE. Paralelamente ao desenrolar dessa escrita, a campanha eleitoral presidencial brasileira foi acontecendo, e com ela uma série de guerras narrativas² em torno de alguns marcadores sociais da diferença como gênero, raça e classe.

Nesse mesmo ano, o país passou a viver sua campanha política em torno de notícias que percorriam todo o território nacional; algumas delas, nomeadas como *fake news*, afirmavam que um *kit gay* havia sido criado para crianças de 6 anos de idade, e sua autoria foi direcionada ao candidato Fernando Haddad (Partido dos Trabalhadores/PT). Afirmou-se ainda que, enquanto Ministro da Educação, ele havia adotado o suposto *kit* em programas governamentais voltados à Educação Básica.

Na verdade, o chamado *kit gay* era a interpretação e/ou deturpação do projeto Escola sem Homofobia, que, por sua vez, estava dentro do programa federal de 2004 chamado *Brasil sem Homofobia (Brasil, 2004)*. O programa, que nasceu de ações coletivas em acordo com o Ministério da Saúde e com o Conselho Nacional de Combate à Discriminação, era voltado à formação de educadores³ e não tinha previsão de distribuição do material para alunos e sequer chegou a ser colocado em prática, mas foi a partir dele que gênero, educação e sexualidade na Educação Básica passaram a ser discutidos como temas centrais durante uma campanha política, inclusive se associava a esse tema a ideia de corrupção moral na formação dos sujeitos, no caso alunos menores de idade das escolas públicas brasileiras.

A existência do referido *kit* – pelo menos no imaginário brasileiro –, e nele uma mameadeira de piroca, era causadora de um certo pânico de gênero, que se manifestou em torno da

¹ LGBTQIAPN+ é o movimento político e social que defende a diversidade. O movimento busca mais representatividade e direitos para a comunidade dissidente do regime heteronormativo de sexo e gênero. O seu nome demonstra a sua luta por mais igualdade e respeito à diversidade. A nomenclatura representa: **l**ésbicas, **g**ays, **b**issexuais, **t**ransgêneros, **q**ueers, **i**ntersexuais, **a**ssexuais, **p**ansexuais e **o**utres. Fonte: educamaisbrasil.org.

² É a disputa sem trégua que tomou conta do Brasil nos últimos anos, dividindo a sociedade em “nós” e “eles”. Marcada pela politização de todos os aspectos da vida cotidiana, essa polarização se radicalizou com o colapso de uma narrativa de Brasil e com o fim da ficção de um consenso.

³ O artigo V atribuiu à educação a tarefa de “Direito à educação: promovendo valores de respeito à paz e à não-discriminação por orientação sexual.” (p. 22). Disponível em: [004 \(saude.gov.br\)](http://004.saude.gov.br). Acesso em: 22/01/2024.

categoria acusatória de “ideologia de gênero”⁴, visto que, segundo seus criadores, tal objeto seria uma ferramenta de deturpação de valores tão caros às tradicionais famílias brasileiras. Numa visão crítica, Kuhar e Patternotte (2017, p. 5) vão observar que o discurso político conservador “considera o gênero como a matriz ideológica de um conjunto de reformas éticas e sociais abomináveis”.

O discurso conservador criador da “ideologia de gênero” tem proporção transnacional e cumpre interesses políticos que visam conservar uma ordem social e econômica, que não pode e não deveria ser contrariada, no entanto essa ordem favorece principalmente as elites heterossexuais, brancas e cristãs. No trabalho de manutenção da ordem conservadora, têm se fortalecido mundialmente políticas antigênero, nas quais diversos países são acionados politicamente para barrar qualquer avanço que favoreça grupos mais vulneráveis como negros, mulheres e população LGBTQIAPN+.

Petó (2015) afirma que a categoria gênero é acionada pelo discurso antigênero como uma “cola simbólica”, uma vez que traz consigo reivindicações de outras pautas da população que se encontra marginalizada e que são contrárias às manutenções da política ocidental atual. De modo geral, a categoria gênero sofreu seus “primeiros sinais de fogo”, segundo Corrêa (2018), já na Conferência do Cairo e até mesmo na Eco-92 porque nesse importante fórum debates em torno de gênero, da sexualidade e do direito ao aborto foram silenciados, dando espaço a outros temas como planejamento familiar e “saúde reprodutiva”.

Para Richard Miskolci (2016, p. 16), pesquisador da teoria *Queer*, “A sexualidade, compreendida como um aparato, permitiu que o Estado e as instituições nos controlassem por meio daquilo que Foucault denominou ‘pedagogias do sexo’”, afirmando também que “um dos grandes investimentos biopolíticos do Estado sempre foi na educação”. Tendo isso em vista, tenho procurado traçar o meu caminho como pesquisador buscando compreender e encontrar formas de resistência perante a compulsoriedade das normas, principalmente daquelas que mais nos oprimem.

⁴ Segundo Giovana Marafon (2018), em *Análises críticas para desmontar o termo “ideologia de gênero”*, tem-se que ideologia de gênero é o termo aglutinador de um discurso que se almeja verdadeiro, produzindo-se pela retomada de valores familiaristas e contrários à abertura nos modos de ser e estar, em relação a gênero e sexualidade, que vinham se desenhando socialmente e produzindo desestabilizações das normas nas últimas décadas. E ainda: em uma engrenagem de poder, saber e verdade, o termo “ideologia de gênero” emerge em uma cruzada ofensiva antigênero, gestada no interior do discurso e de práticas católicas fundamentalistas, tendo sido apropriado por setores ultraconservadores (Junqueira, 2017) por empreenderem ações políticas que impõem valores morais tradicionais e, mais, reafirmam pontos doutrinários cristãos dogmáticos e intransigentes.

Em relação à dissertação de mestrado citada, minha principal busca, reafirmo, foi “analisar como a expressão corporal de estudantes gays e lésbicas, no espaço escolar, contribuiu para a ampliação do debate sobre diversidade de gênero e sexual na escola” (Menezes, 2019, p. 13); porém, dentro dos embates encontrados, depois de um certo tempo, comecei a perceber que uma das principais ausências na minha escrita era a de como a linguagem e as práticas discursivas eram centrais para se pensar a formação das subjetividades, ou melhor, o modo como somos subjetivados nas práticas regulatórias de gênero na Educação Básica. Ali também começava a se fortalecer o desejo de uma pesquisa para o doutorado, que viria se converter em uma pesquisa que põe em cena atos performativos de linguagem, reafirmando a ideia de que “dizer é fazer” (Austin, 1990). Tendo em vista isso, comecei também uma busca constante por referenciais que pudessem me esclarecer aquele “nó” da escrita anterior.

Enquanto se fechava um ciclo importante na minha formação, outro começava a se abrir mais ou menos nos primeiros meses de 2017. Nas inúmeras coisas que lia e ouvia, em distintos lugares, crescia também um certo sentimento de medo e insegurança por ser *gay* e, acima de tudo, por ser *gay* e professor atuante na Educação Básica. As falas injuriosas que costumava ouvir com tanta frequência em 2018, soaram como uma espécie de escrutínio e até controle ideológico sobre a escola e o que se ensinava nela, e de como a escola atual estava a promover um estágio de “libertinagem” dos corpos. Assim, de repente alunos, alguns colegas e alguns pais passaram, em todo o território nacional, a uma desenfreada “caça às bruxas”.

No Brasil reverberavam movimentos semelhantes aos de outras campanhas antigênero, que aconteceram na última década em toda a América Latina, entre as mais famosas as que carregam os seguintes slogans: “Con Mis Hijos No Te Metas” (com meus filhos não se metam) e “Mis Hijos Mi Decision” (Meus filhos minha decisão), sendo que aqui a campanha antigênero ganhou força principalmente com o rotulado *kit gay*, que inclusive foi apontado como o “maior escândalo deste país”, segundo uma petição pública que desde 2014 tem sido movimentada na *internet*, atualmente com o número de 38.056 assinaturas.⁵

Outra forte contribuição à campanha antigênero no país foram os movimentos *Escola Livre e Escola Sem Partido*, que visavam a censura ao pensamento pedagógico e a manutenção de concepções morais religiosas que viam as crianças e os adolescentes como reprodutores de

⁵ Link da petição: <https://peticaopublica.com.br/pview.aspx?pi=PROL>. Acesso em: 20 jul. 2023.

valores depositados em torno de valores familiares tradicionais, conforme apontado por Lionço (2016) e Franco (2017).

O sentimento em 2018 era de que algo estava muito bem orquestrado naquele momento de campanha política e que a linguagem funcionava ali como uma forte agência moral, cujos “guardiões” defendiam, acima de tudo, os valores familiares tradicionais e os supostos valores da escola do passado. Mais tarde, em Nietzsche (2020a, 2020b), eu viria a identificar o afeto principal que agenciava boa parte daquilo que me assustava, no caso o afeto do ressentimento, descrito por ele e reinterpretado como um “estado patológico” e uma “vingança adiada” sobre aquilo que não se pode esquecer – pelo menos de lá para cá essa tem sido a minha principal hipótese.

A criação de muitas *fake news* que mencionaram um *kit gay* e uma mamadeira de piroca ganhou forte adesão de boa parte da população brasileira em 2018, que se colocou a serviço da distribuição e circulação massiva desses textos, fortalecendo, entre outras coisas, um “regime de verdades” (Foucault) sobre gênero e sexualidade. Para Kehl (2020, p. 185), “O ressentimento na sociedade brasileira está enraizado em nossa dificuldade em nos reconhecermos como agentes da vida social, sujeitos da nossa história, responsáveis coletivamente pela produção dos problemas que nos afligem”, surgindo, a partir daí, o problema da atual pesquisa, a saber: Como o ressentimento é performado discursivamente pela extrema direita na campanha eleitoral de 2018?

Desse modo, para entender de que maneira muitas das *fake news* ganharam adesão e centralidade na campanha de 2018, foi fundamental os seguintes questionamentos: em quais pontos há uma conexão entre esses textos e muitos dos seus leitores? Ou ainda: quais regimes de verdade emergem nesse contexto e por que tiveram ampla adesão de eleitores? Para quais formas de controle dos corpos escolares apontavam/apontam essas notícias e por quais afetos e valores morais e grupos são impulsionadas? Além disso, de que forma os signos presentes no referido *kit gay* são convocados coletivamente em movimentos de resistência em circulação textual após a eleição presidencial de 2018? Essas são perguntas que certamente não serão respondidas em sua totalidade neste trabalho de pesquisa, no entanto impulsionam a movimentação para descrever o objetivo geral do estudo, qual seja:

- Investigar as formas de mobilização do ressentimento a partir das *fake news* que envolveram os termos *kit gay* e mamadeira de piroca em performances linguísticas antes, durante e pós eleição presidencial de 2018.

Essa tese partiu do pressuposto de que na campanha presidencial de 2018, houve a manifestação performativa de uma vingança, em que parte da população brasileira conservadora expôs, mais claramente, seus sentimentos reativos em relação a outros corpos que foram socialmente marginalizados. Esse desejo de vingança foi posto em prática através dos discursos de ódio, por sua vez impulsionados pelo afeto do ressentimento, conforme mostrarei ao longo deste trabalho de pesquisa.

E como objetivos específicos:

- Identificar as estratégias persuasivas presentes no vídeo “A mamadeira que mudou o Brasil”, situando valores e conceitos morais que apontem sinais de *ressentimento* entre grupos sociais;
- Observar como o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar, estão presentes em três notícias jornalísticas e em uma vídeo-entrevista, que mencionaram o termo *kit gay*;
- Investigar, no clipe musical “Kit gay”, quais estratégias de resistência diante do ressentimento e de outros afetos foram mobilizadas após a campanha eleitoral brasileira de 2018.

As hipóteses desta pesquisa apontam para afetos, ideologias e crenças morais que passam seus interlocutores. Traçarei um perfil da genealogia da moral e dos valores que sustentam há muito o mundo ocidental. Para tanto, o recorte será feito a partir de conceitos advindos inicialmente da filosofia de Friedrich Nietzsche – entre eles a crítica da moralidade, a psicologia da religião e a definição de um tipo de “homem nobre”, como define o autor, situados na obra *Além do Bem e do Mal (ABM)* e ampliados em *Genealogia da Moral (GM)*.

Os conceitos escolhidos convergem para a ideia de que há no ocidente um sentimento coletivo de ressentimento (Nietzsche 2020a, 2020b) de alguns grupos sociais em relação a outros. Esse ressentimento é expresso a partir de valores representados na linguagem e nas práticas sociais. Para Nietzsche (2020b, p. 12), “necessitamos de uma crítica dos valores morais, o próprio valor desses valores deverá ser colocado em questão”, essa mudança de paradigma refere-se ao que o autor vai denominar de transvaloração.

A ideia da transvaloração nietzscheana será também problematizada com Austin ([1962] 1990), Butler (2015, 2021) e Derrida ([1972] 1991), que, respectivamente, vão pensar a linguagem da seguinte forma: como princípio anti-idealista e desconstruída, como ação dizer-fazer, também como performance. Esses marcos teóricos ajudarão a pensar as práticas discursivas e as ações performativas da/na linguagem, ajudando-nos a compreender a linguagem como uma instância viva, situada em práticas sociocomunicativas.

As ampliações que colocaram a genealogia de Nietzsche em movimento são importantes porque marcaram a forma principal como todas as materialidades do *corpus* desta pesquisa foram produzidas e analisadas. Levei em consideração que o método genealógico foucaultiano redimensiona a genealogia, e até mesmo Nietzsche. Foucault (2016) propõe uma larga relação entre o saber-poder que enreda o corpo em uma tela de saberes que o sujeitam e o colocam como efeito de práticas discursivas e práticas não discursivas, o que me pareceu dar um âmbito mais operacional à pesquisa desenvolvida.

Para além de algumas considerações apresentadas, poucas são as pesquisas científicas existentes sobre a problemática proposta nesta tese. Nessa perspectiva, tentarei problematizar atos performativos de linguagem muito recentes e ainda em andamento. As pesquisas que existem praticamente não se concentram nos interlocutores dessas notícias, tampouco em seus modos de circulação textual na escala tempo-espço, o que torna o tema propício a muitas pesquisas no campo da Linguagem, especialmente nos estudos interacionais e das novas pragmáticas comunicativas.

ENFRENTAMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS

Um dos principais esforços na elaboração deste objeto de estudo diz respeito às decisões metodológicas que escolhi seguir, escolhas essas que implicam a negação de que o pesquisador e seu objeto de estudo estão separados. Aqui os dois se misturam e se contaminam por um desejo de transformação da vida, de modo mais específico propondo mudanças para se repensar a realidade escolar e a forma como ela produz subjetivações e constante manutenção das formas opressivas de poder. E ainda esta tese tem em vista “apresentar nossos trabalhos como fabricação de ‘edifícios’ móveis, cujos ‘alicerces’ líquidos não permitem a solidificação do conhecimento ‘erguido’, seu esgotamento ou o alcance de um alvo certo” (Fabrício, 2006, p. 60).

Os atos performativos de linguagem estudados em contextos específicos apontam aparentemente para as ideias de resistência e movimentos da/na linguagem; são atos semelhantes às práticas de um professor/pesquisador que busca problematizar os avanços moralistas e normalizantes presentes na atual política brasileira. Desse modo, saliento desde o princípio da pesquisa que “O processo de investigação é também um processo de aprimoramento dos atos cognitivos do pesquisador” (Bellini, 1988), pois, à medida que a pesquisa foi acontecendo, muitas etapas metodológicas foram sendo (re)descobertas na tentativa de produção dos seus dados, apostando “nos descaminhos e na desaprendizagem de qualquer tipo de proposição axiomática como um refinamento do processo de conhecer” (Fabrício, 2006, p. 6).

Esta tese pretende produzir novos olhares sobre as práticas discursivas observadas, colocando-as em evidência como práticas que reiteram o poder e o agenciamento sobre os nossos corpos e sobre como somos capturados por forças que se unem na tentativa de legitimação de “verdades” sobre nós. As discussões teóricas terão como eixo as perspectivas que se voltam para a construção de novos discursos, portanto de novos corpos. Os corpos que aqui entram como um horizonte a ser sonhado são produzidos e convocados com a quebra do silêncio diante da “ordem do discurso”; é um corpo, ou vários, produzido polifonicamente. Quero sonhar (ainda que de modo mais “comportado”) com os corpos descritos por Preciado (2022, p. 25):

A invenção de novos corpos só será possível com a montagem e hibridização de experiências nos limites daquilo que se costuma entender como identidade propriamente dita: órgãos, funções e corpos são remodelados no limiar entre homossexualidade e heterossexualidade, trans e bio, deficiência e suficiência, animal e humano. Branquitude e não branquitude. Essas identidades (que nunca existiram e foram sempre e apenas pontos estabelecidos no regime de poder-saber patriarcal colonial) agora são obsoletas.

As perspectivas de aprimoramento metodológico e de contaminação subjetiva me guiaram para a possibilidade de vislumbrar uma nova forma de acompanhar a historicidade e a circulação dos signos *kit gay* e mamadeira de piroca. Tornou-se necessário pensar a historicidade momentânea e os movimentos desses signos em suas trajetórias nas eleições de 2018, mapeando o caminho desses signos de 2010 até a finalização do governo Bolsonaro (31 de dezembro de 2022). Enquanto projeto de pesquisa apresentado em 2020, com o título “O *kit gay* e a mamadeira de piroca: regulações morais nas práticas discursivas em torno das *fake news* durante a campanha presidencial de 2018”, a ideia a uma certa altura pareceu insuficiente para

rastrear as trajetórias textuais e as entextualizações⁶ dos signos grifados, pois era muito centrada em análises discursivas estáticas e pouco contextualizadas. Em relação à linguagem, é preciso considerar o que observa Jagger:

Já que somos produtos dos discursos, linguagem e significados que estruturam os atos com os quais nos engajamos e pelos quais somos constituídos como sujeitos [...], o que devemos fazer é focar significados alternativos no curso de nossas repetições desses atos. Já que a heterossexualidade compulsória e o falocentrismo como regimes epistemológicos e ontológicos são fontes significativas dos atos que constituem nossa corporificação generificada, a rota para mudança nessa área é por repetições que subvertam as normas de gênero com a esperança de desestabilizar e deslocar tais regimes (2008, p. 33-34).

A postura metodológica assumida neste trabalho busca captar nas suas análises possibilidades de observação dos regimes de circulação textual, das múltiplas invocações dos signos, das micropolíticas em jogo e o que essas dinâmicas indicam na organização sociocultural mais ampla, que de certo modo privilegiam a multiplicidade, a fragmentação, a contextualização e a performatividade nas práticas de comunicação (De Fina, 2015). Tendo em vista esses aspectos, a pesquisa passou a receber o título de *Expressões de uma “vingança adiada”*: o kit gay e a mamadeira de piroca como movimentos performativos na linguagem”. A essa altura surgiu a compreensão de que os dois signos principais (*kit gay* e *mamadeira de piroca*) poderiam ser melhor analisados a partir de suas indexicalidades e de suas trajetórias textuais na nossa recente história, uma vez que as redes sociais e as novas pragmáticas comunicativas são extremamente dinâmicas e seus sentidos discursivos estão o tempo todo sendo modificados dentro das práticas sociais.

Durante todo o percurso do trabalho serão respeitados os limites éticos necessários no campo da pesquisa, pois “Ao contrário do que frequentemente se pensa, a questão ética se faz presente na própria escolha do objeto de estudo, o gesto inaugural de qualquer empreendimento científico. Convém lembrar que ‘definir é um ato de fala’” (Rajagopalan, 2016, p. 50), e “Dizer algo frequentemente, ou até normalmente, produzirá certos efeitos ou consequências sobre os

⁶ A noção de entextualização parte da visão de que textos (dos quais fazem parte signos e performances semiótico-corporais) têm uma natureza móvel, só existindo em circulação e sendo sucessivamente inseridos em novos contextos semióticos. O conceito diz respeito, então, aos processos contínuos de descentramento e recentramento de textos e ao que acontece com eles ao serem desancorados de um ambiente semântico e ancorados em outro (Fabrício, 2016).

sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas” (Austin, 1990, p. 89).

O percurso escolhido teoricamente se ancora na Linguística Aplicada/LA. A adoção desse campo tem em vista as diversas possibilidades de intersecção entre os estudos da linguagem e outros campos do conhecimento, buscando, a partir dessas intersecções, pensar questões que têm impactos na vida social. No caso desta pesquisa, se pauta na filosofia e em alguns procedimentos de análise da filosofia da linguagem de Michel Foucault, que vê “a linguagem como um ato de discurso e, assim, como causa do sujeito. Discurso não subjetivo, portanto, não dito por alguém, mas que forja em ato aquele que o diz pelo ato mesmo de dizê-lo” (Jourdan, 2019, p. 50), em outras palavras: práticas discursivas que (se) (per)fazem a vida. Sobre a LA como prática produtiva, acrescento:

Esses estudos abordam a linguagem conectada a um conjunto de relações em permanente flutuação, por entender que ela é inseparável das práticas sociais e discursivas que constroem, sustentam ou modificam as capacidades produtivas, cognitivas e desejantes dos atores sociais. Assim, a tendência de muitos estudos contemporâneos em LA é focalizar a linguagem como prática social e observá-la em uso, imbricada em ampla amalgamação de fatores contextuais (Fabrício, 2006, p. 48).

Sobre o critério de seleção dos textos analisados, este se baseou inicialmente na data de circulação de quatro notícias sobre *fake news*, entre junho e outubro de 2018 – período de muitas publicações com fins persuasivos de campanha. Em um primeiro momento, foram coletadas notícias de jornais em torno de *fake news*, como por exemplo: 1. *Haddad afirma que o “kit gay” será reformulado e lançado até o fim do ano* (Gospelprime); 2. *Cinco fake news que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro* (El País/Brasil); 3. *Houve sim o Kit gay, eu era vice-líder do governo, lembra Marcelo Crivella* (Band News); 4. *É fake que Haddad criou Kit gay para crianças de seis anos* (Globo.com).

Em um segundo momento, outros textos foram selecionados para esta pesquisa, textos contendo múltiplas semioses e de gêneros textuais distintos, a saber: videoclipe da banda paulistana Detonautas e 15 comentários sobre este (agrupados de dois modos: comentários em apoio a performance da banda e comentários contrários à tal performance). Além das manchetes de jornal, analisei uma vídeo entrevista, quatro postagens em redes sociais, um vídeo aparentemente amador capturado na plataforma *Meteoro Brasil*. Todos os textos foram selecionados tendo como critério a presença dos marcadores *kit gay* e mamadeira de piroca.

Sobre o videoclipe escolhido, cujo nome é “Kit gay” (clipe oficial – *YouTube*, publicado em 2020), importante também dizer que seus comentários passaram dos 10 mil, além de 1.453.715 visualizações (até o dia 25 de outubro de 2023), o que chamou bastante a minha atenção, bem como a quantidade de críticas que fez a vários outros assuntos relacionados ao governo de Jair Messias Bolsonaro.

Todos os múltiplos textos que compuseram as práticas comunicativas estudadas foram retirados de espaços midiáticos da internet. Alguns desses espaços são plataformas convencionais hegemônicas, que atualmente possuem suas versões jornalísticas digitais e chegaram até o meu conhecimento por meio de pesquisa no *Google Search*, portanto também direcionados por meio de algoritmos. Em relação à plataforma *Meteoro Brasil* é uma opção de reexibição cultural, e se dedica a analisar conteúdos produzidos para o Youtube, importante dizer que uma das suas proprietárias é uma docente universitária, a professora Ana Lesnovski. Desse modo, esta pesquisa é de caráter altamente subjetivo, e os resultados de suas análises poderiam encontrar muitos outros caminhos dentro de outras pesquisas.

Ainda em relação aos comentários analisados no último capítulo, fiz o *backup* de todos eles, e a leitura de cada um individualmente, o que demandou bastante tempo, uma vez que fui criando tabelas categorizando-os em três grupos: 1. comentários positivos em relação a performance da banda, 2. Comentários negativos em relação a performance da banda, e por último 3. Comentários em que não eram tão claras a aprovação ou desaprovação da performance da banda, até chegar aos quinze que resumiam as minhas hipóteses de pesquisa. O caráter de escolha desses comentários é declaradamente subjetivo, uma vez que outros pesquisadores e outras pesquisadoras poderão dar outros encaminhamentos em suas análises, e mobilizar diferentes formas de condução dessas materialidades.

Na tentativa de preservar a identidade pessoal dos comentadores, foram priorizados aqueles (ainda que esteja me referindo a comentários públicos) cujos nomes estavam mais próximos de *nicknames* (apelidos) e/ou não possuíam fotos de perfil particular – importante dizer que foi também um critério de dupla preservação – dos comentadores e da minha relação ética com a pesquisa. Outra forma de preservar essas pessoas foi escolher nomes com apenas um sobrenome, e que se repetiam na grande “multidão” de comentários, pensei em criar nomes fictícios, no entanto me pareceu desnecessário, uma vez que nas análises dos comentários, não os tomei como falas individuais, mas sim como “práticas discursivas” (Foucault) situadas na internet e que facilmente poderão ser lidas.

O quadro abaixo tem a função de sintetizar a estrutura da tese, de forma mais objetiva:

Quadro 1 – Quadro explicativo da materialidade e produção de dados desta pesquisa

	Objetivos	Materialidade linguística
INTRODUÇÃO ENFRENTAMENTOS METODOLÓGICOS	Descrevo meu processo de “encontro” com o meu objeto, bem como o modo como fui sendo afetado naquele momento pela situação política do país e pela “guerra das narrativas”, menciono minha hipótese, meus objetivos e minhas escolhas teórico-metodológicas para a produção de dados.	
CAPÍTULO 1: A GRANDE VIRADA LINGUÍSTICA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE MUNDO POSSÍVEIS	Apresento um breve histórico da disciplina Linguística Aplicada (LA) e sua importância nos estudos de linguagem na contemporaneidade. Em um segundo momento discuto teoricamente a importância do corpo nos estudos da linguagem e apresento a análise de duas manchetes ancoradas em um <i>blog</i> jornalístico.	Duas manchetes jornalísticas da Revista <i>Veja</i> online: 1. “Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias... VEJA (abril.com.br) 2. https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-incrivel-tentativa-de-jogar-o-kit-gay-no-colo-de-serra-e-de-igualar-coisas-7
CAPÍTULO 2: RESSENTIMENTO NAS PERFORMANCES DISCURSIVAS NA POLÍTICA BRASILEIRA	Identifico as estratégias persuasivas presentes no vídeo “A mamadeira que mudou o Brasil”, situando valores e conceitos morais que apontam sinais de <i>ressentimento</i> entre	A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteoro.doc (youtube.com) Fiz a transcrição do texto do vídeo e considerei os 29 segundos iniciais dele, uma vez que os segundos que o antecedem são uma apresentação/introdução desse

⁷ Em 2023, a segunda manchete foi extinta da revista, no entanto considerei a captura de tela feita em 2020. A manchete foi verificada em diferentes outros momentos desta pesquisa.

	<p>grupos sociais para chegar a essa análise, faço uma apresentação do conceito do ressentimento e de como ele apareceu nas performances político-discursivas de 2018.</p>	<p>vídeo e do contexto político em que ele apareceu em 2018.</p>
<p>CAPÍTULO 3: <i>KIT GAY</i> MAMADEIRA DE PIROCA: CONVOCAÇÕES COLETIVAS DESSES SIGNOS</p>	<p>Observo como o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar, estão presentes em quatro notícias jornalísticas, uma delas menciona um vídeo entrevista, e postagens em rede sociais em torno do termo <i>kit gay</i>.</p>	<p>Documento The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It RAND</p> <p>Quatro notícias jornalísticas, cujos títulos e plataformas virtuais são: 1. <i>Haddad afirma que o "kit gay" será reformulado e lançado até o fim do ano</i> (Gospelprime); 2. <i>Cinco fake news que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro</i> (El País/Brasil); 3. <i>Houve sim o Kit gay, eu era vice-líder do governo, lembra Marcelo Crivella</i> (Band News); 4. <i>É fake que Haddad criou Kit gay para crianças de seis anos</i> (Globo.com).</p>
<p>CAPÍTULO 4: <i>KIT GAY</i> MAMADEIRA DE PIROCA: PERFORMATIVIDADE RADICAL ENTRE OS "ATOS DE FALA" E OS "ATOS DE CORPOS"</p>	<p>Investigo, no clipe musical "Kit gay", quais as estratégias de resistência diante do ressentimento e de outros afetos que foram mobilizados após a campanha eleitoral brasileira de 2018. Anteriormente apresento o conceito de "atos de corpos", na tentativa de preambular as análises do referido clipe e de 15 comentários em torno desse.</p>	<p>Cinco cenas do videoclipe "Kit gay", do grupo de rock <i>Detonautas</i>, lançado no dia 06/11/2020 como uma música de crítica política ao governo de Jair Messias Bolsonaro.</p> <p>Quinze comentários direcionados ao videoclipe situados no <i>YouTube</i> (divididos em dois grupos de temática aproximada).</p>
<p>CONSIDERAÇÕES FINAIS</p>	<p>Informo acerca dos resultados e objetivos alcançados, assim como indicar algumas</p>	

	contribuições para futuros estudos.	
--	-------------------------------------	--

Fonte: O pesquisador (2023).

A escolha das plataformas jornalísticas se deu pelo fato de estas terem alta visibilidade em todo o país, sendo três delas plataformas hegemônicas (Globo. Com/ Band News/ El país), e uma de grande circulação entre grupos religiosos (*Gospelprime*); todas agregam em seus entornos muitos interlocutores e intertextos, bem como propiciam uma expressiva materialidade para o *corpus* desta pesquisa, com menções diretas ao tema em questão e com expressivas práticas comunicativas.

Nos diversos espaços de circulação dos textos aquilo “que se tem a dizer-fazer” ganha contornos e ressignificação (dentro) fora de certos (des)controles, uma visão performativa de linguagem, em que são pensados o caráter de ação e seus efeitos linguísticos, ou como assevera Borba (2014, p. 29):

[...] o significado de um texto e seus efeitos não estão presos nas fronteiras textuais, mas são constituídos em sua história dialógica pré-textual (i.e., o que vem antes do texto e possibilita a performance em si), nas relações intertextuais com outros textos e os efeitos que a performance linguística produz nas/os interlocutoras/es; necessitamos, assim, de perspectivas pré-, intra-, inter- e extra-textuais na análise dessas performances.

Os textos escolhidos fazem menção a personagens políticos da campanha presidencial de 2018 – período com muitas publicações com fins persuasivos voltados ao convencimento eleitoral e à construção de uma política da linguagem (a saber baseada no ódio). O principal convencimento foi o de que o candidato Jair Messias Bolsonaro era o candidato que se empenhava a mudar o país e salvá-lo da corrupção moral a que supostamente os brasileiros estavam/estiveram expostos nos últimos anos de atuação do Partido dos Trabalhadores/PT.

Sobre a política da linguagem em Nietzsche, acrescenta-se que “Quando o homem cria o sistema de códigos da linguagem, é quando funda, também as primeiras leis da verdade” (Mosé, 2011, p. 75). Tais valores, quando analisados nas diversas práticas discursivas, serão aqui problematizados a partir da sua ordem de indexicalidade⁸, aparecendo nas práticas

⁸ O conceito de ordem de indexicalidade, de acordo com Blommaert (2017), são os valores, as crenças ou as normas que são hierarquizados, estratificados e apontados no processo de indexicalização de Discursos por meio de escalas locais e translocais. Ainda segundo o estudioso, a escala, termo emprestado da história e da geografia, é uma metáfora para imaginar “o movimento de mensagens ou pessoas pelo espaço e pelo tempo que são constituídos por ormas, expectativas e códigos”.

interativas midiáticas, em que será observado o caráter performativo da linguagem. Logo, entende-se que “os atos de fala são performativos porque produzem efeitos semânticos que nos fazem homens, negros etc.” (Moita Lopes, 2020, p. 70).

1 A GRANDE VIRADA PERFORMATIVA E SUAS CONTRIBUIÇÕES NA CONSTRUÇÃO DE “MUNDOS POSSÍVEIS”

“[Precisamos fazer a nós mesmos] perguntas rigorosas de natureza política, metodológica e epistemológica sobre os interesses a que serve todo empreendimento de pesquisa” (Roman, 1993, p. 78).

Durante a pesquisa, importantes trabalhos de pesquisa foram produzidos na área da linguagem como tentativas de interpretação/denúncia sobre o governo Bolsonaro. Em sua grande maioria, os trabalhos se concentram na área da Análise do Discurso/AD e/ou na Análise do Discurso Crítica/ADC. Um pouco antes do término da minha pesquisa, fiz uma procura atualizada utilizando a ferramenta de busca na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações/BDTD, localizando 14 teses e 12 dissertações que, por diferentes caminhos, apontam chaves interpretativas da recente história política brasileira. Ao realizar a busca, usei as seguintes palavras-chave: “discurso político”, “performatividade linguística”, “gênero”, “afetos” e “fake news”.

Antes de me concentrar em descrever, e de certo modo historicizar a Linguística Aplicada, gostaria de apresentar um quadro resumo das dissertações e teses produzidas entre (2018-2023). As dissertações e teses que aqui são mencionadas, operam por diferentes campos, e foram realizadas nos departamentos de Letras de universidades federais. Textos que têm se comprometido com parte da produção de conhecimento e de resistências diante dos horrores neoconservadores. Me pareceu interessante fazer esse registro como uma forma de marcar e valorizar o empenho acadêmico de seus pesquisadores envolvidos.

Os trabalhos que estão listados abaixo, mencionam diretamente práticas discursivas que envolvem atuações políticas com temas que dialogam muito estreitamente com a argumentação da minha tese, ainda que outras pesquisas pudessem compor os quadros infracitados, optei por aquelas cujas argumentações e resultados me pareceram mais evidentes. Em relação às suas

áreas de concentração e metodologia, nem todas são tão claras e/ou mencionam diretamente isso, no entanto fui localizando a partir da minha leitura interpretativa dos textos e das informações e “pistas” encontradas ao longo delas. Primeiro observaremos as dissertações produzidas e depois as teses:

Quadro 2 – Quadro demonstrativo de 12 dissertações escritas entre 2019 e 2023

DISSERTAÇÃO	AUTOR(A)	INSTITUIÇÃO/ ANO DE DEFESA	ÁREA DE CONCENTRAÇÃO DO ESTUDO/MÉTODOS
IGUALDADE DE GÊNERO, URGÊNCIA HUMANITÁRIA E GESTÃO DA VIDA: A CAPITALIZAÇÃO DELAS POR ELES NA <i>HEFORSHE</i>	VOLKART, Ana Caroline Czerner	UFSC - 2019	LA- Arquegenealogia foucaultiana/
DISCURSOS DE/SOBRE TRANS NAS REDES SOCIAIS DO BRASIL	RAMON, Jéssica Forini	UFSC - 2019	LA- Linguística interacional situada em redes sociais
IDENTIDADES E LÍNGUAS DE SUJEITOS DIVERSIFICADOS EM DISCURSOS DE POLÍTICAS PÚBLICAS DOS POVOS ORIGINÁRIOS	CÂNDIDO, Amanda Gomide de Sousa	UFMT - 2020	LA-AD Tradução de enunciados
<i>EMOJIS</i> E SUAS FUNÇÕES: ESTUDO DE <i>TWEETS</i> À LUZ DA GRAMÁTICA VISUAL	COELHO, Irene Graça	UFSC- 2020	LA Multiletramentos e pragmática visual.
LEITURA E <i>FAKE NEWS</i> : ESTRATÉGIAS PARA O RECONHECIMENTO DE FATO NOTICIOSO FALSO POR ALUNOS DO 9º ANO	TEIXEIRA, Gerson Sousa Félix	UFPI – 2020	LA Multiletramentos e leituras metacognitivas
ARQUIVOS COMUNISTAS NO MARANHÃO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO <i>TWITTER</i> DINO DEBOCHADO	FERREIRA, Maria Luíza Girão	UFMA- 2021	LA- Análises discursivas baseadas na arquegenealogia foucaultiana

“A FORÇA QUE NUNCA SECA”: NARRATIVAS SOBRE PERFORMATIVIDADE DE PROFESSORAS/ES/IES DISSIDENTES DE ESCOLAS PÚBLICAS	ALVES, José Riclerberson vieira	UFS- 2021	LA- performatividades narrativas
(DES)CONSTRUÇÃO DA DESINFORMAÇÃO NAS MÍDIAS SOCIAIS: UMA ANÁLISE DA CRIAÇÃO, (RE)PRODUÇÃO, COMPARTILHAMENTO E CRITÉRIO DE CREDIBILIDADE DE UMA INFORMAÇÃO FALSA	SILVA, Mônica Valéria Mineiro da	UFPI- 2021	LA Multiletramentos Linguagem e Cultura
A IMPRENSA COMO INIMIGA: O DISCURSO DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA EM 2019 E 2020	RIBAS, Ellen Taborda	UFPR- 2022	AD Análise de discursos midiáticos
CLOROQUINA: DE DISPOSITIVO DE CONTROLE DA COVID-19 A ACONTECIMENTO DISCURSIVO	SOUZA, Thais Deamici de	UFSC -2022	LA Análises discursivas baseadas em Foucault
O DISCURSO DA MERITOCRACIA EM <i>TWEETS</i> BRASILEIROS	ASSIS, Verônica Aparecida de	UFSC - 2023	LA Análise de relações dialógicas em <i>tweets</i>
O MITO VOLTOU: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DO POPULISMO EM JAIR BOLSONARO	RABACHIN I, Gabriela Cucolo	UFSC - 2023	Teoria do discurso populista lauclauniana.l

Fonte: O pesquisador (2023)

As doze pesquisas me mostraram claramente como suas pesquisadoras e seus pesquisadores se empenharam na interpretação de certos fenômenos discursivos recentes, construíram, por meio de uma mestiçagem de disciplinas/métodos, formas de atuação positiva do conhecimento no mundo em resposta a despolitização crescente que vem sendo promovida pela grande política neoliberal. Além de todas elas formarem um conjunto de pesquisas que denunciam, de diferentes formas e nuances, uma certa engenharia discursivo política criada dentro da nova onda conservadora brasileira.

Mostram ainda a valorização comprometida de seus envolvidos em apontar soluções para problemas sociais que enfrentamos na última gestão presidencial e que, certamente, nos

rodeiam/rodearão. O que mais achou a minha atenção foi o fato de praticamente toda as pesquisas apontarem para novas formas de subjetivação, novos modos de vida e novas capturas por meio das redes sociais e dos aparatos tecnológicos. Praticamente a maior parte delas convergem para um certo caráter denunciatório, tal qual a pesquisa que agora desenvolvo.

Agora, vejamos um outro quadro que mostra o resultado do mapeamento de algumas teses recentes:

Quadro 3 – Quadro demonstrativo de 13 teses escritas entre 2018 e 2023

TÍTULO DA TESE	AUTOR (A)	INSTITUIÇÃO E ANO DE DEFESA	CAMPO DE CONCENTRAÇÃO E METODOLOGIA
PERFIS DO ATOR COLETIVO “MANIFESTANTES DE RUA” DAS JORNADAS DE JUNHO DE 2013, AOS PROTESTOS DE MARÇO DE 2015.	COSTA, Marcos Rogério Martins.	PUC/SP- 2018	Semiótica e Linguística Geral Análises discursivas de textos orientadas pelo círculo de Bakhtin
"ELES NÃO SE INCOMODA DE SÓ TER BRANCO NA SALA": VIVÊNCIAS DE ESTUDANTES DE AÇÕES AFIRMATIVAS EM PRÁTICAS DE LETRAMENTO ACADÊMICO	SANTOS, Charlene Bezerra dos	UFSC - 2018	LA Práticas de letramento
O DISCURSO BOLSONARISTA E A DESCONSTRUÇÃO DO BRASIL.	CAMPEAM, Frederico Antônio	Unicamp - 2019	AD Análise de discurso políticos
NORDESTINO NA REDE: DISCURSO DE ÓDIO E DISPUTA DE SENTIDO NO TWITTER NAS ELEIÇÕES DE 2014.	MENEZES, Adriana Vilar de.	Unicamp - 2019	Pragmática
SENTIDOS DA PALAVRA MANIFESTANTE E MANIFESTAÇÃO CONSTITUTIVOS NO DISCURSO DO ESTADO E DA MÍDIA TRADICIONAL BRASILEIRA.	SENA, Geane Cássia Alves.	Unicamp- 2019	Semântica da enunciação E semântica do acontecimento

QUANTO VALE UM ESCRAVO HOJE? A VULNERABILIDADE (DES) FISCALIZADA, OS RASTROS DA NECROBIOPOLÍTICA E (A TENTATIVA DE CONTROLE D)O CONTROLE DOS DISCURSOS NA CONTEMPORANEIDADE	SILVEIRA, Éderson Luís da	UFSC - 2020	Linguística Análises discursivas orientados por pressupostos foucaultianos.
REPRESENTAÇÕES DISCURSIVAS DE AGENTES PÚBLICOS SOBRE SEXUALIDADE NA ADOLESCÊNCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA DO DISCURSO	GOMES, Jonatan Costa	UFMT - 2021	ADC
A PROBLEMÁTICA DA CONSTATAÇÃO NA PERFORMATIVIZAÇÃO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO NO DISCURSO JORNALÍSTICO DO CIDADE ALERTA	MACHADO, Eliana Sambo	Unicamp-2021	Pragmática Atos de fala
PROBLEMAS DE HETEROSSEXUALIDADE: MASCARAMENTO DA OPULÊNCIA MASCULINA MACHISTA E NEGAÇÃO DA IGUALDADE	LAU, Héilton Diego	UFPR -2021	AD Análise de discurso em documentos (leis)
O PROCESSO ELEITORAL BRASILEIRO DE 2018 SOB UM OLHAR DA ANÁLISE DE DISCURSO: ENTRE A PRISÃO DE LULA E O ATENTADO A BOLSONARO, LEGITIMIDADE E DEMOCRACIA EM DISPUTA NA IMPRENSA	JESUS, Gilvan Santana de	UFS - 2022	AD Análise de discursos midiáticos
DA LINGUAGEM TOTALITÁRIA ÀS NOTAS DE REPÚDIO: UM OLHAR DISCURSIVO ACERCA DA PANDEMIA DE COVID-19 NO BRASIL	ELY, Luiz Augusto	UFPR -2022	AD Análise de notas de repúdio sobre COVID-19

INTERAÇÃO E INTOLERÂNCIA EM TORNO DO ASSASSINATO DE MARIELLE FRANCO NAS FANPAGES DIREITA VIVE 3.0 E JOVENS DE ESQUERDA: UMA ABORDAGEM SEMIÓTICA	RESENDE, Natália Silva Giarola de	UFMG -2022	LA Análise de discursos em <i>Fanpage</i> e <i>Facebook</i>
A TRAJETÓRIA HISTÓRICO-SOCIAL E DISCURSIVA DA EXISTÊNCIA E RESISTÊNCIA DOS SUJEITOS LGBTQIA+: LEGITIMAÇÃO, SILENCIAMENTO, APAGAMENTO OU DESCONSTRUÇÃO?	BATISTA, Adilson Carlos	UFPR -2022	AD Análise de documentos e textos sobre população LGBTQIA+
A LINGUAGEM CONTRA A DEMOCRACIA: REGISTROS DISCURSIVOS ANTIGÊNERO NA POLÍTICA DO MINISTÉRIO DA MULHER, DA FAMÍLIA E DOS DIREITOS HUMANOS	SILVA, Danillo da Conceição Pereira	UFS – 2022	LA Uso da genealogia foucaultiana Análise de processos sociossemióticos
INTERFACE ENTRE POLIDEZ E IMPOLIDEZ EM POSTAGENS E COMENTÁRIOS DE NATUREZA POLÍTICA NA PÁGINA DO FACEBOOK DA REVISTA CARTA CAPITAL	MARTINS, Adriana Regina Dantas	UFCE – 2023	Linguística Uso da pragmática discursiva

Fonte: O pesquisador (2023)

O que mais observei nas teses supracitadas é como também elas se concentram em análises discursivas em espaços midiáticos, e o modo como se utilizam também de associações entre diferentes campos na tarefa de interpretação dos novos eventos linguísticos. E mais que as dissertações, certamente por conta do tempo para execução das pesquisas, temos apontamentos mais claros e precisos sobre a atuação de Bolsonaro durante o seu mandato. Como conclusões de suas ações verificamos que a maior parte delas apontaram para uma necropolítica

⁹(termo de negação da vida), como um profundo caráter antidemocrático e uma forte agenda antigênero.

As tentativas de definição da Linguística Aplicada (LA), ¹⁰que ainda é um campo em disputa, recebem diferentes tratamentos – a maior parte deles buscando informar como surgiu, e ao mesmo tempo como ela se separa da Linguística tradicional. A definição da LA, nas palavras de Pennycook (2006, p. 67), é “uma forma de antidisciplina ou conhecimento transgressivo” nesse sentido gostaria de descrever um pouco mais sobre a disciplina que me ajudou a contribuir uma possibilidade de mudanças em favor da democracia.

Hoje a LA, como afirmou Moita Lopes (1998, p. 142) chega a adentrar outros “reinos” do conhecimento, apoiada inclusive no pensamento de uma das pioneiras dessa disciplina no Brasil, a professora Antonieta Celani, que apontou há algum tempo a seguinte questão: “Há lugar para reinos no domínio do saber?”. Essa afirmação foi importante para o estudioso desenvolver uma nova forma de nomeação para o campo em discussão, nomeando-o de linguística aplicada indisciplinar. A indisciplinaridade nesse campo marca modos diversos de produção de pesquisas no Brasil, chegando inclusive a apontar que essa é uma “área de pesquisa mestiça e ideológica, que precisa considerar, inclusive, os interesses a que servem os conhecimentos que produz” (p. 25).

Menezes, Silva e Gomes (2009) parecem ser menos altruístas e um pouco mais técnicas, o que as leva a definir a LA em três visões e modos de atuação, a saber: ensino-aprendizagem, aplicação de linguística e investigações aplicadas sobre estudos de linguagem como prática social. Os primeiros acontecimentos históricos apontam, inclusive, pequenos dissensos na definição inicial da disciplina, marcando diferença de visão entre os Estados Unidos e a Inglaterra – seria aqui um nascimento marcado por interesses específicos? –, chegando a afirmar sobre a disciplina que “não nasceu como aplicação da linguística, mas

⁹⁹ O conceito necropolítica foi criado por Agamben (2015), conceito filosófico alicerçado na ideia de que as políticas governamentais de Estado buscam controlar quem deve viver ou morrer a partir de aparelhos sociais públicos. Importante frisar que o uso do termo se amplia para além da morte da população negra, e estende-se a outras vidas precarizadas.

¹⁰ De acordo com Moita Lopes (2006, p.97) Para construir conhecimento responsivo à vida social, é necessário que se compreenda a LA não como disciplina, mas como área de estudo, na verdade, como áreas tais como estudos feministas, estudos *queers*, estudos sobre negros, estudos afro-asiáticos etc.

como uma perspectiva indutiva, uma oposição entre o uso da linguagem no mundo real, em oposição à língua idealizada” (p. 3).

O que se nota é um crescente interesse por esse novo campo e como ele foi se multiplicando no Brasil, especialmente nos anos 90, se multiplicando inclusive com as contribuições da LA (in)disciplinar de Moita Lopes – ao escreverem com parênteses o nome do campo, questionam também essa (in)disciplinaridade de alguns/algumas pesquisadores/pesquisadoras. Até onde? Referindo-se a indisciplinaridade a que se propõe a disciplina ou, como marca Moita Lopes (2009), indisciplinados “Pero, no mucho!”, uma vez que a centralidade da língua é essencial para criar inteligibilidade sobre os problemas sociais.

Menezes, Silva e Gomes (2009) trazem informações de um detalhado estado da arte em LA com a apresentação de dados de pesquisa obtidos de 1.446 artigos internacionais e 691 artigos nacionais (totalizando a produção de dez anos – que vão de 1996 a 2006). A pesquisa é sinalizada com possíveis falhas, mas também é frisada a possibilidade de uma visão geral nos artigos observados. Seus resultados são assim distribuídos na materialidade da pesquisa internacional: tema (ensino e aprendizagem de línguas, com destaque especial para a língua inglesa), teoria (Vygotsky/Teoria Sociocultural) e metodologia de pesquisa (predominou a pesquisa experimental). Os resultados da pesquisa em LA no Brasil apontaram: tema (análise do discurso), teoria (não foi possível identificar na maioria, no entanto nos mais observados prevaleceram a teoria bakhtiniana e a análise do discurso de linha francesa), metodologia (ensino de língua estrangeira e formação de professores de língua estrangeira).

Mas há argumentações polêmicas, a exemplo de Rocha e Daher (2015), em que o tom que prevalece em suas definições é de aparente desaprovação da subdivisão no campo Linguística/LA, e toda a argumentação parece se encaminhar para a não legitimidade da disciplina/campo em questão. Ao iniciar o histórico da disciplina, seus autores põem em destaque a oposição histórica entre “ciência pura” X “ciência aplicada” e ainda reforçam o caráter mercantilista da segunda em oposição à primeira, além de problematizarem se é possível haver ciência que não seja aplicada. Trata-se de uma tentativa de unificação entre as duas linguísticas por meio de uma argumentação dedutiva.

Ao fazerem a tentativa de unificação, os pesquisadores chegam a cometer pequenos deslizes, como situar Moita Lopes, quase que unicamente, no campo de uma LA da primeira fase da disciplina. Eles fazem isso ao questionarem sobre problemas estruturais da sala de

aula (excessivo número de alunos e implicação no processo de ensino e aprendizagem de língua – p. 11), desconsiderando o fato de que as questões apontadas pelo estudioso e sua LA indisciplinar são mais direcionadas a outros campos como identidade, sexualidade e renarração de modos e saberes silenciados, o que justifica boa parte das minhas escolhas de tomá-la como referencial em minha pesquisa.

No entanto, questionamentos são feitos sobre o fato de quem é legítimo para renarrar as vidas silenciadas e/ou marginalizadas. Rocha, Daher e Del Carmen (2015) inclusive ampliam/refutam dois pontos das contribuições de Maingueneau em sua definição da LA, assim descritos em relação ao campo: volta-se prioritariamente para o ensino e aprendizagem de línguas e encontra suas bases teóricas na pesquisa linguística. Por fim, seus autores pareceram ilustrar sua argumentação a partir de amarras presentes na discussão em torno da disciplina, mas sem grande capacidade de desatá-los, uma vez que seus exemplos retomam quase sempre ilustrações pouco problematizadas, chegando inclusive a citar Deleuze, que via grandes problemas na linguística tradicional. Importante frisar que essa é uma referência confusa em relação à LA, e na atualidade o nosso trabalho (linguistas aplicados) têm produzido uma linguística cada vez mais atuante na construção de nossas possibilidades sociais a partir dos estudos linguísticos, e das disputas acadêmicas internas.

Levando adiante a historicidade da LA, Rocha, Del Carmen (2015) definem a disciplina Linguística como um grande campo (LAC ou linguística aplicada crítica), nomeando-a de também como antidisciplinar ou transgressiva, em que o acréscimo do termo crítica pressupõe a adoção do caráter múltiplo, o qual abraça: identidade, sexualidade, acesso, ética, desigualdade, desejo ou reprodução de alteridade, que até então estavam muito margeados no próprio campo.

Pennycook utilizou Widdowson para “cutucar” a própria LA, cutucá-la de dentro, marcando inclusive alguns aspectos considerados como “hipócritas”, que deveriam ser substituídos pela crítica em direção ao futuro. No futuro desse campo, é sugerida a abordagem mutável e dinâmica, bem como as multiplicações dos contextos em que a linguagem se faz/apresenta. De certo modo, o autor dialoga com Moita Lopes (2009, p. 77), apontando as formas de renarração da vida social por meio das viradas linguística, somática e performativa, em que “o fator comum na análise da organização social, dos significados sociais, do poder e da consciência do indivíduo é a linguagem”.

Para De Fina e Georgalopoulou (2020), que usarei como essenciais e associadas à LA para análise de comentários¹¹, torna-se necessário na atualidade repensarmos as práticas discursivas midiáticas e as mudanças identitárias na vida social, que deixam de ser pensadas como identidades pré-construídas, passando à categoria de identidade-interação, que seriam identidades endógenas que se formam dentro das práticas discursivas de que participam nos espaços virtuais, no caso desta pesquisa comentários interativos, que podem ser entendidos como “histórias curtas”, assim melhor apresentadas:

[...] histórias curtas pesquisadas foram apresentadas como contraponto aos modelos dominantes aos estudos narrativos, que definiam narrativa de forma restrita e com base em relatos textuais de eventos passados ou da própria história de vida, tipicamente obtidos em entrevistas de pesquisa e muitas vezes descritos como narrativas master. (De Fina; Georgalopoulou, 2020, p. 108, tradução minha)¹².

As duas pesquisadoras têm se dedicado, nos últimos anos, a estudar identidades-interação em suas práticas e pesquisas recentes, apontando que identidades discursivas não podem ser tratadas como categóricas e/ou como expressões demográficas, uma vez que não são criadas a partir do nada. Na verdade, todas são, em parte, discursos predeterminados, cujas posições discursivas são posicionamentos capturados a partir da representação, da ação e da performance.

Usarei como ilustração das ideias, que mais à frente serão desenvolvidas, um dos primeiros comentários compartilhados após o clipe “Kit gay”, dos Detonautas (Figura 1) (o videoclipe será analisado mais detalhadamente no quarto capítulo desta tese). Resolvi ir aos poucos operando com o conceito de “histórias curtas”, bem como de outros, como uma forma de bricolagem e de dinamizar o texto para os leitores. Acredito que ir aos poucos diluindo os conceitos produtivos operacionais é também uma forma de generosidade para aqueles aos quais as pesquisas científicas são textos herméticos e poucos acessíveis. Passo agora a observar o que as autoras propõem com o conceito de histórias curtas:

¹¹ Refiro-me aqui a futura análise de 15 comentários que será feita no último capítulo desta tese. Friso que o trabalho das pesquisadoras se concentra, principalmente em outras áreas de interesse da linguística como: imigração e comunidades transnacionais, no entanto suas formas de atuação são potentes quando pensam a produção de narrativas (*short-story*) em práticas sociais situadas na *internet*.

¹² “small stories research was put forth as counter move to dominant models as narrative studies that define narrative restrictively and on the basis of textual account of past events or of one’s life-story, typically elicited in research interviews and often described as ‘big’ stories” (De Fina; Georgalopoulou, 2020, p. 108).

Figura 1 – Detonautas “Kit gay” – *YouTube*



Detonautas - Kit Gay (Clipe Oficial)

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Ressalto o comentário “Uma banda do tamanho do Detonautas se posicionar contra o ódio, a mentira, e manipulação de um governo caído é de uma coragem absurda. Parabéns aos integrantes” (comentário fixado na seção comentários pelo Detonautas Roque Clube). De forma curta, um comentário como esse pode construir uma narrativa de interpretação/captura de diversos acontecimentos, como por exemplo: os discursos de ódio, as *fake news* e seu caráter manipulativo, ideias de resistência frente ao momento histórico – que pode ser observado em relação a outros comentários que entextualizam¹³ momentos históricos anteriores, entre outras coisas, cujas análises posteriores neste trabalho buscarão situar de forma mais detalhada em comentários *online* após a publicação do vídeo dos Detonautas, visualizando os conceitos de indexicalidade e de ordem de indexicalidade (Blommaert, 2006).

A circulação de um breve comentário e o (re)posicionamento diante das múltiplas interações podem produzir e renarrar muitas histórias, acionando escolhas semióticas e significados sociais em uma prática discursiva situada (Fabrício, 2005). Cada novo comentário vai produzindo identidades-em-interação (De Fina; Georgalopoulou, 2020), que não são criadas a partir do zero, mas antes são partes de discursos predeterminados, cujos posicionamentos representam, acionam e performatizam. Verifiquemos o que afirma Zacchi (2005, p. 1) sobre o discurso:

¹³ Entende-se por entextualização “o processo de tornar o discurso passível de extração, de transformar um trecho de produção linguística em uma unidade – um texto – que pode ser extraído do seu cenário interacional. Um texto, então, nessa perspectiva, é discurso tornado passível de descontextualização. Entextualização pode muito bem incorporar aspectos do contexto, de tal forma que o texto resultante carregue elementos da história do seu uso consigo” (Bauman; Briggs, 2006, p. 206).

O discurso é marcado por uma arena de conflitos sociais e lutas políticas que reflete o meio social em que é enunciado, sendo assim contraditório e dinâmico. Esse aspecto aponta para o fato de que os valores apresentados pela ideologia dominante como universais e acabados são na verdade contingentes e estão sujeitos ao questionamento por parte de segmentos da sociedade que não se sintam contemplados.

Na concepção de Fabrício (2020, p. 26), “qualquer tipo ou regularidades encontradas não estão nas cabeças dos falantes, mas sim em algum lugar fora delas, no mundo (real) da performance”, conclusões a que chega a partir de uma análise dos trabalhos de etnografia da fala/EF, indo, portanto, na contramão de uma visão sociolinguística homogeneizada e simplificadora, bem como ultrapassando ou abandonando o conceito de intencionalidade linguística, uma vez que as performances linguísticas são mais complexas, emergentes e multiformes (Fabrício, 2020).

Os valores morais, observados a partir de suas ordens indexais, encontradas nos textos, serão problematizados levando-se em consideração a análise das práticas discursivas, seguindo o percurso “crítico” e “genealógico” foucaultiano, assim ilustrados: “mostrar como se formaram, para responder a quais necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força efetivamente, em que medidas foram contornadas”, além de “como se formaram, através, apesar, ou com o apoio desses sistemas de coerção, séries de discursos; qual foi a norma específica de cada uma e quais foram suas condições de aparição, de crescimento, de variação” (Foucault, 2014, p. 57).

Como apontaram Levitsky e Ziblatt (2018, p. 218), “Poucas sociedades conseguiram ser multirraciais e genuinamente democráticas. Esse é o nosso desafio. Se o respondermos de maneira satisfatória, a América será sem dúvida excepcional”. Torna-se necessário nesse desafio identificar a não naturalidade da linguagem e as inúmeras possibilidades de, nas performatividades linguísticas, (re)construirmos futuros e resistências diante de regimes políticos totalitários e/ou em democracias que se encontram em crise, uma vez que “o que o sujeito repetidamente diz e faz, o constitui como real e natural” (Borba, 2014, p. 448). É preciso desestabilizar as aparentes naturalidades, e propor novas fórmulas de reinvenção do mundo, este como nunca antes, vem experimentando tantas formas de proliferação da linguagem.

Na atualidade, a mídia tem produzido, como nunca, novas formas de linguagem e de proliferação de identidades – ela produz e reproduz identidades baseadas em modelos passíveis de controle. Para Gregolin (2004, p. 1), “A mídia faz parecer que a identidade é essencialmente resultado de uma construção do próprio eu”, no entanto são os dispositivos de constituição de

subjetividades, com ênfase para os dispositivos eletrônicos, que recriam novos acontecimentos e reafirmam novas práticas de controle sobre os corpos.

Na eleição presidencial de 2018, os dispositivos eletrônicos e midiáticos foram protagonistas nas formas de se fazer e de desenvolver a teoria e a prática política; por meio deles vimos acontecer duelos de narrativas entre grupos de distintos interesses, que, grosso modo, costumamos dividir como a direita e a esquerda. Em Ianni (1999), podemos retornar a um passado bem recente desse novo modo de estratégias políticas; em *O príncipe eletrônico*¹⁴, o sociólogo faz uma avaliação de como, na atualidade, as tecnologias e seus aparatos acionam o imaginário de grupos divergentes e múltiplos, tornando a teoria e o modo de seu desenvolvimento de ações políticas mais multifacetados, conforme resumido abaixo:

Ao dispor das novas tecnologias, os líderes, os políticos, os gerentes, as organizações, as empresas, as agências governamentais, as organizações multilaterais, as igrejas ou organizações religiosas e outros, indivíduos e entidades, direta e indiretamente empenhados na política, passam a atuar além dos partidos políticos, sindicatos, movimentos sociais e correntes de opinião pública (Ianni, 1999, p. 15).

O autor afirma que há um “processo catártico” (p. 25) de diferentes agentes e suas inquietações. Esses diversos agentes historicamente defendem a manutenção da ordem e da norma e, nesse sentido, atuam também, com força coletiva, na obstrução dos fluxos de (des)territorializações dos corpos. Importante frisar que *O príncipe eletrônico* trabalha com os demais príncipes, se configurando, desse modo, como novo, mas também como tradicional. O que de fato vem acontecendo na política brasileira, bem como mundial, é a adoção de meios mais recentes de alcance da população. As novas tecnologias têm sido usadas de novas maneiras, como forma de propagação de antigos valores, valores morais tradicionais que fortalecem ou sustentam um certo modelo clássico de economia, de estrutura social e de modos de regulação dos corpos. Tudo isso vendido como uma grande promessa política.

¹⁴ Em lugar de *O príncipe* de Maquiavel e de *O moderno Príncipe de Gramsci*, assim como de outros “príncipes”, pensados e praticados nos tempos modernos, cria-se *O príncipe eletrônico*, que simultaneamente subordina, recria, absorve ou simplesmente ultrapassa os outros. Para Maquiavel, o príncipe é uma pessoa, uma figura política, líder ou *condottiero*, capaz de articular inteligentemente as suas qualidades de atuação e liderança (*virtú*) e as condições sociopolíticas nas quais deve atuar (*fortuna*). Para Gramsci o líder já não é mais uma pessoa, uma figura política, ou líder *condottiero*, visto como personificação, síntese ou galvanização da política, mas uma organização (partido político e seus membros). E por último, *O príncipe eletrônico* é uma entidade nebulosa e ativa, presente e invisível, predominante e ubíqua, permeando continuamente todos os níveis da sociedade, nos âmbitos local, nacional, regional e mundial. Disponível em: <https://br.librosintinta.in/octavio-ianni-pdf.html>. Acesso em: 28 dez. 2023.

A operação de diferentes atores, na atual agenda conservadora, se dá, como apontam Kuhar e Paternotte (2017, p. 260-1), com base na defesa de três “Ns”: natureza, nação e normalidade, que seriam os pilares defendidos pelos diversos agentes e organizações e aquilo que os uniria como um bloco complexo de forças contrárias aos diferentes modos de existência e em favor de um modelo de família nuclear denominado “família natural”, aqui refiro-me de modo recortado a esse dispositivo como uma grande arma de campanha e como estrutura que se almeja intocável, sagrado e acima das diferenças. Como esclarece Rezende (2022, p. 6):

A noção de “família natural” faz convergir os três N’s apontados por Kuhar e Paternotte (2017), já que esse tipo específico de arranjo familiar seria derivado do caráter natural dos sexos masculino e feminino, que seriam também complementares, levando a que a família heterossexual seja também considerada natural, meramente derivada da natureza humana e, portanto, normal. Essa configuração familiar estaria na base da formação da sociedade e seria identificada como um dos mais importantes valores nacionais, sendo, pois, fundamental à ideia de (e à formação da) nação brasileira.

Nos fluxos contínuos de desterritorializações do gênero, a família tradicional teria a função indispensável na manutenção do capitalismo, por isso tem sido convocada como um dispositivo para o, porque ela recalca a produção desejante (Deleuze, 2010), criando sujeitos neuróticos, cujos desejos são desintensificados em direção à diferença e à multiplicidade de corpos, uma vez que no capitalismo a norma é sempre a maior produtora de capital, e, até que uma nova captura e territorialização aconteçam, a última norma habitará o grande imaginário coletivo.

Nesta pesquisa, gostaria de problematizar esse novo modo de arquitetura política, levando em consideração as desterritorializações do gênero e dos corpos, que vêm acontecendo em contínuos fluxos, ora mais conservadores, ora menos conservadores, e cujos contornos têm sido redefinidos pelos aparatos tecnológicos, que potencializam a circulação de muitos discursos. Acima de tudo, gostaria de frisar que o gênero, em muitas passagens desta tese, é interpretado pelos seus processos identitários, tendo em vista somente a ação política momentânea, isto é, os gêneros não são entendidos como uma essência ou como algo natural.

Sobre a política da linguagem em Nietzsche, acrescenta-se que “Quando o homem cria o sistema de códigos da linguagem, é quando funda, também as primeiras leis da verdade” (Mosé, 2011, p. 75). Tais valores, quando analisados nas diversas práticas discursivas, serão

aqui problematizados a partir da sua ordem de indexicalidade¹⁵, aparecendo nas práticas interativas midiáticas, em que será observado o caráter performativo da linguagem. Logo, entende-se que “os atos de fala são performativos porque produzem efeitos semânticos que nos fazem homens, negros etc.” (Moita Lopes, 2020, p. 70).

1.2 LEITURAS DO *CORPUS* PARA NOVOS CORPOS NA ERA DAS REDES SOCIAIS

Um dos estudos mais significativos e recentes sobre gênero e sexualidade no Brasil (Leite, 2019) se dedicou a observar, de 2010 a 2018, como o conservadorismo cresceu nos últimos anos e como foi impulsionado por grupos de parlamentares conservadores, ligados às bancadas religiosas. O estudo marca principalmente o ano de 2011 e 2013, período de discussão do Plano Nacional de Educação, como anos de grandes estratégias contrárias ao avanço de projetos ligados ao programa *Brasil sem Homofobia* (Brasil, 2004), já mencionado na introdução desta tese. A pesquisa intitulada “*Em defesa das crianças e da família*”: *Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos ‘conservadores’ em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade*¹⁶ partiu da hipótese, que ao final do estudo se confirmou, de que a infância e a adolescência foram escolhidas como espaços de atuação de controle da política sexual brasileira na atualidade.

Mais recentemente Silva (2022) ao analisar as performances do Ministério da Mulher da Família e dos Direitos Humanos (MMFDH), concluiu que durante o governo de Jair Messias Bolsonaro as performances linguísticas promoveram um fortalecimento das políticas antigênero. O rigoroso estudo que observou analiticamente a produção documental do referido ministério, suas comunicações oficiais e suas mídias digitais entre janeiro de 2019 e maio de 2022, descreveu conclusivamente os resultados da sua pesquisa da seguinte forma:

¹⁵ O conceito de ordem de indexicalidade, de acordo com Blommaert (2017), são os valores, as crenças ou as normas que são hierarquizados, estratificados e apontados no processo de indexicalização de Discursos por meio de escalas locais e translocais. Ainda segundo o estudioso, a escala, termo emprestado da história e da geografia, é uma metáfora para imaginar “o movimento de mensagens ou pessoas pelo espaço e pelo tempo que são constituídos por normas, expectativas e códigos”.

¹⁶ Disponível em : [SciELO - Brasil - “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade](#). Acesso em 21 de jan. de 2024.

um meticuloso trabalho estilístico e ideológico cujo cerne são operações de linguagens capazes de fazer com que registros antigênero, e seus modos de falar sobre direitos, gênero e sexualidade – radicalmente antidemocráticos-, fossem capazes de “passar por” democráticos, e, assim, garantirem sua efetiva circulação e seus efeitos deletérios por diferentes esferas estatais (p. 281)

Cito tais trabalhos porque se aproximam, de alguma forma, daquilo que venho tentando também mapear, no caso as estratégias discursivas-performativas que generificam nossos corpos e produzem modos de atuação do poder-saber em prol de um crescente neoconservadorismo, que se apresenta como manifestação de descontinuidades históricas, de uma história que se repete, mas não se repete da mesma forma. E nessa maquinária “repetitiva”, o que os estudos vêm mostrando, ainda que de diferentes modos, é que a família tradicional é importante e reconvocada como um ideal a ser reconstruído, um dispositivo.

O termo dispositivo é um conceito foucaultiano relativo a “técnicas, estratégias e formas de assujeitamento postas em ação pelas relações de poder” (Fernandes; Sousa, 2014, p. 14). O sentido do termo não é tão preciso e aponta para as definições supracitadas. Para maiores esclarecimentos, os autores buscam em Foucault a definição do conceito. Nas palavras dele, dispositivo é:

Um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas; o dito e o não dito, sendo, portanto, a rede que se pode estabelecer entre esses elementos (Foucault, 2016, p. 244).

Foucault (2017), ao escrever *História da Sexualidade* (dividida em quatro volumes), nos traz uma importante questão sobre a sexualidade, questionando se ela não estaria organizada principalmente para assegurar o povoamento, a reprodução e a força de trabalho. Para ele, “O dispositivo de sexualidade tem, como razão de ser, não o reproduzir, mas o proliferar, inovar, anexar, inventar, penetrar nos corpos de maneira cada vez mais detalhada e controlar as populações de modo cada vez mais global” (Foucault, 2017, p. 16), sendo posterior a outro disposto histórico, no caso o *dispositivo de aliança*, que seria outro conceito foucaultiano que se refere ao “sistema de matrimônio, de fixação e desenvolvimento dos parentescos, de transmissão dos nomes e dos bens” (p. 115) e se estrutura em torno de um conjunto de regras e pactos que “define o permitido e o proibido, o prescrito e o ilícito”. O dispositivo de sexualidade se estrutura tecnicamente a partir de mobilidades, polimorfias e conjecturas do

poder – o primeiro está para os acordos e as alianças (consanguinidade principalmente), e o segundo para as sensações do corpo e a qualidade dos prazeres.

Reafirmando a ideia já apresentada de que a criação de um *kit gay* é uma contra estratégia política, contrária a um candidato rival, surgem aí possibilidades de afirmar que o *kit gay* representa um dispositivo de sexualidade e que este é constituído de práticas discursivas para controle moral dos corpos a partir da manutenção de uma centralidade heteronormativa, que se vê ameaçada, por exemplo, pela normalização das homossexualidades e pelos destinos identitários do masculino.

Duas reportagens da Veja online, textos que estão localizado no blog de Reinaldo Azevedo (1 [“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias... | VEJA \(abril.com.br\)](https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-incriveis-tentativa-de-jogar-o-kit-gay-no-colo-de-serra-e-de-igualar-coisas-1) 2. [https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-incriveis-tentativa-de-jogar-o-kit-gay-no-colo-de-serra-e-de-igualar-coisas-](https://veja.abril.com.br/blog/reinaldo/a-incriveis-tentativa-de-jogar-o-kit-gay-no-colo-de-serra-e-de-igualar-coisas-2)) serão observadas na segunda seção desse primeiro capítulo, na tentativa de situar os discursos em torno dos corpos escolares, assim denominadas: “Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação, foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino... esse rapaz sempre dando boas ideias...” (republicado em 31/07/2020, pois sua publicação original é de 31/01/2012); a outra reportagem é “A incrível tentativa de jogar o Kit gay no colo do Serra e de igualar coisas desiguais. Ou: campanha eleitoral oblíqua” (texto também republicado em 31/07/2020, tendo como data da publicação original 15/10/2012). Adotei a metodologia de ir a cada capítulo analisando um ou mais textos à luz da fundamentação teórica escolhida, tendo em vista os objetivos específicos e os procedimentos metodológicos adotados para o alcance das respostas pretendidas.

Saliento ainda que a plataforma jornalística, das matérias analisadas, pode ser facilmente identificada como uma plataforma hegemônica (revista *Veja online*), uma vez que historicamente esteve ligada, em boa parte das suas publicações, a defesa de pontos de vistas econômicos neoliberais, como afirmou (Moraes; Schuster, 2013, p. 181) “a maneira como ela se projetou no panorama midiático, e até social, tornou-a hegemônica”. Todas as suas matérias/notícias passam por aprovação de seus comitês jornalísticos, que selecionam e publicam as suas notícias dentro de suas diretrizes jornalísticas; todavia, quando esses textos circulam na vida social, novos sentidos vão aparecendo como modos de resistência e revoluções. As interpretações que são apresentadas nesta tese são resultado de uma forma específica de olhar para o tema em questão.

Na atualidade, a mídia tem produzido, como nunca, novas formas de linguagem e de proliferação de identidades – ela produz e reproduz identidades baseadas em modelos passíveis de controle. Para Gregolin (2004, p. 1), “A mídia faz parecer que a identidade é essencialmente resultado de uma construção do próprio eu”, no entanto são os dispositivos de constituição de subjetividades, com ênfase para os dispositivos eletrônicos, que recriam novos acontecimentos e reafirmam novas práticas de controle sobre os corpos.

Na tentativa de problematizar o que vim até agora movimentando, analisarei duas publicações, com especial atenção à manchete e ao *lead*¹⁷, uma vez que resumem os aspectos principais do texto de 31/07/2020. Os dois textos são da *Veja online*, fazem parte de um conjunto de notícias depositadas no *blog* da revista, e expressam o ponto de vista do jornalista Reinaldo Azevedo, que já se identificou nas redes sociais como jornalista político de direita liberal¹⁸ e teve, por onze anos, seu *blog* hospedado no site da revista *Veja*, migrando-o posteriormente para o portal da Rede TV. A escolha dos textos se deu por causa da alta quantidade de visualizações, bem como pela forma como eles abordam diretamente a temática desta tese.

A revista em que artigos de opinião foram hospedados é uma revista de grande circulação no Brasil, responsável inclusive por grande parte da formação de opinião de muitos brasileiros. Nesse sentido, me interessa pensar como foram e têm sido discutidos o *kit gay* e a mamadeira de piroca por esse veículo (e outros semelhantes) e pensar também como esse tema polêmico, revestido de grandes tabus, foi manipulado em função de fins que no futuro virariam fins eleitoreiros. É importante mencionar que em dezembro de 2023 a segunda manchete não mais estava presente na página virtual da revista, no entanto tomei a decisão de preservar a análise que já havia feito do material, que fora printado em 2021.

¹⁷ O *Lead* ou *Lide* no **contexto jornalístico**, que é o seu caso, é aquele **pequeno parágrafo** que fica **abaixo do Título** de uma **notícia**, geralmente possui entre 3 a 6 frases que respondem as **questões fundamentais** quando alguém é abordado pelo título (*Manchete*) de uma notícia:

1. O Que aconteceu?
2. Quem fez?
3. Quando fez?
4. Onde fez?
5. Como fez?
6. Por que fez? (Disponível em: brainly.com.br/tarefa/25844461Lead. Acesso em: 30 dez. 2023).

¹⁸ Na página pt.org.br, é possível inclusive ler um artigo chamado “Alberto Cantalice: A desmoralização dos pitbulls da grande mídia”, em que Reinaldo Azevedo é apontado como pregador, juntamente com outros jornalistas em que “suas pregações nas páginas dos veículos conservadores estimulam setores reacionários e exclusivistas da sociedade brasileira a maldizer os pobres e sua presença cada vez maior nos aeroportos, nos shoppings e nos restaurantes” (p. 1). Acesso em: 30 dez. de 2023.

O gênero textual, como venho operando, se preocupa mais com a ação de emoldurar (reprodução para fins de pesquisa) textos cujas trajetórias se ligam, em algum ponto com a temática das notícias jornalísticas que mencionaram o *kit gay*, não há rigor ou necessidade em aprofundar suas estruturas textuais, uma vez que as análises tentarão, à medida em que forem sendo realizadas suas trajetórias de autoria e de circulação. Ainda que essa tarefa não seja fácil em espaços de circulação midiática.

Figura 2 – Revista Veja online

veja

Clique e Assine por apenas R\$ 0,50/dia

REINALDO AZEVEDO
Por Blog

SIGA f t r

Blog do jornalista Reinaldo Azevedo: política, governo, PT, imprensa e cultura

Brasil

“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias...

Lembram-se do material preparado pelo Ministério da Educação, sob o comando de Fernando Haddad, para ser veiculado nas escolas? Um deles fazia a apologia da bissexualidade: dizia que um bissexual tem 50% a mais de chance de ter com quem sair no fim de semana já que gosta de meninas e meninos. Bem, não dando [...]

Por Reinaldo Azevedo Atualizado em 31 jul 2020, 09h38 - Publicado em 31 jan 2012, 19h03

Lembram-se do material preparado pelo Ministério da Educação, sob o comando de Fernando Haddad, para ser veiculado nas escolas? Um deles fazia a apologia da bissexualidade: dizia que um bissexual tem 50% a mais de chance de ter com quem sair no fim de semana já que gosta de meninas e meninos. Bem, não dando para consertar o pensamento, conserte-se a matemática: teria 100% a mais de chance. Outro filme tratava da personagem “Bianca”, uma “transgênera” (como diz Laerte). E ali se defendia

1 conteúdo restante. Assine agora »
Já é assinante? [Entre aqui.](#) x

[youtube=http://www.youtube.com/watch?v=SJsGN69NGug&w=420&h=315]

MAIS LIDAS

Fonte: [“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias... | VEJA \(abril.com.br\)](https://veja.abril.com.br/kit-gay-preparado-pela-gestao-de-fernando-haddad-na-educacao-foi-o-primeiro-a-propor-transgeneras-em-banheiro-feminino-esse-rapez-sempre-dando-boas-ideias/)

De modo geral, o que se pode observar é como gênero e identidade são mencionados de diversas formas: “gay”, “transgêneras”, “feminino”, rapaz, bissexualidade, bissexual, meninos, meninas, e em todas elas a ideia de que tais identidades e sexualidades são possíveis de se situar nos discursos, possíveis de uma certa captura. Ao mencionar percentuais de 50% e 100% ¹⁹(referindo-se às práticas sexuais (ou não) dos indivíduos), coloca a sexualidade dentro do

¹⁹ O jornalista aqui faz menção a uma das frases contidas no vídeo *Probabilidade. 1º de 3 filmes Oficiais do Kit Gay do MEC: "Probabilidade" (youtube.com)*, que também fora usado por outros conservadores como meio para promover o “pânico moral e de gênero”. Acessado em: 22 de jan. de 2024

quantificável e do discurso – aquilo que Foucault (2017) chamaria de *vontade de saber*, que seria uma incitação à confissão, aparição e/ou manifestação. A sexualidade e suas manifestações têm sido convocadas a uma constante apresentação porque são produzidas dentro do poder; logo, mais que repressivo, o poder tem sido produtor, e dessa produção nascem também o controle e a legitimação dos corpos em sofisticados jogos de tecnologias e aparências mais ou menos inocentes.

Se, por um lado, o projeto do Ministério da Educação (MEC) era propor uma escola onde se reduzisse o espaço para a homofobia (sendo posteriormente denominada, pelos rivais, essa política de uma outra maneira), não podemos deixar de considerar que nela há também uma busca pela legitimação dos corpos e das suas manifestações de prazer. No material do MEC, que se pretende inclusivo às diferenças, pode-se também observar: “um bissexual tem 50% a mais de chances de ter com quem sair no final de semana”. Assim, a escola legitima corpos até então tomados como não legítimos ora de forma mais subversiva, ora mais alinhada à ideologia do poder em exercício. Sobre a importância do controle social do corpo proletário, Foucault (2017, p. 138) assevera:

Para que o proletariado fosse dotado de um corpo e de uma sexualidade, para que sua saúde, seu sexo e sua reprodução constituíssem um problema, foram necessários conflitos. Foi necessária, enfim, a instauração de toda uma tecnologia de controle que permitia manter sob vigilância esse corpo e essa sexualidade que finalmente se reconhecia neles (a escola, a política habitacional, a higiene pública).

O que parece estar em maior disputa na manchete é qual poder pode legitimar e quais corpos podem ser legitimados por ele; o tom de ironia parece não legitimar “transgêneras”, repete e ao mesmo tempo atualiza um fato inscrito na história – note-se que o jornalista afirma que ele, Fernando Haddad, foi o primeiro a fazer isso e, logo após essa afirmação, é mencionado da seguinte forma: “Esse rapaz sempre dando boas idéias”. Esse jogo argumentativo convida os leitores a rememorarem os fatos em um jogo pactual de valores que parecem ser reconhecidos por aqueles a quem o autor do texto se dirige e que se assombram pelo fato de a proposição do *kit* partir do Ministério/Ministro da Educação.

A transgeneridade é mencionada como quebradora de uma norma, assim como de uma tecnologia de gênero (nesse caso, a do uso do banheiro feminino). A bissexualidade parece também ser vista como indício de desestabilização da grande norma, da norma tomada como modelo e matriz – que está em constante operação de proteção. Tomo como complementares

ao pensamento argumentativo, em desenvolvimento neste trabalho, algumas das questões de Preciado (2020, p. 70): “Quem defende o direito da criança diferente? Quem defende o direito do menino que gosta de vestir rosa? E da menina que sonha em se casar com a melhor amiga?” Decerto nas respostas estariam presentes inúmeras tentativas de agenciamento dos corpos.

O que parece sempre causar maior espanto em relação ao material *Brasil Sem homofobia* (Brasil, 2004) é o fato de que ele se origina no Ministério da Educação e circularia como material formativo em escolas; de alguma maneira esse material instaura novas discussões sobre quais novos corpos podem ser produzidos em projetos dessa natureza, que podem colocar em ameaça a centralidade cis heteronormativa, historicamente produzida dentro do regime pedagógico escolar. Lembremos ainda que, no caso do Brasil, a chegada do movimento *Queer* teve suas discussões e reverberações principalmente pelo viés escolar, lugar oficial de discursos normatizadores; nesse sentido, vale consultar Louro:

Um corpo escolarizado é capaz de ficar sentado por muitas horas e tem provavelmente, a habilidade para expressar gestos ou comportamentos indicativos de interesse e de atenção, mesmo que falsos. Um corpo disciplinado pela escola é treinado no silêncio e em determinado modelo de fala, concebe seu tempo e o espaço de forma particular. Mãos, olhos e ouvidos estarão adestrados para tarefas intelectuais, mas possivelmente desatentos ou desajeitados para outras tantas (2015, p. 21).

A disciplina, conseguida ou não, em sala de aula faz parte de um imaginário curricular que se manifesta diariamente de diversas formas: o fardamento escolar, a posição das carteiras, a disposição da lousa, ou do retroprojeter, como tantas outras técnicas e tecnologias que visam a escolarização dos corpos, do “corpo educado” (Louro, 2015). Esse corpo começa a ser produzido muito cedo dentro de um conjunto de expectativas que visa produzir homens e mulheres que serão úteis “à ordem e ao progresso”.

Quando ameaças a esse projeto normalizador começam a aparecer, uma investida discursiva é sempre feita para barrá-las. Cito mais uma vez Preciado (2022, p. 27) quando assinala que “A violência do regime sexual e colonial é grave demais, e precisamente por causa disso é necessário empregar contra ele as forças inconscientes e desconstrutivas da poesia”. Aqui penso que é preciso pensar nas potências dos corpos deseducados e na poesia que trazemos ao discurso. Deseducar um corpo não é formatar sua identidade de gênero, acima de tudo é não matá-lo ou sufocá-lo pelo desejo do outro e pelas normas compulsórias da cis heteronormatividade.

Agora passarei ao segundo texto com uma análise similar à primeira na tentativa de perceber como os termos em análise são trazidos e carregados de marcas ideológicas (vide Figura 3) em sua contínua circulação, além de observar como há uma ordem de indexicalidade na própria apresentação do perfil de Reinaldo Azevedo que já antecipa sentidos prefigurados em *Blog do Jornalista Reinaldo Azevedo: política, governo, PT, imprensa e cultura*.

Em dezembro de 2023, observei que não era mais possível acessar pela *internet* esse artigo ao clicar no *link* como fiz em inúmeros momentos desta escrita, como já mencionei anteriormente. Todavia, considerei importante manter essa materialidade linguística nas minhas análises, uma vez que esse ocorrido dá indícios de como a mídia vai acrescentando e apagando sentidos em seus atos de fala, criando jogos de linguagem em que permanência e ocultação de interesses vão sendo produzidos em momentos históricos descontínuos.

Figura 3 – Revista Veja online

The image shows a screenshot of a blog post on the website 'veja'. At the top, there is a navigation bar with the 'veja' logo and a search icon. Below the logo, it says 'Clique e Assine por apenas R\$ 0,50/dia'. The author's profile is shown as 'REINALDO AZEVEDO Por Blog'. The main title of the article is 'A incrível tentativa de jogar o kit gay no colo de Serra e de igualar coisas desiguais. Ou: campanha eleitoral oblíqua'. The text of the article begins with 'A Folha Online publica um texto de Mônica Bergamo cujo título é "Serra distribuiu material similar ao kit anti-homofobia do MEC em SP"; na homepage: "Serra distribuiu material similar ao "kit anti-homofobia" do MEC em SP". Estão tentando comparar coisas distintas. Falo disso daqui a pouco. Começo demonstrando que, do modo como está editada, a [...]'. The text continues with 'A Folha Online publica um **texto** de Mônica Bergamo cujo título é "Serra distribuiu material similar ao kit anti-homofobia do MEC em SP"; na homepage: "Serra distribuiu material similar ao "kit anti-homofobia" do MEC em SP". Estão tentando comparar coisas distintas. Falo disso daqui a pouco. Começo demonstrando que, do modo como está editada, a matéria é campanha eleitoral oblíqua em favor de Fernando Haddad. E demonstro por quê.'

Fonte: [Página não encontrada | VEJA \(abril.com.br\)](#)

Para além dos aspectos já apontados na análise da publicação anterior, percebe-se claramente como o sexo está no foco da disputa política. Ao ligar a autoria do *kit* ao candidato A ou B, estaria de certo modo apontando quais candidatos seriam mais ou menos apropriados na política – uma vez que alguns defendem aquilo que historicamente vem sendo colocado no campo da abjeção, a saber, os corpos que desviam de uma sexualidade heteronormatizada. Há, em termos foucaultianos, uma tecnologia política da vida que atua do corpo para a regulação das populações, do individual para os efeitos que o sexo e a sexualidade induzem em todos.

O investimento político pode ser esboçado através da importância das quatro linhas de ataque ao longo das quais a política do sexo avançou: “Histerização do corpo da mulher; Pedagogização do sexo da criança; Socialização das condutas de procriação e psiquiatrização dos prazeres perversos” (Foucault, 2017, p. 114). Retomaremos uma das linhas para associá-la à notícia em análise, bem como adiantar elementos nas futuras análises de outras *fake news* que estarão presentes no terceiro e no quarto capítulos desta tese.

Pedagogização do sexo da criança: dupla afirmação de que quase todas as crianças se dedicam ou são suscetíveis de se dedicar a uma atividade sexual; e de que tal atividade sexual, sendo indevida, ao mesmo tempo “natural” e “contra a natureza”, traz consigo perigos físicos e morais, coletivos e individuais.

A forma como a notícia é conduzida indica a culpabilização de Fernando Haddad e/ou José Serra; o autor deixa claro seu ponto de vista político, ou a defesa a que o texto se propõe, ou ainda melhor definido como se constitui sua identidade-em-interação. Ao usar a expressão “jogar no colo”, indica um ato de irresponsabilidade de um criador que joga a sua criação, e aquilo que é jogado no colo de outrem, reforçado pelo adjetivo oblíquo, demonstrando, dessa forma, como a condução da sexualidade, e das práticas públicas em torno dela, é de interesse da política.

Ao analisar os textos e onde circularam, é possível observar o que foi apontado por parte dos estudos foucaultianos, especialmente os ligados à história da sexualidade: a regulação dos corpos acontece como parte de um grande projeto político da modernidade. A educação aparece como um meio para a realização dos ideais de uma sociedade normatizada e heterocentrada, onde o controle das sexualidades (as tomadas como modelo e as marginalizadas) acontece por meio do que Foucault definiu como dispositivo de sexualidade, indispensável ao desenvolvimento do capitalismo.

Observou-se ainda que o dispositivo de sexualidade aponta para a importância do sexo como foco da disputa política; nesse jogo cada grupo em disputa apresenta seu projeto em função daquilo que considera mais alinhado com as esperanças regulatórias dos seus eleitores, ora mais liberais, ora mais repressivos. O sexo/gênero como algo que não pode mais ser reprimido, como se costuma pensar, mas como algo que pode ser tomado, desenhado, produzido, regulado em função de relações assimétricas de poder e de modos de existir.

Nos próximos capítulos, usarei com mais frequência nas análises o conceito de escala²⁰ (Blommaert, 2006; Kell, 2013), considerando que os signos *kit gay* e mamadeira de piroca têm sido reconvocados socialmente, desde 2018, em fluxos contínuos e imprevisíveis e, em seus movimentos de circulação, reforçam valores situados em um tempo-espaço. Ao longo deste trabalho de pesquisa, observo que seus movimentos convocam novos sentidos, dentre eles de resistência e subversão em relação às normas.

A categoria de análise em escala nos permite pensar a dinamicidade e as circulações textuais na atualidade em plataformas digitais, que (re)produzem textos em caráter multissemiótico, apontando a natureza indexical dos signos linguísticos. O conceito de escala pode ser também percebido como uma associação ao conceito bakhtiniano de “cronotopos”, que aponta para o caráter indissociável entre tempo e espaço nas construções literárias.

Para o pesquisador Jan Blommaert, que vinha se dedicando a estudar fenômenos linguísticos muito recentes nas mídias sociais, o filósofo francês Michael Foucault certamente se interessaria por pesquisas na internet por serem responsáveis pelo grande volume de produção de dados na atualidade e pela sua produção panóptica de “versões da realidade”. Em Rose (1996, p. 132), encontramos que “As tecnologias humanas são conjuntos híbridos de conhecimentos, instrumentos, pessoas, sistemas de julgamentos, edifícios e espaços, sustentados por certos pressupostos acerca dos objetivos pragmáticos para os seres humanos”.

Blommaert, em entrevista no dia 18 de outubro de 2018, afirmou à *Diggit Magazine* (diggitmagazine.com) que os novos fenômenos das mídias sociais são fortemente pautados por “controle do pensamento, lavagem cerebral, manipulação e propaganda”, assuntos que certamente merecem empenho na sua problematização e busca por soluções para a construção de uma nova modernidade.

Na próxima seção, inicialmente farei uma breve genealogia de alguns valores morais e de como esses valores contribuíram na nossa cultura para o fortalecimento do conceito de ressentimento e de má consciência (Nietzsche), que constituem chaves interpretativas de muitos fenômenos sociais discursivos na atualidade. Após isso o percurso de análise acontecerá

²⁰ Para entender o processo de construção de significados na interação humana atualmente, Blommaert (2006) e Kell (2013), entre outros, propõem o conceito de escala, considerado um instrumento analítico útil, já que por meio dele os sujeitos ordenam suas semiotizações do mundo social e material (Blommaert; Westinen; Leppänen, 2014) ou perspectivizam o mundo social (Carr; Lempert, 2016). A escala é uma metáfora usada para descrever e compreender esses movimentos (Blommaert, 2010). (In: Moita Lopes; Freitas. Rev. Bras. Linguíst. Apl., v. 19, n. 1, p. 147-172, 2019.).

ancorado a partir da circulação do vídeo [A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteo-ro.doc \(youtube.com\)](#) (acessado em 21/01/2024), cuja performance linguística será observada a partir de como são indexicalizadas alguns afetos e ideologias relativas a gênero, educação e sexualidade no vídeo.

2. RESSENTIMENTO E PERFORMATIVIDADE DISCURSIVA NA POLÍTICA BRASILEIRA

O homem neossoberano é agora um ator na encenação de um *snuff* político. Esse deslocamento comporta o risco de uma reversão sacrificial: o atacante suicida era um mártir, agora o mártir é a vítima (real ou visual).
Preciado (2020, p. 137)

Antes de problematizar um dos vídeos mais polêmicos sobre a mamadeira de piroca, que viralizou na rede social *Facebook*, em 25 de setembro de 2018²¹, farei um pequeno percurso genealógico do conceito de ressentimento (*ressentiment*), que foi adotado neste trabalho como principal direção na tentativa de interpretação de como a moralidade judaico-cristã se apresenta nas muitas acusações relativas ao *kit gay* e à mamadeira de piroca.

Em 1887, Friedrich Nietzsche escreve o livro *Genealogia da Moral (GM)*, como uma tentativa de complementação e maiores esclarecimentos a algumas ideias presentes em um outro livro seu *Além do Bem e do Mal (ABM)*. Em *GM* o filósofo alemão descreve em três ensaios/capítulos a origem de nossos conceitos morais, faz isso ao mesmo tempo em que tece uma profunda crítica de importantes pilares da formação filosófica e religiosa. Para esta tese mais interessam os dois primeiros capítulos, uma vez que muitas são as camadas/chaves que podem ser encontradas no estudo da totalidade dessa obra.

Em sua crítica, Nietzsche propõe, logo de início, uma revisão dos nossos valores, que em sua obra é definida como transvaloração²², ao criticar o modelo de “homem” moderno

²¹ O vídeo postado no *Facebook* fora retirado da plataforma por ordem do Supremo Tribunal Federal, em suas primeiras 48 horas teve quase 3 milhões de visualizações. O vídeo que analisaremos nesse trabalho, denominado A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteoro.doc é uma retextualização em que contém o vídeo original, que fora distribuído de forma aleatória, em inúmeros grupos de *whatsapp*, e que despertou o interesse da plataforma política *Meteoro.doc* em analisá-lo considerando seu caráter narrativo, onde ficção e realidade se complementam. Em: [A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteoro.doc - YouTube](#) Acesso em: 21 de jan. de 2024

²² A transvaloração é compreendida por Nietzsche como uma tarefa que visa à destruição do valor a partir do qual todos os valores foram engendrados, a fórmula “Deus na cruz”, que conduziu à desvalorização de todos os valores, ao niilismo. Essa compreensão pode ser verificada em três momentos do seu pensamento: [1] em 1884 quando cria o termo transvaloração após concluir a terceira parte de *Assim falava Zarathustra*, registrando em suas anotações que o eterno retorno do mesmo é o pensamento que possibilita uma tentativa (*versuch*) de transvaloração de todos os valores; (2) Em 1886, quando utiliza o termo no § 203 de *Para Além do Bem e do Mal*, compreendendo a transvaloração como tarefa dos filósofos do futuro; (3) Em 1888, quando assume, em *Ecce Homo*, que a tarefa de sua filosofia se desdobra em duas partes: uma firmava (a tarefa que diz Sim, a doutrina do eterno retorno do

afirma que o ressentimento é um dos grandes valores constitutivos da nossa sociedade, além de caracterizar esse sentimento como “um estado patológico; uma forma de doença entendida desde “uma mudança de lugar”, em que há um deslocamento das próprias forças, em termos do papel da memória e da consciência” (Marton, 2016, p. 364).

E por que somos ressentidos? Para chegarmos a essa resposta, precisarei revisitar o percurso passado de duas classes rivais, que ao longo da história ocidental, conseguiram distintos locais de poder e de centralização de grupo. A tentativa genealógica de recuperar alguns sentidos do conceito de ressentimento Nietzsche ([1886] 2020a, [1887] 2020b); Foucault (1994, 2005, 2017); Butler (2015, 2021); Deleuze (2010); Giacoia (2021); Kehl (2020), perpassará por revisão de outras definições nietzscheanas, uma vez que os conceitos que serão apresentados são relevantes à compreensão das análises do *corpus* dessa pesquisa.

Segundo o filósofo alemão, que se volta à Grécia antiga, mais especificamente ao século IX e de lá traz uma interpretação histórica das lutas de duas classes, assim definidas: de um lado a aristocracia guerreira (que cultuava as virtudes do corpo), de outro a sacerdotal (que inventou o espírito). A primeira dessas classes se autodenominava como “os bons”, “os belos”, “os fortes”, pois eram aqueles que detinham o conhecimento necessário para a guerra, autodefinições pautadas em parâmetros técnicos, e autorreferenciados, por conseguinte denominavam os que não tinham esses parâmetros “de maus” – bons (guerreiros) / ruins (não guerreiros). Essa moral Friedrich batizará de a moral dos senhores. E vem nos elucidar da seguinte forma:

O *páthos* da nobreza e da distância, como já disse, o duradouro, dominante sentimento global de uma elevada estirpe senhorial, em sua relação com uma estirpe baixa, com um “sob” – eis a origem da oposição “bom” e “ruim”. (O direito senhorial de dar nomes vai tão longe, que nos permitiríamos conceber a própria origem da linguagem como expressão de poder dos senhores: eles dizem “isto é isto”, marcam cada coisa e acontecimento com um som, como que apropriando-se assim das coisas.) (Nietzsche, 2020, p. 17)

mesmo, presente em *Assim falava Zarathustra*) e a outra negativa (a tarefa que diz Não e que faz o Não, a transvaloração de todos os valores existentes, tarefa que, tornando-se operatória a partir de *Para Além de Bem e Mal*, ganhará aprofundamento em *O Anticristo*). (Marton, 2016, p. 400).

A casta dos sacerdotes se autodefinia em oposição à classe dos guerreiros, se estes sabiam lutar e tinham habilidade técnica para a guerra, os sacerdotes não a tinham, porém se definiam como superiores uma vez que possuíam outros atributos, tais como: benevolência, sacrifício e espiritualidade. Isso criava uma nova moralidade valorativa, que colocava como oposição a “bom”, o conceito “ruim”, instituindo dessa forma a instauração artificial da avaliação moral, não mais uma avaliação técnica, mas uma lógica de negação e oposição. Essa perspectiva será denominada por Nietzsche de moral dos escravos. Nessa ótica: “nós somos os bons” (os sacerdotes), “eles são maus” (os guerreiros). Observemos para melhor compreensão:

O escravo²³ é tido como precursor de uma moral de rebanho, pois a supressão da diferença implica necessariamente a preservação do populacho. O medo funda essa moral, uma vez que o fraco teme aqueles que são potentes e diferentes dele. Como a possibilidade de existência de tipos diferentes o assusta ele cria uma moral em defesa da coletividade, uma moral de rebanho que se configura enquanto autodefesa. Avalia como bom o que favorece a coletividade e como mau aquilo que a ameaça. Na avaliação dos senhores, os impulsos mais potentes, como a astúcia, o vigor, a temeridade, são estimulados por elevarem o tipo de homem colocando-o sobre os demais, enquanto o escravo considera perigosos esses impulsos por ameaçarem a coletividade, chegando inclusive a classificar todas as manifestações potentes como imorais. (Marton, 2016, p. 312)

É importante dizer que a moral do escravo é fundada em uma ótica utilitarista, uma vez que ele se converte, como virá observar Deleuze (2010), em um defensor do capitalismo e do regime neoliberal. Toda a modernidade criará categorias: lógicas, éticas, estéticas, e estas têm como finalidade: legislar, normatizar, regular aquilo que Nietzsche entende como vida. Por entender que os corpos precisam ser produtivos dentro do modelo capitalista, seguem desse modo sempre a partir de suas funções utilitaristas para a economia.

É necessário aqui, definirmos o que seria para o filósofo alemão a ideia de potência ou vontade de potência Nietzsche (2016), uma vez que ela é essencial para entendermos contra que operam os escravos, ou os ressentidos (Marton, 2014). A vontade de potência é, de modo geral, a vontade orgânica que compõe todo ser vivo de afirmação da/para a vida.

²³ O termo “escravo”, em Nietzsche, refere-se aos indivíduos que se submetem a valorização de um mundo moral em que a bondade, a humildade e submissão são os valores que deveriam guiar a humanidade, em contraposição ao termo “senhor”, que valoriza força, autoafirmação e nobreza.

Essa vontade é múltipla e está em cada mínima parte que compõe todos os seres. Para os ressentidos a vida, na maior parte do tempo, não é valorizada no plano terreno, mas sim em uma outra esfera: idealizada, espiritual e vindoura. Poderíamos tomar esse lugar como aquele que o cristianismo chamará de “o reino dos céus”. Lembremos o principal *slogan* de campanha de Jair Messias Bolsonaro “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos”, no entanto os sentidos desta afirmação, serão melhor analisados associados às análises futuras ao longo desta tese.

Nesse sentido pensar as multiplicidades de vidas e modos de vida na terra, se contrapõe a certas expectativas tomadas como verdades pelos escravos ressentidos, que em determinado momento da história da humanidade, venceram a batalha que travavam contra a moral dos senhores, e tornaram-se a moral única, primeiramente com a vitória do judaísmo e posteriormente com a do cristianismo. O bom cristão vai se firmar como guardião das grandes verdades e vai criar o “reino de Deus”, para Nietzsche à custa de ódio e de vingança, e de negação da própria vida.

Com a ideia apresentada em *GM*, de como foram montados os jogos de poder, tendo como estruturação a criação de valores morais, forjados dentro/para determinadas classes/castas sociais, podemos ter uma noção inicial daquilo que, em grande parte, influenciou o método genealógico foucaultiano. Para entendermos determinados fenômenos é preciso fazer sua historicização, bem como identificar para quais sentidos estes apontam, pois nunca caminham isolados – como escolha de um único ator, uma vez que esse não existe isoladamente, mas dá corpo a um conjunto de regras, que funcionam por meio de certas regulações. Nas palavras de Foucault (2005, p. 17) acrescentamos:

A história, genealógicamente dirigida, não tem por fim reencontrar as raízes de nossa identidade, mas ao contrário, se obstinar a dissipá-la; ela não pretende demarcar o território único de onde nós viemos, essa primeira pátria à qual os metafísicos prometem que nós retornaremos; ela pretende fazer aparecer todas as discontinuidades que nos atravessam”.

Nesse sentido quando penso o percurso de certos textos da última campanha política brasileira, não estou buscando nenhuma essência ou “verdade”, mas pensando como se deram seus múltiplos acontecimentos ao longo desses últimos quatro anos, e nos regimes de verdade que puderam torná-los críveis, aceitáveis e ressignificados dentro de múltiplos reparações nas práticas discursivas. Quero pensar para além de suas semelhanças textuais, mas investigar

o que me dizem as suas diferenças – marcadas por semioses diversas: imagens, fotos, desenhos, jogos de palavras etc.

A partir de Nietzsche (2020), Foucault (1994) vai ampliar o conceito de “poder pastoral”, mostrando como a transvaloração feita pela moral dos escravos, fortaleceu uma figura importante que é a do pastor. Para o ser ressentido o pastor é aquele cuja tarefa é mudar a direção da culpa, da violência e da má consciência de si, encaminhando todo o ódio internalizado para a sentido da expiação, canalizando-o por meio do dever, da obrigação e da responsabilidade (voltemos, “Brasil acima de todos”).²⁴ Nesse sentido, nas sociedades modernas é possível perceber onde se cruzam e se fortalecem os valores ligados à nacionalidade, à cidadania e aos militarismos, que buscarei elucidar melhor mais à frente.

As ampliações que colocaram o pensamento inicial de Nietzsche em movimento são importantes porque marcaram a forma principal como todas as materialidades do *corpus* desta pesquisa foram produzidas e analisadas. Para tanto, levei em consideração o método genealógico foucaultiano, que redimensiona a genealogia, e até mesmo Nietzsche. Foucault (2016) propõe uma larga relação entre o saber-poder que enreda o corpo em uma tela de saberes que o sujeitam e o colocam como efeito de práticas discursivas e práticas não discursivas.

O método genealógico foucaultiano é marcado pelas discontinuidades históricas e pela noção de emergências nas diferenciações dos acontecimentos, nas suas singularidades e nas possibilidades múltiplas dos acontecimentos, movimentando aquilo que não é tido como constituído de história, por exemplo, os sentimentos. Tomo aqui o ressentimento com maior ênfase, e os sentimentos de culpa e má consciência, que aparecerão nas análises das materialidades desta tese, sendo importante frisar que não há intenção alguma de desconsiderar suas mudanças históricas e as lacunas de sentido; antes, a intenção é utilizar o afeto do ressentimento como um constructo produtivo e pensá-lo como um dispositivo de produção de lutas em “um determinado estado de forças” (Nietzsche, 2020) que se produz no corpo, visto por Foucault (2016, p. 65) como “superfície de inscrição dos acontecimentos”, “o corpo inteiramente marcado de história e a história marcando o corpo”.

O filósofo francês traçou, filologicamente, o sentido do termo *Ursprung* (origem) em Nietzsche, e seus usos diversos, que conservam sentidos e significados particularizados e que desenham o método genealógico. O esboço interpretativo foucaultiano (2016) produziu

²⁴ Um dos lemas da campanha presidencial de Jair Messias Bolsonaro em 2018.

métodos que divergem, em certo sentido, da ideia nietzscheana – no entanto, ressalto que me interessa essa “mestiçagem”, uma vez que esse é também um modo de operação na Linguística Aplicada (LA). Como resultados em Foucault, temos: 1. a origem não é metafísica e sim histórica, vem da discórdia, do seu “carnaval”; 2. a origem é baixa, não é solene, contraria o sentido metafísico, e ainda: 3. não há fim último na origem, e nem verdade, essa verdade nada mais é senão um erro.

Para que a genealogia alcance seus fins, é necessário pensar quais arranjos de verdade estão contidos na história, sob quais regimes de verdade nasce o que é narrado e a quem serve a história que se conta. Tendo em vista isso, Foucault monta as suas categorias de análise:

A genealogia não pretende recuar no tempo para reestabelecer uma grande continuidade, para além da dispersão do esquecimento; sua tarefa não é a de demonstrar que o passado ainda está lá, bem vivo no presente, animando-o ainda em segredo, depois de ter imposto a todos os obstáculos do percurso uma forma delineada desde o início (2016, p. 63).

Pelo que foi apontado na interpretação de Nietzsche por Foucault, chegamos a um novo modo genealógico, que, longe de negar as origens desse método de pesquisa, busca ampliação e interpretação dos acontecimentos, sem qualquer intenção universalizadora e absoluta. Da pesquisa de proveniência nascerá para Foucault (2016) tudo o que diz respeito ao corpo como local de inscrição da/na história, o corpo não no sentido naturalista somente, mas corpo social, onde e para o que se luta. A tentativa desta tese é apontar algumas lutas e alguns corpos que se movimentam a partir de instintos e forças em disputas momentâneas, que se inscrevem em uma campanha política, tomada apenas como ponto de origem da atual emergência política do Brasil e como efeito de práticas discursivas rarefeitas.

Voltando ao conceito de poder pastoral, gostaria de frisar que a relação de salvação proposta pelo pastor é a de libertar os ressentidos de uma dívida, a dos afetos acumulados no íntimo de si, que os tornam criaturas reativas, uma vez que negam às forças ativas tudo aquilo que ela pode vim a ser. Importante dizer que Nietzsche (2020) como filólogo e filósofo, observou em suas análises que as palavras culpam e dívida, em alemão são a mesma (*Schuld*). No entanto, a dívida do ressentido não é apenas com o outro, mas com a sociedade, desse modo ele se põe no lugar daquele que fará o pagamento daquilo que é devido. “O devedor, deve infundir confiança em sua promessa de restituição, para garantir a seriedade e a santidade

de sua promessa, para reforçar na consciência a restituição como dever e obrigação” (idem, p. 49).

Do cristianismo nascerá também a invenção da má consciência²⁵, e a possibilidade de descarrego de toda energia negativa acumulada, mudando a direção da culpa, que não mais é entendida como localizada no outro, mas sim dentro de nós mesmos (Giacoia (2021); Kehl (2020), uma tentativa de controle para que a culpa não seja descarregada na sociedade e cause danos – tudo isso fortalecido pelas ideias de pecado e de pecado original. A essa altura podemos também perceber que o sacerdote ascético (pastor), se apresenta como um médico, curador e salvador (Foucault, 1994). Importante antecipar que a obra de Foucault, se dedicou bastante a ampliar e pormenorizar aos estudos dos saberes religiosos e médicos, e de como estes produziram regimes de verdade, especialmente sobre e para os corpos.

O pastor/padre é descrito em muitas narrativas e parábolas bíblicas como a figura de um pastor que está no campo e que não quer perder nenhuma ovelha, seu trabalho é de apascentar todo o rebanho (Nietzsche, 2020), buscando para este um lugar seguro. Importante frisar que os sentidos de pastor como líder religioso, não é o único que será tomado nesse trabalho de pesquisa, assim como a ideia de rebanho não se restringe apenas a de grupos que estão dentro de templos e/ou igrejas. No entanto, é no judaísmo e no cristianismo que nascem os grandes sentidos morais que permeiam muitas das nossas lutas na modernidade, e que a guerra moral dos valores contrapostos “bom e ruim”, “bom e mau”, que tento problematizar nesse trabalho – se entrecruzam o tempo todo nas fronteiras da moralidade artificialmente construída no passado e reconstruída no presente. Sobre o passado o filósofo alemão afirma:

Os dois valores contrapostos, “bom e ruim”, “bom e mau”, travaram na terra uma luta terrível, milenar; e embora há muito o segundo valor predomine, ainda agora não faltam lugares em que a luta não foi decidida. Inclusive se poderia dizer que desde então ela foi levada incessantemente para o alto, com isto se aprofundando

²⁵ O conceito de consciência, para Nietzsche, é uma consciência animal, sem caráter consciente ou moral, uma matéria-prima que só ao fim de um longo processo adquirirá o aspecto de uma moral consciente de culpa, depois entendida religiosamente como pecado. A gênese da consciência moral como indissociável de um sentimento de culpa (*Schuld*) é descrita no início da segunda dissertação de *Genealogia da Moral*. Ela faz parte de um processo que foi descrito anteriormente por Nietzsche em *Aurora* como a eticidade do costume. Segundo essa concepção, a moralidade é constituída através da obediência a normas impostas por costumes de uma comunidade, que pune aqueles que delas desviam. (Dicionário Nietzsche – GEN – Grupo de Estudos Nietzsche, p. 157, 2016)

e se espiritualizando sempre mais: de modo que hoje não há talvez sinal mais decisivo que uma “natureza elevada”, de uma natureza espiritual, do que estar dividida neste sentido ser um verdadeiro campo de batalha para esses dois opostos. O dístico dessa luta, escrito em caracteres legíveis através de toda a história humana, é *Roma contra Judeia, Judeia contra Roma*”. (Nietzsche, 2020, p. 39)

Desde o cristianismo primitivo, segundo *GM*, se cultiva a beneficência com formação de: comunidades, associações cuidadoras e assistencialistas – uma forma de ajuda mútua, como grande meio, contra a depressão (doença). Nasce aí uma vontade de saber- aproximação de termo foucaultiano ao termo nietzscheano vontade de verdade - que se localiza e se fortalece na criação dos rebanhos, com um projeto de proteção da coletividade, proposto pelo sacerdote ascético (Nietzsche, 2020; Foucault, 1994), que mostrarei mais detalhadamente à medida em que for analisando a materialidade das práticas discursivas situadas nesta tese.

Para Nietzsche (p. 108), “O sacerdote é aquele que muda a direção do ressentimento”, essa mudança se dá por meio da fraqueza e da negação da vida pela vida. Surge aí uma grande investida a partir da *moral dos escravos*: a de agenciamento do rebanho (Foucault, 1994). Trazendo essas ideias para o século XXI, mais por semelhanças que anacronismos, podemos também pensar como as inúmeras associações – sejam elas igrejas, redes sociais ou grupos de *whatsapp*- podem, em alguma medida, funcionar como uma forma de cura da culpa internalizada descritas por Nietzsche, assim como forma de apascentamento ideológico - o que tentarei descrever-produzir-situar ao longo das análises. Nesse mesmo sentido os sacerdotes prescreverão o trabalho, a atividade maquinal como meios terapêuticos, trazendo para a atividade laboral a noção dignificadora do homem (Deleuze, 2010).

O trabalho e a atividade maquinal são usados, pelas forças cristãs, como forma de cura, de produção de subjetividades, chegando ao seu ápice na atual modernidade, nos permitindo concluir, que para o sistema econômico no qual estamos inseridos: nossos corpos, nossos gêneros, nossas subjetividades importam mais, quando se voltam para o trabalho e a produção de riquezas para todos. Lembremos também que desde o século XVI, com a lógica mercantilista, o trabalho passa a ser importante contra os vícios, as dissidências e ao grande pecado capital da preguiça (Foucault, 2005).

Para os fins de produção, os corpos precisam ser: docilizados, obedientes e normatizados. As ideias de docilização dos corpos, e da docilização dos corpos para produzirem riquezas materiais encontrou em Foucault (2005) grande razão de seus interesses, tanto que o francês afirmou: “Eu procuro analisar como, no início das sociedades industriais,

instaurou-se um aparelho punitivo, um dispositivo de seleção entre os normais e os anormais”. (p. 241). Se no início das sociedades industriais, essa seleção despertou interesses, afirmo, com base foucaultiana, que esse interesse segue como uma forma de entender, porque há tanta crença e empenho na demonização dos corpos dissidentes de gênero por parte de alguns grupos políticos e religiosos, que hoje dominam ideologicamente boa parte da política brasileira.

Há um importante texto de Michel Foucault, “*Omnes et Singulatim*”: *para uma crítica da razão política* ([1981] 1994),²⁶ em que o filósofo se dedica a verificar, de modo mais detalhado, o pastorado dentro dos regimes políticos. Nesse texto, após uma longa verificação histórica, o filósofo francês chega a algumas conclusões assim descritas (1 a 4):

1. O pastor exerce o poder sobre um rebanho mais do que sobre uma terra. É provavelmente bem mais complicado do que isso, mas, de modo geral, a relação entre a divindade, a terra e os homens diferem daquela dos gregos. Os deuses possuíam a terra, e esta posse original determinava as relações entre os homens e os deuses. No outro caso, é, pelo contrário, a relação do Deus-pastor com seu rebanho que é original e fundamental. Deus dá, ou promete, uma terra ao seu rebanho. (p. 137)

Não à toa vimos surgir o termo “mito” durante a campanha presidencial de 2018, tal nomeação dá uma dimensão grandiosa a Jair Messias Bolsonaro, pois o coloca em um campo de aproximação com o sagrado e com a promessa. Após a crise econômica que assolou o mundo, e que foi intensificada entre 2010 e 2014 a população brasileira se via perdida em meio a escândalos políticos, desvio de grande volume de verbas e mudanças culturais comportamentais. A figura do político se constituiu como uma figura “heroica” e “salvadora” que dava a direção a um novo Brasil, um país que nunca existiu tal qual prometido, mas que se constituía como um constructo abstrato com uma aura mítico religiosa, que se fazia funcionar pelas regras observadas por (Rabachini, 2023, p. 87) “Em nome do “mito”, e através de uma lógica discursiva populista, o bolsonarismo não só buscou a hegemonia cultural pelas vias do afeto, ele também construiu a necessidade de exterminar o adversário”.

²⁶O texto resulta de uma palestra do filósofo francês em 1979, porém publicado somente como artigo no ano de 1981. Outros resultados dos estudos foucaultianos podem ser encontrados no volume I de *A História da Sexualidade: prazeres da carne*, em que o autor marca inclusive de como o cristianismo e o pastorado criaram o dispositivo da carne, o corpo como carne. Optei por usar o resumo das ideias principais contidas no texto, na verdade os quatro pontos resumem grande parte dos estudos foucaultianos.

2. O pastor reúne, guia e conduz seu rebanho. A ideia de que cabe ao chefe político apaziguar as hostilidades na cidade e fazer prevalecer a unidade sobre o conflito está, sem nenhuma dúvida, presente no pensamento grego. Mas o que o pastor reúne são indivíduos dispersos. Eles reúnem-se ao som de sua voz. “Eu assobiei e eles se ajuntam”. Inversamente, basta que o pastor desapareça para que o rebanho se disperse. Dito doutra maneira, o rebanho existe pela presença imediata e pela ação direta do pastor. Logo que o bom legislador grego, Sólon, regulamentou os conflitos, ele deixa atrás de si uma cidade dotada de leis que lhe permitem perdurar sem ele. (p. 137)

Ao observarmos o plano de governo de Bolsonaro²⁷, podemos ver de imediato na primeira página a seguinte afirmação bíblica “Conhececi a verdade e a verdade vos libertará (João 8:32)”, antecedida da apresentação “constitucional, eficiente e fraterno”, ao apresentar o seu plano de governo ele produz uma gramática do afeto cristão, possivelmente impulsionada pela finalidade de captura de suas “ovelhas”, e se sustenta em uma tradição fortemente religiosa em que o pastor sabe o destino delas, ele as pode “cuidar”, “guiar” e “amparar”. Ainda que tenha sido no seu mandato, definido como um genocida, uma vez que desamparou a população durante a COVID-19 (Ely, 2022), negando as vacinas necessárias; muitos povos originários foram mortos em combates corporais e ideológicos por suas terras e por suas identidades (Candido, 2020), entre outras coisas. Seguimos verificando Foucault (1994):

3. O papel do pastor consiste em assegurar a salvação de seu rebanho. Os gregos diziam também que a divindade salvava a cidade; e eles nunca deixaram de comparar o bom chefe a um timoneiro mantendo seu navio afastado dos recifes. Mas a maneira que o pastor salva seu rebanho é muito diferente. Não se trata apenas de os salvar a todos, todos juntos, diante da aproximação do perigo. Tudo é questão de benevolência constante, individualizada e final. De benevolência constante, pois o pastor provê o sustento de seu rebanho; ele provê diariamente à sua sede e à sua fome. Ao deus grego era pedido uma terra fecunda e colheitas abundantes. Não se pedia a ele estar com o rebanho no dia a dia. (p.138)

A “salvação do rebanho”, seja em uma dimensão mítico-simbólica-religiosa, ou em uma dimensão puramente econômico-materialista foi manifestada nas propostas e na atuação do governo Bolsonaro, no entanto como uma promessa feita apenas a determinados grupos, uma vez que o modelo econômico que ele propunha, não era extensivo a todos os brasileiros

²⁷ O plano de metas do governo pode ser visto em: [Projeto Fênix \(pleno.news\)](#). Acesso em: 23 de jan. de 2024

e as todas as brasileiras. A definição de rebanho deixava de lado os mais precarizados, as populações mais vulneráveis – sendo manifestada, após a sua vitória nas urnas, em cortes feitos nos orçamentos da educação, saúde, moradia. Sua “benevolência” era na promessa de fazer a economia crescer, e para tanto deixava muitos cidadãos fora do orçamento público. Uma diferença marcadamente observada por Amaral (2021) e Campean (2019), que analisaram alguns aspectos do governo bolsonarista.

4. Há ainda outra diferença que tem a ver com a ideia de que o exercício do poder é um “dever”. O chefe grego devia naturalmente tomar suas decisões no interesse de todos; se preferisse seu interesse pessoal seria um mau chefe. Mas seu dever era um dever glorioso: mesmo que ele devesse dar sua vida por ocasião de uma guerra, seu sacrifício era compensado por um presente extremamente precioso: a imortalidade. Ele nunca perdia. A benevolência pastoral, por sua vez, é bem mais próxima do “devotamento”. Tudo que o pastor faz, ele o faz pelo bem do seu rebanho. É sua preocupação constante. Quando ele dorme, ele vigia. (Foucault, 1994, p. 138)

Das inúmeras performances durante a campanha eleitoral a que mais ilustra o que é apontado acima no item 4 é o episódio de uma facada que foi dada em Jair Messias, que mesmo alegando ter sido gravemente ferido por um adversário político, não desistiria da concorrência às eleições presidenciais – marcando desse modo sua atuação “mítica” e “heróica” pelo bem da população. Eram comuns as suas aparições públicas, no ano de 2018, em camas de hospital, tomando soro e com aparência fragilizada, performava-se assim a figura de um homem “devotado”. O episódio descrito nesse parágrafo será retomado no terceiro capítulo desta tese nas análises de uma postagem feita em uma rede social.

Ao fazer o processo genealógico Foucault não se utiliza de uma história linear ou inacabada, “A genealogia exige, portanto, a minúcia do saber, um grande número de materiais acumulados, exige paciência.” (2005, p. 56). De modo que há aspectos, que não se fecham em determinada época, mas permanece em contínuo aberto com intervalos de sentidos. Acredito que as próximas pesquisas poderão encontrar muitos outros elementos, que darão continuidade a genealogia política iniciada no nesta tese.

Torna-se importante pensar, que até a vitória total da moral dos escravos, houve um longo período de variação moral, e podemos dizer que ainda há. Butler (2015), vai marcar em sua obra *Relatar a Si Mesmo* a resistência como uma forma de poder paralelo, o que também Foucault (1997) já anunciara a partir da afirmação de que “que lá onde há poder, há resistência” (p. 104) – poder e resistência são constituintes um do outro.

O que fica mais evidente com os estudos do pastorado e as ideias foucaultianas é o modo como, por meio de inúmeros dispositivos de controle, fomos historicamente sedimentando uma moral doentia, reativa, patológica e que se fortaleceu principalmente pelo ressentimento, ainda que Michel Foucault não tenha se dedicado tanto à dimensão psicológica do poder nos anos em que escreveu *A História da sexualidade vol 1 e Microfísica do poder*, essa dimensão será um campo de grande interesse de Butler (2015), Deleuze e Guattari (2002; 2010).

Em Butler (2015) a ligação entre Nietzsche e Freud é fundamental, a ponto de em muitas passagens a autora apontar isso como uma ausência foucaultiana, e buscará avançar nesse sentido. Importante acrescentar que os últimos escritos de Michel Foucault (*O uso dos prazeres, Sujeito e Verdade, O cuidado de Si, A Hermenêutica do Sujeito, Subjetividade e Verdade e Do Governo dos Vivos*), caminharam para aquilo que a autora via como uma ausência na obra do filósofo francês.

A noção do “ethos” de coletividade, como visto por ela, é uma forma de colocar esse pensamento em movimento. A filósofa examinou a ideia da formação do eu a partir de revisões sobre Adorno, que se dá sempre associada à violência- afirmará ainda que “o eu nunca tem uma história própria, que não seja também a história de uma relação – ou conjunto de relações – para um conjunto de normas” (Butler, p. 18). Em relação às ressonâncias entre Adorno e Nietzsche, afirma a autora em acréscimo:

A teoria de Adorno tem uma ressonância com a de Nietzsche, que destaca a violência da “má consciência”, a qual dá origem ao “eu” como consequência de uma crueldade potencialmente aniquilante. O “eu” volta-se contra a si mesmo, desencadeando contra si uma agressão moralmente condenatória, e, com isso, inaugura a reflexividade. Pelo menos essa é a visão nietzschiana da má consciência”. (p. 20)

A moral condenatória apontada por Butler nessa citação, pode nos permitir pensar que ao nos autocondenarmos, nos colocamos também em constante vigília pastoral sobre o corpo (ao nosso e ao do outro) - Em uma constante busca de perdão, e (des)culpabilização perante a norma. Nesse processo cruel e aniquilante alguns criam inimigos imaginários, em geral corpos dissidentes que ameaçam um lugar centralizado da norma. Butler (2015, p. 92) afirma ainda que: “O “eu” entra em colapso de maneiras bem específicas diante do outro, ou como diria Lévinas, na cara do Outro”, toda vez que tente se entender, ou se narrar.

Nas guerras narrativas da política brasileira, mais especificamente no governo neofascista de Jair Messias Bolsonaro, os corpos entraram em maior colapso diante da existência material e imaterial da multiplicidade de gêneros e processos identitários, que diante dos eventos sociais mais recentes, foram ganhando visibilidade e proporcionalmente atraíram também sobre si, discursos de ódio e manipulações narrativas. Dentre essas narrativas uma se tornou extremamente conhecida, me lanço a sua problematização, à luz do que venho até agora discutindo, com principal enfoque para o conceito do ressentimento.

2.1 A MAMADEIRA DE PIROCA E O PÂNICO MORAL RESSENTIDO

A partir de agora, analiso o conteúdo do vídeo *A mamadeira que mudou o Brasil #meteoro.doc*, buscarei principalmente: Identificar as estratégias persuasivas presentes nas *fake news*, situando valores e conceitos morais que aparecerem nos textos que mencionam as categorias *kit gay* e mamadeira de piroca. Antes da análise, fiz a transcrição do texto do vídeo, considerei a partir dos 29 segundos iniciais do mesmo, uma vez que os segundos que o antecedem são uma apresentação/introdução desse vídeo, e do contexto político em que ele apareceu em 2018, cuja imagem aparece na figura 04:

Figura 04: A mamadeira que mudou o Brasil



Fonte: [A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteoro.doc \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

É importante frisar que a plataforma [meteoro.com](https://www.meteoro.com), tal qual esse trabalho de pesquisa, entextualizou o vídeo para fins interpretativos analíticos, e suas abordagens em alguns pontos se aproximam do meu processo de guiar as minhas análises, desse modo constitui-se também um dos critérios de escolha dessa plataforma e não de outras em que o vídeo pode ser facilmente encontrado em outras buscas pela *internet*. Vejamos:

Transcrição do texto do vídeo:

Inicia-se com uma cena em plano fechado, em que um homem com nível de fala popular, mostra uma mamadeira de cor transparente e com uma tampa rosa claro e em seguida diz: “Essa aqui é uma mamadeira distribuída na creche, olha a marca aqui (e mostra uma marca de mamadeira invisível), que é distribuída na creche “cum” seu filho, com a desculpa de “coma-combater” a homofobia, olhe o bico como é, tá vendo? (nesse momento, retira uma pequena tampinha de proteção do bico da mamadeira e mostra um pequeno pênis de borracha, destacando um pequeno furo por onde passaria o leite ou outro alimento). O PT e Haddad prega isso pro seu filho. “ói”! Seu filho de cinco, seis anos de idade vai beber mamadeira na creche com isso aqui ó! (mostra todo o corpo da garrafa e seu bico em forma de pênis (piroca), girando-a e mostrando-a em ângulo de 360 graus e de cima para baixo). Para combater a homofobia tem que votar em Bolsonaro rapaz, Bolsonaro! que é pra fazer o filho da gente homem e mulher, o PT e Haddad, Lula, Dilma só que isso aqui para os nossos filhos, “ói”! (mostra mais uma vez a mamadeira, que está em suas mãos). Isso aqui faz parte do kit gay, oi! Invenção de Haddad viu.

[A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteoro.doc \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

O vídeo não tem sua autoria reconhecida, não podemos afirmar se é uma encenação ou o registro de um pai real preocupado com o seu filho. Uma das primeiras considerações que gostaria de fazer é sobre o nível de fala do homem que aparece no vídeo: nível de fala coloquial, com forte presença de traços de um homem de classe social popular, modo de falar gramaticalmente pouco normatizado, presença constante de traços da oralidade, exemplo: “cum”, “ói”, “né?”, além de insegurança em relação à palavra combater, dita “coma...combater” (isso aponta para o fato de que esse termo não faz parte do seu léxico vocabular diário). Seus traços prosódicos são fortemente marcados por um sotaque e entonação que lembram o sotaque baiano, e/ou de outros estados nordestinos, uma certa imprecisão que só nos dá uma pequena certeza de familiaridade com quem fala. Seu modo e ritmo de falar facilmente se assemelha aos de algumas pessoas com as quais diariamente convivo, é popular, me parece local, e regional (além disso suas unhas estão sujas e lembram

as de um operário, que poderia ter facilmente saído de uma oficina ou estação de trabalho manual – assim ele vai se construindo à medida em que fala da mamadeira).

As características mencionadas acerca do aspecto estrutural da língua ajudam a performatizar um certo tipo de enunciador, uma personagem que está muito próximo da maioria da grande população brasileira: sua coloquialidade, informalidade e simplicidade buscam uma adesão com a grande população, que se confirma a cada pergunta e afirmação que o mesmo faz: “tá vendo”?, “*seu* filho” (dito três vezes), “o filho *da gente*”, “*nossos* filhos”, tais perguntas performatizam e indexalizam a figura de um pai preocupado com a situação do seu filho, e dos filhos de outras pessoas. As perguntas apontam para uma adesão sobre: cuidado, advertência, denúncia, alerta... principalmente em relação à primeira infância (cinco ou seis anos de idade).

O processo de construção identitária de um pai preocupado com o futuro dos filhos (dele e dos outros), se dá também por meio da interação. Para De Fina (2020) nos meios interativos, esse narrador também se constrói, por meio de sua interação com aqueles que os querem ouvir, algo é dito porque há outros que querem ou estão dispostos a escutar. Nesse sentido os repertórios interpretativos consistem em repertórios interpretativos culturalmente familiares e com linhas habituais de argumentação, compostas de temas reconhecíveis e comuns, principalmente em meios tecnológicos e com vídeos viralizáveis (como é o caso do vídeo analisado, que somente nas suas primeiras 48 horas foi visto por quase 3 milhões de vezes).²⁸

Tomemos como exemplo a interpelação “tá vendo?”, que indexaliza e posiciona os sujeitos dentro de processos de identidades-em-interação que se assombam diante da possibilidade de uma criança mamar uma mamadeira com uma piroca na sua ponta, ainda que a veracidade dos fatos seja facilmente contestada, e posteriormente comprovada como uma falsa narrativa. O próprio conceito de verdadeiro/falso, na era da *post truth*,²⁹ ganha novos

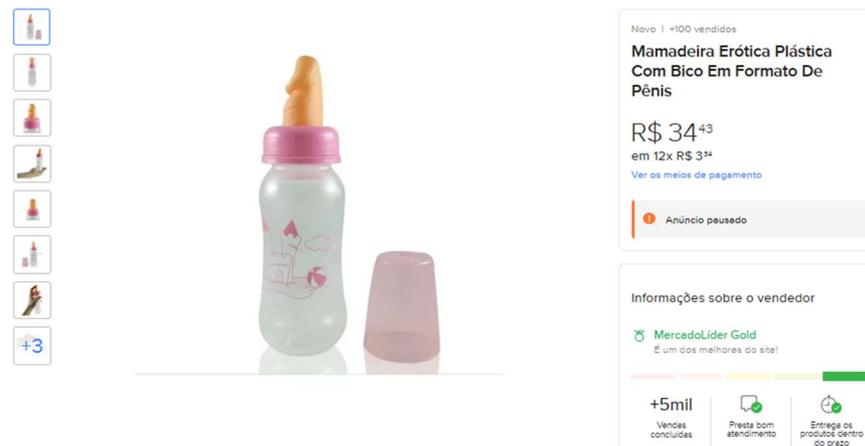
²⁸ Fonte dessa informação: [É verdade que o PT de Haddad distribui mamadeira erótica nas escolas? \(e-farsas.com\)](https://e-farsas.com) (Acesso em 25/01/2023, 09:41h)

²⁹ “Pela definição do dicionário [Oxford], **pós-verdade** quer dizer ‘algo que denota circunstâncias nas quais fatos objetivos têm menos influência para definir a opinião pública do que o apelo à emoção ou crenças pessoais’. Em outros termos: a verdade perdeu o valor. Não nos guiamos mais pelos fatos. Mas pelo que escolhemos ou queremos acreditar que é a verdade. O terreno da internet tem se revelado fértil para a propagação de mentiras – sempre interessadas –, trincheira dos *haters*. Levamos tanto tempo para estabelecer uma visão ‘científica’ dos fatos, construir a isenção do jornalista, a independência editorial e, de repente, vemos que o debate político se dá entre ‘socos e pontapés’. A **pós-verdade** arrasta a política, o jornalismo, a justiça, a economia, a nossa vida pessoal...”²

tratamentos para alguns autores, como é o caso de Claire Wardle, que utiliza *disinformation* “(informação maliciosa), criação deliberada de mentiras para atingir objetivos; e *misinformation* (desinformação), o compartilhamento impensado de informação falsa” (Lago; Monnerat, 2018).

Abaixo mostrarei o modelo da mamadeira que foi utilizada que causou pânico, na verdade uma mamadeira (figura 5), com finalidade erótica, que facilmente pode ser comprada em *sites* na internet. Esse pânico é responsável também por outras criações perigosas da atualidade, entre elas a “ideologia de gênero”.

Figura 05 – Mamadeira erótica com pico em formato de pênis



fonte: [Mamadeira Erótica Plástica Com Bico Em Formato De Pênis | MercadoLivre](#)

Miskolci (2017, p. 725) vai definir como o “pânico moral contemporâneo” e a agenda conservadora latino americana em relação a gênero e diversidade, ajudaram a formular o conceito de ideologia de gênero, em que os conservadores movimentam a população em ações contrárias ao que é ensinado nas escolas, principalmente em relação a conteúdos mais progressivos, que priorizem a desmarginalização de certos corpos e/ou grupos sociais, entre outras pautas. Nesse sentido, podemos concluir que a produção de um vídeo contendo *fake news*, busca fazer cumprir uma agenda que vai cotidianamente produzindo um regime de verdades, onde a crença supera a comprovação daquilo que é narrado e até como é narrado.

LATGÉ, Luiz Cláudio. O mundo pós-verdade. *O Globo*, 23 nov. 2016. Opinião. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/opiniao/o-mundo-pos-verdade-20522515>. Acesso em: 14 fev. de 2023.

Importante frisar que o candidato Jair Messias Bolsonaro, pouco tempo antes da publicação do vídeo (setembro de 2018), havia tentando mostrar em entrevista ao *Jornal Nacional*³⁰, uma outra peça que comporia o fictício *kit gay*, um livro com furos e possibilidades de usos para ensino sobre sexo nas escolas, não obstante sua tentativa não foi muito adiante, o que nos leva a pensar que o vídeo sobre a mamadeira de piroca, e que é analisado nesse capítulo, pode ser entendido como uma estratégia usada para maior circulação e menor censura, uma vez que sua disseminação ocorreu principalmente na *internet*, nos possibilitando inclusive sublinhar a historicidade recente e confusa desses signos.

Para pensarmos essa historicidade momentânea e em movimento, é importante não perdermos de vista que todo texto é um conjunto de signos e que os discursos trazem em si um conjunto de crenças, valores e ideologias “recontextualização que movimenta outras redes discursivas e em cadeia” (Fabrício, 2017). É necessário compreender que os signos, por meio de seu caráter ideológico, nos permitem inclusive, possibilidades mais dinâmicas no campo da linguagem e do discurso.

Os elementos já mencionados ilustram uma forma mais eficaz de performatização da linguagem, com múltiplos elementos semióticos carregados de sentidos e de Discursos. Para Silverstein (2006), funcionam revelando o modo como os signos (ou não) – apontam-indexalizam- alguns objetos e os próprios usuários para as condições específicas em que os utilizam, na tentativa de atender uma finalidade muito objetiva: o convencimento de uma verdade, verdade que foi produzida a partir de um regime de normas preexistentes sobre: os corpos, a escola, e aquilo que é/não é permitido ensinar a uma criança.

³⁰ Disponível em: [A MAMADEIRA QUE MUDOU O BRASIL #meteoro.doc \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...). Além do vídeo utilizado na análise é possível verificar as afirmações do candidato. Acesso em: 24 de jan. de 2024.

O vídeo *A mamadeira que mudou o Brasil*³¹, nos permite observar também como “o narrar passou a desempenhar um papel central como um lugar Tempo³² de compreensão da vida social e dos efeitos discursivos que o ato de contar uma história provoca” (Lopes, 2021, p. 12). No caso específico do vídeo ao contar a história da mamadeira entregue nas escolas públicas (afirmando inclusive que tinha a marca/logotipo da creche), novos sentidos vão emergindo a partir do que é dito, o ato de dizer produz efeitos perlocucionários (Austin, 2010), inclusive no cenário político nacional, em larga escala.

Para Bakhtin (1995, p. 121), o ato de fala “sempre cria algo que, antes dele, não existira, algo novo e irreproduzível”, esse ato se ancora em redes discursivas anteriores a ele, como por exemplo a histórica rejeição a dissidência de gênero e das diferenças. Como assevera Fabrício (2017, p. 209) a respeito do ideário nacional dos corpos:

Os corpos, a sexualidade, o sexo, a família e os espaços públicos e privados foram sanitarizados, purificados e capturados por uma matriz heterossexual. Esse fundamento, construindo toda uma arquitetura em torno do familialismo, do modelo edipiano papai-mamãe, da reprodução, da intimidade e da chamada infância, seria garantidor da manutenção e progresso do Estado soberano, produtivo, coeso e monocultural. A heteronormatividade – assim caracterizada como forma de governo – e seu pendor para o confinamento produzem cada aspecto da organização da vida social, fazendo-se presente no Estado, na lei, na política, na religião, na medicina, no trabalho, no comércio, na arquitetura, na mídia, na educação, na família, no lar e na linguagem.

Ao dizer: “O PT e Haddad prega isso pro seu filho. “ói”! Seu filho de cinco, seis anos de idade vai beber mamadeira na creche com isso aqui “ói”, o narrador da história da mamadeira de piroca entextualiza, de modo genérico, um conjunto de políticas que foram adotadas na história recente do Brasil pelo governo PT e pelo ministro da educação Fernando Haddad. A menção realizada dentro do seu relato, produz novos significados, relocalizando as políticas

³¹ Segundo Mello, Patrícia C. Uma checagem de Aos Fatos desmentia o vídeo que dizia que, para combater a homofobia, o PT havia distribuído em creches mamadeiras com bico de borracha em formato de pênis. A agência Lupa fez a checagem de uma das mensagens, que mostrava uma antiga postagem de Olavo de Carvalho acusando um livro de Fernando Haddad de defender sexo entre pais e filhos. O livro *Em defesa do socialismo*, lançado em 1998 pela Editora Vozes, não faz menção ao incesto nem defende a ideia de que o “tabu do incesto” precisa ser derrubado para implantar o socialismo.

³² “O autor utiliza a noção de *lugar Tempo* para pensar a narrativa, como caracterizando um espaço e um momento específicos nos quais significados emergem.” (essa descrição faz parte da nota de rodapé contida do texto original)

públicas anteriores, faz isso ao nomear os sujeitos da suposta ação. Ao mesmo tempo, vai colocando o objeto de plástico, a mamadeira, em *close* e produzindo uma rede de significados. Essa realocização do texto em novas interações, convoca, na enunciação em curso, novos e diferenciados modos de produzir significados sobre ele.

A produção discursiva (Fabrício, 2017), longe de ser aleatória, responde, a partir de diferentes trajetórias textuais, a outros discursos que são convocados em uma espécie de encruzilhada, onde se entrecruzam algumas ideologias, como é o caso de cuidado sobre os corpos infantis, pregação (aqui o termo retoma a ideia de pastoreio político) e assombro diante de uma figura de plástico do órgão sexual masculino em miniatura. Ao descrever sobre a marca da creche contida na mamadeira ele, de certa forma, evoca também o poder da escola como possível de “fazer homens” e “fazer mulheres”, no entanto o que parece contrariá-lo é o “novo tipo de homem” e “o novo tipo de mulher” que a escola parece estar “criando”.

Sobre Austin, a crítica de Derrida (1972) acrescenta que a linguagem, para além de suas dimensões convencionais e formais, está no centro de produção das condições impulsivas do ato de fala, a linguagem em uso produz um mundo no qual ela está inserida. Nesse processo de produção a repetição cria um ideal de estabilidade, porém pragmaticamente vai alterando significados e produzindo diferenças. Nas produções de sentido em curso, encontramos também a fundamentação de um dos conceitos, que tenho usado como modo teórico-analítico nessa pesquisa, a saber as “pistas indexicais”.

Wortham (2001) propõe a operação por meio das “pistas indexicais”, que escalonam a produção ideológica do que está sendo narrado, ao dizer “o PT e Haddad”, fica perceptível uma certa ideia de nomeação de criador e criatura, a ordem como isto é dito evoca uma ação nos receptores do que está sendo narrado uma dupla autoria: 1º quem criou o político Haddad, 2º assim como aquilo que foi criado **pelo** político Haddad, no caso a fictícia mamadeira de piroca. Ao final da sentença somos levados a uma conclusão: “Ói! Seu filho de cinco ou seis anos de idade, vai beber na creche com isso, ói!”, culminando naquilo que é sugerido: E você? O que vai fazer?

Há um ressentimento que se ancora no interior do que está sendo dito, de que uma mamadeira de piroca, ou a possibilidade de existência dela, em especial em uma creche para crianças, provoca um sentimento de reprovação sobre a suposta possibilidade de que os corpos estão sendo escolarizados fora do regime da heteronormatividade. Qualquer ameaça a matriz heterossexual, seja ela produzida a partir de fatos comprováveis ou simplesmente a partir de

fake news, gera um pânico moral que convoca signos da repressão. Nas palavras de Preciado (2020, p. 71) “A biopolítica é vivípara e pedófila. O que está em jogo é o futuro da nação heterossexual. A criança é um artefato biopolítico que permite normalizar o adulto”. Aponto ressentimento e culpa, como alicerce dessa empreitada.

Para o filósofo Scheler, “o ressentimento social teria origem nos casos em que a desigualdade é sentida como injusta diante de uma ordem simbólica fundada sobre o pressuposto da igualdade” (Kehl, 2020, p. 162), nesse sentido nas últimas décadas no Brasil, onde houve alguns avanços sociais, porém insuficientes para todos os brasileiros, certa parcela da população se vê como injustiçada, desse modo passível de manipulação com finalidade eleitoral.

O referido sentimento de injustiça nos dá algumas pistas indexicais de quais signos são convocados, quando o homem diz: “O *PT* e Haddad prega isso pro seu filho”, “o *PT* e Haddad, Lula, Dilma só que isso aqui para os nossos filhos”, e “Isso aqui faz parte do kit gay, ói! Invenção de Haddad”, importante observar que há um jogo lógico que vai assinalando uma certa ordem indexical de autoria da mamadeira de piroca, assim constituída: o *PT* + Haddad e depois ampliada o *PT*+Haddad+Lula+Dilma, encaminhando, na proposição do autor do vídeo, a uma possibilidade de anulação daquilo tudo, recordemos “Para combater a homofobia tem que votar em Bolsonaro rapaz, Bolsonaro, que é pra fazer o filho da gente homem e mulher”, construindo um imaginário político de salvação. Segundo Moita Lopes (2014) a ordem indexical é produtiva, porque constrói categorias no mundo social que podem se cristalizar no decorrer do tempo e da história, criando, assim, modos essencializados e específicos para certos sujeitos e grupos sociais”. (p. 661)

Dentro do imaginário da política brasileira de 2018, um objeto usado para a alimentação de bebês (a mamadeira), foi reconstruído e tomado simbolicamente como uma tecnologia de gênero, termo inspirado em Teresa de Laurentis (1994), pois seria capaz de produzir sujeitos e procedimentos de corpos desviados das normas, descentralizados e dissidentes. A mamadeira de piroca, no imaginário coletivo de 2018, se fortaleceu como uma arma-ameaça ao regime desejado, no caso a heteronormatividade, e conseqüentemente ao ideal da família patriarcal, ou família tradicional.

A família patriarcal é um ideal que os políticos fascistas pretendem criar na sociedade – ou recuperar, como afirmam. A família patriarcal é representada sempre como uma parte central das tradições da nação, diminuída, mesmo recentemente, pelo advento do liberalismo e do cosmopolitismo. Mas por que o patriarcado é tão central,

do ponto de vista estratégico para a política fascista? Numa sociedade fascista, o líder da nação é análogo ao pai da família patriarcal tradicional. O líder é o pai da nação, e sua força e poder são a fonte da sua autoridade legal, assim como a força e o poder do pai de família no patriarcado supostamente são a fonte de sua suprema autoridade moral sobre seus filhos e esposa (Stanley, 2020, p. 22).

Para além de parecer uma comparação anacrônica, os velhos fantasmas do fascismo têm parecido cada dia mais concretos nas políticas contemporâneas, especialmente no projeto político 2018-2022 de Jair Messias Bolsonaro. No Brasil, os partidos conservadores e de extrema direita recriaram a figura mítica de um líder presidencial, nomeado de “mito”³³, paralelo a isso o “mito” fortaleceu discursos que reconvocaram, entre os temas principais: a família tradicional, o nacionalismo, e a cisgeneridade.

De modo geral, foram trazidas velhas assombrações da moralidade: branca, hetero e cristã. Essa moralidade centralizada socialmente se sentia/sente ameaçada por regimes e corpos, cujos modos de vida estão situados em outras formas de regulação que não privilegiam, um único modelo e um único conceito de família. Produzindo inclusive um ideal ascético reativo, em concordância com a moral do escravo, uma moral ressentida, onde “o ideal ascético lhe ofereceu um sentido! Foi até agora o único sentido; qualquer sentido é melhor que nenhum” (Giacoia, 2021, p. 120). Diante da queda de certas tradições heteronormativas, muitos eleitores e eleitoras aderiram ao projeto político da direita, dando inclusive ao candidato Jair Messias a vitória nas eleições presidenciais de 2018.

A historiadora Lília Moritz Schwarcz, em um recente estudo sobre a historicidade do autoritarismo brasileiro, que estrutura boa parte das decisões políticas no Brasil, afirmou:

Com certeza, os protestos de 2013 e a crise política que se agravou com o impeachment da presidenta Dilma, bem como os escândalos do Mensalão e da Lava jato, impactaram negativamente a imagem dos políticos, de uma forma geral, e foram responsáveis por um ambiente generalizado de desconfiança. Não obstante, em países de tradição autoritária, a crise é capaz de fazer reviver e de renovar histórias de mais longo curso, de desrespeito às leis, descrença nas instituições e que sinalizam saídas dogmáticas e que se apresentam como as “salvadoras da pátria. (Schwarcz, 2019, p. 232).

³³ *Mito* foi uma das formas de nomeação do então candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro, candidato que representou em 2018 o interesse de grupos conservadores brasileiros.

A linguagem atuou, com grande força, como uma forma de ação no mundo, um instrumento que pode ser utilizado para libertação, bem como para controle. Nesse sentido, ao nomearem um programa de educação de forma reconhecida como jocosa ou depreciativa, no caso as expressões *kit gay* e mamadeira de piroca, é reafirmado o poder da linguagem para e contra nós. “A família patriarcal na política fascista está inserida numa narrativa maior sobre as tradições nacionais” (Stanley, 2018, p. 26). E na busca pela tradição nacional, é preciso colocar sob vigília os corpos e ações que podem servir para a desestabilização das políticas e formas de governo mais hegemônicas. Nesse sentido, cabe verificar por que nas guerras das narrativas a linguagem é posta como uma arma eficiente:

A linguagem poderia nos ferir se não fôssemos, de alguma forma, seres linguísticos, seres que necessitam da linguagem para existir? A nossa vulnerabilidade em relação à linguagem é uma consequência da nossa constituição em seus termos? Se somos formados na linguagem, então esse poder constitutivo parece e condiciona qualquer decisão que venhamos a tomar em relação a ela, insultando-nos desde o princípio, por assim dizer, por seu poder prévio (Butler, 2021, p.12).

Para Kehl (2020, p. 165), “O ressentido deseja a ordem – por isso é compatível com o conservadorismo – contanto que possa beneficiar-se dela, nem que seja na condição de vítima”, e “a revolta desses grupos sociais é submissa e se expressa na forma de atos *reativos*, protestos impotentes, mesmo que os sentimentos de injustiça e prejuízo que a motivam sejam justificados” (idem, p. 167). O narrador do vídeo deixa bem clara a sua coligação com o presidente candidato, motivado pela ideia conservadora da cisnormatividade, e ainda aponta indícios de que os conceitos homem e mulher podem ser fabricados, desde quando reproduzam uma ordem tomada como a ideal, desconsiderando outras possibilidades de modos de vida. Nessa fabricação a linguagem nos faz (Austin, 1990).

Ao sugerir no vídeo que o combate à homofobia dar-se-ia através do voto em Bolsonaro, ele reinscreve a ideia do programa *Brasil sem Homofobia* (Brasil, 2004), recolocando-o em um contexto agressivo e eliminatório das pessoas dissidentes de gênero, a palavra combater adquire o sentido de eliminar, acabar, em última instância, transformar. Ao dizer “o filho da gente homem e mulher”, por uma certa ordem de gênero. Essa ordem além de privilegiar a heteronormatividade, privilegia o masculino dentro dela mesma. Há uma dinâmica que se constitui, a partir da complexidade entre as dimensões locais e translocais (Pennycook, 2007), a linguagem vai criando, pela sua força, um novo mundo social, que se

inaugura a partir de ancoragens possíveis, ela vai violentando, formatando, e trazendo novos contextos que nunca se repetem.

Na campanha política de 2018, uma série de discursos criaram uma visão pedófila para a esquerda política e colocaram as escolas como coadjuvantes nessa tarefa, como se pode observar no vídeo analisado e nas memórias mencionadas na introdução dessa tese. É importante lembrar que:

O tema do enfrentamento da pedofilia surgiu durante as polêmicas completamente articulado com um discurso de “defesa da família”. Os oponentes do projeto ESH, ao *declararem guerra* ao material que desvirtuaria as crianças, o faziam “em nome da família brasileira”, como se essa família fosse um ente único e estável. Ora a família brasileira, tão defendida por vozes conservadoras e religiosas é a “verdadeira família”, ora ela é esse ente superior a ser sacralizado. Um aspecto fundamental nas polêmicas é a utilização da ideia de “defesa da família e dos bons costumes” em polarização com o ataque aos “homossexuais pedófilos” (Leite, 2019, p. 03)

As promessas de campanha presidencial em 2018 constantemente apontavam para a restituição de uma moralidade cristã e de velhos valores, que trariam de volta a suposta normalidade dos corpos, e os valores da família tradicional onde homem casa com mulher e vice versa. Revisitando o passado do candidato Jair Messias Bolsonaro, mais especificamente o ano de 2011, em que afirmou, em entrevista à revista *Playboy* que “Seria incapaz de amar um filho homossexual. Não vou dar uma de hipócrita aqui. Prefiro que um filho meu morra num acidente do que apareça com um bigodudo por aí”³⁴ durante sua campanha política se autodeclarou como não homofóbico, mas que seu combate era contra a veiculação do “kit gay” nas escolas por considerar que incentiva precocemente o sexo, assumindo dessa forma o papel de moralizador e guardião de certos valores, assumindo inclusive para si, e para a escola o papel de controladores dos corpos estudantis.

Em relação ao que falou sobre ter um filho gay acrescentou: “se um casal homossexual vier morar do meu lado, isso vai desvalorizar a minha casa! Se eles andarem de mão dada e derem beijinho, desvaloriza”, colocando-se mais claramente como patriarca e guardião da casa, ao proferir tal discurso Jair Messias Bolsonaro, vai criando quem são os “inimigos” da moral.

³⁴ A reportagem a revista *Playboy* de junho de 2011, pode ser checada, com vídeo em: [Jair Bolsonaro: como ele reagiria se tivesse um filho gay?](https://www.catracaalivre.com.br/jair-bolsonaro-como-ele-reagiria-se-tivesse-um-filho-gay/) (catracaalivre.com.br). Acesso em 27 jan. de 2024.

Sobre a criação dos “inimigos” dos governos conservadores, cabe verificar Maranhão; Coelho; Dias (2018, p. 68), que afirmam: o combate aos direitos sexuais e reprodutivos têm sido colocados em nome da defesa da “família tradicional” contra tudo aquilo que se configure ameaça aos valores tradicionais e à moralidade religiosa, comumente os ataques homofóbicos vêm justificados por argumentos de ordem econômica, que arregimentam um outro grupo social que disfarça a sua homofobia em prol do progresso econômico.

Ao afirmar que preferiria um filho morto a um filho *gay*, o candidato começava a constituir um dos alicerces do que viria a ser desenvolvido em escala maior nos próximos anos na política brasileira. Butler (2015), descreve as ideias de enquadramento e ajustes de determinados regimes políticos e sociais, afirmando que neles algumas vidas têm seus valores inferiorizados, isso acontece em nome de um bem maior, no caso a família tradicional. Em relação às vidas “precarizadas” seus lutos são sentidos como sacrifícios para o bem estar geral, ou nas palavras de Moita Lopes (2023) a ordem indexical é produtiva, porque constrói categorias no mundo social que podem se cristalizar no decorrer do tempo e da história, criando, assim, modos essencializados e específicos para certos sujeitos e grupos sociais

Proposições de resistências frente aos mecanismos de normatização dos corpos e micro movimentos de reinscrição dos modos de ser, têm sido uma pauta constante nos objetivos de muitas pesquisas realizadas mais recentemente (Alves, 2021; Menezes, 2019). Especialmente os estudos em gênero cujas temáticas envolvem práticas e discursos voltados para a escola, pois “a escola potencializa e valoriza a teatralização convencional dos códigos da soberania masculina no menino e da submissão feminina na menina, ao mesmo tempo em que vigia o corpo, e o gesto, castiga e patologiza.” (Preciado, 2020, p. 196), no entanto outros movimentos de resignificação da escola também são possíveis.

Para Alves (2021, p. 10) que analisou narrativas de professoras/es/ies em espaços escolares foi conclusivo que “um estudo performativo, inverte os insultos em um sentido político e de orgulho, à medida em que renarra modos de existir diferentemente da forma depreciada e essencializada que foram narrados no passado”, mostrando quão potente podem ser os novos olhares sobre certos espaços opressivos. Seguindo na mesma linha de conclusão sobre como os corpos de estudantes dissidentes podem contribuir para ressignificar os espaços escolares, Menezes (2019) concluiu que as narrativas presentes em sua pesquisa apontaram uma escola com potências também de transformação e subversão das normas de gênero.

Em 2018, as *fake news* foram responsáveis por promover a disseminação dos discursos de ódio, voltados com grande força para as escolas, que neste estudo tomo como um discurso ressentido e vingativo, que culminou nos quatro anos seguintes, em um governo em que o retrocesso aos direitos civis e a degradação das instituições públicas ganharam largas escalas. Uma narrativa como a da mamadeira de piroca serviu/serve como um dispositivo para trazer à tona uma série de pânicos morais que estiveram sob uma falsa ideia de contenção. Em Mello (2020) verificamos:

Uma vez “impulsionada”, a narrativa é então propagada naturalmente pelas redes orgânicas, que são as pessoas de carne e osso que acreditam naquilo que está sendo veiculado. Os americanos chamam isso de *firehosing*, derivado de *fire hose*, mangueira de incêndio – trata-se da disseminação de uma informação, que pode ser mentirosa, em um fluxo constante, repetitivo, rápido e em larga escala. As pessoas são bombardeadas de todos os lados por uma notícia – sites de notícias, grupos de WhatsApp, Facebook, Instagram – e essa repetição lhe confere a sensação de familiaridade com determinada mensagem. (p. 24)

Essas “redes orgânicas” são aqui pensadas de duas maneiras complementares - na primeira, como “entidades-em-interação” (De Fina, 2020) em que: desejos, ideologias e aspirações políticas produziram novas formas de atuação diante/dentro e à partir de uma narrativa – a outra maneira de pensar essas “pessoas de carne e osso” é a partir da investigação nietzscheana da auto-culpabilização e do ressentimento que acompanham essas pessoas, esse sentimento de culpa é guiado pelo sacerdote ascético que “guia o sofredor para que este encontre a causa da dor em si próprio, em seu pecado. Para tal, ele reinterpreta o sofrimento como “conteúdo” da vida”. (Cragnolini, 2017, p. 93).

O processo de “bombardeamento” das *fake news*, tem como dispositivo a ideia preexistente de que qualquer gênero dissidente deve e pode ser combatido, conseqüentemente pode-se também, preservar a heterogeneidade e uma “certa” ordem que tem segurado o mundo, “A domesticação é um processo de homogeneização que conserva e erradica (ou torna letárgica) a diferença, e, por isso associa-se, para Nietzsche, à fraqueza” (ibidem, p. 93). A fraqueza se constitui pelo processo de negação da vida, de como ela acontece de fato, das diferenças e das multiplicidades de corpos e performances que compõem esse mundo.

Até o presente momento, as análises feitas apontam para forte presença do ressentimento nos discursos moralizantes da campanha eleitoral de 2018, em gênero, educação e sexualidade passaram a ser conteúdo de muitas *fake news*, que condenaram as

políticas públicas brasileiras nos últimos anos de governo do Partido dos Trabalhadores/PT. As condenações feitas nos textos que circularam, nos últimos quatro anos, apontam para um grande desejo de retrocesso e silenciamento de muitos corpos, bem como apontam uma constante vigília sobre o currículo escolar, que deve, em consonância com as “vozes da modernidade” (Pennycook, 2006) ser “um território político, ético estético que pode fazer a diferença “na vida de muitas pessoas que dependem do currículo” (Paraíso, 2018, p. 47).

Os próximos passos dessa pesquisa serão analisar os discursos que são apontados a partir dos signos *kit gay* e mamadeira de piroca, situados em algumas manchetes de jornais e uma vídeo-entrevista, que circularam no Brasil em 2018, como também considerar os movimentos de reposicionamento de outros textos frente as circulações das principais *fake news* de campanha, cujas análises pretenderão situar discursos e performances de resistência, tendo como *corpus* o clipe musical do grupo Detonautas, nomeado pelo grupo musical de *Kit gay* e alguns comentários postados no canal *YouTube* em torno dele. E por fim, observar se as hipóteses e objetivos dessa tese foram alcançados.

3 KIT GAY E MAMADEIRA DE PIROCA: CONVOCAÇÕES COLETIVAS DESSES SIGNOS

No capítulo anterior, ao analisar o vídeo *a mamadeira que mudou o Brasil*, apontei certos sentidos que direcionam para formas de “enquadramento dos corpos” (Butler, 2015), continuarei essa tarefa analítica em três notícias jornalísticas, e uma vídeo-entrevista, postagens em redes sociais (desdobramentos das notícias da plataforma 2 El país) cujos títulos e plataformas virtuais são apresentados sucessivamente: 1. *Haddad afirma que o “kit gay” será reformulado e lançado até o fim do ano. (Gospelprime)*. 2. *Cinco fake News que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro (El País/Brasil)*, 3. *Houve sim o Kit gay, eu era vice líder do governo, lembra Marcelo Crivella (BandNews)*, 4. *É fake que Haddad criou Kit gay para crianças de seis anos (Globo.com)*.

Antes das análises, farei um pequeno caminho genealógico sobre as *fake news*/(FNs) da campanha de 2018. O capítulo será dividido em duas seções. Na seção 3.1, descrevo como as falsas notícias influenciaram as eleições presidenciais com suas estratégias de produção de notícias, técnicas próximas ao modelo estadunidense de construção de “verdades”, que por sua vez baseou-se em um modelo russo durante a campanha de Donald Trump; Na seção 3.2 observo como as quatro notícias jornalísticas, mencionadas anteriormente, articulam: o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar.

As *fake news* que serão analisadas são dos anos: 2011 – notícia 01 (para entendermos qual projeto de educação estava em andamento naquela década, bem como mostrar como isso fazia parte de uma agenda transcontinental, pensando muito antes da campanha eleitoral de 2018). As outras notícias e vídeo-entrevista são dos anos 2018 e 2019 – notícias 02, 03, 04 – Nas quais tomarei como tarefa mostrar como a agenda transcontinental moralista se refletiu e foi performatizada nestas práticas discursivas, articulando afetos já mencionados no parágrafo anterior.

Antes da tarefa genealógica, gostaria de recorrer mais uma vez, a alguns pensamentos contidos na obra foucaultiana (2014; 2016), em relação ao corpo. Em suas obras as práticas discursivas são fundamentais para entendermos os modos como as coisas são regulamentadas, por meio de “técnicas” e de “tecnologias”. A regulamentação dos modos de vida, acontecem por meios (que seriam táticas) e por finalidades (que seriam suas tecnologias). Desse cruzamento surge a “tecnologia política do corpo”, que indica a forma como os desejos, forças

e singularidades são levadas a fins produtivos que resultam em corpos sociais úteis e dóceis – ainda que existam contínuas possibilidades de resistência diante dessa utilidade e docilidade.

A produção da docilidade dos corpos se faz por meio de um certo uso da linguagem, sua utilização é produtiva, e esse uso não toma apenas o significado como meio produtivo, mas antes todas as condições que permitem que determinados significados sejam mais validados que outros. O processo de produção se faz pelo poder, que “não está fora do discurso, o poder não é nem a fonte nem a origem do discurso. O poder é algo que funciona através do discurso, porque o discurso é ele mesmo, um elemento em um dispositivo estratégico de relações de poder” (Castro, 2016, p.120).

Observando a produção discursiva histórica na Revolução Francesa, e a criação do *Homo universalis*, juntamente com seu estatuto de direitos universais, Foucault (2013) avalia esse acontecimento como o grande momento “biopolítico”, onde o poder sobre os corpos ganhou sofisticação e técnicas discursivas mais eficazes que o castigo físico, o controle sobre os modos de vida, passaram a ser na “alma”, com maior profundidade e com alcance sobre “o coração, o intelecto, a vontade, as disposições” (p. 21), tendo em vista a produção de operários para as fábricas e a manutenção de um mundo onde o capital precisa de uma grande massa para sua sustentação; posteriormente, na história, veremos novas formas de produção subjetivas onde o corpo se “torna alvo de novos mecanismos de poder”, mecanismos que responderam a novas necessidades produtivas, nesse movimento de controle dos corpos a humanidade foi pouco a pouco, abrindo mão de ser “atravessado pelos espíritos animais”. (p. 123), em outras palavras a humanidade foi se encarcerando dentro da captura do saber-poder.

O controle de corpos permitiu inclusive que a escola moldasse dentro de sua arquitetura, corpos estudantis tomados como “naturais”, importante salientar que a ideia de natural aqui diz respeito ao ideário normalizador dentro da relação poder-saber, que idealiza corpos dentro de práticas discursivas, onde as origens dessa suposta normalidade são escondidas, apagada e principalmente agenciada pela norma da disciplina e pela norma da regulação. As análises das práticas discursivas presentes nas quatro notícias jornalísticas analisadas neste capítulo, tornarão mais explícitas: as táticas e tecnologias discursivas do biopoder (Foucault, 2016).

Tendo em vista a concepção de operação de poder supracitada, gostaria também de retomar a algumas nuances do pensamento do filósofo Nietzsche (2020) e marcar algumas das suas considerações em relação à linguagem, e ao modo como ela é resultado da necessidade de comunicação – bem como de acordos entre os seus utentes por questões de sobrevivência. Para

o filólogo alemão “Entre todas as forças que até agora dispuseram o ser humano, a mais poderosa dever ter sido a fácil *comunicabilidade* da necessidade, que é em última instância, o experimentar apenas vivências medianas e vulgares” (Mosé, 2011, p. 113). Para Nietzsche quando experimentamos as vidas reduzidas de potência, abrimos mão dos nossos instintos animais, e de alguma forma nos tornamos fracos.

Retomando a comunicabilidade como uma poderosa ferramenta diante da necessidade humana de sobrevivência, tomo as *fake news* como produtoras também de uma determinada forma de consciência, nos termos nietzscheanos “luta de forças”, que se quer central e reguladora dos corpos, acionando o afeto do ressentimento e culpa como táticas agenciadoras. Desse modo buscam criar nos corpos uma internalização de signos de culpa e de má consciência de si, no entanto esse processo de ação de fora para dentro, é definido na recente filosofia pós-estruturalista como um efeito produtor da/na linguagem – nesse ponto ampliando o pensamento nietzscheano, e sendo operado nesta tese pela genealogia foucaultiana.

A esquematização da linguagem é responsável pela produção do pensamento, que é reduzido à consciência - que em seu auge produtivo cria a ideia do eu, como possibilidade de controle sobre as próprias forças humanas e as forças em choque. Para Mosé (2011, p. 116), uma das intérpretes do pensamento nietzscheano na atualidade, “por baixo de cada pensamento encontra-se uma afecção. A função da consciência é exatamente afastar as paixões. Conhecer, ou tornar consciente, é reduzir um processo corporal a sinais, é simplificar a complexidade múltipla do que acontece”.

Tendo isso em vista considero como simplificação da experiência humana, em certa medida, também a noção de gênero, pois nos põe em caixas predeterminadas, com limites e previsibilidades, e por vezes, reduzidas as “vontades de potência”, no entanto a necessidade política dessa pesquisa, a de produzir ampliação de singularidades na vida social contemporânea, requer abraçar essa contradição e torná-la operante diante do regime heteronormativo, afirmando a multiplicidade de gêneros como inscrição do corpo fora de uma norma central e única.

Como já mencionei anteriormente, a genealogia foucaultiana não toma nenhum acontecimento como origem fenomenológica dos fatos, mas, acima de tudo, preocupa-se com as descontinuidades e lacunas, o que Foucault (2005) chamará de “carnaval”. Nesse “carnaval” o

corpo³⁵ opera duplamente como procedência: Registro dos acontecimentos passados, e instauração de novos modos de se fazer história e produzir uma herança para os corpos posteriores.

3.1 *FAKE NEWS* E PRODUÇÃO DE VERDADES: BREVE GENEALOGIA NA ATUAL POLÍTICA BRASILEIRA

Em 2016, nos Estados Unidos, vazaram *e-mails* com conversas entre a candidata Hillary Clinton e seu gerente de campanha, Jhon Podesta – um dos *e-mails* continha uma conversa entre o gerente e o dono de uma pizzeria de Washington, posteriormente um desses textos foi apontado como contendo conversas secretas, interpretadas como de teor pedófilo e denunciante de tráfico sexual entre o dono da pizzeria o partido da candidata Hillary Clinton. A conclusão dessa situação era totalmente subjetiva e poucas evidências factuais poderiam levar aos resultados divulgados, o acontecimento ficou conhecido como *pizza gate*.³⁶

As conclusões desse acontecimento eram resultado de uma interpretação de determinados signos, que iam de palavras contidas nos *e-mails* a pinturas de um pintor chamado Arrington de Dionysio contidas nas paredes da pizzeria. O pintor retrata corpos nus, cenas sexuais, e violência. Toda a movimentação interpretativa dos acontecimentos tinha as redes sociais como meio para a sua divulgação e pulverização. O fato é que o candidato adversário, Donald Trump, usou essas histórias com fins persuasivos eleitorais, chegando à vitória nas eleições dos Estados Unidos – posteriormente foi descoberto que suas empresas eram responsáveis por muitos disparos de notícias e recriação de narrativas de convencimento, de forma muito similar ao que aconteceu dois anos depois no Brasil, com o *kit gay* e mamadeira de piroca.

Alguns pesquisadores e pesquisadoras têm apontado para o fato de que tais práticas não são algo totalmente novo, como por exemplo: Malik (2017), Miller (2017), Morgan (2018), Vitor (2017) e Harrari (2018). Seus estudos apontam para o fato de que em momentos de decisões cruciais notícias falsas são produzidas com finalidades de disputa, no entanto o que

³⁵ Corpo não somente no sentido naturalista, mas como corpo social, lugar do “herkunft” (proveniência). “Sobre o corpo encontram-se as marcas dos fatos passados, nele nascem os desejos, as insuficiências, os erros, expressam-se as lutas” (Castro, 2016, p. 89).

³⁶ Sobre o evento é possível também lê-lo. Disponível em: [The saga of 'Pizzagate': The fake story that shows how conspiracy theories spread - BBC News](#). Acesso em 29 jan. de 2024.

Santaella (2020) aponta como novo, é o fato de como essas notícias são produzidas e distribuídas em tempos de celulares portáteis e outras mídias, para ela “o verbo, a imagem e o som, quase sempre juntos, são agora criados, compartilhados, aceitos, comentados ou atacados e defendidos de inúmeras maneiras, em diversas plataformas, por milhões de pessoas” (p. 31).

Mas antes dos celulares portáteis houve uma “escola” italiana, que segundo Da Empoli (2020) foi o modelo para a atual onda fascista e protofascista, que ameaça as democracias contemporâneas. O autor italiano refere-se aos fascistas italianos no fim dos anos 20 e suas propagandas políticas “A Itália demonstrou que existe uma maneira de combater as forças subversivas. Essa maneira consiste em chamar as massas a cooperar para defender a estabilidade da sociedade civilizada” (p. 33). O modo de atuação fascista na Itália produziu meios táticos capazes de conter e influenciar as pessoas com finalidades políticas. Lembremos a grande hipótese de Foucault (2014) em *A ordem do Discurso*: “o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual queremos nos apoderar” (p. 10).

Para Chapman (2017) na atualidade, assim como no passado, as notícias falsas (NFs), apresentam um percurso característico pautado em: desinformação, desconfiança e manipulação – que aparecem com frequência em muitas notícias vinculadas *on-line*, uma vez que o controle e a veracidade daquilo que é publicado é mais suscetível a enganos, que em outrora, dado o volume de notícias que circulam e a urgência em se saber sobre todos os acontecimentos que nos cercam.

No entanto, para fins de continuidade, preciso mencionar que a definição de *fake news*, que é adotada neste trabalho, está de acordo com Filho (2018): “toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e tenha sido forjada e/ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política” (p. 43). Neste trabalho não me atarei a aprofundar o conceito de verdade, uma vez que ao adotar a genealogia foucaultiana como modo produtivo/interpretativo de dados, ao longo de todo o trabalho de pesquisa, será possível perceber a verdade como “jogos de verdade” e como efeito discursivo sobre os corpos.

Barbosa (2019) mostra em suas reflexões e pesquisas sobre a guerra de narrativas, que desde 2014 Jair Messias Bolsonaro começou a construir relação de confiança com grupos, criando a sua estratégia política para as eleições de 2018, esses grupos de “amigos” e companheiros políticos recebiam *fake news* enviadas por ele, e as redistribuíam para outras tantas pessoas,

a prática seria um conjunto de ações com interesses próximos. Campos (2020), pioneira na denúncia e divulgação do esquema de distribuição de mensagens e *fake news* de Bolsonaro, denuncia algo ainda maior que era a destruição da imprensa oficial, apontando várias declarações e atitudes do político nessa direção, por exemplo: “você são uma espécie em extinção. Eu acho que vou botar os jornalistas do Brasil vinculados ao Ibama. Você são uma raça em extinção” (p. 167). A tática política era desacreditar a imprensa oficial e tornar as redes e mídias sociais locais confiáveis (Silva, 2021; Ribas, 2022).

Sobre manipulação, desinformação, e radicalização na política americana, Benkler (2018, p. 13) nos diz que “a viralização de mensagens no *WhatsApp* e sua conversão em voto depende do engajamento dos usuários no repasse de mensagens para que elas cheguem a outras pessoas e grupos específicos”. Vale ainda lembrar que “Assim como a política fascista ataca o Estado de direito em nome de combate à corrupção, ela também pretende proteger a liberdade e as liberdades individuais” (Stanley, 2020, p. 40). No entanto, a “defesa” das liberdades se pretende como defesa de uma heterossexualidade compulsória, que seria a ideia de que todos devem ser heterossexuais e estarem dentro de um regime de suposta normalidade, por sua vez definido como heteronormatividade, que pressupõe um modelo de organização de vida para todos em conformidade com o modelo heterossexual. Nesse contexto,

O regime sexo-gênero é para o corpo humano o que o mapa é para o território: uma grande política que define órgãos, funções e usos. Um marco cognitivo que estabelece as fronteiras entre o normal e o patológico. Assim como os países africanos foram inventados pelos acordos coloniais no século XIX, a forma e a função de nossos órgãos ditos sexuais foram resultadas dos acordos da comunidade científica estadunidense do período da Guerra Fria e de seus planos de manter os privilégios patriarcais e a organização social da reprodução heterossexual (Preciado, 2020, p. 280).

Muitos estudos em gênero têm buscado propor novas formas de existência e de convivência entre as diferenças. Proposições de resistências frente aos mecanismos de normatização dos corpos e micro movimentos de reinscrição dos modos de ser têm sido uma pauta constante nos objetivos de muitas pesquisas realizadas mais recentemente, especialmente os estudos em gênero, cujas temáticas envolvem práticas e discursos voltados para a escola, pois “a escola não é simplesmente um lugar de aprendizagem de conteúdo. A escola é uma fábrica de subjetivação: uma instituição disciplinar cujo objetivo é a normalização de gênero e sexual” (Preciado, 2020, p. 196), pelo menos assim foi organizada dentro de projetos políticos deterministas, cujo objetivo principal era a regulação dos corpos, não obstante é preciso ir além dessa afirmação.

Ao analisar narrativas de professoras/es/ies de escolas públicas, Alves (2021) observou que outras performances identitárias podem ser performadas nesses mesmos espaços escolares, fazendo surgir formas de resistência frente ao regime que se quer como único e como o natural, no caso a cisheteronormatividade, o seu caminho até os resultados também mostraram como as ações curriculares e as dissidências caminham paralelas na escola, produzindo também formas de resignificação das injúrias, alterando e (re)produzindo seu currículo.

Gostaria também de acrescentar a estas discussões os resultados da minha pesquisa de mestrado, na qual observei que “os estranhamentos às normas apontaram para formas de resistências, e de oportunidades para a escola e seus professores, por uma via contrária à escola descrita por Preciado, muitos corpos não foram “vigiados”, nem “punidos”. Seus corpos foram convidados a brilhar, como forma de resistência e de (des)educação, alguns corpos foram felizes, agruparam-se a outros corpos” (Menezes, 2019, p. 79), produzindo dessa forma novas formas de se ver e descrever a escola. Mostrando quão potente a escola também pode vir a ser.

Considerando que a resistência e a performance são armas potentes na possibilidade de resignificar a escola, entendo que o forte conservadorismo presente na política de 2018, buscava o retorno a um regime moral que começou a se modificar nas últimas décadas com mais força, e a família nuclear tradicional foi tomada como um “dispositivo restaurador da ordem pretendida”, no caso a ordem compulsória de regulação e generificação dos corpos.

É importante lembrar que a família patriarcal, tomada como modelo de conduta, está historicamente presente nas várias manifestações fascistas e protofascistas. O ideal da família tradicional faz parte de um imaginário coletivo e de segurança moral, que produz um conjunto de verdades. Para Foucault (2005), as sociedades produzem “regimes de verdade”, que são validados a partir de estatutos políticos, por sua vez fortalecidos pelos estatutos jurídicos e outros discursos que validam regimes normativos dentro da relação de poder-saber.

Os regimes de verdade são construídos e reconstruídos historicamente dentro de práticas e em relações dialéticas, formando, assim, o imaginário coletivo, tomado aqui não só como ficção, mas como um “conjunto de elementos pertencentes, ou característico da vida, social e cultural de determinado grupo social, povo ou sociedade” (Pesavento, 1995, p. 24). Dentro desse imaginário coletivo situo as guerras das narrativas e a maneira pela qual elas sequestram corpos.

Na guerra das narrativas políticas, há uma prática definida como *opposition research* (pesquisa de oposição), também conhecida como pesquisa *oppo*; essa prática foi originada nos

Estados Unidos e consiste em uma busca profunda na *Deep Web* por informações obscuras que possam desacreditar e manchar a imagem do candidato adversário. Normalmente essas pesquisas procuram informações omitidas ou desconhecidas da maior parte dos seus interlocutores. As informações podem ser biográficas, jurídicas, criminais, entre outras.

Para a produção das *fake news* no Brasil foi utilizada uma técnica russa de marketing chamada “firehose of falsehood” (Paul; Matheus, 2016), ou “mangueira de falsidade” um modelo de estratégia de *marketing* em que as notícias criadas são espalhadas como um jato d’água, que se tornou eficiente, pois permitiu que as notícias falsas chegassem primeiro a muitas pessoas, com isso ganhando espaço e credibilidade. Importante entender como foi o passo a passo do processo de criação, circulação dos textos.

Para demonstrar as técnicas utilizadas na fabricação das *fake news* para a campanha presidencial de 2018, usarei o manual da *RAND Corporation*³⁷, que é um centro de pesquisa criado durante a segunda guerra mundial com finalidade de discussão e disseminação de resultados sobre a política global, chamados de *think tank* criado por iniciativa do Departamento de Guerra dos Estados Unidos, mediante contrato com a *Douglas Aircraft Company*. A demonstração levará em conta a estrutura utilizada na produção de *fake news* e as observações de pesquisadores como: Bucci (2018), Da Empoli (2020) e Santaella (2019), que de modo geral, operam e interpretam as *fake news*, pensando em seus efeitos sensíveis e na forma como narram/produzem o mundo, na temporalidade dos acontecimentos. Agora, passemos às estratégias contidas no documento da *RAND Corporation*, conforme figura 06:

Figura 06: “The Russian firehose of falsehood”: modelo contemporâneo

Características distintivas do modelo contemporâneo da propaganda russa:

1. Alto volume e multicanal
2. Rápido, contínuo e repetitivo
3. Falta compromisso com a realidade objetiva
4. Falta compromisso com a coerência

(Paul; Matthews, 2016, p. 2 tradução minha)

³⁷ Paul, C. e Matheus, M. [The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It | RAND](#) Acesso em 16 de jun. de 2023.

Se há pouco tempo o grande veículo propagandístico era a televisão, especialmente porque as possibilidades de manipulação das notícias eram mais possíveis que nos meios impressos, uma vez que ela era o maior veículo de acesso da maior parte da população brasileira, temos agora com a propagação dos celulares, computadores e outras mídias um número vasto que produz, em grande escala, uma infinidade de textos multissemióticos e que circulam de forma rápida, e mais ou menos livre.

A pós-verdade permitiu uma sensação de negociação política com menos intermediação, onde todos podem pensar de “forma mais ou menos livre” (Barbosa, 2019, p. 13), as crenças têm movimentado o engajamento e repasse de notícias sem um trabalho prévio de examinar aquilo que se compartilha, ou se aprova em forma de comentários ou curtidas. Para essa mesma autora “O fenômeno Bolsonaro, que é parte de uma realidade mais ampla de ascensão da extrema direita, precisa ser entendido na esfera dos valores” (p. 20).

Na esfera dos valores, como já discutimos em outros momentos desta tese, a família tradicional entra como um ideal de defesa moral, todavia não há compromisso em associar essa “promessa” com a proposta política em defesa da vida, do não armamento do cidadão em um país violento, e da preservação das singularidades subjetivas. A promessa de restauração de velhos valores morais, não é associada à fabricação de mentiras, o princípio de aceitação das verdades impostas aparentemente nasce de um ideal puramente ascético, ou, como já discuti, de uma “moral escrava” (Nietzsche, [1887]2020)

Dentro do compromisso com a realidade objetiva, é preciso ter em vista o que aponta o dossiê da *Revista Usp* 116 (2018) sobre pós-verdade e a ingenuidade de crenças em um mundo verdadeiro: “O real é que tal mundo nunca existiu. A impossível e improvável expectativa de que um dia as notícias falsas desaparecerão não trará de volta o nirvana de uma verdade perdida que nunca houve”, todavia é preciso pensar em possibilidades de um mundo menos letal, misógino e homofóbico e fazer disso uma agenda de compromissos dentro da atualidade.

O livro *Cibercultura*, de 1997, do filósofo francês Pierre Lévy, já nos alertava para a importância de, na contemporaneidade, considerarmos a dimensão digital do mundo, preconizando um educar-se para a educação midiática, o que se faz urgente diante dos últimos impactos sociais, políticos e econômicos – que, em vias de disputas atuais, apontam para um neofascismo na ordem mundial, notando que a reatualização histórica desses fatos ganhou maior amplitude com o constante crescimento das redes sociais.

Cabe-nos lembrar também que entre as condições externas de articulação do discurso, apontadas por Foucault (2014), está a criação da oposição entre o verdadeiro e o falso, onde o poder organiza os corpos mascarando-os a partir de pares opostos como: corpos normais e anormais; corpos aceitos e não aceitos; aquilo que se pode e que não se pode; nesse jogo de articulação “chegou um dia em que a verdade se deslocou do ato ritualizado, eficaz e justo, de enunciação, para o próprio enunciado” (p. 15), tendo em vista isso fica fácil entender as estratégias 03 e 04 contidas na figura 06.

Figura 07: “The Russian firehose of falsehood”: produção e divulgação

O que importa na produção e divulgação de propaganda multicanal de grande volume?

1. Variedade de fontes
2. Número e volume das fontes
3. As opiniões dos outros, especialmente as opiniões daqueles que são semelhantes ao destinatário da mensagem.

(Paul; Matthews, 2016, p. 3 – tradução minha)

Considerarei, em minhas análises, como fonte não apenas aquelas clássicas como: discurso de autoridade, fontes históricas, comentários, *sites*, mídias etc, mas também, e principalmente, os usuários das redes sociais, que em si se constituem como um processo de ‘multissinoptia’, termo cunhado a partir de Pinheiro (2021), que cruzou os termos multissinóptico a partir de “poucos observam muitos’ (mote do panóptico); nem tão pouco o contrário, em que ‘muitos observam poucos’ (mote do sinóptico)”. Esse exercício de olhar e internalizar o valor das mídias, cria variadas possibilidades de pulverização de notícias, que se fortalecerão entre os “iguais”, ou que se articulam em busca de uma mesma vontade de verdade, em termos nietzscheanos entre o “rebanho”.

Em relação à “engenharia do caos”, termo usado por Giuliano Da Empoli (2020), a internet tem produzido mudanças consideráveis na política, algumas delas “imprevisíveis e irracionais, e que daí surge também uma tarefa de interpretação a partir de novos paradigmas, chegando a comparar essa tarefa a da mudança do pensamento da física newtoniana para a mecânica quântica, afirmando: “política quântica é plena de paradoxos: bilionários se tornam os

porta-estandartes da cólera dos desvalidos; os responsáveis por decisões públicas fazem da ignorância uma bandeira” (p. 176).

Em suas pesquisas em espaços midiáticos, De Fina (2020) tem observado que “os repertórios interativos, consistem em repertórios culturalmente familiares e linhas habituais de argumentação compostas de temas reconhecíveis e comuns” (p.99), bem como constata que na *internet* todos têm algo a dizer, porque há outros tantos que querem ouvir, é essa retroalimentação que tem produzido um volume nunca visto antes de textos, de todas as naturezas e para os mais variados fins. Essa previsibilidade aponta sentidos para a forma como os nossos desejos têm sido (re)produzidos.

Sobre querer e dizer e querer ouvir na *internet*, Dunker (2019) esclarece que esse é um dos “protocolos de funcionamento” em tempos de pós-verdade “é preciso saber, e de preferência de modo não ambíguo e rápido, o que o Outro quer de nós em determinada situação” (p. 26), para que esse nodo de funcionamento tenha sucesso, a nossa relação com o tempo é fundamental nesse tipo de interação, como somos bombardeados de informação rápida e volumosa o tempo todo, as nossas respostas interativas são, muitas das vezes aligeiradas, com criticidade pouco elaborada. Na verdade, temos produzido “ecos”, dentro de nossas bolhas, esses mesmos ecos têm levado as massas vocais a reproduzirem cada vez mais suas “certezas”, e cada vez menos o exercício da escuta.

Em relação ao número de pessoas com opiniões semelhantes, pode ser interpretado como um agrupamento de corpos em “resistência à sua expansão”, uma vez que toda semelhança, familiaridade, dominação são resultado de uma “luta desigual”, onde a “moral dos fracos” se vê dentro de um campo de previsibilidade, contornos definidos e agenciamentos. Para Nietzsche (2017):

Não se busca somente descobrir uma explicação da causa, mas sim se elege e se prefere um particular de explicações, aquela que dissipa mais rapidamente e em menor número de casos a impressão do estranho, do novo, do imprevisto [...] O banqueiro pensa imediatamente no negócio, o cristão no pecado, a cortesã no amor. (p. 45).

Os processos de familiaridade, são produtivos para a criação das identidades, uma vez que essa “fantasia” é necessária para o controle dos corpos, e para a criação de um corpo central, onde a partir desse se faça a possibilidade de maior controle, alguns exemplos disso seriam: a nacionalidade, o gênero binário, o gênero, os conceitos de direita e esquerda, a escola, o exército e tantos outros que possam trazer para “os fracos” (Nietzsche) alívio e estabilidade diante do

devir. Para Deleuze (2012, p. 92) “somos segmentarizados por todos os lados e em todas as direções. O homem é um animal segmentário”. A segmentaridade foi utilizada como um modo produtivo de notícias, onde uma massa de pessoas ia compartilhando e perpassando para a próxima massa, sobre o processo de resistência e das “linhas de fuga”³⁸.

Figura 08: “The Russian firehose of falsehood”: rapidez, continuidade e repetição

Por que a propaganda rápida, contínua e repetitiva é bem-sucedida?

1. As primeiras impressões são muito resilientes.
2. A repetição leva à familiaridade, e a familiaridade leva à aceitação.

(Paul; Matthews, 2016, p. 5 tradução minha)

Para Lewandowsky (2012), pesquisador da psicologia, as conclusões de seus estudos têm mostrado que se uma informação é tida como válida inicialmente, ela seguirá influenciando o julgamento das pessoas, ainda que sua falsidade seja provada. O processo de assimilação dessas notícias se dá por meio da repetição, uma vez que as pessoas são expostas ao que é dito por um volume grande de textos polissêmicos. Se pensarmos na “mamadeira de piroca”, é possível indexar muitos sentidos que esse signo traz, no contexto em que foi construído: amamentação, maternidade, nascimento, alimentação, crescimento, erotismo, felação, pedofilia, maternidade de anormalidade, abjeção... entre tantos outros.

As notícias falsas sobre o *kit gay* foram desde nos anos de 2010, construindo um imaginário coletivo em relação a um combate ao avanço de expressões e garantias de direitos da população LGBTQIAPN+, conforme assinalam Ortellado (2017), Solano (2017), Moretto (2017) e Junqueira (2017); os estudos mostram que a direita brasileira sentiu-se totalmente ameaçada em relação a avanços – muitos já mencionados nos capítulos anteriores dessa tese - os embates que antecederam o ano de 2018 foram essenciais para familiarizar boa parte da população em prol

³⁸ Sobre segmentaridade e linhas de fuga, conceitos deleuzianos, trabalharei de forma detalhada no próximo capítulo, que se dedicará a pensar os conceitos de resistência a partir de Gilles Deleuze e outros teóricos, definidos como pós-estruturalistas.

da luta pela preservação da “família natural”, e cada notícia falsa criada, somava-se, neste sentido, à essa “luta” em prol de um modo de vida visto como sagrado e natural.

De modo bem parecido e interligado, as lutas feministas vieram nos últimos anos ganhando mais espaços de visibilização no campo da batalha moral. Para Ribeiro (2018, p. 105) “nós feministas estamos tendo os nossos discursos moldados pelos interesses do capital, a partir do momento que eles passaram a se tornar de alguma forma “pop””. Aqui, tomo o termo *pop* para marcar a forma como as diversas pautas de luta foram adentrando nas discussões mais diversas, produzindo uma certa “familiaridade” com os termos, para assim combatê-lo. A mesma familiaridade, que tem produzido discursos de ódio, disseminação de notícias falsas, produção dos mais diversos tipos de violência. Passemos a figura 09:

Figura 09: “The Russian firehose of falsehood”: percepção da realidade

Como a propaganda enfraquece as percepções da realidade?

1. As pessoas julgam mal de informações verdadeiras versus falsas – e não se lembram necessariamente que determinadas informações eram falsas.
2. A sobrecarga de informações leva as pessoas a tomar atalhos para determinar a confiabilidade das mensagens.
3. Temas ou mensagens familiares podem ser atraentes, mesmo que sejam falsos.
4. Pistas periféricas – como uma aparência de objetividade – podem aumentar a credibilidade da propaganda

(Paul; Matthews, 2016, p. 7 tradução minha)

No quadro acima, torna-se importante observar que foi a partir do modelo da notícia jornalística tradicional, que foram produzidas as FNs. Ainda que tenha havido na campanha governamental de Bolsonaro, forte empenho ao descrédito da imprensa tradicional e factual, é somente porque ainda acreditamos no jornalismo tradicional, que as FNs passaram a ser também acreditáveis e sua estrutura textual se ancora/aproxima do modelo das notícias jornalísticas.

Para Vicente e Melo (2020), que se dedicaram a investigar “o fenômeno das *fake news* a partir da compreensão de sua forma e função enquanto um gênero.” (p. 566), a pesquisa percorreu o caminho metodológico na perspectiva bakthiniana e na perspectiva discursiva foucaultiana, relacionando-a com o conceito de verdade e de efeitos sociais discursivos das FNs. As

autoras chegaram à conclusão de que as *fake news* são um gênero textual, a partir de critérios como: forma estrutural, propósito comunicativo, conteúdo.

As pesquisadoras, com base em Marcurschi (2008), apontam que apesar de os textos *online serem* gêneros emergentes, eles aceleram a “evolução dos gêneros” (p. 568), uma vez que possibilitam novas formas de interação, circulação – produzindo efeitos sobre esse mesmo gênero textual. A pesquisa problematiza também a partir de Bakhtin (1997) que vê textuais os gêneros mais próximos da estabilidade dos discursos em suas três dimensões: conteúdo temático, construção composicional e estilo; mas é em Foucault que tudo isso ganha amplitude ao trazer para as práticas discursivas a relação poder-saber e a “vontade de verdade”.

O conceito de “vontade de saber” é para Foucault (2014) essencial para entendermos esse mecanismo de produção do verdadeiro e do falso, uma vez que nessa estratégia estariam presentes procedimentos para conjuração de poderes, de uma certa ordem histórica e de autoridade.

Certamente, se alguém se situa no nível de uma proposição dentro de um discurso, a separação entre o verdadeiro e o falso não é nem arbitrária, nem modificável, nem violenta. Mas se situa em outra escala, se se coloca a questão a saber qual foi, qual é constantemente, através de nossos discursos, essa vontade de verdade que atravessam os séculos da nossa história ou, qual é, em sua forma mais geral, o tipo de separação que rege nossa vontade de saber, então, talvez, se possa ver esboçar-se algo assim como um sistema de exclusão (sistema histórico, modificável, institucionalmente coercitivo (p.15).

Se a “vontade de saber” pressupõe certos corpos, certas sexualidades e certos gêneros como verdadeiros e legítimos, aí se constitui uma vontade de verdade institucionalizada historicamente pelo discurso científico, pedagógico, médico etc. Colaboram nesse sentido: as práticas pedagógicas de controle dos corpos, postulados, manuais e tantas outras táticas de exercício coercitivo do/pelo discurso. O verdadeiro e o falso são também exteriores ao que é dito, se há outras verdades, são mascaradas por tudo aquilo que é validado na tradição. Daí torna-se mais claro entender por que a maior parte das FNs, tiveram como assunto recorrente os corpos dissidentes e fora do regime de corpos heteronormatizados – uma vez que os corpos dissidentes são vistos historicamente como “anormais” (Foucault, 2014).

As táticas das propagandas e notícias falsas, no modelo russo, não tem uma preocupação com a consistência, a “verdade” ela vai sendo produzida a partir da circulação dos textos, ganhando contornos a partir da moralidade, do ideal ascético, dos interesses econômicos, e na atualidade por meio de plataformas digitais, que multiplicam as formas e suportes textuais. O

verdadeiro e falso são produzidos por endogenia pelas técnicas de repetição, volume e multimodalidade textual.

Santaella (2020), ao explorar o caráter ambíguo da linguagem, que toda carrega em algum grau, afirma ao pensar o verdadeiro e o falso na pós-verdade:

a relação entre a linguagem e aquilo que ela se refere pode variar, principalmente, entre ser uma relação de possibilidade, uma relação existencial ou factual e uma relação de lei ou baseada em convenções, o que traz consequências para o seu modo de significar e de ser interpretada (p. 69).

Pensando por outro caminho, não referencial e/ou representativo do caráter da linguagem, gostaria de pensar que as *fake news* produzem verdades, ou jogos de verdade, a partir de informações falsas, manipuladas ou incompletas. Essa produção como performance e “ato de fala”, reafirmam a trajetória de produção dos nossos corpos, desse modo a verdade que se quer tem um contorno já predefinido na moralidade e em regimes sociais mais ou menos cristalizados socialmente por certos grupos privilegiados.

Elas são produzidas a partir de um regime de vigília e punição dos corpos dissidentes, elas convocam brasileiros e brasileiras para uma luta de combate a esses corpos, principalmente porque o gênero ancora outros marcadores sociais que precisam também ser monitorados, punidos e capturados pelo poder, que atua como um grande polvo de inúmeros tentáculos. E na era da “política quântica”, como afirmou Da Empoli (2020): “o direito de se contradizer e ir embora, que Baudelaire invocava para os artistas, virou para os novos políticos, o direito de contradizer e permanecer, sustentando tudo e seu contrário” (p. 176). A figura 10 mostrará como funciona essa estrutura contraditória:

Figura 10: “The Russian firehose of falsehood”: Sucesso e contradição.

Como pode a propaganda ter sucesso ao disseminar mensagens contraditórias?

1.As pesquisas sugerem que a inconsistência tem um efeito deletério sobre a persuasão, mas o público ignora contradições em certas circunstâncias, como uma razão convincente para uma mudança de opinião.

2.Potenciais perdas de credibilidade devido à inconsistência podem ser compensadas por sinergias com outras características de sucesso da propaganda, como pistas periféricas eficazes.

(Paul; Matthews, 2016, p. 8 – tradução minha)

Para entendermos a “consistência” de algumas FNs é preciso que pensemos como a vida moderna e a automatização na contemporaneidade requer produção de emoções, mais uma vez cito Da Empoli (2020, p. 149), *autor de Engenheiros do caos*: “os candidatos tradicionais, moderados, perderam o bonde dos avanços tecnológicos e também a capacidade de proporcionar emoções ou diversão a seus eleitores “; por outro lado candidatos extremistas têm provocado em seus leitores ressentimentos e ódio em grande escala, dando força as guerras de narrativas e aos discursos de ódio.

Na produção dos discursos de ódio são criados e identificados os “inimigos” do progresso, normalmente associados a um pânico moral, e uma guerra constante nas redes sociais. Singer (2019) identifica esse fenômeno do populismo e das técnicas políticas na atualidade como *Like War: The Weapolization of Social Media* [Guerra das curtidas: a armamentização das mídias sociais], para ele “Social media algorithms work by drawing attention to content and trends on their networks, even (and especially) When people are outraged by it”³⁹(p. 209).

A produção de algumas emoções no campo político (assim como em outros campos), marca o corpo como local de dinâmica do poder, onde os discursos produzem a partir de seus “regimes e jogos de verdade” (Foucault, 2016) as identidades, as mesmas identidade que produziram por meio da “armamentização das mídias sociais” uma certa ideia de convencimento político e de imagens míticas de determinados candidatos, no caso de 2018 o presidente eleito Jair Messias Bolsonaro – que era uma promessa contra a corrupção na política brasileira.

Ainda que a imprensa tradicional paralelamente mostrasse algumas contradições históricas no candidato citado anteriormente, a internalização de uma vontade de correção moral pareceu ser mais forte, a grande tarefa era a fabricação do ódio em relação à alteridade, que é um traço do fascismo contemporâneo. Nesse sentido, penso que um ressentimento internalizado em relação às sexualidades e aos gêneros desviantes da norma, apontaram e indexalizaram uma luta moral, que cria inclusive a “coerência” necessária aos indivíduos envolvidos nessa luta do discurso-ação.

Em *A vida psíquica do poder*, Butler (2017) problematiza a materialidade discursiva a partir das ações, e de como seus efeitos produziram/produzem os sujeitos, dentro de um construtivismo social e propõe a (des)construção – para que uma sociedade não idealizada e

³⁹ Tradução: “Os algoritmos nas mídias sociais funcionam atraindo a atenção para conteúdos e tendências em suas redes, mesmo (e especialmente) quando as pessoas estão indignadas com isso”

essencializada seja pensada a partir da ação linguística e não a partir de uma “gramática da verdade” – que cria a ideia de um sujeito pré-discursivo.

O sujeito que se faz na ação discursiva é importante porque materializa, um conjunto de efeitos, os efeitos psíquicos do poder (Butler, 2020) - sua dimensão interna e externa, dessa maneira o que torna as *fake news* validas para uns e para outros não, e a importância que se dá a seus efeitos, dentro de fins específicos e as formas interpretativas daquilo que está sendo dito, associados a certos valores morais e éticos, como forma de operação na vida. Importante frisar, que aos grupos políticos na atualidade cabe muito mais promover suas condições de circulação, uma vez que não estamos totalmente subordinados ao poder sem “linhas de fuga” (Deleuze, 1992).

A associação de texto escrito e de imagens nas *fake news* ajudam a produzir a sua consistência - dentro de um horizonte de ação linguística/subjectiva - ou captura de parte dessa verdade, e abandono de outras partes, daquilo que se quer trazer para dentro do contexto e daquilo que se quer deixar fora dele. Uma vez que as nossas interpretações são resultado do modo como a cultura na qual estamos inseridos, nos ensina a “ver” o mundo. Para Cope e Kalantzis (2020, p. 227):

Além disso, a forma de uma representação, não importa quão literal pareça à primeira vista, nunca pode esgotar seu significado – muito menos sua interpretação, que será ainda mais poliforme. Portanto, essa distinção entre o icônico e o anti-/irônico nunca é tão clara. Existem apenas diferenças nas culturas de transposição de objeto, corpo e espaço para texto ou imagens, em que algumas possibilidades são favorecidas, outras não são usadas ou passam despercebidas, outras ainda são proibidas⁴⁰ (tradução minha)

Em tempo de redes sociais e de grupos de *Whatsapp* o texto multimodal é altamente produtivo, porque pode se constituir de forma e em gêneros textuais diversos, mais rápidos e de mais fácil circulação e percepções múltiplas podem ser acionadas para interesses próprios. A circulação e multiplicação de ideias produzirá as problemáticas sociais, muitas delas

⁴⁰ “Besides the form of a representation, no matter how “literal” it seems at first glance, can never exhaust its meaning – let alone its interpretation, which will be even more polymorphous. So this distinction between the iconic and the anti-/iconic is never so clear. There are just differences in the cultures of transposition from object, body, and space text or images, Where some affordances are favored, others unused or unnoticed, still others proscribed”.

percebidas e interpretadas a partir de interesse individual e e/ou de grupo, tornando-se assim uma percepção agentiva e intencional.

O interesse dessa tese nasce da interpretação desse evento e de uma necessidade de sua compreensão como evento político, bem como efeito discursivo sobre os corpos, se lança também como uma possibilidade de evitar futuros deslizos e ameaças a regimes democráticos, ainda que as minhas conclusões pessoais apontam a democracia como um regime a ser alcançado. Para essa finalidade é preciso não perder de vista que: “aquilo que se entende por discursos verdadeiros ou falsos passa por um processo de validação chancelada por instâncias que o legitimam” (Pinheiro, 2021, p. 8).

Na seção 3.2 analiso três notícias jornalísticas, um vídeo entrevista, postagens em redes sociais que mencionam três NFs populares de campanha, buscando pistas indexicais sobre a moralidade que legitimou as notícias analisadas, ligando-as ao segundo objetivo específico desta tese, qual seja: Observo como o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar, que será observado nas manchetes jornalísticas: 1. *Haddad afirma que o “kit gay” será reformulado e lançado até o fim do ano. (Golpelpreme)*. 2. *Cinco fake News que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro (El País/Brasil)*, 3. *Houve sim o Kit gay, eu era vice líder do governo, lembra Marcelo Crivella (BandNews)*, 4. *É fake que Haddad criou Kit gay para crianças de seis anos (Globo.com)*.

Recentemente, em seu livro *Tecnodiversidade* Yuk Hui (2020) afirma que vivemos em regime tecnológico unilateral, o pesquisador em filosofia e tecnologia propõe maior diversidade, em suas palavras “multiplicidade de cosmotécnicas”. Afirma ainda que passamos por um processo atual de “derretimento” do mundo, onde estamos vivendo as contradições da ‘consciência infeliz’⁴¹. Com isso nos questiona como o ocidente conseguirá manter a sua supremacia e “globalização unilateral”? E nos aponta questionamentos, que mostram possibilidades de uma nova construção de mundo.

41 Machado, Aline Eduardo, 1986, em sua dissertação *Sobre a atividade da Consciência infeliz na fenomenologia do Espírito de Hegel*, afirma “consciência infeliz” é uma denominação hegeliana referente a uma consciência religiosa que se cinde em duas; um destes seus lados, ela aliena de si e tem por sua essência que reside no além, o Imutável; ao outro lado, ela mesma, assevera como o Mutável, inessente, residente no aquém. Toda a sua atividade resume-se a unir isto que ela põe como o infinitamente desunido, a saber, ela e sua essência, pois a consciência ainda não é ciente de que esta essência que ela opôs a si mesma nada mais é do que ela mesma.

Esta tese também pretende contribuir para futuras mudanças, cujo momento requer questionamentos sobre novas formas de ser/não ser/estar no mundo, mais precisamente em um mundo onde a tecnologia é responsável por grande parte das nossas subjetivações e modos de existência na atualidade, um mundo em crise, a crise como natureza cambiante e própria do devir, mas que não deixa de lado a convocação das pluralidades discursivas. Nessa tarefa a filosofia pode em muito contribuir:

A filosofia é essencial para as revoluções, segundo Condorcet, já que, com um único golpe, ela altera os princípios básicos da política, da sociedade, da moralidade, da educação, da religião, das relações internacionais e da legislação. Essa concepção da filosofia deve ser voltada à questão do pensar uma nova história do mundo. Talvez devêssemos atribuir ao pensamento a tarefa oposta àquela que lhe é oferecida pela filosofia iluminista: fragmentar o mundo de acordo com o diferente, em vez de universalizá-lo através do mesmo; induzir o mesmo através do diferente, em vez de deduzir o diferente a partir do mesmo. Um novo pensamento histórico-mundial precisa emergir diante do derretimento do mundo (HUI, 2020, p. 46).

O “derretimento de mundo”, refere-se aos ideais iluministas de universalização, que começam a ser fortemente questionados frente ao crescimento tecnológico na atual modernidade, onde “Máquinas dotadas de poder de análise e de dedução estão ultrapassando a capacidade cognitiva humana. Tecnologias enraizadas no pensamento iluminista estão tomando o lugar da filosofia que, na origem, foi o princípio fundamental delas” (p. 48); diz ainda o autor que “foram as tecnologias militares e náuticas, que permitiram aos poderes europeus colonizar o mundo, levando ao que agora chamamos de globalização” (p. 50), nesse sentido interpreto que os novos espaços midiáticos podem ser comparados, em análises mais detalhadas desse trabalho de pesquisa e em futuros trabalhos, como novos espaços de (des)colonização, mais especificamente de (de)colonizações sexuais e de gêneros.

3.2 “JOGOS DE VERDADE” EM QUATRO NOTÍCIAS JORNALÍSTICAS

A primeira das notícias analisadas *Haddad afirma que o “kit gay” será reformulado e lançado até o fim do ano. (Gospelprime/ 28/05/2011)*, está associada um portal de conteúdos cristão focado em notícias, estudos bíblicos e colunas de opinião, cujo site é <https://www.gospelprime.com.br>, fundado em 2008 como uma empresa privada. Sua fundação se aproxima de um momento crítico na política brasileira que seriam os anos de 2010 e 2011, em que a

implementação do programa *Brasil Sem Homofobia* (Brasil, 2004), consolidava um programa de combate e garantia de direitos à população LGBTQIAPN+.

No entanto, o programa havia sido pensado anteriormente em 2004, após as recomendações da Conferência de Durban, que criou o Conselho Nacional de Combate à Discriminação (CNCD) e promoção da cidadania homossexual, conforme definição da época. Após os anos de 2010, começa a provocar uma série de incômodos e movimentações discursivas, entre estas a circulação da alcunha de “kit gay”, boa parte do pânico moral vinha da bancada evangélica e de outros setores conservadores da sociedade, o que inclui católicos e tantos outros grupos religiosos, ou não.

As religiões neopentecostais foram as que mais impulsionaram o crescimento da pauta moral conservadora, uma vez que entre os seus princípios religiosos está a “confissão positiva”, termo que ensina que uma vida medíocre do cristão é um indício de falta de fé e que os crentes devem buscar sucesso, saúde e prosperidade material (Bowler, 2013, p.73). Essa busca pela “prosperidade” levou muitos eleitores a acreditarem nas promessas de campanha de Bolsonaro no ano de 2018, visto como um candidato que poderia representar os seus pares, de certo modo foi criado politicamente para essa finalidade.

Não obstante ao analisar o protestantismo brasileiro Burity (2020), alerta-nos para alguns resultados (não conclusivos) de seus estudos, apontando, na história desse grupo, muitas lacunas e convencionalismos. Quando os representamos em nossas pesquisas acadêmicas, normalmente fazemos de forma universalista e estereotipada – no Brasil, segundo ele, há forte tendência a um *ethos* hegemônico. Lanço mão aqui de algumas de suas conclusões, que a meu ver, tem profunda relação com a concepção genealógica foucaultiana de operação poder-saber.

Em *Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil*, o pesquisador aponta fatos relevantes sobre os evangélicos em nosso país: a) “a ideia de itinerário não deve ser pensada como o desdobramento de uma potencialidade já presente ou oculta na sua origem” (Burity, 2020, p. 211), uma vez que a caminhada desse grupo no país é diversa e a homogeneização de qualquer grupo, seria no mínimo equivocada e insuficiente para dar conta das complexidades que envolvem sua representação; b) Há três possibilidades de direção; 01) passagem da condição de subalternidade e marginalidade “para uma ascensão minoritária compatível com as demandas por inclusão e justiça para os/as subalternos/as” (p. 212); 02) “passagem da hegemonia da representação assumida pelas igrejas históricas para a hegemonia da representação assumida pela maioria pentecostal” (p. 212), por fim: derrota interna do protestantismo histórico, em

favor de um projeto, dirigido por “um elite parlamentar e pastoral, de caráter reativo, regressivo e de alinhamento com um crescente movimento de direita religiosa e política que retira muito da especificidade evangélica brasileira do referido projeto” (p. 212). O caráter reativo, nesta tese, tomo como uma aposta de produção interpretativa de dados de pesquisa.

Vejamos um quadro demonstrativo (no texto de origem *tabela 05*, nesta tese Figura 11), que aponta a presença dessa “elite parlamentar pastoral”, para mais à frente entendermos como esse grupo foi fundamental e decisivo para a consolidação de uma agenda moral.

Figura 11: eleitorado e manifestação de fé na política de 2018.
TABELA 5. Distribuição do eleitorado por religião 2018

Religión	Votos de Bolsonaro	Votos de Haddad	Diferencia
Católica	29.795.232	29.630.786	164.446
Evangélica	21.595.284	10.042.504	11.552.780
Afrobrasileñas	312.975	755.887	- 442.912
Espírita	1.721.363	1.457.783	263.580
Otra religión	709.410	345.549	363.862
Sin religión	3.286.239	4.157.381	- 871.142
Ateo y agnóstico	375.570	691.097	- 315.527
Total de votos	57.796.074	47.080.987	10.715.087

Fonte: (Burity, 2020, p. 164)

A presença de um eleitorado majoritariamente religioso, foi decisivo para a aprovação de uma agenda política moral e moralista, bem como de temas fascistas como “Deus, Pátria, família”, ou de cunho marcadamente religioso “Deus acima de todos”, estes temas agenciaram o leitor necessário e decisivo para as eleições de 2018, que se via como guardiões da moralidade e de uma ação contra corruptiva na política brasileira, os lemas da campanha de Bolsonaro apontam para uma repetição dos mesmos efeitos discursivos nos EUA com “Make America great again”, em que o candidato Donald Trump reacendia a nostalgia branca cristã estadunidense, “a América era ótima quando era uma nação cristã, mesmo que a própria ideia da América como nação cristã se apoie em fundamentos históricos e teológicos instáveis” (Burity, 2020, p. 178).

Agora, retomo ao ano de 2011, mais precisamente 28/05/2011, e movimento a análise das indexicalidades encontradas na notícia jornalística, que prenunciava, há mais de uma década, um assunto que seria ainda mais polêmico no ano de 2018: o *kit gay*. As análises levaram em conta toda a notícia, e de que forma os “jogos de verdade” puderam se constituir dentro de

uma prática discursiva situada, como veremos na figura 12 e no corpo da matéria, cujo portal *Gospelprime* não nomeia uma autoria, no entanto indica que as informações são veiculadas e fornecidas pela revista *Veja*.

Figura 12 – notícia vinculada no site *Gospelprime* em maio de 2012.

SOCIEDADE

Haddad afirma que o “Kit gay” será reformulado e lançado até fim do ano

Apesar da suspensão da presidente Dilma, o ministro da Educação planeja entregar o controverso material para alunos do ensino médio

Fonte: [Haddad afirma que o "Kit gay" será reformulado e lançado até fim do ano \(gospelprime.com.br\)](http://gospelprime.com.br). Acesso em 30/05/2023

A matéria está ancorada em uma seção chamada sociedade, o que nos leva a pensar que esse é um assunto de interesse geral, e cuja aproximação de uma certa verdade factual jornalística deveria ter sido preservada, uma vez que o assunto é de interesse comum. Desse modo, opiniões distorcidas, vagas e/ou enviesadas, podem produzir efeitos nocivos, em especial à população a que se destinava o projeto *Brasil Sem Homofobia*, que historicamente tem sido, de forma geral, vilipendiada e posta como alvo de violências simbólicas e carnais⁴².

Importante mostrar em mais uma análise desta tese, como a imprecisão está sempre presente na nomeação do programa *Brasil sem homofobia*, a palavra *Kit* e *kit gay* desde o início das discussões sempre foram os termos utilizados para se fazer referência ao programa noticiado, como já discutimos nos capítulos iniciais, pondo aquilo que se fala no local genérico, pouco explicativo e de interpretação obscura. Uma vez que os termos em questão se referem,

⁴² O termo carnal refere-se ao conceito de “carne” (Foucault, 1994), onde a carne é a subjetividade do corpo, tomada como território cristão, local de purificação e onde o(s) desvios se manifestam pelo desejo, dessa emergência surge também a punição, a vigília e o controle. Para Silva (2019), em *Quanto dizer é violentar* “a linguagem pode fazer coisas, está na base de boa parte das teorias pragmáticas e discursivas dos estudos de linguagem, de modo mais ou menos pacífico, mais ou menos explícito.” (p. 199)

segundo o dicionário Aulete, respectivamente a “conjunto de peças agrupadas em embalagem única”, e “que sente atração por e/ou tem relações sexuais com pessoas do mesmo sexo”. Toda essa imprecisão a serviço de determinadas ações políticas que abjetam os corpos que estão fora da cisnormatividade, bem como silenciam as nossas singularidades.

As nomeações do material que compôs a política pública do MEC, foram identificadas na notícia do *Gospelprime* das seguintes formas: “kit gay”, “kit” (apareceu por cinco vezes na curta notícia), “kit anti-homofobia”, “controverso material”, “assunto de ordem comportamental”, e “projeto”, sem nenhuma menção explicativa sobre seus objetivos e finalidades, bem como o fato de que ele era resultado de um compromisso de 2004, resultado de uma agenda inclusiva, ainda que caibam nessa inclusão algumas problematizações.

Dentre algumas problematizações, acho importante corroborar com Ribeiro (2018, p. 105), quando faz uma relevante reflexão sobre os caminhos longos que ainda temos a enfrentar:

Há uma *nostalgia colonial* – também por parte da esquerda – que insiste na separação das pautas de gênero e raciais como pontos importantes dos seus projetos, citando temas de forma superficial e constantemente paternalistas, deixando nítidos o seu mofo colonial e esquecendo que as opressões de gênero e raça são estruturais e estruturantes para a configuração social nacional e mundial. Portanto, não há avanço sem reconsiderá-las e sem projetos que as coloquem como cerne das questões.

Assim como a notícia não diz de fato a finalidade do projeto, ela apaga também a sua recente trajetória, a forma como aconteceu a sua construção coletiva e os dados sociais que levaram à construção do material formativo para professores, importante lembrar que o Brasil ainda é o país mais perigoso do mundo para população LGBTQIAPN+, segundo relatório da *Agência Brasil*, em 2022 “foram 242 homicídios – ou uma morte a cada 34 horas -, além de 14 suicídios”.⁴³

Os termos supracitados indexalizam a “agenda moral” cristã na política, que tem como eixo principal retomar princípios e valores contra a população fora da cisnormatividade, é uma luta cujas armas são principalmente a fé nos princípios de normalidade daquilo que se entende como vidas legítimas naturais. Essa agenda foi ao longo da última década ganhando força e

⁴³ A pesquisa é feita há 43 anos e revela a cultura do ódio contra a população LGBTQIAPN+, na sociedade brasileira. O levantamento do Grupo *gay* da Bahia mostra também que as regiões Nordeste, Norte e Centro-Oeste têm praticamente o dobro de mortes LGBTQIAPN+, em relação à média registrada nas regiões Sul e Sudeste do país. Disponível em: agenciabrasil.ebc.com.br

respaldo no congresso nacional. No trecho em que a notícia fala da suspensão anterior do projeto, fica claro como a força que impulsionou tal ato veio da “bancada evangélica”, aquela parte de evangélicos que, como afirma Burity (2020), deixou de lado outras representações desse grupo de pessoas.

É importante lembrar que também em 2011, aconteceu o I Congresso de Ideologia de gênero na cidade de Navarra, promovido por grupos católicos conservadores. O aparecimento desse termo foi importante para fortalecer a socialmente a empreitada sobre os corpos, uma articulação entre grupos cujas fés, historicamente, se constituíram como antagônicas, teriam a partir de agora uma causa comum. Junqueira (2018, p. 456) observa que “especialmente entre a primeira e a segunda décadas dos anos 2000, o sintagma “teoria/ideologia de gênero” e suas variações espraiaram-se na forma de um poderoso *slogan*, inflamando a arena política em todos os continentes”, chegando a listar dezenas de acontecimentos orquestrados em prol da agenda moral. Entendo que os termos *kit gay* e mamadeira de piroca, são também resultado de processos indexicais e performativos na linguagem.

Volto a pensar na força da bancada evangélica e marco algumas expressões e passagens da notícia analisada: “depois da **pressão**”, “**ameaçando** até convocar o Ministro da Casa Civil”, “A decisão da presidente é que **de agora em diante** todo o assunto de ordem comportamental **terá que passar por** uma análise pela Secretaria Geral da República”, para mostrar como os atores em questão tinham plena consciência do seu poder, inclusive por meio da chantagem e de denúncias que poderiam ser validadas dentro da própria máquina pública, citam o Antônio Palocci como um desses meios para conseguir que a presidente recue. As técnicas discursivas da ordem discursiva mencionadas por Foucault (2014) ganham aqui transparência e força como “atos de fala”, e abrem caminho para pensarmos os modos como o Discurso⁴⁴ nos toma e produz efeitos em nossos corpos, que registram seus resultados e produzem novos efeitos em cadeia.

Para alguns estudiosos como Almeida (2019), Alonso (2019), Camurça (2019), Fausto (2019), Mariano e Geraldi (2019), a eleição de 2018 encontrou adeptos em sua proposta porque, no Brasil, os mal-estares social e econômico funcionaram como alavancadores de uma ordem que se queria, que se pretendia com a proposta de Jair Bolsonaro. Ao final da notícia são mencionados os valores e o custo do projeto, e quando se dá algumas pistas de como ele

⁴⁴ Discurso com letra maiúscula refere-se a perspectiva de Gee (1999, p.15), refere-se às ideologias, às formas de estar no mundo e a conhecimentos. Quando escrito com letra minúscula à linguagem em uso.

aconteceu, o que fica evidenciado é quanto isso economicamente custaria aos cofres públicos, “1,8 milhão iniciais” (descritos nas palavras do próprio Haddad), deixando inclusive de entender que a população LGBTQIAPN+ é parte da nação e os custos de um programa de proteção e inclusão cidadã, deveriam ser interpretados como aplicação de recursos e não com a ideia de desperdício movimentado por um ministro rebelde, como fica implícito na condução da notícia.

A ideia de construção discursiva de um ministro da educação “desobediente”, parece apontar para uma tentativa de um projeto de governo desencontrado (PT), de um ministro que não está comprometido com o valor econômico de “seu” projeto, nem com as decisões da presidenta. As expressões, no último parágrafo da notícia, que descrevem o passo a passo do Brasil sem homofobia: “produção”, “gastos com pesquisa”, “produção e gravação de vídeos”, e por último “além de realização de seminários para treinamento de 200 pessoas até o final de 2010”, produzem uma ordem de indexicalidade que podem levar à defesa de argumentos puramente econômicos.

Ao final da notícia, é possível ainda visualizar outras formas de indexicalização da agenda moral, uma vez que o leitor *on-line* é convidado à leitura de outras matérias semelhantes, na sessão Confira também cujos títulos são: 1. Pensando nas eleições municipais, PT quer aproximar ministro dos padres da capital paulista; 2. Alunos do Acre são obrigados a ver os vídeos do “kit gay”; 3. Bancada evangélica fez o correto ao trocar suspensão do kit gay por omissão no caso Palocci? Opine!; 4. Minha consciência não está à serviço de Dilma Rousseff, afirma Magno Malta; 5. Após pressão de evangélicos, Dilma Rousseff manda suspender kit gay; 6. Evangélicos ameaçaram convocar Palocci para vetar distribuição do Kit gay.

Não há como ignorar o fato de que a disposição das outras notícias, seus conteúdos sinalizam um projeto moralizante de país, em grande parte sob o controle de alguns grupos evangélicos, e que a produção discursiva destes grupos é uma maquinaria muito bem projetada, cujo resultado em outubro de 2018, com a vitória de Bolsonaro mostra os caminhos sombrios e retroativos que estamos expostos na atualidade, ao mesmo tempo a situação descrita serve para nos mostrar como a elite brasileira tem se apoderado de determinados grupos para movimentar afetos, principalmente o ressentimento e a culpa e impulsionar FNs.

Sete anos depois, as cinco principais FNs de campanha da direita brasileira fazem menção a temas como: 1. O kit gay e a distribuição para crianças de 06 anos nas escolas públicas de São Paulo; 2. O homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com

Lula; 3. A senhora agredida por ser eleitora de Bolsonaro (na verdade era a atriz Beatriz Segall); 4. Haddad defende o incesto e o comunismo em um de seus livros e 5. Se Haddad chegar ao poder, pretende legalizar a pedofilia. Os cinco temas principais foram responsáveis pelos disparos de FNs em *whatsapp* na reta final de campanha, especialmente no segundo turno outubro/2018.

Ao analisarmos a próxima notícia jornalística, ficará muito mais evidente a força que ganhou a agenda moral e sua técnica de distribuição de discursos de ódio, que quase uma década depois, servirá também de ilustração aos quadros que analisamos no início desse capítulo da *RAD Corporation* que mostram como a “mangueira de falsidade” tem grande potência para espalhar efeitos discursivos e produzir ameaças ao mundo contemporâneo.

Para Casimiro (2018, p. 45), que analisou inúmeras associações privadas em prol de um Brasil “livre de corrupção”, como por exemplo o MBL (movimento Brasil livre), verificou que “com o tempo, esse conjunto de aparelhos privados tornou-se uma espécie de porta-voz de uma nova direita aberta e dura, com enorme agressividade.” O autor refere-se a movimentos que, dos anos 2000 para cá, têm ajudado a movimentar a pauta moralista, que é encorpada pelos interesses econômicos neoliberais, que atuam como pano de fundo nas intenções moralizantes de grupos religiosos, que também têm seus interesses econômicos clivados nos ideais ascéticos outrora discutidos.

A imagem abaixo (figura 13) ilustra a reportagem escrita pela jornalista Almudena Barragán, em 19/08/2018 para o jornal espanhol *El país*, em sua plataforma virtual brasileira a notícia é resultado de entrevistas à plataforma de checagem de *fake news* chamada *Aos fatos*, cuja função principal é verificar a verdade factual das notícias e classificá-las como falsas ou verdadeiras. Os temas enumerados de 01 a 05 em parágrafo anterior são resumos da temática que compuseram as NFs, assim como observações sobre como foram produzidas e distribuídas como armas de campanha, em uma luta na qual o moralismo era o combustível principal

Figura 13: Os principais temas das *fake news* pelo *El País*. Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro Na reta final da campanha presidencial, boatos sobre os adversários do ultradireitista aumentaram nas redes sociais



Fonte: [Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](https://brasil.elpais.com/brasil/2022/05/29/cinco-fake-news-que-beneficiaram-a-candidatura-de-bolsonaro.html). Acesso em 30 de maio de 2023

A notícia do *El país* funcionará como uma espécie de atracadouro de cinco outros textos influenciados pelas FNs que circularam em plena reta final de campanha no *Facebook*, suas temáticas e agressividade sinalizam como essa fase da luta política foi aguerrida, principalmente pelo fato de os candidatos estarem em margens de disputa relativamente próximas. As imagens que serão analisadas podem ser verificadas no corpo da notícia que as ancoram, uma vez que as FNs mencionadas foram pulverizadas, em muitos outros lugares, como água que se esguicha por uma mangueira.

Ao observar os algoritmos para além do *facebook* e do *Google*, Tufekci (2015) descreve, com grande experiência a partir de estudos⁴⁵ sobre a forma como o *facebook* manipula, por meio de ajustes de algoritmos, as atualizações e teor de postagens dos usuários das redes sociais, gerando o efeito multiplicador de uma notícia, que consequente vira um “jogo de verdade” e

⁴⁵ -Em 2014, resultados de pesquisa saíram na revista *Proceedings of the National Academy of the Sciences* (PNAS), demonstrando que “evidências experimentais de contágio em grande escala por meio de redes sociais”, e o modo como as redes sociais podem influenciar o rumo da atual política, bem como uma arma poderosa, que pode ser usada contra a democracia. Possível de verificação em: [Experimental evidence of massive-scale emotional contagion through social networks - PubMed \(nih.gov\)](https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/26111111/). Acesso em: 31 de maio de 2023.

Outra fonte de pesquisa interessante sobre o poder de influência das redes sociais é o documentário “The Social Dilemma” (*O Dilema das redes/Netflix*), divulgado no ano de 2020 e que se dedicou a analisar as principais empresas de tecnologia da atualidade, seus modos éticos de funcionamento e suas responsabilidades morais. Assim como o estudo da PNAS o resultado direciona para formas de controle e de manipulação social. [O Dilema das Redes | Site oficial da Netflix](https://www.netflix.com/br/title/81040344). Acesso em: 31 de maio de 2023.

produz sentidos perlocucionários, aqueles sentidos que produzem efeitos em seus ouvintes (Austin, 1990).

Na ordem de relevância das cinco principais FNs está a seguinte: 1. O “kit gay” para crianças de 6 anos que foi distribuído nas escolas. Assim como o vídeo sobre a mamadeira erótica funciona como uma tática de convencimento baseada em um princípio de moralidade protetiva sobre as crianças, mais um dispositivo de controle de corpos, que se antecipa às comprovações factuais. A verdade que se quer foi construída em táticas e jogos do poder-saber, em que algumas das engenharias de captura dos corpos, de introdução de uma moral escrava e de ideais ascéticos estão interconectados, pois a escola é também o local privilegiado de transmissão de conhecimentos, esses conhecimentos são atravessados por interesses políticos.

As táticas performativas no uso da linguagem sinalizam a construção de um sujeito condenável, ao centro da figura 14 está uma imagem do ministro Fernando Haddad com uma olhar vilanesco (em contraposição ao convite de “defesa das crianças”), sua imagem ao centro indexicaliza: um corruptor de menores, um partido político inimigo, a autoria de um projeto rejeitável, o principal adversário político, a oposição aos valores cristãos, a tomada de consciência do eleitorado contra a corrupção (aqui acentuado o nível moral), e tantas outras coisas que as pistas indexicais vão nos mostrando. Abaixo segue o texto multimodal em análise:

Figura 14: Se você defende as crianças não vote nele (FN)



Fonte: [Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 31/05/23

O comentário, posicionado acima da foto, do usuário da rede social já antecipa em seu *post* o julgamento de que a criação desse *kit* e a continuação do Haddad/PT no poder daria continuidade à “imoralidade”, deixando claro como na guerra política o pânico moral e de gênero foram acionados como armas de guerra, além do comentário fazer sua parte “permitte-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado” (Foucault, 2014, p. 24). Há um corpo que se quer ao centro do poder, subtende-se que não é imoral, que seus desejos estão sob controle, que esses corpos não representam perigo ao sistema, ao mesmo tempo um político como Haddad representa um conjunto de outros modos de acionarem os corpos, instaurando “novidades”, refazendo as normas. O afeto do medo e do ressentimento faz surgir uma mobilização em prol de um outro candidato que defenderá as crianças dentro daquilo que se propõe a biopolítica, cuja finalidade Foucault (1994) nos relembra:

o poder deve exercer-se sobre os indivíduos, uma vez que eles constituem uma espécie de entidade biológica que deve ser levada em consideração, se queremos, precisamente, utilizar essa população como máquina para produzir riquezas, bens, para produzir outros indivíduos. (p. 193)

O chamado em “defesa das crianças”, para além de qualquer importância, é antes de tudo, na vinculação dessa notícia, um desejo de preservação do capital humano, é a defesa de um projeto político que tem em vista a normalização dos corpos e a culpabilização por qualquer ameaça a esse sistema, seja essa ameaça fantasiosa ou não. Esse sistema que pretende se manter em perpetuação, segue trazendo à sua causa novos aliados, que lutam dentro desse sistema produtivo dos discursos de ódio, com seus rituais discursivos que reafirmam suas vontades de verdade, e instaurando medo e ressentimentos diante de outros grupos sociais. Butler (2021) ao analisar o conceito de *habitus*⁴⁶ de Bourdieu, resume e acrescenta:

o corpo não é, portanto, um fenômeno puramente subjetivo que conserva a memória de sua participação nos jogos convencionais do campo social; sua competência participativa, depende ela mesma da incorporação dessa

⁴⁶ Bourdieu (2009) vai definir *habitus* como disposições, estilos de vida, maneiras e gestos encorpados de uma determinada estrutura social pelos seus agentes, como rituais de confirmação e de reprodução. Essa perspectiva é tomada como uma forma de ilustração, mas que a partir do referencial de discussão desta tese, o entendimento também seguem outros caminhos – especialmente o fato de que esses gestos, produzem discursos que fazem a todo tempo as coisas serem como são, pelas suas (des)continuidades.

memória cultural e do conhecimento que ela implica. (...) A incongruência permanente do corpo falante, o modo pelo qual ele excede sua interpelação, não pode ser contido por nenhum de seus atos de fala. (p. 254-255)

Essa incongruência a que Butler se refere como permanente, será no próximo capítulo dessa tese, interpretada como resistência e vontade de potência, termo cunhado por Nietzsche. Na guerra dos discursos de ódio, uma parte da população brasileira, incorporou a resistência como um movimento de luta contra as ameaças que foram iniciadas na campanha eleitoral, e se fortaleceram nos anos seguintes do governo de Jair Messias Bolsonaro (2018-2022). Se de um lado o agenciamento, a moralidade e o conservadorismo avançaram consideravelmente depois das FNs e dos discursos de ódio, por outro veremos que alguns corpos produzirão (pós eleição de 2018) movimentos de resistência.

Por ora, as duas próximas FNs arrolam modos de como os discursos de ódio foram mobilizados para além das questões de gênero, trazendo formas outras de mobilização do projeto político conversador, que socialmente vem sendo identificado como gabinete do ódio. Ambas são assim demonstradas na notícia do *El país*: **2.** O homem que apunhalou Bolsonaro é filiado ao PT e aparece numa foto com Lula; **3.** A senhora agredida por ser eleitora de Bolsonaro (na verdade era a atriz Beatriz Segall). As duas FNs sustentam boa parte de sua carga persuasiva em duas fotografias, imagens que comprovam aquilo que é dito – ainda que a familiaridade da atriz Beatriz Segall seja facilmente reconhecida, visto que é uma figura pública, e na história das telenovelas brasileiras ganhou notoriedade e popularidade por anos, ainda que as gerações mais jovens não a reconheçam, facilmente poderia ser reconhecida por algum eleitor mais velho.

O que as imagens indexicalizam é a familiaridade necessária a construção de um certo sentido de crença primária e de convencimento daquilo que está sendo dito, como vimos no documento da *RAND Corporation* “A pesquisa sugere que a inconsistência tem um efeito deletério na persuasão, mas o público ignora as contradições sob certas circunstâncias” (ver figura 10), a forma inclusive que tomo como interpretação desse efeito deletério vai além da NF, ou de seus elementos linguísticos periféricos, estes são importantes para dar pistas indexicais sobre aquilo que faz parte do jogo de verdade, no entanto a dimensão psíquica é essencial para “colar” com o ressentimento, que a meu ver seria uma outra direção periférica que ajuda a produzir certos sentidos e adesão ao projeto conservador, é aquela “vingança imaginária”, mencionada em *ABM* e *GM*, que começa a ganhar corpo e pouco a pouco vai se constituindo em uma perspectiva austiniana como “atos de fala” (Austin). Observemos, as

imagens (figura 15 e figura 16) das *fake news*, primeiramente da notícia 2, e o modo como estas se alinham com o jogo de convencimento, e uma vontade de verdade.

Figura 15: homem culpado pela facada (NF)



Fonte: [Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 23/01/2024

Figura 16: Homem culpado ao lado de Lula (NF)



Fonte: [Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 23/01/2024

O projeto de chegada ao poder em 2018 pelo grupo de Bolsonaro, manifestava claramente uma vontade em sinalizar a culpabilização do PT e a reativação de um imaginário coletivo pautado em ressentimento e medo voltados ao socialismo. Os políticos e eleitores do PT são apontados como: bandidos, corruptos e imorais. O léxico dessa nomeação está costumeiramente nesse campo semântico e recentemente com a operação *Lava jato* ganhou grande força de convencimento, principalmente na grande mídia.

A agência de checagem *Aos fatos* comprovou que a segunda imagem foi uma montagem fotográfica, e ainda que não fosse é preciso que pensemos: porque a presença de um suposto culpado, em meio a uma grande multidão, poderia levar a uma rápida associação entre esse homem e à autoria criminal do principal partido adversário? o que parece estar em evidência no texto é uma possibilidade coletiva rápida dessa crença, promovida por um

histórico do afeto ressentido em relação a um partido, ou a grupos sociais representados por este. O afeto do ressentimento é constantemente mobilizado e produzido por meio dos discursos de ódio.

A próxima FN, uma postagem em rede social, mencionada na matéria “Cinco fake news que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro”, é uma outra falsidade baseada em violência e também de culpabilização ao partido dos trabalhadores, esta aciona assim como a anterior, a mobilização do ódio, da violência por meio de convencimento baseado na proteção às mulheres, especialmente as mulheres idosas, ou de modo mais direto aquelas que defendem o candidato Bolsonaro (ilustradas pela atriz Beatriz Seagall), conforme podemos verificar abaixo na figura 17.

Em relação à autoria da postagem não foi possível checar a sua origem e nem autoria, o jornal *El país* menciona a postagem apontando para o caráter mentiroso (ou não factual) que estava presente durante as últimas semanas da disputa eleitoral.



Fonte: [Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](https://elpais.com). Acesso em 23/01/2024

Um agravante na produção dessa farsa, é que ela retrata um acontecimento real, o registro de uma queda da atriz brasileira há alguns anos nas ruas de uma cidade brasileira, conforme foi checado pela agência *Aos fatos*, e mais grave ainda, é o fato de que a atriz Beatriz Segall faleceu, por outro motivo, em 2013. Mas ainda assim essa notícia teve um grande número de compartilhamento, conforme vemos na figura 17.

Mais uma vez nessa NF o comentário que antecede a imagem cumpre o papel de lembrar que há um grupo político que é sujo e o outro não, para além das causas que se luta, e

independente de agremiação política o ideal ascético vai se mostrando sempre como produtor de um ideal maniqueísta – que produz a relação nós X eles (vice-versa), bem como, vale rever Foucault (2014, p. 25) “ O novo não está no que é dito, mas no acontecimento de sua volta”. A produção discursiva vai criando estratégias de produzir saberes para implantação ou retomada do poder em suas diversas manifestações.

O Discurso é sempre rarefeito porque produz perigos em sua dispersão. Adentrando ao centro da NF, no caso a imagem da senhora espancada, o que o neoconservadorismo apostou e tem apostado, é na ideia de como um país violento como o Brasil, pode se valer disso para a produção de uma agenda política protetiva para a população, agenda em praticamente todos os casos alicerçada no afeto do medo, que também produz outros afetos. Encontrando nessa violência, outros ganchos e disputas e usá-los na produção linguística das NFs, que aqui chamarei de “arapucas” – armadilhas onde o capturado caminha com seus próprios passos em direção daquilo que é ofertado, em grande parte a falsa segurança ontológica, ou para minimizar o grande vazio que na atualidade é constituído nas/pelas relações capitalistas e suas promessas de estabilidades econômicas e produção de felicidades (em termos neoliberais e neopentecostais, prosperidades).

A militarização e a aproximação de um presidente com apoio desse setor, acionam uma fantasia mítica, em que “pulso”, “ordem”, “disciplina”, “mão forte”, “autoridade” e “crescimento econômico” são necessários para solucionar diversos problemas que assolam os mais ressentidos. Porque o ressentido opera pela moral escrava ou moral dos fracos, ele é, como diria em *ABM* apassivado pela força das instituições, uma vez que nas sociedades modernas é esperado do Estado proteção e garantias, como aponta Kehl (2020, p. 163), ao pensar ressentimento e injustiça:

O Estado deveria ser o mediador das disputas de interesse e da rivalidade entre esses iguais/desiguais; sua função seria a de promover justiça, monopolizando os meios para o exercício da violência, quando esta for necessária, de modo a garantir uma convivência pacífica e intermediar a resolução de conflitos entre os cidadãos.

O ressentimento de um grupo em relação a outro torna possível pensar um mundo, onde aquilo que causa incomodo seja eliminado, ou esquecido por meio de um trabalho de “limpeza” que perpassa pela política, para tanto são convocados, na linha de frente, sacerdotes e líderes religiosos para essa tarefa – unidos estes produzem suas “orações” (em 2018 manifestaram na

forma de: *fake news*, fios de *twitter*, torpedos, mensagens compartilhadas via *whatsapp*, etc) tendo como finalidade a expiação moral de um mundo que provoca medo e insegurança.

Para Jessé Souza (2018), que estudou por anos a elite brasileira, em especial sua recente história e sua influência nas eleições de 2018, é observável o fato de que “as ideias precisam estar conectadas aos interesses materiais e simbólicos – como o “interesse ideal” na salvação eterna – que movem a vida e as escolhas dos indivíduos comuns” (p. 28), nesse sentido os grupos religiosos lideraram a uma luta em que algumas “vidas importam” (Butler, 2015) umas mais, outras menos. Discorro nas figuras 18 e 19, em postagens feitas em redes sociais, outros assuntos contidos na matéria do jornal espanhol (*El país*).

Figura 18: Haddad e o apoio ao incesto e ao comunismo



Fonte: [Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 23 jan. de 2024

Essa postagem tem como autor Olavo de Carvalho, um ideólogo conservador que durante toda a campanha de Bolsonaro movimentou uma série de polêmicas que deram materialidade a muitas FNs, como se vê no comentário da figura acima mais uma vez o imaginário circula em torno dos perigos de um partido em relação à territorialização em relação ao corpo, inclusive aproximando-se das outras temáticas que enfatizam a violência, mais especificamente a violência contra as crianças – o que também pode ser entendido a partir do conceito do que vem a ser incesto: relação sexual entre parentes (consanguíneos ou afins) dentro dos graus em que a lei, a moral, ou a religião proíbe ou condena o casamento.

O que mais uma vez é indexicalizada é a ideia dos perigos que um partido tido como “comunista” pode representar a normalidade vigente de certo modelo intocado de núcleo familiar, há um léxico que sempre circula nas ideias de: desordem e imoralidade - partidos de esquerda representam perigo à normalidade. Até agora as *fake news* analisadas vêm mostrado como o pânico moral e de gênero teme um futuro fora do controle dos corpos. Reconvoco Foucault (2017, p. 121) para reafirmar “A família é o cristal no dispositivo de sexualidade parece

difundir uma sexualidade que de fato reflete e difrata. Por sua penetrabilidade e sua repercussão voltada para o exterior, ela é um dos elementos táticos mais preciosos para esse dispositivo”.

Ao criarem crimes contra a família, os grupos conservadores vão deixando claro como os avanços mais recentes em relação às singularidades abalaram os grupos de direita, que lutam com todas as armas para reaver esse controle desenhados dentro da “família tradicional”, dos “corpos normais”, e dos “desejos naturais”. Sobre outras produções de notícias contendo aberrações e o horror indesejável, verifico agora a última NF contida na reportagem:

Figura 19: acusação de pedofilia – Lula é Haddad 13 (NF)



Fonte: [Cinco ‘fake news’ que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Notícias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](#). Acesso em 23 de jan. de 2024.

Há uma série de forças que estão em jogo nessa postagem baseada em FNs, aqui para tornar o discurso possível, ou nos termos foucaultianos “rarefeito”, aparecem termos que indexalizam as forças jurídicas – termos esses que fazem presentes a partir das pistas “ato legal”, “crime”, “projeto de lei pl pl 236/2012”, que encadeadas produzem uma “história curta” (De Fina), onde o leitor é persuadido a se posicionar moralmente, essa proteção mais uma vez gira em prol da infância, agora das crianças com 12 anos de idade.

Para os fins a que parecem pretender, há um processo de associação ao mencionar a idade dos 12 anos, uma vez que em torno dessa idade muitas práticas conjugais foram constituídas há algumas décadas no Brasil, o que pode parecer uma tática de produção de

familiaridade com a suposta denúncia a que se pretende. Como sempre há uma carga semântica instaurada com a imagem de uma criança amordaçada e cujos olhos pedem ajuda, sobre essa forma de adicionar significado por associação, recorro a Cope & Kalantzis (2020):

Associação. Conexões de significado exofórico, significados dentro de quadros que apontam para o contexto, e contextos que apontam para dentro, preenchendo lacunas de elipses. As funções da associação contextual incluem serialidade, escalonamento e causalidade expressiva. (p. 177)

Há um jogo linguístico nessa NF que aponta para uma produção perlocucionária no leitor, onde os jogos de sentido vão sendo produzidos escalonadamente, chegando ao ápice de uma tomada de medida, fugir da classificação de retardado, como se lê “acha que essa merda é mentira? Pesquise retardado” (sic), aproximando aquele que lê do tom do suposto autor, entre estes um grau de “intimidade” é construído que lhes permite o uso de termos considerados ordinários e vulgares. Ainda que a pesquisa não seja feita ou algum resultado seja apresentado, a forma como o leitor é abordado impõe-lhe uma condição psíquica periférica de luta de forças.

As próximas FNs (figura 20, figura 21), mostrarão como as notícias: *Houve sim o Kit gay, eu era vice líder do governo, lembra Marcelo Crivella (BandNews)*, e *É fake que Haddad criou Kit gay para crianças de seis anos (O Globo)*, se constituem como “jogos de verdade” em que o verdadeiro e o falso, dentro da teoria discursiva foucaultinana (2014), performatizam socialmente a construção de um futuro violento, em que a linguagem limita as existências. Os pares verdadeiro e falso são condições, como já vimos, externas de articulação do discurso, funcionam como um mecanismo de sua coordenação social. Este par funciona paralelo ao tabu sobre o que pode e o que não pode ser dito sobre determinados assuntos, bem como quem pode e quem não pode pronunciar certos discursos.

Figura 20: Houve sim! Afirma Crivella – (NF)



Fonte: [Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella | Vídeos Band \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/videos/band/entrevista-marcelo-crivella)

A entrevista foi concedida pelo então prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella, ao programa “Ponto a Ponto”, da *BandNews*, em 22/05/2019, no momento em que o Brasil já tinha como presidente Jair Messias Bolsonaro, e havia uma convocação para que a população fosse às ruas em apoio ao presidente que passava por algumas dificuldades em relação ao Congresso Nacional. A certa altura da entrevista, mais uma vez é convocado como “munição de guerra”, termo criado por mim e pelas interpretações que venho arrolando nesta tese, o assunto *Kit gay*.

É importante salientar que antes disso os jornalistas mostraram dados que ilustravam o crescimento do conservadorismo no Brasil (dados do instituto XP): 49% (2010), 54% (2016), 55% (2018) – além do fato de os evangélicos em 2019 representarem 34% do eleitorado brasileiro, em contrapartida aos 32% católicos. Levando a entrevistado a afirmar que: “O grande problema do presidente Lula foi que ele perdeu apoio do mundo evangélico, e uma grande parcela do mundo católico, quando criou imposto sobre as igrejas e quando se disseminou pelo país o *Kit Gay*.”, mostrando mais uma vez como a bancada evangélica tem força política, e essa força vem liderando o comando do país e elegeu um presidente que representasse a sua moralidade.

Por volta dos 11:49 min de entrevista, ao ser questionado pela réporter sobre a existência do *kit gay*, o prefeito mostra como o discurso sobre esse tema polêmico é co-ordenado (coordenado e ordenado pelas suas condições de acontecimento) pelo poder, nos permitindo perceber seus mecanismos de funcionamento e como ele produz “efeitos de poder” (Foucault,

2014). Antes das análises mais específicas da resposta do entrevistado, farei a transcrição de alguns trechos da sua resposta – nos anexos desta tese será possível verificar a entrevista na íntegra (Anexo G) – o recorte feito me permitiu produzir os dados, que me apontaram respostas aos objetivos pretendidos. Segue Excerto 1:

Excerto 1: “olha, houve sim o *kit gay*, eu era vice-líder do governo, e tive diversas reuniões com o Haddad, isso fez parte do Programa Nacional de Educação, que tinha que ser votado pelos municípios, e eu enfrentei isso quando eu era prefeito.”

Fonte: [Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella | Vídeos Band \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/videosband/entrevista-marcelo-crivella)

Ao iniciar sua resposta, o Crivella faz uso de um vocativo, que produz uma força enfática e afirmativa na resposta que está por vir: Houve sim o *kit gay*. Ao afirmar isso ele produz o que Foucault (2014) chamaria de “direito privilegiado” de proferir o discurso, que se confirma na apresentação da sua posição administrativa, “eu era vice líder do governo”, ao se colocar como aquele que pode confirmar o que é perguntado, portanto dar testemunho da existência do *Kit*, produzindo e fortalecendo uma “vontade de verdade” (idem), que seria o que permite ao entrevistado proferir aquele discurso como verdadeiro, como acreditável – mais uma vez aqui estão justapostas as condições de verdade e falsidade – que juntas dão a força necessária de captura dos corpos – que passam por poderes em instancias federais, municipais. Em meio a tudo isso a autoridade ainda se apresenta como aquele que enfrentou o projeto que o contrariava.

Sua resposta se constitui como uma guerra de narrativas, inclusive dentro da própria entrevista, endogenamente as posições do prefeito vão ganhando força e demarcando o seu território de luta, que se apresenta como oposto à visão que a própria entrevistadora tem dos fatos, e daquilo que ela traz como trajetória do que foi o programa *Brasil Sem Homofobia*. Sua autoridade dentro do discurso e fora dele ganha corpo, como pode ser observado no excerto 2, nele os efeitos de poder vão criando signos sobre os tabus que ele mesmo vai apresentando – Há o que pode e não pode ser dito/feito, conforme podemos observar:

Excerto 2: “Havia também aquela coisa, de você não chamar mais aluno de aluno e aluna, mas ser estudante. Ah... houve escolas, por exemplo, que adotaram na festa de São João, não só casamento de menino com menina, mas menino com menino e menina com menina”

Fonte: [Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella | Vídeos Band \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/videosband/entrevista-marcelo-crivella)

A convocação do ideal ascético e da moralidade cristã vai aqui desenhando os limites possíveis e impossíveis para os corpos – menino com menino/ menina com menina (não podem). Dentre desse ideal a “utilidade” dos corpos só é validada pela regularidade dos modos de vida – Mas antes o uso de uma linguagem neutra também aponta algumas pistas indexicais que encaminham para uma ideia de perigo, de descontrole, de abjeção dos corpos. Há claramente a presença de contrariedade, em relação ao modo como novos gêneros e corpos estão sendo produzidos dentro/pela linguagem. Nesse sentido o excerto 3, pode nos encaminhar para as interpretações e recepções dessas novas experiências.

Excerto 3: “não existe menino, não existe menina, dizem que isso é uma formação cultural, que para você saber se você é ou não, tem que experimentar, isso passou sim, tudo pela pauta, por discussões imensas, eu fui lá na época, com a bancada evangélica”.

(Fonte: [Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella | Vídeos Band \(uol.com.br\)](#))

Acima vê-se com grande força o modo como a identidade é convocada, uma vez que ela é resultado de territorialização corporais, onde o poder ancora seus efeitos e discursos. Qualquer tentativa de desestabilização das categorias sexuais, acionam o pânico moral e de gênero (Miskolci, 2017), que precisam estar sempre atentos as desterritorializações corporais. A partir dessa fala é possível percebermos indícios de uma militância orquestrada em contraposição aos “problemas de gênero”, apresentados por Butler (2015), que inclusive foi alvo do ódio e da indignação de parte dos religiosos brasileiros em sua visita ao Brasil em 2016, um daqueles episódio “de caça às bruxas”.

A desestabilização das categorias sexuais é sempre uma pauta que encontra barreiras na bancada evangélica, uma vez que esse grupo fortalece afetos de ressentimento próprios do individualismo moderno, incapazes de perceber, como aponta Kehl (2020, p. 173) “apartados de seus semelhantes, que se apresentam como rivais, assim como de uma herança simbólica recalçada que possibilitaria o acesso a um saber inconsciente, os membros das sociedades modernas não compreendem a origem do seu desamparo e tendem a firmar-se sob a proteção de grandes formações identitárias”.

As imagens e modos de vida regularizados, produzem inclusive desejos de modos de vida tidos como ideais e que levariam a humanidade à salvação celestial, mais uma vez retomo um dos lemas de campanha política de 2018 “Brasil acima de tudo. Deus acima de todos” – tomo aqui a expressões tudo e todos para marcar o meu caminho interpretativo dessa operação.

As ordens indexicais me direcionam nessa notícia a interpretar que **tudo** (pode ser entendido como as “imensas discussões” e planos de aprovação coletiva do programa *Brasil Sem Homofobia*) e **todos** (pluralidade de corpos e singularidades que compõem os seres humanos). No lema de campanha a vontade de aniquilação de modos de vida e corpos vulnerabilizados, é o que de fato está interdito e que abriu espaço para uma política genocida, em que nem todas as vidas são validadas. O lema disfarça um sentimento coletivo de vingança.

As forças que estão em conflito marcado, são legitimadas dentro do poder, que opera na co-ordenação e distribuição dos discursos. Há coisas que podem ser ditas, outras não, a partir de critérios de seleção pela sua enunciação. Foucault (2014), mencionou inclusive três exemplos de assuntos dos quais há imensos tabus, assim distribuídos: sexualidade (articulando o campo do desejo), política (articulando o campo do poder) e a religião (articulando o campo do poder e do desejo, juntando-os). Ao dizer “eu fui lá com a bancada evangélica”, Crivella mais uma vez reforça como os desejos, as experimentações e as sexualidades estão constantemente sob observação. Para qualquer irregularidade, cabe ao poder sacerdotal, encaminhar onde e quem realizará o pagamento da dívida, há um sentimento mais ou menos velado de cumprimento do reestabelecimento de uma certa “ordem natural”. Vejamos:

Excerto 4: “O Haddad dizia que havia muita homofobia, e a gente achava que era mesmo, mas que era um assunto para ser discutido na questão jurídica.”

Fonte: [Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella | Vídeos Band \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/videosband/entrevista-marcelo-crivella)

Aqui, fica claro que ainda que reconhecida a homofobia, pronunciada por um ministro da educação, ela é desconsiderada em termo de ação política educacional, o ideal de educação da bancada evangélica não perpassa pelas singularidades, nem pela proteção às diferenças, antes é direcionada a outra instância de poder, no caso o poder jurídico que coaduna com um histórico colonial de repressão ou de morosidade em relação aos causos de: misoginia, homofobia, transfobia e outros semelhantes, como são listados em relatórios anuais, como o que apresentei anteriormente neste mesmo capítulo de tese.

Para encerrar este capítulo, passo à figura 21, por meio da qual continuarei analisando de quais formas, o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar, indicam a governabilidade que se desenhou dentro do projeto conservador de Jair Messias Bolsonaro, representante validado por um grande número de religiosos, que fizeram ressurgir o fenômeno do autoritarismo, da moralidade conservadora

e, em maior perigo à desestabilização da democracia, e dos princípios democráticos de igualdades de direito. Passemos para a última notícia jornalística analisada:

Figura 21: É #FAKE que Haddad criou “kit gay” (fato fake)



Fonte: [É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos | Fato ou Fake | G1 \(globo.com\)](#)

Aqui o discurso opera a partir da verificação factual, e afirmou com finalidade de circulação #FAKE, o título produz uma história curta (De Fina, 2020) onde: posicionamento narrativo, trajetória narrativa e *lead* da notícia entextualizam uma história de luta política que estava em andamento. A notícia foi publicada em 16/10/18 no portal *G1 (Globo.com)*, a menos de duas semanas do resultado final da eleição presidencial. Possivelmente uma tentativa de se fazer valer a força do poder de quem pensa dominar o discurso, uma vez que afirmações como essas pouco apareceram em outras notícias e provocariam naquele momento dúvidas e incertezas.

Lembremos que uma das estratégias, apresentadas no “The Russian firehosing of falsehood” (Paul; Matthews, 2020, p. 8), ao demonstrar como contradições podem produzir uma sensação de confiança, pois “uma fonte que muda de opinião ou mensagem pode ser percebida como tendo dado mais atenção ao tópico, influenciando assim a confiança do destinatário na mensagem mais recente), ainda que eu tenha utilizado o documento da *RAD Corporation* para mostrar as formas de mecanismos textuais das FNs, lembro que as descrições discutidas apontam sentidos para modos de persuasão em *marketing*.

Chamo a atenção para uma certa mudança dos modos de se noticiar sobre o projeto “Escola sem homofobia”, porque assumir uma postura apontando-o como falso na reta final da campanha, é também um modo de se manter o poder sobre os discursos, “sobre seus perigos”, “sua proliferação” (Foucault, 2014), mantém-se desse modo o poder de validação do que é dito. Ainda que a notícia seja iniciada pelo #FAKE, não podemos esquecer que é na regularidade

que se valida a aceitação do que é dito, a *hashtag* (#) indica uma circulação que é situada nas redes sociais, mas àquela altura dos acontecimentos o volume de FNs, era imbatível.

Importante observar que na culpabilização ou na defesa do projeto supramencionado, a infância é sempre convocada para validar as práticas que circulam socialmente, os perigos e os assombros giram sempre em torno desses corpos (crianças de 06 anos), uma vez que essa é a idade em que boa parte da formação cultural começa a acontecer na escola. Leite (2019, p. 130) aponta que: “há a continuidade da argumentação sobre a existência de uma orquestração gay e feminista que defende a sexualização das crianças, o estímulo à homossexualidade e a destruição da família”, e que conseqüentemente retomam aos ressentimentos sociais sobre a população LGBTQAPN+.

O *lead* da notícia ao argumentar “voltado para educadores e não para crianças”, reforça a existência de um imaginário de medo e de insegurança sobre aquilo que pode, ou não pode ser ensinado a uma criança. Ao que dá a entender que seria condenável o fato de uma criança ser ensinada sobre sexualidade, diversidade de gênero e combate à homofobia – essa é uma tarefa que, se acontecer, deve ser intermediada por um adulto.

Essa notícia pode ser entendida como um grande comentário em relação a um fato que já mencionei nesse texto, ver sessão 2.1, o de que em pleno *Jornal Nacional* o candidato Bolsonaro mencionou a existência de um livro que fazia parte do kit, o livro a que se refere é *Aparelho Sexual e Cia – um guia inusitado para crianças descoladas*⁴⁷, que mais uma vez é reforçado, como não usado pelo projeto de Haddad, reforçando também os princípios que regem o pânico moral e de gênero (Miskolci, 2020; 2023).

Foucault (2014) aponta o fato de a educação ser uma maneira política de manutenção e propagação do tipo de discurso que interessa, isso explica todo o investimento moral na modernidade, desde a criação do termo infância e no constante trabalho de manutenção dessa fase da vida, nela é depositado o projeto moral onde a disciplina, o controle e a produção de desejos circunscritos promoverão, de modo mais geral, a grande massa obediente.

Mas há sempre uma parte que escapa a esse controle, há sempre escapes dentro da norma também, a desobediência ela é produzida para manutenção e para descontinuidade do poder, de

⁴⁷ Sobre a polêmica é possível verificar em: [G1 - Livro de educação sexual alvo de boato foi comprado pelo MinC - notícias em Educação \(globo.com\)](#) Acesso em 24 jan. de 2024.

tempos em tempos ela se renova e as lutas não param nunca. Partindo dessas ideias, no próximo capítulo observo como produzimos resistências.

Acredito que as FNs analisadas até aqui, são suficientes para demonstrar a história que quero produzir, a história na qual os nossos corpos, de alguma forma estão inscritos, uns mais centralizados, outros marginalizados – um lugar onde essa inscrição se faz de modo coletivo, de modo atravessado, e inacabado.

4. KIT GAY E MAMADEIRA DE PIROCA: PERFORMATIVIDADE RADICAL ENTRE OS “ATOS DE FALA” E OS “ATOS DE CORPOS”

“Se o corpo é aquilo pelo que se luta, o campo de batalha é a cena de um enfrentamento”.
(Foucault, 2005 p. 146)

Neste capítulo analiso o vídeo clipe *Kit Gay* do grupo de rock *Detonautas*, lançado no dia 06/11/2020 como uma música de crítica política ao governo de Jair Messias Bolsonaro e 15 comentários sobre ele. A análise tem como objetivo específico investigar no clipe musical *Kit Gay* e em seus comentários, quais significantes e quais estratégias de resistência surgiram diante do ressentimento e de outros afetos, que foram mobilizados na campanha política de 2018.

O percurso será feito em dois momentos distintos. Primeiramente, observarei a letra da música e as imagens que compõem o vídeo musical, buscando os sentidos de uma gramática visual que se fez a partir dos corpos em performance no vídeo, com “atos de fala” (Austin, [1962]1990) e “atos de corpos” (Pinto, 2002; 2009) em resposta às *fake news* e à boa parte do conteúdo político da campanha presidencial de 2018. As análises aqui serão tomadas como parte de um presente contingencial, e aberto às possibilidades que a atualidade nos coloca, visto que ainda é um evento muito recente e cujos efeitos perlocucionários estão em curso.

No segundo momento, analiso os principais conteúdos de 15 comentários⁴⁸ que fizeram menção direta aos gêneros, às sexualidades e ao *Kit gay*, durante o tempo em que o vídeo vem sendo depositado na plataforma *YouTube*. Nesses comentários serão observados os efeitos éticos da linguagem e da performatividade, observando como o corpo (no sentido naturalista), produziu uma performatividade mais radical e micro movimentos de resistência frente a uma moral ressentida, tendo em vista que “as realizações linguísticas performativas não permitem afirmação sobre seu valor veritativo sem um comprometimento ético-moral.” (Pinto, 2016, p. 4)

Ao pensar a teoria dos atos de fala de Austin (1990), Pinto (2002; 2009) promove um aprofundamento da palavra corpo, em contraposição a “corpo de uma teoria”, explorando suas ambiguidades e dando ênfase ao corpo físico, trazendo para a sua interpretação teórica carne, ossos e movimentos, o que ela veio a denominar de “atos de corpos”. Para a autora “A presença

⁴⁸ Até a presente data 27/07/2023 o total de comentários na plataforma é de 10.393 e de 1,4 milhões de visualizações. Estes foram triangulados a partir das menções diretas as palavras *gay*, *kit gay* e aos gêneros dissidentes. Todavia acredito que as possibilidades de leitura são inúmeras e nas análises os enunciados foram tomados apenas como uma ferramenta de operação político-linguística diante do atual conservadorismo.

material e simbólica do corpo na execução do ato é uma marca que se impõe no efeito linguístico” (2002, p. 101), que produz entrelaçamentos entre ato ilocucionário (o que se faz ao dizer) e ato perlocucionário (o ato que se faz por consequência e efeito do dizer).

Tendo em vista a força ilocucionária e perlocucionária de um ato de fala, podemos dizer que mais que um registro, ele atualiza a sua força no momento em que acontece. “Os atos performativos têm seu referente fora dele, ou antes dele, ou diante dele (...) ele produz ou transforma uma situação, ele opera” (Derrida, 1990, p. 37). Tal operação se dá por meio do acontecimento, essa ideia derridiana chega a ser definida como certa “possibilidade impossível de dizer o acontecimento”. Essa condição de possibilidade paradoxalmente impossibilita o acontecimento, como também a experiência da qual ela se pretende condição, ao mesmo tempo quebra a dicotomia corpo/linguagem, e os colocam em posição amalgamada.

Derrida (1990) questiona o sentido unívoco da comunicação, e aponta caminhos que aqui tenho adotado para pensar a circulação e historicidade das FNs e dos signos *kit gay* e mamadeira de piroca, que perlocucionariamente produziram atos de falas e “atos de corpos”, em performances multimodais textuais e corporais. Novos textos que ressignificaram seus significantes, produzindo corporeamente, com “sangue quente” correndo nas veias, um lugar de não subalternização – mas antes uma interrogação corpórea diante do funcionamento do sistema hierárquico do poder, com isso produzindo potencialmente marcas de resistências e micro revoluções.

O ato de fala consiste em uma armadilha sedutora, pois produz uma ilusão referencial, a ilusão de um referente real e fora da linguagem, escondendo o fato de que, como o performativo de Austin, é a própria linguagem quem o faz – e nada existe fora dela (Pinto, 2009, p. 127). Nesse ponto, se nada existe fora dela, torna-se possível também, refazermos identidades, significantes e atos de fala injuriosos por meio dela mesma, utilizando o corpo físico como uma força produtiva potente, ou para Deleuze (2017) como “máquinas de guerra”, (platô 5, p. 33), ou multiplicidades em estado de livre associação.

As abordagens de Derrida caminham próximas ao modo como Nietzsche perspectivou certas tensões presentes em seu tempo, especialmente na política da linguagem. Os dois autores questionam o sistema linguístico, e a forma como esse sistema regula nossos modos de vida. Para o primeiro autor são os sentidos cristalizados socialmente que nos programam e nos levam a certas cadeias de significantes, sem nos darmos conta de outras infinitas possibilidades. Para o segundo autor a moral escrava não cria um sistema de linguagem, mas se utiliza de um já

existente, no caso o dos senhores, cujos valores já foram pré-estabelecidos, sendo na verdade uma contra linguagem reativa, como vimos nos capítulos anteriores, que nega a vida, a imprevisibilidade, as ambiguidades e as inúmeras incertezas que a compõem.

A iterabilidade do ato de fala, a repetição e a alteração, podem produzir na superfície corporal as inscrições necessárias para a quebra de uma origem ou o fim do ato interpelativo. Produzindo aquilo que Derrida (1973) chamaria de desconstruções (no plural como costuma marcar), tal conceito nos deixa como legado um aumento da nossa capacidade crítica e reflexiva de como somos afetados pelas nossas experiências, carregadas de ideologias embutidas na linguagem, que em muitas das vezes nos passam despercebidas.

Se o caráter profundamente ideológico da linguagem medeia as nossas experiências, nessa mediação não pode ser desconsiderado o fato de que a fluidez e as ambiguidades de todas as experiências, são também possíveis por meio dela, uma vez que a linguagem não é uma ferramenta tão confiável de comunicação. Derrida afirma na obra *Gramatologia* que: “É preciso pensar o rastro antes do ente” (1973, p. 57). Assim, o rastro não é a origem que desapareceu, mas a *différance*⁴⁹, porque efetua o adiamento do sentido que é assumido como presença. Um rastro, retrospectivo ou prospectivo, levará a outros rastros; “[...] a origem não desapareceu [...] ela jamais foi retroconstituída a não ser por uma não-origem, o rastro, que se torna, assim, a origem da origem.” (p. 75). Nesse capítulo, penso o rastro como uma construção imbricada de passado, presente e futuros possíveis.

Na desconstrução derridiana os significantes serão sempre apontados como fugazes e instáveis e de continuação infinita, uma vez que o que tomamos por significado será apenas um traço mental, uma herança deixada pelo conjunto de significados na cultura. Por meio da repetição, será sempre possível recriar novos enunciados, não como cópias, mas como novos enunciados com novas potências performativas, em que outros signos construirão diferentes contextos.

O processo de recriação para Derrida será efetuado por dois meios: a *iterabilidade* e a *citacionalidade*. No primeiro nós construímos a nossa comunicação através das repetições, que surgem nas nossas inúmeras interações, no segundo meio nós produzimos deslocamentos de

⁴⁹ O conceito de *Différance*, um neologismo criado por Jacques Derrida carrega o duplo sentido de diferença e diferimento. Faz alusão ao modo pelo qual o significado nunca está presente por si mesmo, mas depende sempre do que está ausente. Para Derrida na linguagem há apenas diferenças, sem que haja termos positivos. Butler usará esse conceito para dizer que “se a linguagem tal como é teorizada por Derrida é incompleta e aberta, então o próprio sujeito será igualmente caracterizado por sua incompletude”. (SD. p. 179)

signos por meio da citação (estamos dizendo sempre algo, que de alguma forma já foi dito e pode ser dinamizado em novos contextos enunciativos). Nessa perspectiva de uma representação linguística torna-se uma quimera, uma vez que Derrida problematiza e critica a “ordem mesma do conceito”, propondo inversão de hierarquias de significados e apontando caminhos que trabalham a partir da desconstrução desses mesmos significados.

4.1 A PERFORMATIVIDADE PRODUZINDO NOVOS FUTUROS EM OPOSIÇÃO AO RESSENTIMENTO POLÍTICO

No dia 06/11/2020 um grupo de jovens roqueiros paulistanos produziu escândalo ao lançar um clipe musical chamado de *Kit Gay*, em que o cantor principal, vestia-se apenas de uma meia, que encobria o seu pênis. Desse modo entextualizava uma atitude já conhecida no mundo do *rock and roll*, batizada de “sock on the cock” (meia no pau), performada pela primeira vez pelo grupo *Red Hot Chilli Peppers*, no ano de 1985 na Alemanha. A performatividade corporal do grupo estrangeiro era parte da promoção do álbum musical cujo título era *Fight Like a Brave* (lute como um bravo). Na figura 22, que compõe um dos primeiros momentos do clipe, observamos como a banda brasileira performa o *sock on the cock*:

Figura 22: “Sock on the cock” (meia no pau)



Detonautas - Kit Gay (Clipe Oficial)

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

O grupo brasileiro, já havia lançado uma outra música em que denunciava um escândalo financeiro com a primeira dama do Brasil naquele mesmo trimestre, dessa maneira o clipe *Kit*

Gay era a continuidade de uma performance denunciativa do governo ao qual estávamos submetidos, e cujos escândalos e desvios financeiros não condiziam com a proposta anunciada na campanha de um país sem corrupção política e moral. Mais uma vez, o título do clipe chamava a atenção muito rapidamente dos usuários da *internet* e promoveu um grande número de discussões na rede, mostrando como a moralidade regulatória dos corpos e o ressentimento nunca descansam, uma vez que a grande maioria dos comentários indexalizavam, como mais à frente veremos, marcas de ódio e de repulsa diante das possibilidades das sexualidades e dos gêneros desviantes.

Enquanto gênero textual o vídeo clipe do Detonautas é altamente multimodal, pois constitui “significados que se apresentam simultaneamente em mais de uma forma de significado (texto, imagem, espaço, objeto, corpo, som e fala), motivados por funções de significados compartilhados (referência, agência, estrutura, contexto e interesse)” (COPE; Kalantzis, 2020, p. 33). A estética adotada nas imagens que compõem o vídeo clipe são tomadas interpretativamente associada aos processos de circulação textual em espaços virtuais, em que fenômenos como a “viralidade e memecidade” (Blommaert, Ying; Kunming, 2019) são próprios da época atual, e foi altamente utilizado durante a campanha eleitoral de Bolsonaro.

Os 10.397 comentários, situados na plataforma digital *YouTube*, em torno do clipe mostram como o agrupamento mantem, entre nós humanos, um sistema de signos que também traduz e reduz os nossos pensamentos às palavras, em busca de sobrevivência de determinados grupos que se sentem ameaçados por outros, ou um conjunto de forças que se alternam entre forças ativas e forças reativas. A comunicação para Nietzsche seria, nesse sentido uma experimentação comum das coisas, em outras palavras uma vida em comum, ou de valores morais compartilhados. Vejamos o que o filósofo alemão, diz a respeito disso:

O que é afinal, a vulgaridade? – Palavras são sinais sonoros para conceitos; mas conceitos são sinais-imagens, mais ou menos determinados, para sensações recorrentes e associadas, para grupos de sensações. Não basta utilizar as mesmas palavras para compreendermos uns aos outros; é preciso utilizar as mesmas palavras para mesma espécie de vivências interiores, é preciso, enfim, ter a experiência *em comum* com o outro. Por esse motivo os indivíduos de um povo se entendem melhor do que membros de povos diversos, mesmo que estes se sirvam da mesma língua; (Nietzsche, 2020, p. 165)

Nesse sentido a linguagem seria uma forma de nivelamento e de vulgarização das nossas experiências, e das nossas expressões, uma vez que esta reduz, por exemplo termos como

homem e mulher a significantes já cristalizados por meio de experiências sociais anteriores. A redução de significantes por sua vez, produz o que o filósofo chamou de “moral de rebanho”, comportamento humano que não reflete os valores dominantes da civilização, mas que se classifica puramente pela submissão, e em termos mais vulgares pelo comportamento de manada – tal como o gado.

Na desconstrução derridiana os significantes serão sempre apontados como fugazes e instáveis e de continuação infinita, uma vez que o que tomamos por significado seria apenas um traço mental, uma herança deixada pelo conjunto de significados, aqui ousou aproximar de forma superficial, o pensamento dos dois filósofos relativos às nossas práticas de cristalização de signos, práticas não confiáveis e vulgarizadas. Ao afirmar que adiamos sempre os significados, os conceitos de desconstrução e vulgaridade operam por aproximação.

Desconstrução e transvaloração dos valores, serão importantes para a construção nessa tese dos valores que potencializam a linguagem como uma instância de produção de um futuro e uma história que desejamos, onde as singularidades e subjetividades possam coexistir sem a presença de tantas violências direcionadas aos corpos abjetos. Se em alguns momentos as análises se aproximarem de um certo estruturalismo linguístico, isso é devido à necessidade produtiva dessa história e de utilização dessa ferramenta escorregadia que é a linguagem.

Retomando a “moral de rebanho” que venho aqui discorrendo, refiro-me mais especificamente àquela que se preocupa principalmente em validar continuamente a cisgeneridade, esse mecanismo que subordina e calcifica a heteronormatividade. Para Vergueiro (2015) o mesmo mecanismo que convoca a todos a performar em torno de uma sexualidade central e autodenominada como natural, uma “moral escrava” que opera assim: “Enquanto toda moral nobre nasce de um Sim a si mesma, já a de início a moral escrava diz Não a um “fora”, um “outro” um “não-eu” e este Não é seu ato criador” (Nietzsche, 2020 p. 29, grifo do autor), portanto fruto de fraqueza, debilidade e ressentimento.

Os ressentimentos se opõem ao mundo e a tudo o que é mundano, tomado-o como signo de negatividade da vida. Constroem discursos e marcas que constituem a negação, como por exemplo: negação dos prazeres da carne, ocultação dos corpos, repreensão da sensualidade, e das liberdades dos prazeres, entre outras coisas. Como grupo, ou melhor como manada, são guiados pelos ideais de elevação e de vida pós vida, buscam e procuram a promessa do divino, do superior e do sublime. A moral de rebanho é uma “prevalência e predominância sobre os demais instintos.” (Nietzsche, 2020, p. 89).

Nos comentários analisados na segunda seção desse capítulo, verifico como o que se diz em torno do corpo do cantor do grupo Detonautas, aponta sentidos que buscam a manutenção cis-heteronormativa, ao mesmo tempo em que mostram as contradições, dissensos e as lutas, pela inteligibilidade dos corpos, com ênfase nos corpos cujas vivências possibilitam outros modos de subjetivação, além de suas manutenções em relação ao sistema sexual e de gênero, produzindo as “verdades do sexo” (Foucault, 2017) .

Na figura 23, O grupo Detonautas captura o sentido de manada, ou de rebanho em seu clipe, fazendo uma crítica ao modo como os eleitores de Jair Messias Bolsonaro reiteram performances que os fazem “mais dos mesmos”, de pessoas que comungam de ressentimentos, e que em sua maioria se identificam como “soldados do mito”, ou como *performers* (aqui penso mais próximos da linguagem teatral), uma vez que em muitos dos eventos de campanha era possível observar uma teatralização de certas identidades – como por exemplo, nas inúmeras cenas de violência que eram encenadas em plena campanha e que davam autoria dos acontecimentos aos eleitores do partido oposto (as análises nos capítulos anteriores deixam o que afirmo mais compreensível). Observemos:

Figura 23: “moral de rebanho”



Detonautas - Kit Gay (Clipe Oficial)

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

O comportamento repetitivo, dentro da perspectiva do gênero é “efeito de práticas discursivas” e “reguladoras” (Butler, 2015, p. 45), as regulações discursivas são monitoradas pelos corpos que (re)produzem e reiteram as estilizações dos corpos. Ao cantarem repetidamente “Minto acima de tudo/ Minto acima de todos/ Minto acima de tudo/ Todos juntos nessa saudação” (refrão da música), a banda de roque ironiza a maquinaria moral discursiva que estava presente durante a denominação do *kit gay* e dos direcionamentos que foram dados

a partir dele pela direita brasileira, e de grande parte da população, que instituiu um “pânico moral e de gênero”, de forma bem acentuada na última eleição.

No refrão também há um jogo semântico entre mito e minto (mentira), que encaminham para a construção de um imaginário coletivo que colocava em prática a sua “vingança imaginária”, seu ressentimento. Essa vingança, na campanha política de 2018, se fez a partir de coletivos conservadores (e da bancada evangélica), que buscaram por meio de ideais ascéticos e conservadores, reinstaurar uma ordem moral pretendida. Uma forma de se fazer “justiça”, que ia ganhando novas formas de enunciação em diferentes plataformas e redes sociais, mas que tinha em comum “a má digestão”, que funcionou como uma forma de não esquecimento em relação aos avanços de certos grupos sociais nas últimas décadas da história econômica do Brasil.

Para Nietzsche, do ressentimento se origina uma necessidade de justiça, porque a democracia pressupõe um regime de igualdade dos corpos, paradoxalmente temos também o sentimento de injustiça (real ou imaginária), diante de qualquer falha e e/ou erro. Tomando os eventos das NFs como a manifestação de sentimentos de grupos conservadores que se sentiram injustiçados com políticas públicas e programas sociais como: *Bolsa família*, *Universidade para Todos*, *Brasil sem Homofobia*, *Ministério das mulheres*, e outros, criou-se uma dor coletiva direcionada a um partido visto como corrupto e imoral.

O sentimento de injustiça que levou forças conservadoras a atuarem em aliança, com destaque especial ao ano de 2018, são também resultado de regimes de produção de subjetividades binárias, formadas dentro de uma cultura histórico colonial, racista, misógina e homofóbica. Para Souza (2018, p. 120) “As ideias dominantes explicam o mundo social e o tornam compreensível para a multidão de leigos, mas para serem bem sucedidas, devem falar ao imaginário e aos desejos socialmente compartilhados de classes específicas”.

O que vem se mostrando comum nos grupos de direita são os ataques e as maquinarias em relação aos corpos dissidentes, que são convocados para a reiteração de uma centralidade que se quer imutável, configurando que o sujeito é efeito do submetimento ao poder (Butler, 2001, p. 22), interpelando-os como sujeitos. Nesse sentido a filósofa se aproxima do conceito de vida *décadente*, pois “coloca em ação sua própria forma de violência”, onde o Estado assume a censura como uma forma de captura e de controle dos corpos.

Lembremos de toda a trajetória que venho mostrando aqui do conceito de ideologia de gênero, que nasce no cristianismo e funciona como um artifício de conservação de uma vida

décadente, para Nietzsche uma vida decadente é uma vida que desagrega os instintos, tanto os individuais quanto os instintos culturais, tornando a vida nivelada, sem estímulo próprio e submissa ao coletivo. Para Foucault (2017), a aposta é que a confissão foi a forma encontrada para que os nossos corpos pudessem estar dentro de um certo controle e da previsibilidade dos atos.

Voltando ao conceito de moral de rebanho, seria o fortalecimento de uma força reativa tomada como força produtiva de uma ordem, nesse caso de uma ordem conservadora, onde os conflitos, desejos e questionamentos dos corpos devem ser silenciados e/ou determinados para fins produtivos, como já apontei anteriormente. Foucault (2005) ao se referir aos corpos dóceis pensará em como o poder os requer e os produz a partir de saberes, nesse sentido “ser um soldado do mito”, ou pertencer ao “rebanho” é está dentro de uma docilidade pretendida, de uma docilidade que esconderá o interdito da violência presente na própria linguagem. Uma forma de (re)ativar uma força internalizada pela moral escrava.

O grupo de *rock* Detonautas antecipou, de alguma forma, uma imagem que se tornaria conhecida no mundo todo em 06 de janeiro de 2021, data em que o capitólio norte-americano sofreu um ataque dos seguidores da teoria QAnon⁵⁰. A imagem 23 pode ser vista também como uma paródia antecipada ao comportamento e a moral de rebanho sombreada pelo “American Way of life” (estilo de vida americano) político, uma vez que uma sucessão de fatos aconteceu em performances semelhantes entre Estados Unidos e Brasil. Dentre eles o fenômeno nas *Fake News* e de acusações pedófilas aos grupos de esquerda.

Assim como no caso *Pizzagate*, que já mencionei no capítulo anterior, a teoria QAnon vai cooptar seguidores por adesão a uma luta em favor também das crianças e da família, uma luta na qual “soldados” formam um exército moral e aniquilador daqueles que ameaçam a ordem conservadora. Na música do Detonautas pode-se perceber como esse comportamento é interpretado e traduzido no refrão, de tom e ritmo de hino “Minto acima de tudo/ Minto acima de todos/ Minto acima de tudo/ Todos juntos nessa saudação”. Podendo ser aproximada ao manto do movimento QAnon “where we go on, we go all” (Aonde vamos um, vamos todos),

⁵⁰ O QAnon está centrado na crença infundada de que Trump está lutando contra o chamado Estado profundo, a elite do tráfico de crianças, corporações sombrias e a mídia de *fake news*. De acordo com a teoria da conspiração, esses são os males contra os quais o agora ex-presidente dos Estados Unidos vem travando guerra. Fonte: [O que aconteceu com invasores do Capitólio, nos EUA – DW – 10/01/2023](#)

que foi entoado com força nos dias de ocupação do capitólio, ilustrado na figura 24, onde aparece um dos principais líderes dessa invasão:

Figura 24: “Xamã” da QAnon



Fonte: [O que aconteceu com invasores do Capitólio, nos EUA – DW – 10/01/2023](#) .

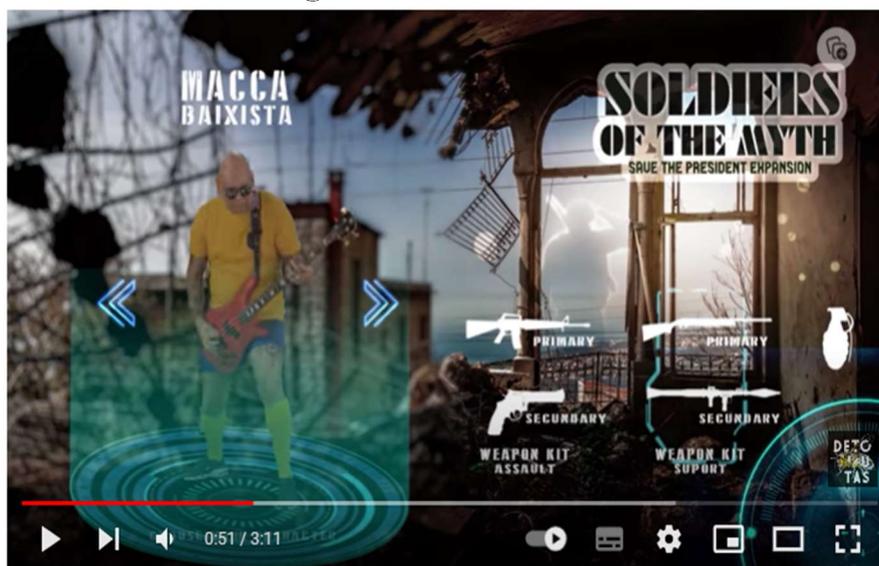
Se na figura 24 o búfalo americano tenta impor sua força e brutalidade, no Brasil vamos ter a produção de outros significantes a partir do gado, da obediência e da submissão a valores que se querem nacionalistas, mas que em verdade cumprem principalmente a agenda econômico-moralista estadunidense. As performances do búfalo e do gado ilustram os efeitos do discurso e como eles operam na multidão, de forma mais ou menos aproximada.

No entanto “o poder do discurso é social; as relações criadas no discurso são criadas na sociedade. Perceber o funcionamento da performatividade desses atos discursivos é negar a sua essencialidade”, (Marques, 2020, p. 241). Nesse sentido a cena (figura 23) do clipe entextualiza novos modos de ressignificar os acontecimentos e colocá-los dentro de uma outra visão crítica da realidade, que inclusive indexaliza: o riso, a paródia, a revisitação dos efeitos éticos da linguagem e da performatividade. O corpo que está no meio da cena produz uma imagem em que censura e quebra de censura, produzem novos lugares e novos contextos linguísticos de circulação dos temas morais recorrentes nas *fake news* e no governo Bolsonaro, durante e pós campanha eleitoral.

A crítica da banda pode também ser vista em outra cena, na figura 25: soldados do mito, que indexaliza a presença da militarização no projeto político de governo de Bolsonaro. Nela o baterista da banda é visto dentro de um cenário de *game* (o que se repetirá em outras cenas com os demais componentes do grupo). No canto direito da cena aparecem quatro armas e uma

granada, construindo uma interface que nos faz lembrar jogos de FPS (*first-person shooters*),⁵¹ jogos que são bastante procurados por jovens de direita, com uma espécie de “fetiche” pelo exército e pela militarização, que caberiam estudos mais aprofundados em futuros trabalhos sobre essa fetichização.

Figura 25: Soldados do Mito



Detonautas - Kit Gay (Clípe Oficial)

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clípe Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Algumas pesquisas que se dedicaram a estudar o bolsonarismo e a relação com os jovens, nos trazem alguns resultados que são relevantes para pensarmos os processos de subjetivação e de formação identitária desse grupo de eleitores, que também parece ser o público alvo do grupo de roque Detonautas. Para Pinheiro-Machado e Scalco (2018), que realizou um largo estudo etnográfico com jovens residentes em periferia entre os anos de 2009 e 2016⁵², observaram a tendência de haver ódio na esperança e vice versa, afetos que vieram crescendo desde os anos de desenvolvimento econômico capitalista, durante e pós governo Lula.

⁵¹ FPS (*First-Person Shooters* ou tiro em primeira pessoa). são jogos como *Call Of Duty*, *Battlefield* e *Counter-Strike*, que são centrados em armas de fogo, no qual o que se enxerga é a partir do ponto de vista do protagonista, como se o jogador e o personagem do jogo fossem o mesmo observador.

⁵² Pesquisa disponível em: [content \(fgv.br\)](https://content.fgv.br/) em 24 de jan. de 2024.

O ato de consumo e de entrada desses jovens e suas famílias em contextos econômicos emergentes trouxe para Neri (2010) uma sensação de “brilho” e de crescimento entre os mais pobres, uma vez que durante o lulismo aumentaram seu poder de consumo e experimentaram uma redução dos índices de desigualdade social, inclusive em meio a uma crise internacional em 2008, parecia que caminhávamos na contramão dela. Os anos que se seguiram começaram a registrar quedas econômicas e escândalos políticos que fortaleceram rivalidades entre grupos e classes sociais.

Aqui cabe uma revisitação ao conceito de Vontade de potência, que aparece como “uma força eficiente. Querendo-vir-a-ser-mais-forte, a força esbarra em outras que a ela resistem; é inevitável a luta – por mais potência” (Nasser; Rubira, 2016, p. 424). As performances combativas dos “soldiers of the myth (soldados do mito)”, que são satirizadas no clipe ilustram, por outro lado também as forças dos que estão na mira, dos que resistem à norma fascista operada pela direita brasileira. Corpos que lutam como ação e efeito do discurso – corpos que atiram e que estão na mira. Associarei a figura 23 também à segunda estrofe da música, que compõe o clipe:

“Minha bandeira jamais será vermelha no grito
Sou preparado e treinado pra ser soldado do mito
Tenho espingarda, bazuca, fuzil, granada e oitão
Sou um seguidor do Olavão,
sou o guardião do Capitão” (segunda estrofe)

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](#)

“Ser um soldado do mito”, ou “ser um seguidor do Olavão” indicam engajamento dentro da causa da direita, que defendia inclusive o armamento da população civil, encorajando desse modo a produção de identidades associadas ao ódio, e à violência. Sujeitos que põem em ação sua vontade de vingança, um reenaminhamento dos desejos reprimidos, esse desejo de vingança foi se associado a moral escrava ressentida e direcionado a grupos cujas vivências têm sido precarizadas, assim como uma depreciação do poder do Estado em manter a segurança da população, como é o caso da juventude brasileira pós governo petista.

Um evento comum entre os jovens brasileiros, que nos ajuda a pensar a luta de forças nos últimos tempos foram os “rolezinhos”⁵³ comuns entre os anos de 2013, 2014. Para Standing (2016) uma espécie de “rebelião primitiva” (o termo não foi utilizado em tom pejorativo pelo autor) que construíram uma narrativa de guerra. Retomando aos termos nitzscheanos, uma expressão de mais vontade de potência. Para Espíndola (2017), que acompanhou o movimento rolezinho nos *shoppings* da cidade do Rio de Janeiro, as práticas “rolezeiras” apontam evidência de resistências performativas nos controles biopolíticos da população mais jovem, que pôs também em movimento a biopotência (Foucault).

A imagem do candidato Bolsonaro figurou como uma presença totêmica, especialmente após o ano de crise econômica de 2014, entre muitos jovens, para o DataFolha o eleitorado de Bolsonaro em sua pré-candidatura era constituído de muitos jovens entre 16 e 34 anos, que começaram a vivenciar nas últimas décadas as inseguranças econômicas de um país dentro de uma economia global em crise. O “brilho” apontado por Neri (2010) começava também a ser ofuscado entre os mais jovens, que em boa parte foram agenciados pelo ressentimento.

Ao prometer o fim da corrupção, o que poderia aumentar as possibilidades de consumo entre os jovens, o candidato de direita ia avolumando o seu “exército” dentro de uma moralidade que se pretendia resolutiva e aniquiladora de inimigos, nesse sentido “ser soldado do mito” era abraçar uma causa maior, uma causa que tinha como alicerce a moralidade diante dos corpos, o fortalecimento do nacionalismo e a restauração de um país com valores cristãos. Importante observar que o político também performatizava seus enunciados de ódio em tom jocoso, o tom engraçado e o tom risível, como exemplo disso podemos citar as muitas falas em relação aos corpos trans, às mulheres, e aos afro-descendentes brasileiros.

“Ser soldado do mito” e “Ser guardião do Capitão”, criam uma ordem de indexicalidade que privilegia as forças de guerra e mais especificamente da militarização, uma vez que o termo capitão entextualiza uma das primeiras patentes militares do candidato da república, e reforçam um ideal de masculinidade, virilidade que merece ser resguardado, protegido. O significante “guardião” na música produz um sentido de religiosidade que reforça a noção de “rebanho” e

⁵³ O termo rolezinho refere-se a presença de jovens oriundos de periferia, que passaram a ocupar *shoppings centers* nas cidades brasileiras, como resultado de presença coletiva corpóreo-discursiva dentro de ambientes de consumo e de desejo de consumo. Para maiores esclarecimentos ver: O movimento Rolezinho | Jusbrasil.

Um importante trabalho sobre os rolezinhos é a tese *Quem pode “dar um rolé” no shopping? – a performatividade das “falas do rolezinho” na cidade do Rio de Janeiro*. (Espíndola, H. 2017 UFRJ)

da “figura do pastor”, especialmente dentro de uma agenda político conservadora, como venho demonstrando ao longo dessa tese.

A figura do candidato Bolsonaro em 2018 produziu uma gramática populista, que era fractalizada por seus seguidores, acionados por afetos reativos em relação aos “inimigos da pátria”, o maior dos sentimentos reativos foi o ressentimento que unia cada parte do “exército do mito”, e permitia (re)ssentir tudo aquilo que a polidez, a diplomacia e a ética impediram em outras campanhas políticas de virem à cena tão claramente. Importante lembrar que o ressentido é como um “barril de pólvora” prestes a explodir, e no ano de 2018 o pavio foi acessado pelo ódio e pela má consciência de si ao longo do tempo internalizados.

Porém interessa muito mais pensar aqui a partir das forças produtivas da sátira, da paródia e do escárnio dentro do clipe musical, que redirecionam as injúrias da denominação do programa anti-homofobia, o *Kit gay*, e que produziram certos efeitos perlocucionários como consequência dessa denominação. O grupo Detonautas, em um jogo metapragmático, produziu também uma perda de contexto e de temporalidade enunciativa, trazendo novos arranjos e clivagens ao assunto em questão. Ao dizerem no primeiro verso da canção “Roubaram o meu *kit gay* e eu não pude estudar”, há aí uma perda de contexto e de origem, que é passado, presente e futuro linguístico. Vejamos o que Butler (2021, p. 15) assevera:

Ser ferido pelo discurso é sofrer uma perda de contexto, ou seja, é não saber onde se está. De fato, é possível que a injúria de um ato de fala injurioso seja constituída pelo caráter *imprevisível* desse tipo de ato, o fato de deixar seu destinatário fora de controle. A capacidade de circunscrever a situação do ato de fala fica comprometida no momento do chamamento injurioso. Ser chamado de forma injuriosa não é apenas abrir-se a um futuro desconhecido, mas desconhecer o tempo e o lugar da injúria, desorientar-se em relação à própria situação como efeito desse discurso. (grifo da autora)

Se somos machucados por meio das palavras, das más denominações e das injúrias é porque elas podem ferir também os nossos corpos, como atos físicos que produzem ataques e violências de formas diversas. Certos corpos correm o perigo do linchamento, do assassinato, do desprezo e de tantas outras desestabilizações. Ao reencaminhar os ataques sobre o *kit* e colocar na mira dos seus emissores, o grupo Detonautas performa também uma luta de forças, uma força com menos medo, um contra-ataque que se baseia na resistência e na microrevolução. “A conexão metafórica entre a vulnerabilidade física e a linguística é essencial para a descrição

da vulnerabilidade linguística em si” (Butler, 2021, p. 16). Por sermos e estarmos vulneráveis, redirecionamos os ataques, e nos tornamos “máquinas de guerra” (Deleuze).

A máquina de guerra é uma potência ativa e criadora, conceito criado pelos filósofos Deleuze e Guattari, e não tem relação com o poder bélico, antes de tudo tem com a invenção, a criação e o nomadismo como princípios de sua força. Um corpo que se despe e se veste com uma meia (vide figura 22), é uma máquina que se desterritorializa, e produz incômodos à máquina de captura do Estado. Se despe e redireciona o “discurso bala” desse mesmo Estado, talvez esse corpo também fique nu em justiça aos povos originários desse país, que foram vestidos de roupas, violência e cristianismo⁵⁴.

A recente história econômica do Brasil, que se pautou nas últimas duas décadas em incentivo a bens domésticos de consumo para a maior parte dos brasileiros, fortaleceu também um campo de guerra e de revanches entre quem avançava economicamente, quem não avançou e quem era convocado a abrir espaço para a ascensão de grupos historicamente marginalizados. A questão não era somente sobre o direito de consumo, mas também sobre a vontade de certos grupos de que nem todos consumissem, criando um cenário de ressentimento que culminou no *impeachment* da presidenta Dilma Rousseff, fortalecido pela crise econômica de 2014.

Pinheiro-Machado e Scalco (2018) vão observar também que associado ao cenário descrito acima houve também o crescimento de muitos coletivos negros, LGBTs (como escreveram os autores) e feministas “marcados pela lógica autonomista da descentralização e horizontalidade” (p. 57). Tal crescimento pode ser associado também a algumas mudanças na produção científica e de pensamento nos últimos anos, e na ampla divulgação dessas produções por meio das tecnologias virtuais e de suas redes sociais. As mudanças epistemológicas têm abraçado as causas e as vozes silenciadas, que seriam aquelas que estão dispostas a contar novas histórias, além de provocar mudanças nas subjetivações e na forma como temos olhado para a coletividade.

A sátira musical proposta pelo grupo Detonautas também enfatiza a ridicularização ao descrédito coletivo que foi dado às ciências e à educação durante as eleições de 2018. A crença no terraplanismo, que é uma teoria conspiratória sem nenhuma base científica, fruto de

⁵⁴ Permito-me aqui um exercício filosófico-poético baseado no poema *Erro Português*, de Oswald de Andrade: “Quando o português chegou/ Debaixo de uma bruta chuva/ Vestiu o índio/ Que pena! Fosse uma manhã de sol/ O índio tinha despido/ O português.”

afirmações de que a terra é plana (figura 25), pode ser interpretada como uma crença frágil, até mesmo *no sense* (absurda). No clipe a terra plana aparece sustentada por uma base que vai se afinando em meio à atmosfera infinita, no centro as personagens estão em um palco. Aproprio-me disso como uma indexicalização referente aos grupos neofascistas, que têm propagado absurdos e instaurado a dúvida e o desconhecimento como um dispositivo de captura e de alistamento ao “exército do mito”.

Figura 26: Negacionismo e terraplanismo



Detonautas - Kit Gay (Clipes Oficial)

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipes Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Na letra da música temos versos que encaminham os sentidos da ignorância e de como as ideologias vão se encadeando como uma corrente de sentidos, que tornaram possíveis certas coisas de serem ditas e “pensadas”. Vejamos:

Roubaram o meu Kit gay e eu não pude estudar
 Por isso que eu nunca dei motivos para me julgar
 Na terra plana me criei, não precisei me vacinar
 Minha mamadeira de piroca que tinha ponta toda torta

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipes Oficial\) \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

A afirmação no primeiro verso “eu não pude estudar” dá pistas de como um sistema de crença vai se formando, não poder estudar pode ser entendido como uma demonstração das possibilidades e impossibilidades que o estudo promoveu em 2018. Se por um lado, o discurso político populista produziu um profundo negacionismo em relação a fatos comprováveis, por outro o conhecimento poderia ter barrado as NFs como as que mencionavam o *kit gay* e a mamadeira de piroca. É recorrente em muitos momentos históricos a forma como a educação e professores são tomados como inimigos, na implantação de regimes ditatoriais e/ou

fundamentalistas, por isso a educação e o livre pensamento estão sempre como alvos de combates na agenda conservadora. Como projeto político do Estado a educação nasce para a docilização dos corpos, mas no dia a dia esse sentido pode ser ultrapassado e/ou ressignificado.

Retomo a introdução desta pesquisa e de como me sentia escrutinado nos meses anteriores à eleição presidencial, onde a direita brasileira conclamava uma “Escola sem partido” e a caça a(os) “professores doutrinadores”. Penna (2018), nos alerta em relação ao fato de pensarmos para além dessa proposta ser inconstitucional, é preciso pensar em como a moralidade agencia essa proposição, nesse sentido seu pensamento ressoa com grande relevância nesta tese:

A defesa de uma “escola sem partido” constitui uma grave ameaça para a educação brasileira, com ou sem transformação desse projeto em leis municipais, estaduais e federal. O discurso reacionário de defesa da proposta é superficial, e sua argumentação é extremamente frágil, se pensarmos em um debate com a contraposição de ideais, mas seu caráter fragmentado, fortemente calcado no ódio aos professores e abusando da manipulação política do pânico moral é uma receita de sucesso nas redes sociais. A adesão a esse discurso leva pais e estudantes a assediarem professores que se enquadram na figura do “inimigo” desenhado nessa paranóia persecutória. (p. 109)

A disputa para o autor citado é pensar sobre quem educa: a família ou a escola? Há um deslocamento ou negação do papel da escola, e isso aparece ironicamente na música no verso “por isso que eu nunca dei motivos para me julgar”, nas entextualizações discursivas há uma denúncia sobre um comportamento coletivo, ou comportamento de manada, em 2018 muitos de nós brasileiros passamos a ser alvo de uma parte da população que condenava as práticas escolares, os saberes acadêmicos e as comprovações científicas.

Passamos a ser alvo da “vingança adiada”, que é aquilo que sustenta o ressentimento, uma fantasia central e duradoura que dá sentido às vidas ressentidas. Em um país como o Brasil, onde as marcas e as lacunas sociais são profundas, o conhecimento aparece como uma possibilidade de escape para alguns, ao mesmo tempo como um alvo para aqueles que não querem que muitos saiam de suas castas sociais. Nesse sentido há forte investida contrária à educação popular, principalmente àquela que é vista como transformadora social.

Vimos nas últimas décadas histórias de pessoas marginalizadas se concretizarem como mais afastadas das margens, por meio de políticas públicas que permitiram acesso às universidades, a um sistema de saúde mais público e à transferência de recursos para

praticamente toda a população (um exemplo objetivo disso o programa *Bolsa família*). Para a elite brasileira esse avanço significou perda e/ou estatização de suas riquezas, essa hipótese fortaleceu em 2018 a hora da vingança, uma vez que “o ressentido é um escravo de sua impossibilidade de esquecer”. (Kehl, 2020, p. 73).

O que o vídeo clipe *Kit gay* faz é também uma forma de revanche, onde se busca em posição de contra-ataque em uma arena de luta, onde as armas apontadas são discursos que são redirecionados e indexicalizados pelos cinco corpos dos roqueiros, cujas parodias põem a direita brasileira em uma situação de deboche, ultrapassando a condição de “performativo não sério” (Austin 1990, 21-22). Vale lembrar que a “gramática populista Bolsonarista” (Rabachini, 2023), ganhou força por performances risíveis de “homem brincalhão e descontraído” (p. 69). Assim sendo também os roqueiros potencializam aquilo que pode um corpo, uma vez que os significados são “criados na configuração dos corpos humanos: gesticulações, aparências corporais e encenações” (Cope e Kalantzis, 2020, p. 123.).

4.2 PERFORMANCES DISCURSIVAS: ENTRE A NORMALIZAÇÃO DOS CORPOS E A PRODUÇÃO DE RESISTÊNCIAS DISCURSIVAS

Feitas as análises de apresentação do videoclipe, de algumas cenas e trechos da letra da música, passarei para a análise discursiva de 15 comentários que foram postados desde a publicação do vídeo até a data de hoje (25/10/2023). A triangulação dos discursos linguísticos se deu por meio de observação às menções diretas aos termos *gay*, *Kit gay*, mamadeira de piroca, homofobia e de manifestações diretas às imagens contidas no videoclipe. Sendo os comentários, divididos em três categorias distintas: 01. Comentários marcadamente de aprovação em relação a performance da banda. 02. Comentários marcadamente de desaprovação ao videoclipe dos Detonautas, por último 3. Comentários de posicionamentos imprecisos e/ou vagos. O que chamou a atenção principalmente foram os aspectos de deboche e a forma como os comentaristas tomaram para si a temática do clipe, em expressões do tipo: “credo”, “que vergonha”, “isso aí Detonautas”, “quero ver os *bolsominios* chorarem”. Tudo que era dito pareceu-me ser a manifestação de uma luta que estava para além dali.

Ao analisar os comentários o intuito não é de modo algum de se voltar para dentro dos discursos tão somente, mas antes pensar naquilo que eles provocam, aquilo que produzem externamente e o modo como se ampliam em circulação, criando novos acontecimentos, até

mesmo novos discursos, segundo Foucault ([1970] 2014) “O comentário conjura o acaso do discurso fazendo-lhe sua parte: permite-lhe dizer algo além do texto mesmo, mas com a condição de que o texto mesmo seja dito e de certo modo realizado”. (p. 24).

O comentário pode trazer como acréscimo a construção de inúmeros novos discursos, a partir de uma sombra moral que acompanha toda palavra, ele se dá por meio do acontecimento (Foucault, 2014), relacionado com a forte influência de Nietzsche e sendo adotado como relação de forças. As forças aparecem nos 10.397 comentários e são impossíveis de serem minuciosamente observadas, portanto ao triangular os comentários das próximas análises, priorizei aqueles que mais evidentemente me ajudaram a escrever uma história baseada em ressentimento e em resistência política.

É importante ressaltar o fato de que em espaços virtuais, novos contextos são produzidos em volumes contínuos e diversos, o que dificulta bastante o trabalho de pesquisa, mas estes mesmos contextos são orientados por uma regularidade que foi observada nas análises que venho fazendo, perseguindo a luta de corpos por meio/dentro do discurso moralizante.

4.2.1: “imagina a educação que ele deve dar para os filhos dele”: que corpo se desenha no ressentimento?

Nomeamos aquilo que fazemos pela linguagem, pelos seus efeitos produtivos, seus atos colocam em funcionamento a violência, ao mesmo tempo em que a linguagem é a agência dessa violência (Butler, 2021). Nos jogos dos atos de fala os corpos estão sempre em uma ambivalência entre sofrer e/ou produzir resistência frente aos atos violentos. Se na primeira parte de apresentação das análises do vídeoclipe a atenção maior foi dada ao corpo físico como um “vetor semântico” (Le Breton, 1976; Cope e Kalantzis 2020; Pinto 2009). Agora observaremos como os atos ilocucionários dos comentaristas do vídeo produzem/direcionam socialmente os corpos dentro da abjeção, conceito que Judith Butler problematizou em sua obra para definir os corpos que desestabilizam a ordem social desejada, tomados aqui como categorias para operação linguístico-política.

Lembremos que para Austin (1990) “o próprio dizer é um tipo de ação”, apoiado em convenções sociais. Ainda que o autor traga para este conceito a ideia de autoridade que chancela esses atos. Considerarei que as próximas análises, entextualizam comentários de pessoas cujas posições de autoridade são desconhecidas, uma vez que estas aparecem entre

milhões de comentadores, no entanto considero que o percurso genealógico das NFs, trazidos nos capítulos anteriores, direcionam também uma certa origem de autoridade presente virtualmente nesse gênero textual e dessas práticas discursivas, oriundas de discursos políticos e discursos religiosos, com seus efeitos ilocucionários.

Os 10.397 comentários, após leitura de cada um deles, foram reduzidos a um número total de 15 comentários. Nesta seção serão analisados 09 deles, e os outros 06 comentários analisados na seguinte - Os comentários da primeira retomam, de certo modo os sentimentos de ódio, inveja e ressentimento em relação aos corpos não binários. Comentários que produzem novos discursos, ou operações por meio da ordem do discurso, em que “a multiplicidade aberta, e o acaso são transferidos, pelo princípio do comentário, aquilo que arriscaria de ser dito, para o número, a forma, a máscara, a circunstância da repetição” (Foucault [1970] 2014, p. 25).

Em alguns comentários observados há forte presença de novas modalidades textuais, que se fazem de modo pictográfico por meio dos *emojis*, que seria uma nova forma de “escrita” digital por meio de imagens, estes derivam de dois termos japoneses e se inspiraram em ideogramas. Atualmente são costumeiramente utilizados nas redes sociais como forma de comunicação rápida e por sua dinamicidade em apontar sentidos. Percebi os *emojis* também como constitutivos de narração de “histórias-curtas” (De Fina, 2020), referenciando-me nas minhas utilizações pragmáticas nas redes sociais e naqueles em que tenho estado em fluxo de interação nos últimos anos, além de certos sentidos que têm sido cristalizados por meio de uma “gramática dos emojis”, no entanto as fotos e imagens das pessoas não estão presentes nas análises, por questões éticas⁵⁵ não aparecem diretamente nos resultados.

Foram essenciais às observações e análises dos *emojis*⁵⁶ nos comentários as pesquisas de Souza Junior (2022), Bonfante (2016), Paiva (2016), que têm se dedicado a observar essa nova modalidade textual como atos performativos semióticos associados aos desejos. Ainda Kress (2005, p. 182) vem afirmar: “a forma é usada para representar toda a possibilidade

⁵⁵ O sentido de discurso nos comentários vai além do ato individual da fala, ainda que os corpos/pessoas produzam sentidos, a retirada de suas imagens, configura-se como uma tentativa de tornar as análises discursivas menos centradas nos sujeitos falantes e mais na análise de processos discursivos que estes produzem ou agrupam.

⁵⁶ Os emojis têm sido usados para representar diversidade e inclusão. Em 2015, a Apple incluiu emojis com diferentes tons de pele e, desde então, outras empresas também adicionaram opções de tons de pele em seus emojis. Em 2019, o Unicode Consortium (organização responsável pela padronização de emojis) lançou uma atualização que incluiu emojis de casais inter-raciais e de gênero neutro.

semiótica”. A observação à regularidade e repetição foram essenciais para apontar uma certa “tradução” das figuras, que se fez durante todo o processo de escolha dos comentários que seriam verificados nesta pesquisa, bem como daqueles *emojis* que estavam presentes em muitos outros trechos que não foram usados diretamente nas análises.

Dentro do enorme universo, que é a pesquisa netnográfica, muitas vezes me perdi com a quantidade de comentários, assim como com a expressiva materialidade que encontrei neles, seus fluxos linguísticos trazem para a pesquisa um modo novo de analisar o discurso, tarefa em que Silva (2019) foi mais uma vez inspirador com seu trabalho *Quando dizer é violentar, violência linguística e transfobia em comentários online*, ainda que operemos com distintas diferenças, a minha articulação de análise nos comentários que se seguem foram também movimentadas por “múltiplos processos de contextualização acionados pelas pistas linguísticas de diversas naturezas (lexicais, sintático-semânticas, intertextuais)” (p. 184).

Nos três primeiros comentários analisados gostaria de pontuar, como o imaginário coletivo se manifesta a partir de três posições que marcam respectivamente crença na educação moral, censura moral em ambientes familiares e censura ao corpo artístico. Pode-se perceber nos três comentários de Oendes Marques, Luh Paulina e Super Intendendo do Universo um jogo de invalidação social do cantor Tico Santa Cruz, seja como pai, ou como *performer* artístico. Ainda que separadamente cada comentário possa levar a outras tantas possibilidades e percepções, irei agrupando ao longo das análises por aproximação de conteúdo, e da forma como as identidade-interação (De Fina, 2020) vão se formando endogenicamente através da forma como vão explicitando seus posicionamentos e reproduzindo certos regimes de crenças por meio da linguagem e do ressentimento. Vejamos os três comentários enumerados de 01 a 03 na figura 27:

Figura 27: “No meu tempo roqueiro usava, no mínimo calça jeans”

comentário 01:

[Oendes Marques](#)

[há 1 ano](#)

Imagina a educação que ele deve dar para os filhos dele.

Comentário 02:

[Luh Paulina](#)

[há 2 anos](#)

Nossa, essa meia no Peru, mamadeira com um p...,na ponta , duplo sentido ,crianças vendo essa mamadeira, meu filho nunca vai ouvi a música de vocês , horrível essas figuras do clipe

Comentário 03:

[super intendente do universo](#)

[há 1 ano](#)

No meu tempo roqueiro de VERDADE usava no minimo calça jens

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](#)
(comentários agrupados e enumerados pelo pesquisador)

No comentário 01, fica explícito como o modelo de educação que se quer/se contraria determinadas expectativas esperadas de um pai, ainda que tomada sem a devida complexidade pela/o comentarista, uma vez o corpo seminu do cantor estava em função de uma performance que se pretende corpóreo-política e os contornos da vida pessoal do cantor não estavam presentes naquilo que ela comentava, não havia indícios reais de que tipo de pai ele é ou poderá vir a ser, a articulação do comentário parece abraçar aquilo que Nietzsche chamaria de uma vida *décadente*. O vídeo clipe *Kit Gay* produz uma ordem indexical, mobilizada a partir dos apontamentos indexicais: corpo + pai + educação e de como essas imagens contrariam a “docilização dos corpos” (Foucault, 2005). Afinal quem decide como um pai educa seus filhos?

Tomo como indexicalidade maior nesse comentário o fato de que o pai idealizado e construído socialmente não deve “estar nu”, não deve fazer defesa ao *kit gay*. Se nu e em defesa da abjeção, ele é tomado como um inimigo do modelo, ele desestabiliza a norma, quebra tabus e ao mesmo tempo nos dá indícios de que tipo de mãe/pai Oendes performa no seu comentário. Para Loxley (2006) “Os atos performativos e os constativos não podem ser devidamente isolados um do outro, os diferentes aspectos do uso da linguagem que os termos denotam devem ser examinados em conjunto, com foco no “ato de fala” em geral. (p. 17), assim o comentário constata a verdade social cristalizada dentro de um jogo que é performativo.

O comentário 02 de Luh Paulina aponta para a censura, tanto voltada à performance da banda como à forma como ela utiliza a língua para descrevê-la, primeiro a palavra “peru”, depois a palavra p... (que censura a palavra pau e/ou seus sinônimos). Em seu comentário vai se constituindo como mãe, que mesmo afirmando que o sentido é duplo, parece agarrar-se a um que lhe causa pânico moral, e conclui: “meu filho nunca vai ouvir a música de vocês”. Sua conclusão reafirma a força que a família tem na manutenção da moral e da norma, e na defesa das crianças, no entanto essa defesa parece virar às costas para outras crianças, como aquelas cujos corpos são alvos da homofobia.

A defesa das crianças é uma luta justa, e resultado também de empenhos e lutas sociais, mas não pode ser reduzida a algumas crianças somente, esse direito de defesa deve contemplar o maior número de crianças possíveis, deve alcançar inclusive, com grande urgência, os corpos que estão em vulnerabilidade e precariedade social. O programa *Brasil sem Homofobia* visava essa garantia e promoção dos deveres protetivos do Estado, mas sua implantação como política pública causou e vem causando profundo desconforto em parte da população.

O que cada vez vai se reafirmando nas análises que tenho realizado, são performances cada vez mais combativas em relação aos corpos que são marginalizados ou precarizados, a maior parte da investida protetiva se dá em relação aos corpos que fazem parte da família tradicional hétero-cristã, que vai excluindo, combatendo, marginalizando outros corpos que não reafirmam esse regime, em que conforme verificou Preciado (2020, p. 80) “Se o útero tem uma função central no processo de acumulação capitalista, isso ocorre na medida em que ele é o lugar no qual se reproduz a mercadoria capitalista mais essencial: a força de trabalho”, e produções discursivas como as do comentário 02, reafirmam que essa defesa é uma tarefa que encontra grande adesão no conservadorismo moral econômico que foi e continua sendo performado na política brasileira.

Judith Butler (1990) foi essencial na reformulação do conceito de performatividade, uma vez que desfez a distinção sexo/gênero. Para ela todos os corpos são “generificados” desde o começo da sua existência social, de igual modo afirmou que não há existência que não seja social, problematizando a existência do “corpo natural”, negando-o e trazendo para a instância da cultura, o gênero não é o que *somos*, é algo que *fazemos*, chegando a afirmar: “O gênero é a contínua estilização do corpo, um conjunto de atos repetidos no interior de um quadro regulatório altamente rígido e que se cristaliza ao longo do tempo para produzir a aparência de uma substância, aparência de uma maneira natural de ser”. (p. 23).

Ao inscrever o sexo/gênero dentro da cultura Butler causou profundo alarde, porque sua afirmação desestabilizou toda a ordem compulsória a que estamos submetidos dentro das regras de controle social dos nossos corpos. Se antes seguíamos ritos baseados na ideia de um corpo naturalmente desenhado para funções específicas, agora a aparência dos nossos corpos é desestabilizada, causando dissidências e multiplicando as inúmeras possibilidades de existências dentro das singularidades. Pensando a partir do *quadro regulatório* apontado pela filósofa da linguagem, tomo o comentário 03, de Super Indendente do universo como umas dessas manifestações.

Nas práticas sociais corriqueiras somos confrontados com a iteligibilidade dos corpos, que se expressam linguisticamente em ditos como: “menino não usa saia!”, “isso é coisa de menina!”, “quer ser veado seja, mas não precisa ser afeminado”. Essas e outras falas representam certas inscrições dentro da nossa cultura e são práticas de disputas em torno de uma moralidade e de uma centralidade binária colonial – lembremos “azul para menino e rosa

para menina!”⁵⁷ Nesse sentido a moda pode ser um dos exemplos das práticas de controle e também de resistência dos corpos, na atualidade ela tem se popularizado como um fenômeno de naturalização das aparências (de todos os gêneros – ou ainda (a) genericamente).

Ao dizer “No meu tempo roqueiro de VERDADE usava no mínimo calça jens” a produção de sentido se dá por meio de uma evocação de tecnologias de gêneros mais ligadas ao passado, onde a calça era um signo de masculinidade, de respeito e de uma certa ritualização. Aqui, a identidade masculina do passado é tomada como uma reclamação, na qual o corpo do cantor mais uma vez vetoriza as ordens indexicais produzidas na naturalização cultural. Ao usar a expressão “no mínimo” o Super Intendente do universo, dá pistas também de que outras normas são esperadas e que uma narrativa nova sobre corpos e gênero vem sendo criada, ainda que o mesmo desconsidere que o cabelo grande, comum aos roqueiros, “no tempo dele” cumpria a função de transgredir determinadas normas.

A palavra verdade escrita em letras maiúsculas fortalece uma vontade compulsória de essência, uma obediência à ordem pré-estabelecida na cultura e nas identidades produzidas por ela e dentro dela. Essa obediência se faz por meio dos ideais ascéticos e seus usos “inocentes”, como: a rotina, a estabilidade, o reconhecível. Os novos tempos produzem no ressentido o medo, a desestabilização e o saudosismo – não à toa a política brasileira de 2018 evocava horrores passados como: nazismo, fascismo e ditadura militar, porque como sistemas autoritários e totalitários produziram uma “certa ordem”, baseada em controles extremos.

Se no passado os padrões de comportamento e a rigidez no controle dos corpos podiam, para alguns, serem associados à VERDADE (conforme comentário) é porque “dizer a verdade e acreditar na sua existência torna-se um componente essencial para que o tecido social não se decomponha” (Lima, 2014, p. 409). Nietzsche apontará inclusive que essa busca inalcançável se sustenta em regime de *pathos*, que encontrará na moral uma forma de sustentação – tendo como âncora a “moral escrava” ou a “moral dos fracos”, nos seus termos.

⁵⁷Afirmção feita pela ministra Damares Alves, ministra do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, no dia da posse do presidente Jair Messias Bolsonaro – em vídeo ela declarou que o Brasil começava uma nova era. Na verdade essa “nova era” tinha como missão propagar a agenda transnacional antigênero que escolhe o azul e o rosa como cores que marcam a essencialização dos corpos, cores que no conservadorismo representam o masculino e o feminino. Sobre a atuação no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos é possível verificar na tese A linguagem contra a democracia: registros discursivos e antigênero na política no Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos/ UFS (Silva, 2022)

Os fracos vão negar os prazeres e as possibilidades do corpo, resguardando-o para outros planos pós vida terrena. Se os corpos terrenos decidem viver outro modelo de vida, que questionem a sacralização dos prazeres, as moralidades cristãs e os valores tradicionais, há investidas contra estes – uma luta de forças como a que esta tese vem demonstrando, forças que privilegiam a moralidade ante a ética.

Ao se posicionar criticamente contrário às ideologias do governo Bolsonaro, até mesmo ridicularizar seus seguidores, os Detonautas passaram a desempenhar o papel de inimigos da moral e dos valores desse grupo. Como vingança, uma série de produções discursivas em comentários foram direcionadas tendo como apontamentos semânticos em muitos momentos corpo + abjeção + ridicularização, como os comentários enumerados na figura 28. Conforme se verifica:

Figura 28: "Cadê os ovos, tico?"

Comentário 04:

[david ferraz](#)

[há 2 anos](#)

Colocou a meia pra aumentar um pouco, né?? Kkkk

Comentário 05:

[Ana](#)

[há 2 anos](#)

Cadê os ovos, tico ?

Comentário 06:

[New Money](#)

[há 2 anos](#)

Só da agoniuzinha essa cintura sem bronze mas o resto tá perfecto

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](#)

(comentários agrupados e enumerados pelo pesquisador)

No ressentimento há uma forte movimentação dos afetos reativos. O ódio, a inveja, a suspeita, o rancor etc. são trazidos à cena como uma forma de se fazer justiça e de compensação pelo mal sofrido (mesmo imaginário), ainda que isso não signifique uma espera de ressarcimento total, pois a crença maior é na justiça divina, que se localiza fora da vida e se constitui como uma “vingança adiada” (Nietzsche). Partindo desse princípio de vingança futura, a compensação se dá por meio da projeção de crueldade e injúrias em relação aos “ímpios”, “aos pecadores”, “aos desordeiros”, até mesmo vale apostar investidas contra esses corpos (físicas e/ou psicológicas).

Se no passado a justiça se dava, quase que exclusivamente, por ataque direto às partes físicas dos corpos em práticas corretivas como: mutilação, espancamento, enforcamento, caça

às bruxas, entre outras formas de punição, na atualidade vamos materializar as formas de violências linguísticas como ferramenta “moderada” de correção e apontamento, constituída como uma manifestação psíquica de direito à crueldade. Vale dizer que essas práticas na verdade são contra o humano, o outro passa a ser o alvo de uma relação interior/exterior, que se dá por meio da “má consciência de si”.

Ao afirmar no comentário 04 “colocou uma meia para aumentar um pouco, né? KKKK”, David Ferraz dá pistas de que o pênis grande ou maior é uma manifestação de vontade de todos os homens, uma forma de representação masculina que habita os espaços dos significantes ao dar a entender que o cantor tem um pênis menor que o desejado, o comentarador manifesta sua vingança sutil com gargalhada KKKK (representadas pelas quatro letras maiúsculas), ao mesmo tempo em que o deslegitima dentro das críticas que o cantor faz ao governo de Jair Bolsonaro. Fica interdito que o Tico Santa Cruz não é homem suficiente para as críticas que ele faz, ou ainda sua masculinidade é vista dentro da abjeção.

O comentário seguinte, no caso o número 05 de Ana, segue uma linha muito próxima de argumentação do anterior, ambos reconvocam imagens cristalizadas da masculinidade apoiada no sexo, no sexo de tamanho expandido – no sexo que produz poder e virilidade, a redução desse sexo no discurso através das duas perguntas: *Para aumentar, né? E Cadê os ovos, tico?* Possivelmente tais perguntas fazem parte da engenharia argumentativa de invalidação da virilidade do cantor, aproximando-o de um corpo imaginado como “menos homem”, assim como traz resquícios de um medo da normalização das homossexualidades por meio do *Kit gay*.

O comentário 06, na figura 28, indexaliza uma ordem financeira, que se constitui tanto pela nomeação do comentarador/a “New Money” (seja uma pessoa ou não), quanto pelo despreço à cintura do cantor (“sem bronze”), pelo sentimento de agonia que parece provocar nele/nela, que repudia a flacidez corporal. Assim como nos comentários anteriores há projeção de um tipo de corpo que é apontado como potente, pelas pistas linguísticas: com mais pau, mais ovos, e menos cintura. Os jogos de criação desses três novos discursos produzem novidades, “não pelo que foi dito, mas no acontecimento a sua volta”. (Foucault, 2014, p. 25).

Os discursos conservadores e trazidos para novos contextos de enunciação, produzindo violências linguísticas direcionadas aos corpos, podendo em muitas das vezes passar despercebidas ou interpretadas como simples brincadeiras, como nas centenas de comentários que o videoclipe recebeu. Observar a quantidade de comentários que se repetem e mencionam

a meia usada pelo Tico Santa Cruz, faz transparecer a importância e o poder produtivo do sexo – observaremos que essa produção não foi apenas depreciativa, mas também se deu como uma marca de resistência e de desejo margeado, porém é preciso não esquecer como bem nos lembra Preciado (2020, p. 41) “ o sexo e a sexualidade não são propriedades essenciais do sujeito, mas antes o produto de diversas tecnologias sociais e discursivas, de práticas de política de gestão da verdade e da vida”.

Antes de me encaminhar para a próxima seção, gostaria de fazer a análise de outros três últimos comentários nesta, agrupados com pistas semântica e multissemióticas que reforçam o sentimento reativo e o pânico de gênero, ligado ao ideal ascético e ao ressentimento, em que determinados corpos são lidos como imorais e inferiores, assim explicados:

O homem *gay* ameaçaria a heterossexualidade a partir da castração e feminilização do corpo masculino. A mulher lésbica, por sua vez, apresentaria uma ameaça através da figura fálica feminina. A estratégia heteronormativa para fugir destes temores seria, precisamente, a abjeção destes corpos e práticas. É preciso, no entanto, estar atento para o fato de que “isto não significa que o homossexual é inerente ou essencialmente abjeto; ao contrário, quer dizer que a homossexualidade torna-se “abjetada” na construção da heterossexualidade normativa. (Houser *et al*, 1993, p. 86). O abjeto é identificado na cultura e, por isso mesmo, uma série de construções discursivas citacionais tratam de “empurrá-lo em direção a esta zona de “apagamento”. (Santos, 2013, p.101)

Os comentários presentes na figura 29, mostram como essa abjeção é construída dentro da cultura como aponta Santos (2013), o roqueiro vai sendo aproximado por alguns comentários da homossexualidade e por isso, vai sendo desenhando um desprezo ao seu trabalho e à sua sexualidade, no caso aquelas construídas dentro desses mesmos comentários. A engenharia de invalidação se dá por meio de uma abjeção previamente construída dentro do regime político-discursivo-cultural. Vejamos agora os próximos comentários:

Figura 29: “Deus vendo isso deve pensar, porque não coloquei na arca só os animais”

Comentário 07:

[Palavra Viva](#) 

[há 2 anos](#)

Sempre desconfiei que esse aí estava no armário doido pra sair e não tinha oportunidade, o mito fez um bocado sair do armário kkkkkkkkkk

Comentário 08:

[Renata Neves](#)

[há 2 anos](#)

discurso religioso, ou pelo menos de uma instituição dessa natureza, conforme sugere o contexto em que aparece.

A força do discurso que se apoia nas narrativas bíblicas também está presente no comentário 09, em que alguém diz “Deus vendo isso deve pensar, pq não coloquei na arca só os animaiss!”, mais uma vez é acionada a má consciência de si⁵⁸, que já mencionei no capítulo 02, ao não saber lidar com o corpo que não pertence a “manada”, recai sobre toda a raça humana uma depreciação e um sentimento de inferiorização, bem como de uma necessidade de pastoreio. Isso para os conservadores justificaria muitos dos atos da agenda moral cuja força recai sobre os corpos mais vulnerabilizados.

A construção semântica do riso é ilustrada pelos *emojis*, que poderiam caracterizar a desaprovação e/ou deboche em relação à música dos Detonautas, bem como as performances que estão presentes no clipe musical. A escolha do trio de *emojis* seguidos sugere um riso prolongado, que traz ao comentário um sentido de refinamento e/ou abrandamento da violência presente nele. Para o ressentido tomar o outro como risível, como inimigo e como desviado, faz parte do próprio mecanismo de manutenção desse afeto, em que os outros são “maus”, portanto eu sou “bom”, além de uma certa elaboração linguístico-vingativa.

Para os “maus” os ressentidos elaboram sempre a sua vingança secreta, produzida como desejo, e como já dissemos sem que haja “mãos sujas”, “Uma vez que não se permite reagir, só resta ao fraco ressentir” (Kehl, 2020, p. 74). Ao repensar a narrativa bíblica da arca de Noé, o desejo que se manifesta no comentário 08, de Renata Neves é de que Deus poderia ter afogado no dilúvio os humanos, constituindo mais uma vez a má consciência de si, uma vez que é um humano sentenciando imaginariamente a sua própria raça. A natureza dessa compensação é resultado dos prazeres de uma “satisfação íntima”, satisfação que se prolonga e é performatizada pelos mecanismos da culpa cristã, que vê o humano apenas possível de salvação, sempre depois do julgamento divino.

Seguindo o mote das narrativas e das “histórias-curtas” (De Fina 2020), há traços de uma moralidade cristã no comentário 09, ao escrever com letras maiúsculas “E O FIM DO

⁵⁸ *Má consciência de si* para Nietzsche seria uma introjeção dos impulsos animais, que compõem o humano e que tiveram que ser controlados no processo de hominização. Passando o ser humano a desenvolver a violência e os instintos naturais somente sobre si mesmo e necessitando da religião para domar e encaminhar as suas forças vitais.

MUNDO!!!” e continuar esse texto com *emojis*, que trazem sentidos semióticos ligados a uma associação negativa entre as performances da banda e o sentido de “feminilização” de seus componentes – antecipado por uma locução interjetiva e que vai encadeando sentidos associados à doenças (seringa+gota de sangue+ pílulas..), concluída por figuras que se posicionam no campo da vergonha:   □.

As possibilidades narrativas trazidas pelos *emojis* no comentário 09 são inúmeras, mas os sentidos que venho descrevendo aqui se dão em cadeia com outros fluxos linguísticos daquilo que está sendo enunciado, dentro de práticas linguísticas mais amplas que envolvem as NFs e o *Kit gay* e a mamadeira de piroca. Os três últimos comentários analisados até aqui operam em cadeia discursiva, nessa cadeia de enunciação a classificação, a eliminação e a inferiorização são produzidas historicamente dentro de um projeto modernista que visa controlar e administrar as populações assimiladas, mas também as outras partes dessa população que são marginalizadas por diversos marcadores como: raça, etnia, classe, gênero, sexualidade etc.

4.2.2: “que pouca vergonha kkkkk posta mais que tá pouco    □”: performances linguísticas e resistência

Esta última etapa desse capítulo tem como objetivo analisar outros três blocos de comentários, que diferente dos anteriores são marcadamente contra argumentativos, são trechos em que há presença muito forte de insurgências diante da captura moral cristã de um projeto político marcadamente conservador. Os efeitos de circulação das *Fake news*, produziram também “máquinas de guerra”, dispostas a colocarem seus corpos em um campo de luta, em que fortes disputas se dão por meio do discurso.

Para Foucault (2005), que deslocou consideravelmente o poder, “as relações de poder suscitam necessariamente, reclamam a cada instante, abrem a possibilidade de uma resistência; porque há possibilidade de resistência e resistência real”. Resistir para o francês é uma possibilidade que se produz dentro do próprio poder e não fora dele, elas começam quando ultrapassamos a classificação do bom e do mau, do legítimo e do ilegítimo e o interrogamos ao nível de suas condições de existência (Castro, 2016, p. 387). Nesse sentido as ironias, deboches e produções identitárias endógenas nos comentários analisados nas interações, produzem pela sua força ilocucionária e perlocucionária um local de trincheira discursiva.

Em 2020, dois anos do governo de Jair Messias Bolsonaro, a população brasileira estava completamente dividida e muitos dos posicionamentos que veremos analisados são resultado da insatisfação política e da necessidade de mudança, que se fazia no “performativo político” e nas “reformulações contínuas do sujeito” (Butler, 2021, p. 262). Ao produzirem o deboche e o risível tanto o grupo de *rock* Detonautas quanto os comentaristas do vídeo, produziam também atos de fala a partir da exprobatividade do discurso, daquele que foi produzido com grande força moral na campanha política de 2018, originados da máxima: “Deus, pátria e família”.⁵⁹

A resistência à moralidade e aos discursos de ódio, se realizam por meio da iterabilidade, rompendo com os contextos anteriores e com os principais lemas da campanha da direita brasileira de 2018, ressignificados com “atos de fala” e também “atos de corpos”. Se na teoria austiniana um ato de fala precisa ser autorizado, Butler (2021) vai problematizar isso, mostrando a importância de pensar que é “perfeitamente possível falar com autoridade *sem* estar autorizado a falar” (p. 258), e mais:

Se o discurso de ódio constitui o tipo de ato que procura silenciar a quem é endereçado, mas que pode renascer no vocabulário de quem foi silenciado na forma de uma réplica inesperada, então a resposta ao discurso de ódio é a “desoficialização” do performativo, a sua expropriação para funções não ordinárias. Na esfera política, a performatividade pode servir justamente dessas maneiras contra-hegemônicas. O momento em que o ato de fala, sem autorização anterior, apropria-se da autorização no curso de sua performatização pode antecipar e instituir contextos diferentes para a sua futura recepção (262-263).

Muitos outros acontecimentos discursivos pós *fake news* de campanha puseram inclusive o *kit gay* como um argumento que foi aos poucos tirando força política de Bolsonaro, quando notícias e avaliações negativas de seu governo foram vindas à tona, era muito comum as referências em charges, piadas, chistes ao referido acontecimento. Em muitos jornais internacionais era comum a retomada e as menções de vergonha. A abertura de sentidos quando lançadas ao futuro tem força de redirecionar o alvo, como estou pontuando nesse capítulo.

⁵⁹ O lema é uma retomada da proposta da *Ação Integralista Brasileira*, conhecida como o “fascismo brasileiro”, fundada em 1932. O termo Deus indicaria a influência cristã dos integralistas; pátria era definida como o nosso lar e família a menor unidade de organização social. Esse lema volta a reaparecer no final da década de 2010 e em 2018 durante a campanha para deputado federal de Levy Fidelix. Em 2019 Bolsonaro retoma na tentativa de criação do partido Aliança pelo Brasil, um tempo depois profere discurso na ONU acrescentando a palavra liberdade. Fonte: Como “Deus, Pátria e Família” entrou na política do Brasil – DW- 07/10/2022. Dw.com. Acesso em 29 ago de 2023.

Trato de acontecimentos recentes, ou ainda em curso, como já mencionei, portanto “a palavra que machuca se torna um instrumento de resistência na reorganização que destrói o território em que ela operava anteriormente”. (Butler, 2021, p. 267).

Os comentários continuam sendo agrupados em trios, as pistas sintático-semânticas de ordem de indexicalidade foram consideradas a partir dos temas, que eram mais evidentes e podiam ser aproximados para uma argumentação que se pretende denunciativa da moral cristã, reafirmo que todo o trabalho de entextualização dos trechos, poderiam possibilitar inúmeras outras leituras e interpretações, a que se quer aqui têm o fim específico de mostrar as forças ativas e reativas que estão presentes nas lutas em torno do corpo. Essa é a tarefa de bricolagem desta tese. Vejamos como na figura 30, três comentários ressignificam a moral e o conservadorismo:

Figura 30: “O mundo está de cabeça pra baixo e eu estou gostando”

Comentário 10:

[Clóvis Antonio](#)

[há 2 anos](#)

É uma ofensa a honra, aos valores e a moral. Posta mais!!

Comentário 11:

[Wallace Faria](#)

[há 2 anos](#)

Ficou sensacional!!!! Os bolsominions vão ter convulsões quando assistirem esse clipe, agora já não sabemos se é pelas referências ou pela atração sexual reprimida pela nudez do Tico! Kkkkkk

Comentário 12:

[Euriano Gomes](#)

[há 2 anos](#)

O mundo está se cabeça pra baixo e eu estou gostando

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](#)

(comentários agrupados e enumerados pelo pesquisador)

O comentário 10 entextualiza uma frase dos conservadores “É uma ofensa a honra, aos valores e a moral”, ao fazer isso cria um novo contexto de significação e de potência, uma vez que há aí um processo de transvaloração em que honra, valores e moral são reconvocados para outras finalidades, antecipadas pela expressão “posta mais”!!

Se na campanha política a moral cristã e os valores foram convocados e apresentados como lugar seguro para os ressentidos, o comentário 10 parece apontar na direção contrária e como modo de resistência talvez seja preciso parodiar certos valores, desestabilizá-los, mexer

com as suas estruturas moralizantes. O que mais assusta ao ressentido é a insegurança e tudo aquilo que não pode ser controlado não há lugar para o delírio, para a fluidez e para o devaneio.

O Estado, enquanto máquina de captura se utiliza da moral e dos valores, as “máquinas de guerra” vão reinventá-los, vão se formar no exterior dos planos do aparelho estatal. Deleuze (2010) vai apontar a experimentação e a criação como potentes nesse processo de fuga e de novos caminhos. As estratégias de desestabilização da moral pretendida vão desde um corpo masculino seminu ao aplauso e validação desse corpo por um coletivo de enunciação. Ao dizer “posta mais” o que é reivindicado é a continuidade da luta pelo ato de dizer – uma vez que ao dizer/postar coisas são feitas pela enunciação, novos territórios são desenhados, novos usos e encaminhamento da linguagem vêm à cena, no caso é uma força ativa.

Já o comentário 11 aponta um ponto que merece atenção particular, no caso a repressão sexual, que seria para o ressentido um ponto de grande tensão. Para Nietzsche o ressentimento “é consequência inevitável das restrições pulsionais autoimpostas pelo homem “civilizado”” (KHEL, 2020, p. 68). Antecipo que a questão merece um trabalho futuro bem mais profundo, uma vez que o foco da minha análise são os usos da linguagem e seus agenciamentos sociais.

Além disso a repressão sexual no comentário 11 é apontada de forma genérica dentro do comentário analisado, porém há um uso recorrente de “quanto mais reprimido, mais infeliz” em diversos outros comentários semelhantes direcionadas ao clipe, que não serão diretamente analisados aqui pelas próprias contingências desta tese, mas que parecem convocar esse imaginário coletivo que se perfaz em linguagem-repressão-infelicidade.

O que me faz associar também a argumentação de Wallace Faria ao fato de que somos sempre convocados ao confessionário, e nos é esperado falar sobre as nossas sexualidades – o que para Foucault (2017), se constituiria como uma hipótese não repressiva, mas sim produtiva de certos dispositivos de sexualidade, como mencionei no início desse trabalho. Os nossos corpos são sempre convocados à aparição, assim é mais possível nos controlar.

A repressão sexual é a contenção da expressão sexual, uma forma de cercar o desejo, de estancá-lo dentro de limites pré-determinados, em grande parte de fora para dentro. Nela o apagamento de pensamentos, sensações e desejos sexuais acontece como forma de manutenção da família autoritária e da ideologia fascista, como observou Wilhem Reich em boa parte das suas obras (1972, p. 99): "Uma vez que a sociedade autoritária se reproduz, com o auxílio da família autoritária, nas estruturas individuais das massas, a família tem de ser abordada e defendida pela reação política como a base do Estado da Cultura e da Civilização".

No ressentimento a repressão funciona como um meio de produção anti-devir, em que as configurações de estilos de vida são reguladas dentro do autoritarismo e da culpa, seus investimentos configurativos começam muito cedo, na infância e na adolescência como já observado. Ao mencionar que “os bolsominions terão convulsão sexual pela atração sexual reprimida”, o que se aponta de fato são *os instintos* (Nietzsche) e os *devires* (Deleuze), como caminhos para a resistência, modos de ações afirmativas da vida. Se a repressão sexual opera a partir da negação, o seu oposto seria um caminho mais libertário e afirmativo da vida.

A nudez do Tito Santa Cruz funciona como um vetor semântico para denúncia das forças morais autoritárias que sustentam o conservadorismo e o escrutínio dos corpos sociais, e que a todo momento estão em devir como aponta o comentário 12 “o mundo está de cabeça para baixo e eu estou gostando”. É preciso refazer o corpo social e colocá-lo de ponta cabeça, reposicionar suas partes, redirecionar olhares escandalizados para aquilo que pode um corpo – um corpo pode sempre resistir à norma, subvertê-la, atualizá-la, torná-la infinitamente inacabada.

Para o ressentido é preciso esconder o corpo, vesti-lo, censurá-lo em constantes processos de domesticação e espiritualização, a sua pulsão de vida é negada em nome de uma elevação. Para Nietzsche a produção do “animal domesticado” (sinônimo de ressentido) alcança mais êxito com a busca da religião ou da religiosidade, todavia para os corpos ativos o erro e a não “verdade” é também um caminho de gozo, desse modo afirmações do tipo “posta mais” e “eu estou gostando” fazem parte do gozo não adiado, da vingança imediata e das digestões rápidas dos afetos, contrárias ao ressentimento.

Os próximos comentários dão continuidade do sentido de resistência e do poder da paródia na entextualização das pautas morais e seguem denunciando as suas finalidades políticas, como veremos nos comentários da figura 31. Sigo pensando e operando teoricamente dentro das possibilidades de uma Linguística Aplicativa “mestiça e indisciplinar” (Moita Lopes, 2006). Ao longo das análises, vou operando ora mais com alguns autores, ora mais com outros, por entender que cada bloco de comentários vai construindo uma narrativa analítica de uma “história carnaval”, de um carnaval ainda na rua!

Sigamos as próximas três análises e vejamos de que forma os corpos se põem na arena, se fazem “máquinas de guerra”:

Figura 31: “Por acreditarem em Kit Gay, vão ficar sem kit entubação!”

Comentário 13:

[Quezia Braz](#)

[há 2 anos](#)

Isso é uma afronta a família tradicional brasileira, vou ali mostrar para meus filhos, vai ser a trilha sonora do nosso Natal kkkkkk

Comentário 14:

[Claus Prime](#)

[há 2 anos](#)

Por acreditarem em Kit Gay, vão ficar sem kit entubação!

Comentário 15:

[tina de Jesus](#)

[há 2 anos](#)

por causa desse kit gay muita gente não vai se aposentar, arroz 30 reais gás 100reais, conta luz mais cara o óleo 10 reais carne 50 reais parabéns aos envolvidos

Fonte: [Detonautas - Kit Gay \(Clipe Oficial\) \(youtube.com\)](#)
(comentários agrupados e enumerados pelo pesquisador)

“Vou ali mostrar para os meus filhos” é uma expressão que marca com grande força argumentativa aquilo que pretendo com a análise desses comentários, mostrar como é possível ressignificar as investidas de captura das *fake news* e produzir resistência por meio da criatividade e da não passividade diante do ideal ascético, do moralismo cristão e do ressentimento. Deleuze (2018), ao resumir sua visão sobre Nietzsche-negação-vontade de potência, afirma: “A afirmação permanece como a única qualidade da vontade de potência, a ação, como única qualidade da força, o devir-ativo, como identidade criadora da potência do querer” (p. 248).

Analiso esses últimos comentários como expressões linguísticas de um devir-ativo, para Deleuze seria uma forma de negação da negação, e expressão de vontade de potência. O pensamento é uma “máquina de guerra”, sua resistência é nômade – sendo a linguagem uma tradução do pensamento, é possível também construir as ações que fazemos ao dizer, portanto reconstruir o mundo, possibilitar novos futuros. Se as identidades têm sido produzidas como estruturas possíveis de capturas conservadoras, reinventar as performances linguístico-identitárias é tornar-se resistente, e propor a “transvalorização dos valores”, afirmando a vida.

Se uma mãe, como o do comentário 13, afirma que uma música considerada por tantos outros como “afrontosa”, “imoral”, e “indecente”, pode ser ouvida pelos seus filhos e tocada como “trilha de natal”, há aí indícios de um desejo de mudança, de insatisfação e de não captura. Considerarei para a conclusão desse pensamento dois signos centrais: família tradicional e natal,

por carregarem em suas trajetórias de circulação social forte carga cristã, mas que aqui por iterabilidade ressignificam e redirecionam, por meio do devir-ativo.

Os comentários 14 e 15, de maneira muito semelhante, fazem menção a acontecimentos ocorridos durante o governo Bolsonaro. O primeiro deles diz respeito às inúmeras mortes que ocorreram no Brasil durante os anos críticos da pandemia de Covid-19 (2020 – 2022), anos em que muitos brasileiros morreram por conta da negligência governamental, principalmente a população mais vulnerável (indígenas, população que vivia em periferia, e outros).

Em relação ao governo Bolsonaro e a Covid-19, Ely (2022, p. 113) constata, por meio de análises de notas de repúdio durante o período de pandemia, que vivemos um período de populismo autoritário, em que as “disputas ideológicas geradas pela divulgação de notícias falsas, pela negação da ciência ou pela negação da história, envolvidas com a máscara da polêmica, no sentido de promover a ascensão de Estados e governos totalitários.”

O segundo acontecimento refere-se ao não cumprimento de uma estabilidade econômica, que fora utilizada como promessa de campanha, mas que na verdade foi agravada diante de muitos escândalos de corrupção. Itens básicos de alimentação chegaram a preços absurdos e ao final do governo de Jair Messias Bolsonaro (2022), o Brasil havia caído nos *rankings* econômicos. Ainda assim seu prestígio político se ancorava na moralidade que o ajudou a eleger-se, e a seguir como uma promessa, um ideal que durante muito tempo nos causará medo e requererá de nós coragem para não curvar-se diante de seus horrores.

O que os dois comentários indexalizam é a ligação entre os acontecimentos pontuais mencionados e a crença na existência do *Kit gay*, assim como o impacto das *fake news* e da moral judaico-cristã sobre os corpos. O preço de uma moralidade conservadora foi do simbólico ao real – pagamos com o cerceamento de parte das nossas singularidades e pagamos também com a nossa vitalidade e força de trabalho. Durante esse período tivemos uma reforma trabalhista (Amaral, 2021) que se concretizou com mais anos de serviço e contribuição previdenciária, em defesa de um Estado neoliberal.

Ao concluir o comentário 15 com “parabéns aos envolvidos”, Tina refere-se ao que tenho chamado de ressentidos – respeitando a ideia de não totalidade desse número, aos brasileiros e brasileiras que abraçaram a agenda conservadora, que distribuíram e compartilharam ódio nas redes sociais, aqueles que de alguma forma: censuraram os corpos dissidentes, acusaram professoras e professores de propagadores da ideologia de gênero, que

precarizaram certas singularidades para privilégio de outras, que de modo geral se estruturam a partir do machismo e da homofobia.

O ressentimento opera na retirada e enfraquecimento das nossas forças ativas, ele é contrário àquilo que podemos e conhecemos sobre os nossos corpos e os nossos desejos, ele reconvoça a antiga força conservadora fascista e captura a esperança entre os mais jovens, substituindo esse sentimento pela ideia de lucro e de empreendedorismo como uma possibilidade de luta e de objetivo conforme os ideais neoliberais.

O projeto moral secular judaico-cristão mata, aniquila, adocece e nos divide. Dando ao ressentido a força/ação reativa contra os outros. O ressentimento é de fato o triunfo do fraco como fraco, do fraco que busca no lucro a possibilidade de ser amado e escolhe como caminho o ódio, a vingança e uma ideia invertida de si em que os outros são seus inimigos e empecilho a maior ganho financeiro. As explicações para isso, podemos reforçar com um pensamento mais esclarecedor de Deleuze (2018, p. 169):

O homem do ressentimento é o homem da vantagem e do lucro. Além disso, o ressentimento só pôde se impor no mundo fazendo com que a vantagem triunfasse, fazendo do lucro não apenas um desejo e um pensamento, mas um sistema econômico, social, teológico, um sistema completo, um mecanismo divino.

Nesse sentido foram acionados, durante grande parte da campanha política de 2018, argumentos que falavam de um país quebrado financeiramente, de uma pátria que precisava ser recuperada economicamente pelos estragos deixados pelo PT (partido dos trabalhadores), uma aproximação muito clara com o ideal do Trump “make America great again” (Faça a América grande novamente) – em ambas campanhas era preciso ter de volta o lucro, ainda que isso significasse cortes em políticas públicas que priorizassem a garantia de direitos civis históricos.

Na relação entre ressentimento e lucro pode-se observar que seus validadores são sempre “Deus, pátria e a família”. Os ressentidos operam por uma moral (como vimos anteriormente, pela moral escrava), que opera pelo utilitarismo, que por sua vez é útil somente a certos deuses e não outros, a nossa pátria e a modelos nucleares de família dentro do escopo cristão. Cria-se na justificativa de mais lucro uma ideia de bem comum, no entanto que deixam de fora certos corpos tomados como ilegítimos ou imorais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS – DO MEDO PESSOAL À MOBILIZAÇÃO INTERPRETATIVA DO “PÂNICO MORAL E DE GÊNERO”

“Deus se asfixia de piedade: tudo se passa como se a vida reativa lhe entrasse pela garganta. O homem reativo leva Deus à morte porque não suporta mais a sua piedade. O homem reativo não quer testemunha, quer estar sozinho com seu triunfo e apenas com suas forças.”
(Deleuze, [1962] 2018, p. 192)

A hipótese desta pesquisa baseou-se no fato de que o ressentimento foi um dos afetos que mobilizou a participação de muitos eleitores brasileiros na construção do projeto político conservador de Jair Messias Bolsonaro, ressentidos diante dos avanços sociais de alguns grupos nas últimas décadas, estes na eleição presidencial de 2018 colocaram em movimento um conjunto de afetos negativos e um projeto de vingança que era ruminado há um bom tempo, mas que encontrou nesse mesmo ano uma série de condições propícias à sua realização.

O projeto de vingança se constituiu em precarizar aqueles que eram considerados como inimigos da moral, da família e dos bons costumes. Nessa fantasia coletiva a população LGBTQIAPN+ foi usada como principal alvo de ataque, bem como professoras e professores da Educação Básica e do Ensino Superior, acusados de serem propagadores de uma “ideologia de gênero”, que desestabilizava a ordem cisheteronormativa, que na campanha de Bolsonaro contou com forte aparato tecnológico a serviço de criação e distribuição de narrativas de ódio, como nunca se havia observado em outra campanha política.

Quando o medo toma conta da gente e nos paralisa, é preciso dar novos passos, dividir-se entre o medo e uma parcela significativa de coragem, esse foi o meu percurso desde a escolha do tema desta pesquisa até as possibilidades de censura ⁶⁰pós sua conclusão. Admito, porém que foram dados somente alguns passos iniciais, uma vez que as práticas observadas são relativamente recentes e muitas possibilidades de pesquisa sobre o tema ainda estão em aberto. Gostaria de reafirmar que o que me moveu desde o início, foi uma vontade de texto que pudesse contribuir para a construção de uma história e de um futuro desejado, foi também uma busca

⁶⁰ Aqui refiro-me a uma certa ideia de medo e incerteza diante ao futuro político do país, ao ler e pesquisar sobre os avanços neoconservadores, observo que eles vêm se fortalecendo em escala mundial. Sonho um futuro possível onde as diferenças estejam presentes, no entanto há pesadelos que me cercam também.

por um niilismo ativo, em que o direito à existência permitisse as singularidades e a afirmação positiva da vida.

O Brasil não pode continuar sendo o país mais perigoso do mundo para a população LGBTQIAPN+, as nossas escolas e políticas públicas devem assegurar a criminalização à homofobia, à misoginia, ao racismo e ao machismo. Se temos um Estado falocêntrico, como é comum em regimes conservadores, é preciso pensar em articular nossos corpos com outros corpos, constituídos como máquinas de guerra, fazendo surgir formas de governo mais abertas e que apresentem menos unificação das nossas subjetividades, ao mesmo tempo é preciso pensar em devires que nos tornem cada vez mais nômades em nós mesmos. Que cada vez mais o nomadismo, proposto por Deleuze e Guatarri (2017) enfraqueça a produção hierárquica do Estado, inclusive sobre os nossos gêneros e sexualidades pré-figurados.

Em termos estruturais o objetivo principal da tese foi o de investigar as formas de mobilização do ressentimento nas *fake news*, que envolveram os termos *kit gay* e mamadeira de piroca durante e após a eleição presidencial de 2018. E como objetivos específicos: 1. Identifiquei as estratégias persuasivas presentes no vídeo *A mamadeira que mudou o Brasil*, situando valores e conceitos morais que apontassem sinais de *ressentimento* entre grupos sociais; 2. Observei como o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar, estiveram presentes em quatro notícias jornalísticas que mencionaram o termo *kit gay*, e por último: 3. Investiguei, em cinco cenas e 15 comentários em torno do clipe musical *kit gay*, quais as estratégias de resistência diante do ressentimento e de outros afetos que foram mobilizados durante e pós campanha eleitoral brasileira de 2018.

Em relação às *fake news*, ainda há muita coisa a ser estudada sobre os novos modos de circulação dos textos em espaços virtuais, bem como o modo como o nosso desejo é articulado na manutenção de uma moralidade judaico-cristã que nos captura, produzindo sua infraestrutura de permanência histórica, em regimes descontínuos. Nas eleições brasileiras de 2018, a participação ativa de boa parte da população brasileira foi fundamental para eleger um presidente com uma agenda antigênero e com um discurso conservador retrógrado em relação às minorias, que era propagado e compartilhado em *fake news* que mencionavam a existência de um suposto *kit gay* e de uma mamadeira de piroca.

A trajetória inicial de pesquisa aconteceu em meio à pandemia de Covid-19, que mostrou ao mundo como as nossas vidas estão refenizadas, em grande parte, pelo biopoder e pelas ações políticas governamentais. Foi preciso fazer surgir do corpo sintomatizado de um

pesquisador, forças para combater aquilo que mais tem produzido doenças: o conservadorismo e a moralidade. No processo de cura, que foi acontecendo paralelo à escrita desta tese, fui encontrando também a minha homeostase – que se constitui hoje em não temer as organizações das forças e as (des)ordens discursivas que nos desestabilizam.

O grande desafio em alcançar os objetivos da tese foi observar os fluxos linguísticos em textos que circularam na *internet* de modo *online* e *offline*, uma vez que estes acontecem em volumes grandiosos, o que dificultou em muitos momentos o processo metodológico de triangulação e escolha das materialidades linguísticas, utilizadas na produção de dados. Os limites afetivos também foram decisivos para continuar o processo de leitura e de análise, em muitos momentos interrompidos por fragilidade emocional, e aproximação muito clara de dois processos subjetivos presentes na escrita: ser professor da educação básica, e se identificar como membro da comunidade LGBTQIAPN+.

Na execução da pesquisa tomei como materialidades linguísticas: 1. Seis notícias jornalísticas que mencionaram o *kit gay* e a mamadeira de piroca (duas na introdução e as demais no terceiro capítulo), 2. Um vídeo anônimo que circulou em redes sociais e grupos de *whatsapp* em 2018, 3. Exploração da estratégia de marketing russa denominada *Firehorsing*, presente nas *fake news* de campanha, e análise de quatro manchetes jornalísticas que mencionavam as principais *fake news* da campanha de Jair Messias Bolsonaro: 4. Cenas do videoclipe musical *Kit Gay* do grupo Detonautas e 15 comentários em torno desse mesmo videoclipe. Em verdade uma tarefa que me consumiu de diversas formas, entre afetos que oscilaram por muitas vezes entre a continuidade e o abandono da pesquisa. Ao final eis-me aqui mais inteiro e resistente!

Para escolha dos textos analisados utilizei a ferramenta *Google Search*, acessível a qualquer usuário da *internet*, e observei as manchetes mais recorrentes e as plataformas jornalísticas mais acessadas pela população brasileira, ainda que os algoritmos manipulem a partir dos nossos perfis seus números de visualizações me indicaram um caminho. A ideia foi de me colocar na condição de um pesquisador não acadêmico, mas antes na condição de um cidadão que buscasse qualquer informação mais detalhada sobre o *kit gay* e a mamadeira de piroca. Feita essa triangulação do material, fui adaptando os mesmos às condições próprias da pesquisa: Tempo para execução das análises, meus limites interpretativos sobre os dados, e todo o desconhecimento que ainda temos em relação a real natureza de funcionamento dos algoritmos.

Durante a pandemia de Covid-19, muitas novidades foram experimentadas. Por exemplo: a distribuição das disciplinas acadêmicas, os fluxos de deslocamento acadêmico estavam

proibidos naquele momento dada a situação biológica do planeta, além de não investimento governamental nas pesquisas acadêmicas, o que durante muito tempo me impossibilitou de entrar em contato mais direto com a Linguística Aplicada e as pesquisas mais recentes no campo das interações *online* e *offline*. De modo que todo o processo de pesquisa ocorreu solitariamente e isoladamente, sem grandes trocas acadêmicas e afetivas. Mais tarde isso viria a ganhar um novo fôlego com a normalidade pós pandêmica e algumas possibilidades de aulas remotas em outras universidades, modalidade essa que se configurou também como uma herança da pandemia.

A postura metodológica assumida durante o alcance dos objetivos da pesquisa, privilegiou os diferentes modos de circulação textual, o caráter multimodal de cada um deles, bem como as diferentes reconvocações dos signos *kit gay* e mamadeira de piroca, sem perder de vista a perseguição principal que era observar as regularidades de aparição de traços do ressentimento, que apareceram nas materialidades analisadas. Na tarefa de observação de como os afetos e os valores morais reapareciam indexicalizados, foi de grande importância o uso da genealogia, tanto a nietzscheana quanto a foucaultiana, uma vez que cada uma delas trouxe diferentes perspectivas sobre a história que essa “tese mestiça” se propôs a contar.

Ainda em relação à metodologia, utilizei em cada capítulo abordagens distintas uma vez que foram analisados diferentes gêneros textuais, que me pareceram requerer uma criação mais ampla de ferramentas para produção e análise dos dados. Conforme lembrarei a partir de agora, descrevendo os objetivos e alcances em cada uma das partes constitutivas desta tese, bem como os seus contextos enunciativos.

Na introdução situei de que forma fui levado à escolha do tema e de como fui me constituindo pesquisador, um pesquisador que só consegue operar pela variedade de nuances dentro de um mesmo tema, bem como pela organização estético-genealógica dos comentadores que contribuíram na releitura das duas obras principais, que estruturaram a hipótese e as principais perguntas desta tese, no caso as obras *Além do Bem e do Mal*, e *A Genealogia da Moral*, ambas escritas por Friedrich Nietzsche. Durante a execução das análises o ressentimento foi observado tendo como fio condutor importantes comentadores de Nietzsche (Foucault; Deleuze; Butler; Giacoia; Khel).

No **capítulo 01** descrevi o modo como a grande virada performativa foi importante para os novos estudos em linguagem e de como os corpos (de sangue, suor e carne) têm sido centrais na construção de uma nova epistemologia e de uma *linguística indisciplinar*, como a que propõe

Moita Lopes (2006; 2009), Fabrício (2006;2017), Pinto (2006; 2007). Considerei importante descrever a importância do campo Linguística Aplicada, uma vez que estudos como o que fiz ainda são alvos de descrédito e de disputadas epistemológicas. Apresentei um quadro resumo de dissertações e teses que foram escritas entre 2018 e 2023, para mostrar o comprometimento de diversos pesquisadores em denunciar e apontar soluções para problemas sociais emergentes.

Acredito também que a tarefa de descrever a LA, foi também um meio de ritualizar uma passagem na minha concepção de pesquisa, para outros modos de articulação da linguagem e de aproximação com outras futuras possibilidades nesse campo “mestiço”. Nessa ritualização foi importante também mostrar a evolução dos olhares dessa disciplina para alguns problemas da atualidade. Uma vez que trabalhei com conceitos e autores da filosofia pós estruturalista, e com uma temática que afirma positivamente a vida.

No **capítulo 02**, dediquei-me a descrever sobre o triunfo dos afetos/sentimentos/instintos reativos, representado pelo ressentimento e pela má consciência, que segundo Nietzsche é resultado de uma moral escrava, ou da moral judaico-cristã que tem dominado a humanidade. Na constatação dessa tese, uma moral deturpada que vem produzindo guerras de narrativas na atualidade, arquitetadas por líderes políticos em consonância com bancadas religiosas, que ajudaram a eleger no Brasil um candidato reconhecido como mito e com poder de redirecionamento da culpa e dos afetos negativos da população.

Nessa constatação foram essenciais as percepções da criação de “verdades” durante a campanha de 2018, por meio do vídeo “a mamadeira erótica”, nele foi possível perceber os indícios de um projeto político de captura de boa parte da população brasileira, bem como perceber a forma como as massas direcionam ódio e preconceitos aos corpos não binários. Nas narrativas construídas pelas *fake news* a família tradicional foi enaltecida como célula de uma sociedade pura, natural e sem corrupção. Estiveram indexicalizados nessas mesmas defesas abjeção e precarização aos corpos que não correspondessem ao projeto familiar-político-conservador.

No **capítulo 03** fiz um pequeno caminho genealógico sobre as *fake news*/(FNs) e outros textos da campanha de 2018. O capítulo dividido em duas seções cumpriu a tarefa de descrever e a analisar de que forma o ressentimento, o ideal ascético e os discursos dirigidos aos corpos, em especial aos corpos em idade escolar, estiveram presentes em quatro notícias jornalísticas (e em outros textos associados) que mencionaram o termo *kit gay*. Na primeira seção do capítulo, mostrei como as *fake news* influenciaram as eleições presidenciais brasileiras e quais foram as

suas estratégias de produção de notícias, técnicas próximas ao modelo *Firehose of falsehood*, ou mangueira de falsidade, de construção de “verdades”. Na sessão seguinte, observei como as quatro notícias jornalísticas, três postagens e uma vídeo entrevista, mencionavam o *kit gay* e o modo como articulavam ordens indexicais, direcionadas por ressentimento e produção de um regime de invalidação do trabalho pedagógico de proteção em relação à homofobia nos espaços escolares.

Ao cabo desta tarefa, em relação à *internet*, percebe-se que os sujeitos se encontram encapsulados em multidões que os espelham e os reafirmam enquanto sujeitos pertencentes a um grupo, uma espécie de “multidão de mesmos”. E ainda: “mesmo quando dizem que acreditam no *kit gay*, por exemplo, a resposta pode ser mais bem interpretada considerando a questão da credibilidade” (Benkler, 2018, p. 13), recaindo sobre as notícias a crença em sua veracidade. Nesse sentido, cabe apontar o fato de que precisamos de mais estudos que se dediquem a observar de que modo os afetos mobilizam nossos discursos na atualidade e o modo como essas mobilizações são fabricadas.

Toda a argumentação desta tese foi orientada por uma visão performativa da linguagem, compreendida de modo austiniano, e seus desdobramentos, como expressões linguísticas que vão além do ato de dizer, mas principalmente pelo ato de fazer algo ao dizê-lo. Essa visão performativa da língua foi corroborada por Derrida (1973); Butler (2021); Pinto (2006, 2007), principalmente nas análises feitas no **capítulo 04** desta tese, ao analisar o videoclipe musical *kit gay*, e seus resultados.

No primeiro momento de análise, os componentes do grupo de *rock* Detonautas mostraram como é possível rearranjar e ressignificar as “forças reativas” (Deleuze, 2021) usando os nossos corpos como arenas de luta e de resistência, assim como reconstruir contextos de enunciação ofensivos. Já no segundo momento, os quinze comentários observados foram essenciais para reafirmar como há uma infraestrutura ressentida e uma maquinária contra os nossos corpos, e que ainda assim haverá sempre meio e caminhos para a contestação e a configuração de subjetivações como “máquinas de guerra” (Deleuze, 2021) capazes de resistir às forças conservadoras.

Assim sendo, a trajetória dessas páginas se empenhou em escrever sobre um capítulo recente da história brasileira, uma história descontínua e cheia de dissensos, e movida pelo ressentimento, que tentou obstruir a multiplicidade e as singularidades das nossas vidas. Se para muitos a saída de Jair Messias Bolsonaro da presidência da república encerra um terrível capítulo

da nossa história, essa tese mostra que é preciso estar atento porque os horrores dos últimos anos, tornaram-se possíveis por conta de agenciamentos afetivos que movimentam os nossos (des)conhecidos desejos, e muitos desejam a negação da vida.

Torna-se necessário pensar como grande saída uma política para os afetos afirmativos, ou como propôs Deleuze (2021): negar a negação e operar a partir de um devir-ativo que afirme a vida dentro da própria vida. Em um muro na cidade de Aracaju, nas proximidades da avenida Heráclito Rollemberg, conforme se pode observar na figura 32, encontrei duas indicações que ilustram o que tomo como uma esperança ativa: *#Fora Genocida* e *A maior das atitudes é o amor!*

FIGURA 32: amor como atitude – niilismo ativo



Fonte: arquivo pessoal do pesquisador (18/04/2023)

Ao grafitar *#FORA GENOCIDA* algum desconhecido da cidade clama mudança, preferi adotar esse sentido pelas minhas próprias ordens indexicais e pela indexicalidade desse termo/grito. A urgência dessa necessidade estava marcada em tinta vermelha, que por sua vez remete a sangue, à guerra, à morte, como as que vimos de 2018 para cá. Se cheguei ao final desta pesquisa, é porque também acredito que o caminho para a mudança perpassa pela mudança política, mas acima de tudo pela revisão de nossa moralidade e de como os nossos afetos estão sempre sendo agenciados para finalidades que as vezes desconhecemos.

Um caminho que deve ser retomado pelo Ministério da Educação brasileira é o de assumir a implementação, desde muito cedo, nas escolas do país o ensino de filosofia e de

línguas com abordagens que considerem as produções afetivas em circulação. É preciso historicizar o ódio na nossa cultura, mostrando como esse afeto foi agenciando diversas políticas públicas, especialmente aquelas que fortaleceram o nosso racismo estrutural e por extensão, vem fortalecendo as investidas neoconservadoras que trabalham maquinalmente para negação e apagamento de diversos corpos.

A luta não é apenas de nós X eles, mas é uma luta que deve perpassar pelas nossas afecções, pelos nossos afetos e pelos nossos desejos. Ao construir uma trajetória sobre algumas *fake news* e de como estas alcançaram um *status* de verdade factual, o que me parece mais relevante frisar ao final desse trabalho, é a necessidade de pesquisas futuras sobre os aspectos psicofisiológicos presentes nas inúmeras investidas discursivas a que estamos expostos. Nessa ordem comungo com a ideia do anônimo grafite “A maior das atitudes é o amor!”, amor como um afeto contrário ao ódio e a seus discursos e como uma forma de afirmação positiva da vida.

REFERÊNCIAS

- AGAMBEN, G. **Meios sem fim. Notas sobre a política.** Trad. Davi Pessoa. São Paulo: Autêntica, 2015.
- AMARAL, L. M. P. **Reforma trabalhista brasileira: uma análise discursiva do parecer 34/2017 da CAE.** Dissertação (Mestrado em Letras) – Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2021.
- ALVES, J. R. V. **“A força que nunca seca”:** narrativas sobre performatividade de professoras/es/ies dissidentes de escolas públicas. Dissertação (Mestrado em Letras) - Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe. Sergipe, 2021.
- AUSTIN, J. L. **Quando dizer é fazer.** Trad. Danilo Marcondes de Souza Filho, Porto Alegre: Artes Médicas, 1990 [1962].
- BARBOSA, M. (org.) **Pós-verdade e Fake News – Reflexões sobre a guerra de narrativas.** Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.
- BAKTHIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem.** 12. ed. São Paulo: Hucitec, 2006.
- BATISTA, R. D. **Forma Vs Função na História da linguística brasileira: debates e “retórica de ruptura” – uma interpretação pela historiografia da linguística,** n. 52. Rio de Janeiro, 2017.
- BRASIL. Conselho Nacional de Combate à Discriminação. **Brasil sem Homofobia:** Programa de combate à violência e à discriminação contra LGBT e de promoção da cidadania homossexual, Brasília, 2004.
- BELLINI, L. M. A cultura do Serrote: quando o pensamento é abandonado na pesquisa. **Caderno de apoio ao ensino,** n. 1, 1988, p. 65-78.
- BENKLER, Y.; FARIS, R.; ROBERTS, H. **Network propaganda:** Manipulation, disinformation, and radicalization in American politics. Oxford: Oxford University Press, 2018.
- BIANCHETTI, L.; MACHADO, A. M. N. (org.) **A bússola do escrever desafios e estratégias na orientação e escrita de teses e dissertações.** 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- BLOMAMAERT, J.; DE FINA, A. Chronotop icidentities: on the time space organization of whowe are. In: DE FINNA, A.; WENGER, J. and Ikizoglu, D. (eds.) **Diversityandsuper-diversity. Sociocultural and Linguistic perspectives.** Georgetown University Press, p. 1-15, 2017.
- BLOMMAERT, J. **Sociolinguistic scales,** 2006. Disponível em: https://www.academia.edu/6465214/WP37_Blommaert_2006_Sociolinguisticscales> Acesso em: 10 jun. 2022.

BLOMMAERT, J. Political Discourse in Post-Digital Societies. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, Campinas, v. 59, n. 1, jan./apr. - Epub May 22. https://doi.org/10.1590/010318136847_01620200408, 2020.

BORBA, R. A linguagem importa? Sobre performance, performatividade e peregrinações conceituais. **Cadernos Pagu** (43), jul./dez. p. 441-474, 2014.

BOURDIEU, P. **O senso prático**. Trad. Maria Ferreira, Petropólis: Vozes, 2009.

BOWLER, K. **Blessed: A history of the American prosperity gospe.**, OUP USA, USA, 2013.

BUCCI, E. Pós-política e corrosão da verdade. **Revista Usp**, 2018.

BURITY, J. Itinerário histórico-político dos evangélicos no Brasil. *In*: GUADALUPE, J. L.; CARRANZA, B. (orgs.). **Novo ativismo político no Brasil: os evangélicos no século XXI**. Rio de Janeiro, Konrad Adenauer Stiftung, 2020.

BUTLER, J. **Discurso de ódio – Uma política do performativo**. Trad. Roberta Fabbri Viscardi. São Paulo: Editora Unesp, 2021.

BUTLER, J. **Relatar a si mesmo: crítica da violência ética**. Trad. Rogério Bettoni. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

BUTLER, J. **Quadros de Guerra: quando a vida é passível de luto?** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Problemas de Gênero. Feminismo e Subversão da Identidade**. Trad. Renato Aguiar. 9. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Los mecanismos psíquicos del poder: teorías de la sujeción**. Madrid: Ediciones Cátedra, 2001.

BUTLER, J. Corpos que pesam: sobre os limites discursos do “sexo”. *In*: LOURO, Guacira Lopes (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

CASIMIRO, F. H. C. As classes dominantes e a nova direita no Brasil contemporâneo. *In*: GALLEGO, E. S. (org.) **O ódio como política – A reinvenção das direitas no Brasil**. São Paulo: Boitempo, 2018.

CASTRO, E. **Vocabulário de Foucault: Um percurso pelos seus temas, conceitos e autores**. 2. ed. Trad. Ingrid muller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

COPE, B.; KALANTZIS. *Making Sense: Reference, Agency, and Structure in a Grammar of Multimodal Meaning*. Cambridge University Press, 2020.

CORRÊA, Sônia. A “política do gênero”: um comentário genealógico. **Caderno Pagu**, v. 53, 2018. <https://doi.org/10.1590/18094449201800530001>. Acesso em: 25 out. 2023.

CUNHA, M. H. L. Deleuze e a intensidade do pensamento. **Reflexão**, 32(92). Recuperado de [Deleuze e a intensidade do pensamento | Reflexão \(puc-campinas.edu.br\)](#). Acesso em: 24 de jan. 2024.

DE FINA, A.; GEORGAKOPOULU. A. Rethinking narrative: tellers, tales na identities in contemporary worlds. *In*: De Fina, A.; Georgakopoulou, A. **The Cambridge Handbook of Discourse Analysis**. Cambridge; Cambridge University Press, 2020.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia** vol. 1. 1. ed. Trad. Luiz B. L. Orlandi. São Paulo, Editora 34 Ltd, 2010.

DELEUZE, G.; GUATARRI, F. **Mil Platôs: Capitalismo e Esquizofrenia**. v. 1,2,3,4,5. 2. ed. Trad. Peter Pelbart e Janice Caiafa. São Paulo, Editora 34 Ltd, 2017

DELEUZE, G. **Espinoza. Filosofia prática**. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, G. **Conversações, 1972-1990**. Trad. Peter Pál Pelbart, São Paulo. ed. 34, 1992.

DERRIDA, J. **Margens da Filosofia**. Campinas: Papyrus, [1972]1991.

DERRIDA, J. **Gramatologia**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

DERRIDA, J. **Esporas: os estilos de Nietzsche**. Tradução de Rafael Haddock-Lobo e Carla Rodrigues. Rio de Janeiro: Nau, 2013. 112 p.

DUNKER, C. *et. al.* **Ética e pós-verdade**. 1. ed. São Paulo: Dublinense, 2017.

ELY, L. A. **Da linguagem totalitária às normas de repúdio: um olhar discursivo acerca da pandemia de COVID-19 no Brasil**. (Tese de Doutorado) - Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

EMPOLI, G. **Os engenheiros do caos. Como as fake news, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo, e influenciar eleições**. Trad. Arnaldo Bloch, 3ª reimpressão. São Paulo. Vestígio, 2020.

FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada e visão da linguagem: por uma indisciplinaridade radical. **RBLA**, Belo Horizonte, v. 17, n. 4, p. 599-617, 2017.

FABRÍCIO, B. F. **Linguística aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso**. *In*: MOITA LOPES, L. P. Por uma linguística indisciplinar. São Paulo: Parábola, 2006.

FERRAZ, D. M.; MIQUELON, L. C. Disponível em : [Queering Bolsonaro FerrazMIquelon 2022.pdf \(usp.br\)](#). **Linguistic Frontiers**. 5(2).2022. Acesso em: 15 set. 2023.

FERNANDES JR, A.; SOUSA, K. M. **Dispositivos de poder em Foucault: práticas e discursos da atualidade**. Goiânia: EdUFG, 2014.

FOUCAULT, M. **A vontade de Saber. História da sexualidade 1.** 4. ed. Trad. Maria Thereza da Costa Alburquerque. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso.** Leituras filosóficas. 24. ed. São Paulo: Loyola, 2014

FOUCAULT, M. **Os anormais.** 4ª reimpressão, São Paulo: Martins Fontes, 2014

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir:** nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. Petrópolis: Vozes, 2013.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder.** Trad. Roberto Machado, Rio de Janeiro: Graal, [2005], 2016.

FOUCAULT, M. “Omnes et singulatim”: vers une critique de la raison politique. *In: Dits et Écrits* 1954-1988, vol IV (1980-1988). Édition établie sous la Direction de Daniel Defert et François Ewald, avec la collaboration de Jacques Larange. Paris, Gallimart, p. 134-161, 1994;

FRANCO, S. M. S. **Do arco-íris à monocromia:** o Movimento Escola Sem Partido e as reações ao debate sobre gênero nas escolas. São Paulo: Cortez, 2017. Acesso em: 20 jul. 2023.

GAL, S.; IRVINE, J.T. **Signes of Diference – Language and Ideology in Social Life.** United Kingdon, Cambrigde University Press, 2019.

GEE, J. **Social Linguistics and literacies: ideology in discourses.** 2. ed. Brighton: Falmer Press, 1999.

GIACOIA JR, O. **Ressentimento e vontade – Para uma Fisio-psicologia do ressentimento em Nietzsche** – coleção Afetos, 1. ed. Rio de Janeiro: Viaverita, 2021.

GIACOIA JR, O. **Nietzsche – O humano como memória e como promessa.** 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisa. Como fazer pesquisa qualitativa em ciências Sociais.** 8. ed. São Paulo. Record. 2004.

GREGOLIN, M. R. F. V. Discurso, História e a produção de identidades na mídia. *In: XIV Encontro da ANPOLL*, 2004. Maceió/AL. 2004.

GUADALUPE, L. P.; CARRANZA, B. (orgs). **Novos ativismos políticos no Brasil, os evangélicos do século XXI.** Rio de Janeiro: Konrad Adenauer stiftung, 2020.

HALL, S. **Questionsof Cultural Identity.** London: Sage Publications Inc, 1996.

HUI, Y. **Tecnodiversidade.** Trad. Humberto do Amaral. São Paulo: Ubu, 2020.

IANNI, O. **O Príncipe Eletrônico**. São Paulo: Perspectivas, p. 11-29, 1999.

JAGGER, G.; BUTLER, J.: *Sexual Politics, Social Change and the power of the performative*. Nova York, Routledge, 2008.

JOURDAN, C. Foucault e a ruptura com a representação. **História: Questões & Debates**, v. 67, n. 2, p. 43-67, jul./dez. 2019. Disponível em <<https://revistas.ufpr.br/historia/article/view/68256>>.

JUNQUEIRA, R. A invenção da “ideologia de gênero”: a emergência de um cenário político-discursivo. Disponível em: A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político-discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero (bvshud.org). **Psicologia Política**, v. 18, n. 43. p. 449-502, set/dez. 2018. Acesso em: 24 jan. 2024.

KALANTZIS, M.; COPE, B. *Adding Sense: Context and Interest in a Grammar of Multimodal Meaning*. Cambridge University Press, 2020.

KELL, C. *Ariadne's thread: literacy, scale and meaning making across space and time*. Tilburg: Tilburg University, 2013. (Tilburg papers in Cultural Studies, 81).

KEHL, R., M. **Ressentimento**. 2. ed. São Paulo: Boitempo, 2020.

KUHAR, R.; PATERNOTTE, D. (Eds.). **Anti-gender campaigns in Europe: Mobilizing against equality**. Rowman & Littlefield International, 2017.

LACERDA, M. B. **Ideologia de gênero na Câmara dos Deputados**. 10º Encontro Da Associação Brasileira De Ciência Política, 2016.

LAGO, C.; MONNARET, A. **Não é possível legislar sobre a desinformação**. Disponível em: <https://politica.estadao.com.br/blogs/estadao-verifica/nao-e-possivel-legislar-sobre-a-desinformacao-diz-claire-wardle-do-first-draft/>. 2018. Acesso em: 14 fev. 2023.

LAURENTIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa (org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-241, 1994.

LEAL, E. J. M. Um desafio para o pesquisador: a formulação do problema de pesquisa. **Contrapontos** - ano 2 - n. 5 - p. 237-250 - Itajaí, maio/ago. 2002. Disponível em <<https://siaiap32.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/145/124>>.

LEITE, L. O corpo e o anti-devir – Reich na constituição de uma ideologia niilista. São Paulo. PUC [1987]. In: **A Repressão Sexual na família autoritária como processo constitutivo de uma ideologia – UMA ANÁLISE DO PENSAMENTO DE WILHELM REICH (ufba.br)**. Acesso em: 13 set. 2023.

LEITE, V. “Em defesa das crianças e da família”: Refletindo sobre discursos acionados por atores religiosos “conservadores” em controvérsias públicas envolvendo gênero e sexualidade. **Sex., Salud Soc.** (Rio J.) n. 32. Rio de Janeiro, May/Aug. 2019. Epub Sep 09, 2019.

LEVITSKY, S.; ZIBLATT, D. **Como as democracias morrem**. Trad. Renato Aguiar. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

LÉVY, P. **Cibercultura**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. 4. ed. EDITORA 34, 1997.

LEWANDOWSKY, S. *et al.* Misinformation and its Correction: Continued Influence and Successful Debiasing, **Psychological Science in the Public Interest**, v. 13, n.3, p. 106-131, 2012.

LIMA, M.J.S; ITAPARICA, A. L. M. **Verdade e Linguagem em Nietzsche**. Salvador: Edufba, 2014.

LIONÇO, T. Criminalização do assédio ideológico nas escolas: ideologia de gênero como argumento central na disputa fundamentalista da política de educação. *In:* Rodrigues, A.; MOZELI, G.; FERREIRA, S. R. da S. (orgs.). **A política no corpo: gêneros e sexualidade em disputa**. Vitória: UFES. p. 145-158, 2016.

LOURO, G. L. (org.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

LOXLEY, J. **Performativity**. London & New York. Taylor & Francis Group, 2007.

MACHADO, M. das Dores C. Pentecostais, sexualidade e família no Congresso Nacional. **Horizontes Antropológicos**, n. 47, p. 351-380, 2017.

MACHADO, M. das D. C. O discurso cristão sobre a “ideologia de gênero”. **Revista Estudos Feministas**, v. 26, n. 2, 2018

MARIANO, R. Conservadorismo na Câmara dos Deputados: discursos sobre “ideologia de gênero” e Escola sem Partido entre 2014 e 2018. **Teoria e Cultura**, v. 13, n. 2, p. 118-134, 2018.

MARQUES, M. O. Ideologia Homofóbica e Referenciação: Análise de uma Pregação Neopentecostal. *In:* BORBA, R. (org.). **Discursos Transviados, por uma Linguística Queer**. São Paulo: Cortez, 2020.

MARTINS, A. R. N. Análise de discurso da mídia. *In:* BATISTA, José Ribamar Lopes; SATO Denise Tamaê Borges; MELO, Iran Ferreira de (orgs). **Análise de Discurso Crítica para linguistas e não linguistas**. São Paulo: Parábola, 2018.

MARTON, S. **GEN.Dicionário Nietzsche**. São Paulo: Edições Loyola, 2016.

MARTON, S. *La nuova concezione del mondo: volonta di Potenza, pluralità di forze, eterno ellidentico*. *In:* BUSELLATO, Stefano (org.). **Nietzsche dal Brasile: Contributi ala ricerca contemporanea**. Trad. Giancarlo Micheli, Federico Nacci, Stefano Busellato. Pisa. ETS, 2014, p. 21-39.

MARTON, S. **Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos**. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2010.

MELO, G. C. V.; MOITA-LOPES, L. P. Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico. *In*: BORBA, R. (org.). **Discursos Transviados**. 1. ed. São Paulo: Cortez, p. 30-45, 2020.

MELLO, P. C. **A máquina do ódio. Notas de uma repórter sobre fake news e violência digital**. 1. ed. São Paulo, Companhia das Letras, 2020.

MENEZES, C. A. A. Rasgando uniformes e descosturando normas de gênero no espaço escolar. **Dissertação (Mestrado em Educação)** - Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2019.

MENEZES, V.; SILVA, M. M.; GOMES, I. F. Sessenta anos de Linguística Aplicada: de onde viemos e para onde vamos. *In*: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. **Linguística aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 25-50.

MISKOLCI, R.; CAMPANA, M. “Ideologia de gênero”: notas para a genealogia de um pânico moral contemporâneo. **Sociedade e Estado**, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/s0102-69922017.3203008>. Acesso em: 10 mar. 2023.

MISKOLCI, R. **Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças**. 2. ed. Ouro Preto: Autêntica, 2020.

MISKOLCI, R. **A teoria queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização**. Sociologias. Porto Alegre, n. 21, v. 11, p. 150-182, jan./jun. 2009.

MOITA LOPES, L. P.; MELO, G. **Ordens de indexicalidade mobilizadas nas performances discursivas de um garoto de programa: ser negro e homoerótico**. Disponível em: SciELO - Brasil - ORDENS DE INDEXICALIDADE MOBILIZADAS NAS PERFORMANCES DISCURSIVAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA: SER NEGRO E HOMOERÓTICO ORDENS DE INDEXICALIDADE MOBILIZADAS NAS PERFORMANCES DISCURSIVAS DE UM GAROTO DE PROGRAMA: SER NEGRO E HOMOERÓTICO. Acesso em: 03 mar. 2023.

MOITA LOPES, L. P. Os espaços Tempos da narrativa como constructo teórico-metodológico na investigação em linguística aplicada. **CADERNO DE LETRAS (UFPEL)**, v. 4, p. 11-33, 2021.

MOITA LOPES, L. P. Da aplicação de Linguística à Linguística Aplicada Indisciplinar. *In*: PEREIRA, Regina Celi; ROCA, Pilar. (orgs.). **Linguística Aplicada: um caminho com diferentes acessos**. São Paulo: Contexto, 2009, p. 11-24.

MOITA-LOPES, L. P. (org.). **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MORAES, A. N. C e SHUSTER, P. R. *Veja*: como a publicação tornou-se hegemônica no mercado editorial brasileiro. **C&S São Bernardo do Campo**, v. 35, n. 1, p. 181-202, jul/dez 2013.

MOSÉ, V. **Nietzsche e a grande política da linguagem**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2011.

MOURA, H. M. M. Uma breve história do tempo na linguagem. **Revista da ANPOLL** (Impresso), v. 32, p. 43-60, 2012.

NASSER, E.; RUBIRA, L. (orgs). **Nietzsche no século XXI. Homenagem ao Grupo de Estudos Nietzsche**. 1. ed. Porto Alegre: ZOUK, 2017.

NIETZSCHE, F. **Além do bem e do mal**. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2020.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral**. Trad. Paulo César de Souza. Companhia das Letras, 2020.

NIETZSCHE, F. **Assim falava Zaratustra; livro para toda a gente e para ninguém**. Trad. José Mendes de Souza. Edição Especial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

NIETZSCHE, F. **Crepúsculo dos ídolos**. Portugal, Editora 70, 2017.

PAUL, C.; MATTEWS, M. **The Russian Firehose of falsehood Propaganda Model. Why Might It Work and Options to Conter It**. Perspective. RAD Corporation, 2016. [The Russian "Firehose of Falsehood" Propaganda Model: Why It Might Work and Options to Counter It | RAND](#). Acessado em: 16 jun. 2023.

PARAÍSO, M. A.; CALDEIRA, M. C. (orgs.). **Pesquisa sobre Currículos, gêneros e sexualidades**. Belo Horizonte: Mazza, 2018.

PENNYCOOK, A. Uma linguística aplicada transgressiva. In: MOITA LOPES, L. P. **Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar**. São Paulo: Parábola Editorial, 2006, p. 67-84.

PETØ, A. Epílogo: “Anti-gender” mobilizational discourse of conservative and far-right parties as a challenge for progressive politics. In: KOVÁTS, Eszter; PÕIM, Maari. (Eds). **Gender as symbolic glue: the position and role of conservative and far right parties in the antigender mobilizations in Europe**. Budapest: FEPS; Friedrich-Ebert-Stiftung, 2015. p. 126-13.

PESAVENTO, S. Em busca de uma outra história: imaginando o imaginário. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 15, n. 29, p. 9-27, 1995.

PINHEIRO, P. Fake news em jogo: uma discussão epistemológica sobre o processo de produção e disseminação de (in)verdades em redes sociais. Campinas: **D.E.L.T.A.**, 37-4, 2021 (1-23): 202156104, 2021.

PINHEIRO-MACHADO, R; SCALCO, L. M. Da esperança ao ódio: a juventude periférica bolsonarista. In: GALLEGO, E. **O ódio como política: a reinvenção das direitas no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Boi Tempo, 2018.

PINHEIRO, P. A era do multissinóptico: que (novos) letramentos estão em jogo? **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 30, n. 2, p. 137-160. SciELO - Brasil - A era do "multissinóptico": que (novos) letramentos estão em jogo? A era do "multissinóptico": que (novos) letramentos estão em jogo?, 2014. Acesso em: 24 jan. 2024.

PINTO, J. P. **Conexões teóricas entre performatividade, corpo e identidades**. D.E.L.T.A., v. 23, n. 1, São Paulo, 2007, p. 1-26.

PINTO, J. P. O lugar do corpo nas práticas identitárias linguísticas. *In: Anais do I Seminário Internacional Enfoques Feministas e o Século XXI: Feminismo e Universidade na América Latina*. Salvador, UFBA, 2006, p. 20-25.

PRECIADO, P. B. **Um apartamento em Urano – Crônicas da travessia**. Trad. Eliane Aguilar, 2ª impressão. Rio de Janeiro, Zahar, 2020.

RABACHINI, G. C. O Mito voltou: uma análise discursiva do populismo em Jair Bolsonaro. **Dissertação (Mestrado em Linguística)** – Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, 2023.

RAJAPOPALAN, K. **Por uma linguística crítica – Linguagem, Identidade e a questão ética**. 5ª reimpressão. São Paulo, 2016.

REICH, W. **Psicologia de Massas do Fascismo**. São Paulo, Martins Fontes, 1972.

REICH, W. **A Revolução Sexual**. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1982.

REZENDE, D. "**Menino veste azul, menina veste rosa**": Bolsonaro e a agenda antigênero como política de governo no Brasil. (Versão em português do post publicado (PDF) "Menino veste azul, menina veste rosa": Bolsonaro e a agenda antigênero como política de governo no Brasil. (Versão em português do post publicado em <https://pex-network.com/special-reports/>). (researchgate.net). Acesso em: 24 jan. 2024.

RIBAS, E.T. **A imprensa como inimiga: O discurso da presidência da República em 2019 e 2020**. Dissertação (Mestrado em Letras) – Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2022.

RIBERA, J. P. **Corpo, Cultura e Educação**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.

RIBEIRO, S. Feminismo: um caminho longo à frente. *In: GALLEGO, E. S. (org.). O Ódio como política – A reinvenção da direita no Brasil*. 1. ed. São Paulo, Boitempo, 2018.

ROCHA, D.; DAHER, D. C. Afinal, como funciona a Linguística Aplicada e o que pode ela se tornar? **DELTA [online]**. 2015, v.31, n.1, p.105-141.

ROMAN, L. G. White is a Color! White Defensiveness, Post-Modernism, and Anti-Racist Pedagogy. *In: McCarthy, C. & Crichlow, W. (orgs.). Race Identity and Representation in Education*, London: Routledge, 1993.

SALES, S. R. Etnografia+netnografia+análise do discurso: articulações metodológicas para pesquisar em educação. *In*: MEYER D.E.; PARAÍSO, M. A. (orgs.). **Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação**. Belo Horizonte: Mazza edições, 2012.

SANTOS, M. Imagem-abjeto: um estudo sobre as manifestações estáticas da abjeção. 2012. **(Dissertação) - Mestrado em Comunicação**, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

SENA, J. Entextualização, indexicalidade e a produção discursiva do cuidado à saúde sexual lgbti+ no interior da amazônia oriental. **Revista de Letras da Universidade do Estado do Pará/UEPA**, out./dez. 2018. Disponível em; ENTEXTUALIZAÇÃO, INDEXICALIDADE E A PRODUÇÃO DISCURSIVA DO CUIDADO À SAÚDE SEXUAL LGBTI+ NO INTERIOR DA AMAZÔNIA ORIENTAL | Revista Ribanceira (uepa.br). Acesso em: 24 jan. 2024.

SCHWARCZ, L. M. **Sobre o autoritarismo brasileiro**. Companhia das letras, 2019.

SILVA, D. C. **Quando dizer é violentar – Violência linguística e transfobia em comentários online**. 1. ed. Salvador: Devires, 2019.

SILVA, D. C. **A linguagem contra a democracia: registros discursivos antigênero na política do ministério da mulher, da família e dos direitos humanos**. Tese (Doutorado em letras). Ciências Humanas, Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2022.

SILVERSTEIN, M. **Pragmatic indexing**. *Encyclopedia of Language & Linguistics*, p. 14-17, 2009.

SOUZA, J. **A Classe Média no Espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

STANLEY, J. **Como funciona o fascismo. A política do “nós” e “eles”**. Trad. Bruno Alexander. 6. ed. Porto Alegre: L&M, 2020.

TUFECKI, Z. **Algorithmic harms beyond facebook and google: emergent challenges of computational agency**. *COLO. TECH. LJ.* (v. 13), 2015.

VERGUEIRO, V. Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero incorformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade. **Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade)** – Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, UFBA, Salvador, 2015.

VICENTE, R. B. Fake News; um estudo sobre o gênero textual. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 12, n. 02 – ago./dez, 2020. Microsoft Word - Renata Barbosa Vicente; Istárlet Kétila Santos de Melo.docx (revlet.com.br). Acesso em: 27 mar. 2023.

VITAL, C.; LOPES, P. V. L. **Religião e Política: uma análise da atuação de parlamentares evangélicos sobre direitos das mulheres e de LGBT+s no Brasil**. Rio de Janeiro: Fundação Heinrich Böll, 2012.

WEEDWOOD, B. **História concisa da linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

WORTHAM, S. *Narratives in action*. New York: Teacher College Press, 2001.

ZACCHI, J. V. A maternidade em Toni Morrison e Margaret Atwood. **Anais do Seminário CELLIP**. Guarapuava/PR, Unicentro, 2005. Disponível em: (99+) A MATERNIDADE EM TONI MORRISON E MARGARET ATWOOD | Vanderlei J. Zacchi - Academia.edu, A 22, p 1-8. Acesso em: 24 jan. 2024.

ZACCHI, J. V. **A Caneta e a Enxada. Linguagem e cultura na construção da identidade do sem-terra**. São Paulo: Humanitas, 2016.

Anexo A – manchete 1 da revista *Veja online*⁶¹

veja VEJA MERCADO RADAR RADAR ECONÔMICO POLÍTICA SAÚDE MUNDO CULTURA ESPORTE AGENDA VERDE

Brasil

“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias...

Lembram-se do material preparado pelo Ministério da Educação, sob o comando de Fernando Haddad, para ser veiculado nas escolas? Um deles fazia a apologia da bissexualidade: dizia que um bissexual tem 50% a mais de chance de ter com quem sair no fim de semana já que gosta de meninas e meninos. Bem, não dando [...]

Por **Reinaldo Azevedo**

Atualizado em 31 jul 2020, 09h38 - Publicado em 31 jan 2012, 19h03

⁶¹ Conforme disponível em : [“Kit gay” preparado pela gestão de Fernando Haddad na educação foi o primeiro a propor “transgêneras” em banheiro feminino. Esse rapaz sempre dando boas idéias... | VEJA \(abril.com.br\).](https://www.veja.abril.com.br/brasil/kit-gay-preparado-pela-gestao-de-fernando-haddad-na-educacao-foi-o-primeiro-a-propor-transgeneras-em-banheiro-feminino-esse-razap-sempre-dando-boas-ideias/)

Anexo B – manchete 2 *Veja online*⁶²



veja

Clique e Assine por apenas R\$ 0,50/dia

 REINALDO AZEVEDO
Por Blog

SIGA   

Blog do jornalista Reinaldo Azevedo: política, governo, PT, imprensa e cultura

Brasil

A incrível tentativa de jogar o kit gay no colo de Serra e de igualar coisas desiguais. Ou: campanha eleitoral oblíqua

A Folha Online publica um texto de Mônica Bergamo cujo título é “Serra distribuiu material similar ao kit anti-homofobia do MEC em SP”; na homepage: “Serra distribuiu material similar ao ‘kit anti-homofobia’ do MEC em SP”. Estão tentando comparar coisas distintas. Falo disso daqui a pouco. Começo demonstrando que, do modo como está editada, a [...]

Por **Reinaldo Azevedo** Atualizado em 31 jul 2020, 07h38 - Publicado em 15 out 2012, 17h33

<

A Folha Online publica um **texto** de Mônica Bergamo cujo título é “Serra distribuiu material similar ao kit anti-homofobia do MEC em SP”; na homepage: “Serra distribuiu material similar ao ‘kit anti-homofobia’ do MEC em SP”. Estão tentando comparar coisas distintas. Falo disso daqui a pouco. Começo demonstrando que, do modo como está editada, a matéria é campanha eleitoral oblíqua em favor de Fernando Haddad. E demonstro por quê.

⁶² Em 29/12/2023 a manchete não estava mais disponível para consulta, conforme indicada no endereço. Captura de tela de responsabilidade do autor, executada em 2021.

Anexo C -RAD CORPORATION “The Russian firehose of falsehood Propaganda Model”



Perspective

Expert insights on a timely policy issue

The Russian “Firehose of Falsehood” Propaganda Model

Why It Might Work and Options to Counter It

Christopher Paul and Miriam Matthews

Since its 2008 incursion into Georgia (if not before), there has been a remarkable evolution in Russia’s approach to propaganda. This new approach was on full display during the country’s 2014 annexation of the Crimean peninsula. It continues to be demonstrated in support of ongoing conflicts in Ukraine and Syria and in pursuit of nefarious and long-term goals in Russia’s “near abroad” and against NATO allies.

In some ways, the current Russian approach to propaganda builds on Soviet Cold War-era techniques, with an emphasis on obfuscation and on getting targets to act in the interests of the propagandist without realizing that they have done so.¹ In other ways, it is completely new and driven by the characteristics of the contemporary information environment. Russia has taken advantage of technology and available media in ways that would have been inconceivable during the Cold War. Its tools and channels now include the Internet, social media, and the evolving landscape of professional and amateur journalism and media outlets.

We characterize the contemporary Russian model for propaganda as “the firehose of falsehood” because of two of its distinctive features: high numbers of channels and messages and a shameless willingness to disseminate partial truths or outright fictions. In the words of one observer, “[N]ew Russian propaganda entertains, confuses and overwhelms the audience.”²

Contemporary Russian propaganda has at least two other distinctive features. It is also rapid, continuous, and repetitive, and it lacks commitment to consistency.

Interestingly, several of these features run directly counter to the conventional wisdom on effective influence and communication from government or defense sources, which traditionally emphasize the importance of truth, credibility, and the avoidance of contradiction.³ Despite ignoring these traditional principles, Russia seems to have enjoyed some success under its contemporary propaganda model, either through more direct persuasion and

Distinctive Features of the Contemporary Model for Russian Propaganda

1. High-volume and multichannel
2. Rapid, continuous, and repetitive
3. Lacks commitment to objective reality
4. Lacks commitment to consistency.

influence or by engaging in obfuscation, confusion, and the disruption or diminution of truthful reporting and messaging.

We offer several possible explanations for the effectiveness of Russia’s firehose of falsehood. Our observations draw from a concise, but not exhaustive, review of the literature on influence and persuasion, as well as experimental research from the field of psychology. We explore the four identified features of the Russian propaganda model and show how and under what circumstances each might contribute to effectiveness. Many successful aspects of Russian propaganda have surprising foundations in the psychology literature, so we conclude with a brief discussion of possible approaches from the same field for responding to or competing with such an approach.

Russian Propaganda Is High-Volume and Multichannel

Russian propaganda is produced in incredibly large volumes and is broadcast or otherwise distributed via a large number of channels. This propaganda includes text, video, audio, and still imagery

propagated via the Internet, social media, satellite television, and traditional radio and television broadcasting. The producers and disseminators include a substantial force of paid Internet “trolls” who also often attack or undermine views or information that runs counter to Russian themes, doing so through online chat rooms, discussion forums, and comments sections on news and other websites.⁴ Radio Free Europe/Radio Liberty reports that “there are thousands of fake accounts on Twitter, Facebook, LiveJournal, and vKontakte” maintained by Russian propagandists. According to a former paid Russian Internet troll, the trolls are on duty 24 hours a day, in 12-hour shifts, and each has a daily quota of 135 posted comments of at least 200 characters.⁵

RT (formerly Russia Today) is one of Russia’s primary multimedia news providers. With a budget of more than \$300 million per year, it broadcasts in English, French, German, Spanish, Russian, and several Eastern European languages. The channel is particularly popular online, where it claims more than a billion page views. If true, that would make it the most-watched news source on the Internet.⁶ In addition to acknowledged Russian sources like RT, there are dozens of proxy news sites presenting Russian propaganda, but with their affiliation with Russia disguised or downplayed.⁷

Experimental research shows that, to achieve success in disseminating propaganda, the variety of sources matters

- Multiple sources are more persuasive than a single source, especially if those sources contain different arguments that point to the same conclusion.
- Receiving the same or similar message from multiple sources is more persuasive.

- People assume that information from multiple sources is likely to be based on different perspectives and is thus worth greater consideration.⁸

The number and volume of sources also matter:

- Endorsement by a large number of users boosts consumer trust, reliance, and confidence in the information, often with little attention paid to the credibility of those making the endorsements.
- When consumer interest is low, the persuasiveness of a message can depend more on the number of arguments supporting it than on the quality of those arguments.⁹

Finally, the views of others matter, especially if the message comes from a source that shares characteristics with the recipient:

- Communications from groups to which the recipient belongs are more likely to be perceived as credible. The same applies when the source is perceived as similar to the recipient. If a propaganda channel is (or purports to be) from a group the recipient identifies with, it is more likely to be persuasive.
- Credibility can be social; that is, people are more likely to perceive a source as credible if others perceive the source as credible. This effect is even stronger when there is not enough information available to assess the trustworthiness of the source.
- When information volume is low, recipients tend to favor experts, but when information volume is high, recipients tend to favor information from other users.

What Matters in Producing and Disseminating High-Volume, Multichannel Propaganda?

- Variety of sources
- Number and volume of sources
- The views of others, especially the views of those who are similar to the message recipient.

- In online forums, comments attacking a proponent's expertise or trustworthiness diminish credibility and decrease the likelihood that readers will take action based on what they have read.¹⁰

The experimental psychology literature suggests that, all other things being equal, messages received in greater volume and from more sources will be more persuasive. Quantity does indeed have a quality all its own. High volume can deliver other benefits that are relevant in the Russian propaganda context. First, high volume can consume the attention and other available bandwidth of potential audiences, drowning out competing messages. Second, high volume can overwhelm competing messages in a flood of disagreement. Third, multiple channels increase the chances that target audiences are exposed to the message. Fourth, receiving a message via multiple modes and from multiple sources increases the message's perceived credibility, especially if a disseminating source is one with which an audience member identifies.

3

Russian Propaganda Is Rapid, Continuous, and Repetitive

Contemporary Russian propaganda is continuous and very responsive to events. Due to their lack of commitment to objective reality (discussed later), Russian propagandists do not need to wait to check facts or verify claims; they just disseminate an interpretation of emergent events that appears to best favor their themes and objectives. This allows them to be remarkably responsive and nimble, often broadcasting the first "news" of events (and, with similar frequency, the first news of nonevents, or things that have not actually happened). They will also repeat and recycle disinformation. The January 14, 2016, edition of *Weekly Disinformation Review* reported the reemergence of several previously debunked Russian propaganda stories, including that Polish President Andrzej Duda was insisting that Ukraine return former Polish territory, that Islamic State fighters were joining pro-Ukrainian forces, and that there was a Western-backed coup in Kiev, Ukraine's capital.¹¹

Sometimes, Russian propaganda is picked up and rebroadcast by legitimate news outlets; more frequently, social media repeats the themes, messages, or falsehoods introduced by one of Russia's many dissemination channels. For example, German news sources rebroadcast Russian disinformation about atrocities in Ukraine in early 2014, and Russian disinformation about EU plans to deny visas to young Ukrainian men was repeated with such frequency in Ukrainian media that the Ukrainian general staff felt compelled to post a rebuttal.¹²

The experimental psychology literature tells us that first impressions are very resilient: An individual is more likely to accept the first information received on a topic and then favor this

information when faced with conflicting messages.¹³ Furthermore, repetition leads to familiarity, and familiarity leads to acceptance:

- Repeated exposure to a statement has been shown to increase its acceptance as true.
- The "illusory truth effect" is well documented, whereby people rate statements as more truthful, valid, and believable when they have encountered those statements previously than when they are new statements.
- When people are less interested in a topic, they are more likely to accept familiarity brought about by repetition as an indicator that the information (repeated to the point of familiarity) is correct.
- When processing information, consumers may save time and energy by using a frequency heuristic, that is, favoring information they have heard more frequently.
- Even with preposterous stories and urban legends, those who have heard them multiple times are more likely to believe that they are true.
- If an individual is already familiar with an argument or claim (has seen it before, for example), they process it less carefully, often failing to discriminate weak arguments from strong arguments.¹⁴

Russian propaganda has the ability to be first, which affords propagandists the opportunity to create the first impression. Then, the combination of high-volume, multichannel, and continuous messaging makes Russian themes more likely to be familiar to their audiences, which gives them a boost in terms of perceived credibility, expertise, and trustworthiness.

4

Why Is Rapid, Continuous, and Repetitive Propaganda Successful?

- First impressions are very resilient.
- Repetition leads to familiarity, and familiarity leads to acceptance.

Russian Propaganda Makes No Commitment to Objective Reality

It may come as little surprise that the psychology literature supports the persuasive potential of high-volume, diverse channels and sources, along with rapidity and repetition. These aspects of Russian propaganda make intuitive sense. One would expect any influence effort to enjoy greater success if it is backed by a willingness to invest in additional volume and channels and if its architects find ways to increase the frequency and responsiveness of messages. This next characteristic, however, flies in the face of intuition and conventional wisdom, which can be paraphrased as “The truth always wins.”

Contemporary Russian propaganda makes little or no commitment to the truth. This is not to say that all of it is false. Quite the contrary: It often contains a significant fraction of the truth. Sometimes, however, events reported in Russian propaganda are wholly manufactured, like the 2014 social media campaign to create panic about an explosion and chemical plume in St. Mary’s Parish, Louisiana, that never happened.¹⁹ Russian propaganda has relied on manufactured evidence—often photographic. Some of these images are easily exposed as fake due to poor photo editing,

such as discrepancies of scale, or the availability of the original (pre-altered) image.¹⁶ Russian propagandists have been caught hiring actors to portray victims of manufactured atrocities or crimes for news reports (as was the case when Viktoria Schmidt pretended to have been attacked by Syrian refugees in Germany for Russian’s Zvezda TV network), or faking on-scene news reporting (as shown in a leaked video in which “reporter” Maria Katasonova is revealed to be in a darkened room with explosion sounds playing in the background rather than on a battlefield in Donetsk when a light is switched on during the recording).¹⁷

In addition to manufacturing information, Russian propagandists often manufacture sources. Russian news channels, such as RT and Sputnik News, are more like a blend of infotainment and disinformation than fact-checked journalism, though their formats intentionally take the appearance of proper news programs. Russian news channels and other forms of media also misquote credible sources or cite a more credible source as the origin of a selected falsehood. For example, RT stated that blogger Brown Moses (a staunch critic of Syria’s Assad regime whose real name is Eliot Higgins) had provided analysis of footage suggesting that chemical weapon attacks on August 21, 2013, had been perpetrated by Syrian rebels. In fact, Higgins’s analysis concluded that the *Syrian government* was responsible for the attacks and that the footage had been faked to shift the blame.¹⁸ Similarly, several scholars and journalists, including Edward Lucas, Luke Harding, and Don Jensen, have reported that books that they did not write—and containing views clearly contrary to their own—had been published in Russian under their names. “The Kremlin’s spin machine wants to portray Russia as a besieged fortress surrounded by malevolent

5

outsiders,” said Lucas of his misattributed volume, *How the West Lost to Putin*.¹⁹

Why might this disinformation be effective? First, people are often cognitively lazy. Due to information overload (especially on the Internet), they use a number of different heuristics and shortcuts to determine whether new information is trustworthy.²⁰ Second, people are often poor at discriminating true information from false information—or remembering that they have done so previously. The following are a few examples from the literature:

- In a phenomenon known as the “sleeping effect,” low-credibility sources manifest greater persuasive impact with the passage of time. While people make initial assessments of the credibility of a source, in remembering, information is often dissociated from its source. Thus, information from a questionable source may be remembered as true, with the source forgotten.
- Information that is initially assumed valid but is later retracted or proven false can continue to shape people’s memory and influence their reasoning.
- Even when people are aware that some sources (such as political campaign rhetoric) have the potential to contain misinformation, they still show a poor ability to discriminate between information that is false and information that is correct.²¹

Familiar themes or messages can be appealing even if these themes and messages are false. Information that connects with group identities or familiar narratives—or that arouses emotion—can be particularly persuasive. The literature describes the effects of this approach:

- Someone is more likely to accept information when it is consistent with other messages that the person believes to be true.
- People suffer from “confirmation bias”: They view news and opinions that confirm existing beliefs as more credible than other news and opinions, regardless of the quality of the arguments.
- Someone who is already misinformed (that is, believes something that is not true) is less likely to accept evidence that goes against those misinformed beliefs.
- People whose peer group is affected by an event are much more likely to accept conspiracy theories about that event.
- Stories or accounts that create emotional arousal in the recipient (e.g., disgust, fear, happiness) are much more likely to be passed on, whether they are true or not.
- Angry messages are more persuasive to angry audiences.²²

False statements are more likely to be accepted if backed by evidence, even if that evidence is false:

- The presence of evidence can override the effects of source credibility on perceived veracity of statements.
- In courtroom simulations, witnesses who provide more details—even trivial details—are judged to be more credible.²³

Finally, source credibility is often assessed based on “peripheral cues,” which may or may not conform to the reality of the situation.²⁴ A broadcast that looks like a news broadcast, even if it is actually a propaganda broadcast, may be accorded the same degree

6

of credibility as an actual news broadcast.²⁵ Findings from the field of psychology show how peripheral cues can increase the credibility of propaganda:

- Peripheral cues, such as the appearance of expertise or the format of information, lead people to accept—with little reflection—that the information comes from a credible source.
- Expertise and trustworthiness are the two primary dimensions of credibility, and these qualities may be evaluated based on visual cues, such as format, appearance, or simple claims of expertise.
- Online news sites are perceived as more credible than other online formats, regardless of the veracity of the content.²⁶

The Russian firehose of falsehood takes advantage of all five of these factors. A certain proportion of falsehood in Russian propaganda may just be accepted by audiences because they do not recognize it as false or because various cues lead them to assign it greater credibility than they should. This proportion actually increases over time, with people forgetting that they have rejected certain offered “facts.” The proportion of falsehoods accepted increases even more when the disinformation is consistent with narratives or preconceptions held by various audiences. Where evidence is presented or seemingly credible sources disseminate the falsehoods, the messages are even more likely to be accepted. This is why Russian faux-news propaganda channels, such as RT and Sputnik, are so insidious. Visually, they look like news programs, and the persons appearing on them are represented as journalists

How Does Propaganda Undercut Perceptions of Reality?

- People are poor judges of true versus false information—and they do not necessarily remember that particular information was false.
- Information overload leads people to take shortcuts in determining the trustworthiness of messages.
- Familiar themes or messages can be appealing even if they are false.
- Statements are more likely to be accepted if backed by evidence, even if that evidence is false.
- Peripheral cues—such as an appearance of objectivity—can increase the credibility of propaganda.

and experts, making audience members much more likely to ascribe credibility to the misinformation these sources are disseminating.

Russian Propaganda Is Not Committed to Consistency

The final distinctive characteristic of Russian propaganda is that it is not committed to consistency. First, different propaganda media do not necessarily broadcast the exact same themes or messages. Second, different channels do not necessarily broadcast the same account of contested events. Third, different channels or representatives show no fear of “changing their tune.” If one falsehood or misrepresentation is exposed or is not well received, the propagandists will discard it and move on to a new (though not necessarily

7

more plausible) explanation. One example of such behavior is the string of accounts offered for the downing of Malaysia Airlines Flight 17. Russian sources have offered numerous theories about how the aircraft came to be shot down and by whom, very few of which are plausible.²⁷ Lack of commitment to consistency is also apparent in statements from Russian President Vladimir Putin. For example, he first denied that the “little green men” in Crimea were Russian soldiers but later admitted that they were. Similarly, he at first denied any desire to see Crimea join Russia, but then he admitted that that had been his plan all along.²⁸

Again, this flies in the face of the conventional wisdom on influence and persuasion. If sources are not consistent, how can they be credible? If they are not credible, how can they be influential? Research suggests that inconsistency can have deleterious effects on persuasion—for example, when recipients make an effort to scrutinize inconsistent messages from the same source.²⁹ However, the literature in experimental psychology also shows that audiences can overlook contradictions under certain circumstances:

- Contradictions can prompt a desire to understand why a shift in opinion or messages occurred. When a seemingly strong argument for a shift is provided or assumed (e.g., more thought is given or more information is obtained), the new message can have a greater persuasive impact.
- When a source appears to have considered different perspectives, consumer attitudinal confidence is greater. A source who changes his or her opinion or message may be perceived as having given greater consideration to the topic, thereby influencing recipient confidence in the newest message.³⁰

How Can Propaganda Succeed While Disseminating Contradicting Messages?

- Research suggests that inconsistency has a deleterious effect on persuasion, but audiences overlook contradictions under certain circumstances, such as a convincing reason for a shift in opinion.
- Potential losses in credibility due to inconsistency can be offset by synergies with other characteristics of propaganda success, such as effective peripheral cues.

Potential losses in credibility due to inconsistency are potentially offset by synergies with other characteristics of contemporary propaganda. As noted earlier in the discussion of multiple channels, the presentation of multiple arguments by multiple sources is more persuasive than either the presentation of multiple arguments by one source or the presentation of one argument by multiple sources.³¹ These losses can also be offset by peripheral cues that enforce perceptions of credibility, trustworthiness, or legitimacy.³² Even if a channel or individual propagandist changes accounts of events from one day to the next, viewers are likely to evaluate the credibility of the new account without giving too much weight to the prior, “mistaken” account, provided that there are peripheral cues suggesting the source is credible.

While the psychology literature suggests that the Russian propaganda enterprise suffers little when channels are inconsistent with each other, or when a single channel is internally inconsistent,

8

it is unclear how inconsistency accumulates for a single prominent figure. While inconsistent accounts by different propagandists on RT, for example, might be excused as the views of different journalists or changes due to updated information, the fabrications of Vladimir Putin have been unambiguously attributed to him, which cannot be good for his personal credibility. Of course, perhaps many people have a low baseline expectation of the veracity of statements by politicians and world leaders.³⁵ To the extent that this is the case, Putin's fabrications, though more egregious than the routine, might be perceived as just more of what is expected from politicians in general and might not constrain his future influence potential.

What Can Be Done to Counter the Firehose of Falsehood?

Experimental research in psychology suggests that the features of the contemporary Russian propaganda model have the potential to be highly effective. Even those features that run counter to conventional wisdom on effective influence (e.g., the importance of veracity and consistency) receive some support in the literature.

If the Russian approach to propaganda is effective, then what can be done about it? We conclude with a few thoughts about how NATO, the United States, or other opponents of the firehose of falsehood might better compete. The first step is to recognize that this is a nontrivial challenge. Indeed, the very factors that make the firehose of falsehood effective also make it quite difficult to counter: For example, the high volume and multitude of channels for Russian propaganda offer proportionately limited yield if one channel is taken off the air (or offline) or if a single misleading

voice is discredited. The persuasive benefits that Russian propagandists gain from presenting the first version of events (which then must be dislodged by true accounts at much greater effort) could be removed if the true accounts were instead presented first. But while credible and professional journalists are still checking their facts, the Russian firehose of falsehood is already flowing: It takes less time to make up facts than it does to verify them.

We are not optimistic about the effectiveness of traditional counterpropaganda efforts. Certainly, some effort must be made to point out falsehoods and inconsistencies, but the same psychological evidence that shows how falsehood and inconsistency gain traction also tells us that retractions and refutations are seldom effective. Especially after a significant amount of time has passed, people will have trouble recalling which information they have received is the disinformation and which is the truth. Put simply, our first suggestion is *don't expect to counter the firehose of falsehood with the squirt gun of truth*.

To the extent that efforts to directly counter or refute Russian propaganda are necessary, there are some best practices available—also drawn from the field of psychology—that can and should be employed. Three factors have been shown to increase the (limited) effectiveness of retractions and refutations: (1) warnings at the time of initial exposure to misinformation, (2) repetition of the retraction or refutation, and (3) corrections that provide an alternative story to help fill the resulting gap in understanding when false “facts” are removed.³⁴

Forewarning is perhaps more effective than retractions or refutation of propaganda that has already been received. The research suggests two possible avenues:

9

- Propagandists gain advantage by offering the first impression, which is hard to overcome. If, however, potential audiences have already been primed with correct information, the disinformation finds itself in the same role as a retraction or refutation: disadvantaged relative to what is already known.³⁵
- When people resist persuasion or influence, that act reinforces their preexisting beliefs.³⁶ It may be more productive to highlight the ways in which Russian propagandists attempt to manipulate audiences, rather than fighting the specific manipulations.

In practice, getting in front of misinformation and raising awareness of misinformation might involve more robust and more widely publicized efforts to “out” Russian propaganda sources and the nature of their efforts. Alternatively, it could take the form of sanctions, fines, or other barriers against the practice of propaganda under the guise of journalism. The UK communications regulator, Ofcom, has sanctioned RT for biased or misleading programs, but more is needed.³⁷ Our second suggestion is to *find ways to help put raincoats on those at whom the firehose of falsehood is being directed*.

Another possibility is to focus on countering the effects of Russian propaganda, rather than the propaganda itself. The propagandists are working to accomplish something. The goal may be a change in attitudes, behaviors, or both. Identify those desired effects and then work to counter the effects that run contrary to your goals. For example, suppose the goal of a set of Russian propaganda products is to undermine the willingness of citizens in NATO countries to respond to Russian aggression. Rather than trying to block, refute, or undermine the propaganda, focus instead on countering its objective. This could be accomplished through

efforts to, for example, boost support for a response to Russian aggression, promote solidarity and identity with threatened NATO partners, or reaffirm international commitments.

Thinking about the problem in this way leads to several positive developments. It encourages prioritization: Do not worry so much about countering propaganda that contributes to effects that are not of concern. This view also opens up the aperture. Rather than just trying to counter disinformation with other information, it might be possible to thwart desired effects with other capabilities—or to simply apply information efforts to redirecting behaviors or attitudes without ever directly engaging with the propaganda. That leads to our third suggestion: *Don't direct your flow of information directly back at the firehose of falsehood*; instead, point your stream at whatever the firehose is aimed at, and try to push that audience in more productive directions.

That metaphor and mindset leads us to our fourth suggestion for responding to Russian propaganda: *Compete!* If Russian propaganda aims to achieve certain effects, it can be countered by preventing or diminishing those effects. Yet, the tools of the Russian propagandists may not be available due to resource constraints or policy, legal, or ethical barriers. Although it may be difficult or impossible to directly refute Russian propaganda, both NATO and the United States have a range of capabilities to inform, influence, and persuade selected target audiences. *Increase the flow of persuasive information and start to compete, seeking to generate effects that support U.S. and NATO objectives*.

Our fifth and final suggestion for addressing the challenge of Russian propaganda is to use various technical means to *turn off (or turn down) the flow*. If the firehose of falsehood is being employed as part of active hostilities, or if counterpropaganda efforts

10

escalate to include the use of a wider range of information warfare capabilities, then jamming, corrupting, degrading, destroying, usurping, or otherwise interfering with the ability of the propagandists to broadcast and disseminate their messages could diminish

the impact of their efforts. Anything from aggressive enforcement of terms of service agreements with Internet providers and social media services to electronic warfare or cyberspace operations could lower the volume—and the impact—of Russian propaganda.

Notes

¹ Olga Oliker, "Russia's New Military Doctrine: Same as the Old Doctrine, Mostly," *Washington Post*, January 15, 2015.

² Giorgio Bertolin, "Conceptualizing Russian Information Operations: Info-War and Infiltration in the Context of Hybrid Warfare," *IO Sphere*, Summer 2015, p. 10.

³ See, for example, U.S. Department of Defense, Defense Science Board, *Report of the Defense Science Board Task Force on Strategic Communication*, Washington, D.C., January 2008; Christopher Paul, *Strategic Communication: Origins, Concepts, and Current Debates*, Santa Barbara, Calif.: Praeger Security International, 2011; Arturo Muñoz, *U.S. Military Information Operations in Afghanistan: Effectiveness of Psychological Operations 2001–2010*, Santa Monica, Calif.: RAND Corporation, MG-1060, 2012.

⁴ See Adrian Chen, "The Agency," *New York Times Magazine*, June 2, 2015, and Peter Pomerantsev and Michael Weiss, *The Menace of Unreality: How the Kremlin Weaponizes Information, Culture and Money*, New York: Institute of Modern Russia and The Interpreter, 2014.

⁵ Dmitry Volchek and Daisy Sindelar, "One Professional Russian Troll Tells All," *Radio Free Europe/Radio Liberty*, March 25, 2015.

⁶ Pomerantsev and Weiss, 2014.

⁷ Joel Harding, "Russian News and Russian Proxy News Sites," *To Inform Is to Influence*, November 15, 2015.

⁸ The first two points on sources are from Stephen G. Harkins and Richard E. Petty, "The Multiple Source Effect in Persuasion: The Effects of Distraction," *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol. 7, No. 4, December 1981; the third is from Harkins and Petty, "Information Utility and the Multiple Source Effect," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 52, No. 2, 1987.

⁹ The first point on the number and volume of sources is from Andrew J. Flanagin and Miriam J. Metzger, "Trusting Experts Versus User-Generated Ratings Online: The Role of Information Volume, Valence, and Consumer Characteristics," *Computers in Human Behavior*, Vol. 29, No. 4, July 2013; the second is from Joseph W. Alba and Howard Marmorstein, "The Effects of Frequency Knowledge on Consumer Decision Making," *Journal of Consumer Research*, Vol. 14, No. 1, June 1987.

¹⁰ The points on the views of others are, respectively, from Chanthika Pornpitakpan, "The Persuasiveness of Source Credibility: A Critical Review of Five Decades' Evidence," *Journal of Applied Social Psychology*, Vol. 34, No. 2, February 2004; Michael G. Hughes, Jennifer A. Griffith, Thomas A. Zani, Matthew L. Arsenault, Olivia D. Cooper, Genevieve Johnson, Jay H. Hardy, Shane Connolly, and Michael D. Mumford, "Discrediting in a Message Board Forum: The Effects of Social Support and Attacks on Expertise and Trustworthiness," *Journal of Computer-Mediated Communication*, Vol. 19, No. 3, April 2014; Flanagin and Metzger, 2013; and Hughes et al., 2014.

¹¹ Disinformation, "Weekly Disinformation Review," *Disinfo*, January 14, 2016.

¹² Examples of the propagation of Russian disinformation from, respectively, Milan Lelek, "Victims of Russian Propaganda," *New Eastern Europe*, July 25, 2014, and Paul A. Goble, "Top 10 Fakes of Russian Propaganda About Ukraine in 2015," *Euroinsider Press*, December 26, 2015.

11

¹³ Richard E. Petty, John T. Cacioppo, Alan J. Strathman, and Joseph R. Priester, "To Think or Not To Think: Exploring Two Routes to Persuasion," in Timothy C. Brock and Melanie C. Green, eds., *Persuasion: Psychological Insights and Perspectives*, 2nd ed., Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications, 2005.

¹⁴ Points on repetition and familiarity from, respectively, Stephan Lewandowsky, Ullrich K. H. Ecker, Colleen M. Seifert, Norbert Schwarz, and John Cook, "Misinformation and Its Correction: Continued Influence and Successful Debiasing," *Psychological Science in the Public Interest*, Vol. 13, No. 3, December 2012; Linda A. Henkel and Mark E. Mattson, "Reading Is Believing: The Truth Effect and Source Credibility," *Consciousness and Cognition*, Vol. 20, No. 4, December 2011; Heather M. Claypool, Diane M. Mackie, Teresa Garcia-Marques, Ashley McIntosh, and Ashton Udall, "The Effects of Personal Relevance and Repetition on Persuasive Processing," *Social Cognition*, Vol. 22, No. 3, June 2004; Alba and Marmorstein, "The Effects of Frequency Knowledge on Consumer Decision Making," *Journal of Consumer Research*, Vol. 14, No. 1, June 1987; Jean E. Fox Tree and Mary Susan Eldon, "Retelling Urban Legends," *American Journal of Psychology*, Vol. 120, No. 3, Fall 2007; and Teresa Garcia-Marques and Diane M. Mackie, "The Feeling of Familiarity as a Regulator of Persuasive Processing," *Social Cognition*, Vol. 19, No. 1, 2001.

¹⁵ Chen, 2015.

¹⁶ Julia Davis, "Russia's Top 100 Lies About Ukraine," *The Examiner*, August 11, 2014.

¹⁷ Examples of Russian propagandists using actors to spoof actual news events from, respectively, Balmforth, 2016, and Oli Smith, "Watch: Russia's Fake Ukraine War Report Exposed in Putin PR Disaster," *Express*, August 24, 2015.

¹⁸ James Miller, "Russian Media: Conspiracy Theories and Reading Comprehension Issues," *The Interpreter*, September 18, 2013.

¹⁹ Edward Lucas, "Russia Has Published Books I Didn't Write!" *Daily Beast*, August 20, 2015.

²⁰ Miriam J. Metzger and Andrew J. Flanagin, "Credibility and Trust of Information in Online Environments: The Use of Cognitive Heuristics," *Journal of Pragmatics*, Vol. 59, Part B, December 2013.

²¹ The point on the deeper effect and credibility is from Pornpitakpan, 2004, and Henkel and Mattson, 2011. See also Lewandowsky et al., 2012, and Ullrich K. H. Ecker, Stephan Lewandowsky, Olivia Fenlon, and Kelsey Martin, "Do People Keep Believing Because They Want to? Preexisting Attitudes and Continued Influence of Misinformation," *Memory and Cognition*, Vol. 42, No. 2, 2014. The point on information that is later retracted or proven false is from Ecker et al., 2014. See also Lewandowsky et al., 2012. The point on awareness of potential misinformation is from Lewandowsky et al., 2012.

²² These points on messages, familiarity, and emotions are from, respectively, Lewandowsky et al., 2012; Pornpitakpan, 2004; Ecker et al., 2014; Jan-Willem Van Pooijen and Eric van Dijk, "When Consequence Size Predicts Belief in Conspiracy Theories: The Moderating Role of Perspective Taking," *Journal of Experimental Social Psychology*, Vol. 44, November 2014; Lewandowsky et al., 2012; and David Desteno, Richard E. Petty, Derek D., Raquel, Duane T. Wegener, and Julia Braverman, "Discrete Emotions and Persuasion: The Role of Emotion-Induced Expectancies," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 86, No. 1, January 2004.

²³ These points on evidence and credibility are from, respectively, Pornpitakpan, 2004, and Brad E. Bell and Elizabeth F. Loftus, "Trivial Persuasion in the Courtroom: The Power of (a Few) Minor Details," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 56, No. 5, May 1989.

²⁴ Petty et al., 2005.

²⁵ Metzger and Flanagin, 2013.

²⁶ These points on peripheral cues and trustworthiness are from, respectively, Petty et al., 2005; James C. McCroskey and Thomas J. Young, "Ethos and Credibility: The Construct and Its Measurement After Three Decades," *Central States Speech Journal*, Vol. 32, No. 1, 1981, and Pornpitakpan, 2004; and Andrew J. Flanagin and Miriam J. Metzger, "The Role of Site Features, User Attributes, and Information Verification Behaviors on the Perceived Credibility of Web-Based Information," *New Media and Society*, Vol. 9, No. 2, April 2007.

²⁷ Michael B. Kelley and Brett LoGiurato, "Russia's Military Tells a Very Different Story About What Happened to MH17," *Business Insider*, July 21, 2014.

²⁸ Steven Pifer, "Putin, Lies and His 'Little Green Men,'" *CNN*, March 20, 2015.

12

- ²² René Ziegler, Michael Diehl, Raffael Zigon, and Torsten Fert, "Source Consistency, Distinctiveness, and Consensus: The Three Dimensions of the Kelley ANOVA Model of Persuasion," *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol. 30, No. 3, March 2004.
- ²³ The point on contradiction prompting a desire to understand the reason for a shift in opinion is from Taly Reich and Zakary L. Tormala, "When Contradictions Foster Persuasion: An Attributional Perspective," *Journal of Experimental Social Psychology*, Vol. 49, No. 3, May 2013. The point about confidence in a source who has changed perspectives is from Derek D. Rucker, Richard E. Petty, and Pablo Briñol, "What's in a Frame Anyway? A Meta-Cognitive Analysis of the Impact of One Versus Two Sided Message Framing on Attitude Certainty," *Journal of Consumer Psychology*, Vol. 18, No. 2, April 2008.
- ²⁴ Stephen G. Harkins and Richard E. Petty, "Information Utility and the Multiple Source Effect," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 52, No. 2, February 1987.
- ²⁵ Petty et al., 2005.
- ²⁶ Richard R. Lau, "Negativity in Political Perception," *Political Behavior*, Vol. 4, No. 4, December 1982.
- ²⁷ Lewandowsky et al., 2012.
- ²⁸ Ecker et al., 2014.
- ²⁹ Zakary L. Tormala and Richard E. Petty, "Source Credibility and Attitude Certainty: A Metacognitive Analysis of Resistance to Persuasion," *Journal of Consumer Psychology*, Vol. 14, No. 4, 2004.
- ³⁰ Jasper Jackson, "RT Sanctioned by Ofcom over Series of Misleading and Biased Articles," *The Guardian*, September 21, 2015.

13

References

- Alba, Joseph W., and Howard Marmorstein, "The Effects of Frequency Knowledge on Consumer Decision Making," *Journal of Consumer Research*, Vol. 14, No. 1, June 1987, pp. 14–25.
- Balmforth, Tom, "You Pay, I Say: Website Says It Exposed Russian TV Fakery," *Radio Free Europe/Radio Liberty*, February 4, 2016. As of June 1, 2016: <http://www.rferl.org/content/the-insides-website-russian-tv-fakery-germany-migrant-crisis-feat/27532569.html>
- Bell, Brad E., and Elizabeth F. Loftus, "Trivial Persuasion in the Courtroom: The Power of (a Few) Minor Details," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 56, No. 5, May 1989, pp. 669–679.
- Bertolin, Giorgio, "Conceptualizing Russian Information Operations: Info-War and Infiltration in the Context of Hybrid Warfare," *IO Sphere*, Summer 2015, pp. 10–11. As of June 1, 2016: http://home.iosphere.org/?page_id=88278
- Chen, Adrian, "The Agency," *New York Times Magazine*, June 2, 2015.
- Clayton, Heather M., Diane M. Mackie, Teresa Garcia-Marques, Ashley McIntosh, and Ashton Udall, "The Effects of Personal Relevance and Repetition on Persuasive Processing," *Social Cognition*, Vol. 22, No. 3, June 2004, pp. 310–335.
- Davis, Julia, "Russia's Top 100 Lies About Ukraine," *The Examiner*, August 11, 2014. As of June 1, 2016: <http://www.examiner.com/list/russia-s-top-100-lies-about-ukraine>
- Destono, David, Richard E. Petty, Derek D. Rucker, Duane T. Wegener, and Julia Braverman, "Discrete Emotions and Persuasion: The Role of Emotion-Induced Expectancies," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 86, No. 1, January 2004, pp. 43–56.
- Disinformation, "Weekly Disinformation Review," *Disinfo*, January 14, 2016. As of June 1, 2016: <http://disinfo.com/2016/01/disinformation-review-week-ten>
- Ecker, Ullrich K. H., Stephan Lewandowsky, Olivia Fenton, and Kelsey Martin, "Do People Keep Believing Because They Want to? Preexisting Attitudes and Continued Influence of Misinformation," *Memory and Cognition*, Vol. 42, No. 2, 2014, pp. 292–304.
- Flanagin, Andrew J., and Miriam J. Metzger, "The Role of Site Features, User Attributes, and Information Verification Behaviors on the Perceived Credibility of Web-Based Information," *New Media and Society*, Vol. 9, No. 2, April 2007, pp. 319–342.
- , "Trusting Expert: Versus User-Generated Ratings Online: The Role of Information Volume, Valence, and Consumer Characteristics," *Computers in Human Behavior*, Vol. 29, No. 4, July 2013, pp. 1626–1634.
- García-Marques, Teresa, and Diane M. Mackie, "The Feeling of Familiarity as a Regulator of Persuasive Processing," *Social Cognition*, Vol. 19, No. 1, 2001, pp. 9–34.
- Goble, Paul A., "Top 10 Fakes of Russian Propaganda About Ukraine in 2015," *Euroisland Press*, December 26, 2015. As of June 1, 2016: <http://euroislandpress.com/2015/12/26/87281>
- Harding, Joel, "Russian News and Russian Proxy News Sites," *To Inform Is to Influence*, November 15, 2015. As of June 1, 2016: <http://toinformtoinfluence.com/2015/11/15/russian-news-and-russian-proxy-news-sites>
- Harkins, Stephen G., and Richard E. Petty, "The Multiple Source Effect in Persuasion: The Effects of Distraction," *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol. 7, No. 4, December 1981, pp. 627–635.
- , "Information Utility and the Multiple Source Effect," *Journal of Personality and Social Psychology*, Vol. 52, No. 2, February 1987, pp. 260–268.
- Henkel, Linda A., and Mark E. Mattson, "Reading Is Believing: The Truth Effect and Source Credibility," *Consciousness and Cognition*, Vol. 20, No. 4, December 2011, pp. 1705–1721.
- Hughes, Michael G., Jennifer A. Griffith, Thomas A. Zenl, Matthew L. Anseau, Olivia D. Copper, Genevieve Johnson, Jay H. Hardy, Shane Connelly, and Michael D. Mumford, "Discrediting in a Message Board Forum: The Effects of Social Support and Attacks on Expertise and Trustworthiness," *Journal of Computer-Mediated Communication*, Vol. 19, No. 3, April 2014, pp. 325–341.
- Jackson, Jasper, "RT Sanctioned by Ofcom Over Series of Misleading and Biased Articles," *The Guardian*, September 21, 2015. As of June 1, 2016: <http://www.theguardian.com/media/2015/sep/21/rt-sanctioned-over-series-of-misleading-articles-by-media-watchdog>
- Kelley, Michael B., and Brett LoGiurato, "Russia's Military Tells a Very Different Story About What Happened to MH17," *Business Insider*, July 21, 2014. As of June 1, 2016: <http://www.businessinsider.com/russias-story-about-mh17-2014-7>
- Lau, Richard R., "Negativity in Political Perception," *Political Behavior*, Vol. 4, No. 4, December 1982, pp. 353–377.
- Lelich, Milan, "Victims of Russian Propaganda," *New Eastern Europe*, July 25, 2014. As of June 1, 2016: <http://www.neweasterneurope.eu/interviews/1278-victims-of-russian-propaganda>

14

- Lewandowsky, Stephan, Ulrich K. H. Ecker, Colleen M. Seifert, Norbert Schwarz, and John Cook, "Misinformation and Its Correction: Continued Influence and Successful Debiasing," *Psychological Science in the Public Interest*, Vol. 13, No. 3, December 2012, pp. 106–131.
- Lucas, Edward, "Russia Has Published Books I Didn't Write!" *Daily Beast*, August 20, 2015. As of June 1, 2016: <http://www.thedailybeast.com/articles/2015/08/20/russia-turned-me-into-propaganda.html>
- McCroskey, James C., and Thomas J. Young, "Ethos and Credibility: The Construct and Its Measurement After Three Decades," *Central States Speech Journal*, Vol. 32, No. 1, 1981, pp. 24–34.
- Metzger, Miriam J., and Andrew J. Flanagin, "Credibility and Trust of Information in Online Environments: The Use of Cognitive Heuristics," *Journal of Pragmatics*, Vol. 59, Part B, December 2013, pp. 210–220.
- Miller, James, "Russian Media: Conspiracy Theories and Reading Comprehension Issues," *The Interpreter*, September 18, 2013. As of June 1, 2016: <http://www.interpretermag.com/russian-media-conspiracy-theories-and-reading-comprehension-issues>
- Muñoz, Arturo, *U.S. Military Information Operations in Afghanistan: Effectiveness of Psychological Operations 2001–2010*, Santa Monica, Calif: RAND Corporation, MG-1060, 2012. As of June 1, 2016: <http://www.rand.org/pubs/monographs/MG1060.html>
- Oliver, Olga, "Russia's New Military Doctrine: Same as the Old Doctrine, Mostly," *Washington Post*, January 15, 2015.
- Paul, Christopher, *Strategic Communication: Origins, Concepts, and Current Debates*, Santa Barbara, Calif: Praeger Security International, 2011.
- Petty, Richard E., John T. Cacioppo, Alan J. Strathman, and Joseph R. Priester, "To Think or Not To Think: Exploring Two Routes to Persuasion," in Timothy C. Brock, and Melanie C. Green, eds., *Persuasion: Psychological Insights and Perspectives*, 2nd ed., Thousand Oaks, Calif: Sage Publications, 2005, pp. 81–116.
- Pifer, Steven, "Putin, Lies and His 'Little Green Men,'" CNN, March 20, 2015. As of June 1, 2016: <http://www.cnn.com/2015/03/20/opinions/pifer-putin-misleads/>
- Pomerantsev, Peter, and Michael Weiss, *The Menace of Unreality: How the Kremlin Weaponizes Information, Culture and Money*, New York: Institute of Modern Russia and The Interpreter, 2014. As of June 1, 2016: http://imrussia.org/media/pdf/Research/Michael_Weiss_and_Peter_Pomerantsev_The_Menace_of_Unreality.pdf
- Ponpitaikan, Chantika, "The Persuasiveness of Source Credibility: A Critical Review of Five Decades' Evidence," *Journal of Applied Social Psychology*, Vol. 34, No. 2, February 2004, pp. 243–281.
- Reich, Taly, and Zakary L. Tormala, "When Contradictions Foster Persuasion: An Attributional Perspective," *Journal of Experimental Social Psychology*, Vol. 49, No. 3, May 2013, pp. 426–439.
- Rucker, Derek D., Richard E. Petty, and Pablo Briñol, "What's in a Frame Anyway? A Meta-Cognitive Analysis of the Impact of One Versus Two Sided Message Framing on Attitude Certainty," *Journal of Consumer Psychology*, Vol. 18, No. 2, April 2008, pp. 137–149.
- Smith, Oli, "Watch: Russia's Fake Ukraine War Report Exposed in Putin PR Disaster," *Express*, August 24, 2015. As of June 1, 2016: <http://www.express.co.uk/news/world/600413/Russia-s-fake-Ukraine-war-report-exposed-Putin-PR-disaster>
- Tormala, Zakary L., and Richard E. Petty, "Source Credibility and Attitude Certainty: A Meta-cognitive Analysis of Resistance to Persuasion," *Journal of Consumer Psychology*, Vol. 14, No. 4, 2004, pp. 427–442.
- Tree, Jean E. Fox, and Mary Susan Eldon, "Retelling Urban Legends," *American Journal of Psychology*, Vol. 120, No. 3, Fall 2007, pp. 459–476.
- U.S. Department of Defense, Defense Science Board, *Report of the Defense Science Board Task Force on Strategic Communication*, Washington, D.C., January 2008. As of June 1, 2016: <http://www.acq.osd.mil/dsb/reports/ADA476331.pdf>
- Van Prooijen, Jan-Willem, and Erik van Dijk, "When Consequence Size Predicts Belief in Conspiracy Theories: The Moderating Role of Perspective Taking," *Journal of Experimental Social Psychology*, Vol. 44, November 2014, pp. 63–73.
- Volchek, Dmitry, and Daisy Sindelar, "One Professional Russian Troll Tells All," Radio Free Europe/Radio Liberty, March 25, 2015. As of June 1, 2016: <http://www.rferl.org/content/how-to-guide-russian-trolling-trolls/26919999.html>
- Ziegler, René, Michael Diehl, Raffael Zigon, and Torsten Fetz, "Source Consistency, Distinctiveness, and Consensus: The Three Dimensions of the Kelley ANOVA Model of Persuasion," *Personality and Social Psychology Bulletin*, Vol. 30, No. 3, March 2004, pp. 352–364.

15

About This Perspective

Since its 2008 incursion into Georgia (if not before), there has been a remarkable evolution in Russia's approach to propaganda. The country has effectively employed new dissemination channels and messages in support of its 2014 annexation of the Crimean peninsula, its ongoing involvement in the conflicts in Ukraine and Syria, and its antagonism of NATO allies. Like a "firehose of falsehood," the Russian propaganda model is high-volume and multichannel, and it disseminates messages without regard for the truth. It is also rapid, continuous, and repetitive, and it lacks commitment to consistency. These techniques would seem to run counter to the received wisdom for successful information campaigns, but research in psychology supports many of the most successful aspects of the model. Furthermore, the very factors that make the firehose of falsehood effective also make it difficult to counter. Traditional counterpropaganda approaches will likely be inadequate in this context. More effective solutions can be found in the same psychology literature that explains the surprising success of the Russian propaganda model and its messages.

This perspective was sponsored by the Combating Terrorism Technical Support Office and produced in the International Security and Defense Policy Center of the RAND National Defense Research Institute, a federally funded research and development center sponsored by the Office of the Secretary of Defense, the Joint Staff, the Unified Combatant Commands, the Navy, the Marine Corps, the defense agencies, and the defense Intelligence Community.

For more information on the RAND International Security and Defense Policy Center, see www.rand.org/nsrd/ndri/centers/isdp or contact the director (contact information is provided on the web page).

About the Authors

Christopher Paul is a senior social scientist at RAND and a professor at the Pardee RAND Graduate School. He is also an adjunct faculty member in the Center for Economic Development in the Heinz College at Carnegie Mellon University. He focuses on developing methodological competencies for comparative historical and case-study approaches, evaluation research, various forms of quantitative analysis, and survey research. He has published on such topics as insurgency and counterinsurgency, building international partner capacity, and information operations and strategic communication.

Miriam Matthews is a behavioral and social scientist at RAND and a professor at the Pardee RAND Graduate School. She conducts research in the areas of political psychology, international conflict, and diversity and multiculturalism. She has published on the factors that contribute to negative intergroup attitudes, the influence of acculturation ideologies, the effects of threats on political attitudes, and the origins of support for anti-Western jihad.

Limited Print and Electronic Distribution Rights

This document and trademark(s) contained herein are protected by law. This representation of RAND intellectual property is provided for noncommercial use only. Unauthorized posting of this publication online is prohibited. Permission is given to duplicate this document for personal use only, as long as it is unaltered and complete. Permission is required from RAND to reproduce, or reuse in another form, any of our research documents for commercial use. For information on reprint and linking permissions, please visit www.rand.org/pubs/permissions.

The RAND Corporation is a research organization that develops solutions to public policy challenges to help make communities throughout the world safer and more secure, healthier and more prosperous. RAND is nonprofit, nonpartisan, and committed to the public interest.

RAND's publications do not necessarily reflect the opinions of its research clients and sponsors. RAND® is a registered trademark.

For more information on this publication, visit www.rand.org/PE198.

A nexo D - manchete da *Gospel prime* sobre afirmação de Haddad⁶³



The screenshot shows the top navigation bar of the Gospel Prime website with categories like 'ÚLTIMAS', 'IGREJA', 'IGREJA PERSEGUIDA', 'VIDA CRISTÃ', 'ESTUDOS BÍBLICOS', 'OPINIÃO', 'COLUNISTAS', and 'CURSOS'. Below the navigation is a 'SOCIEDADE' tag. The main headline reads 'Haddad afirma que o "Kit gay" será reformulado e lançado até fim do ano'. A sub-headline states: 'Apesar da suspensão da presidente Dilma, o ministro da Educação planeja entregar o controverso material para alunos do ensino médio'. There are social media sharing icons for Facebook, Twitter, WhatsApp, Telegram, and Email. Below the icons, it says '13 anos atrás em 28 de maio de 2011 Por Redação'. At the bottom of the article preview, it notes 'Notícia veiculada em 28/05/2011, com informações de VEJA'.

SOCIEDADE

Haddad afirma que o “Kit gay” será reformulado e lançado até fim do ano

Apesar da suspensão da presidente Dilma, o ministro da Educação planeja entregar o controverso material para alunos do ensino médio

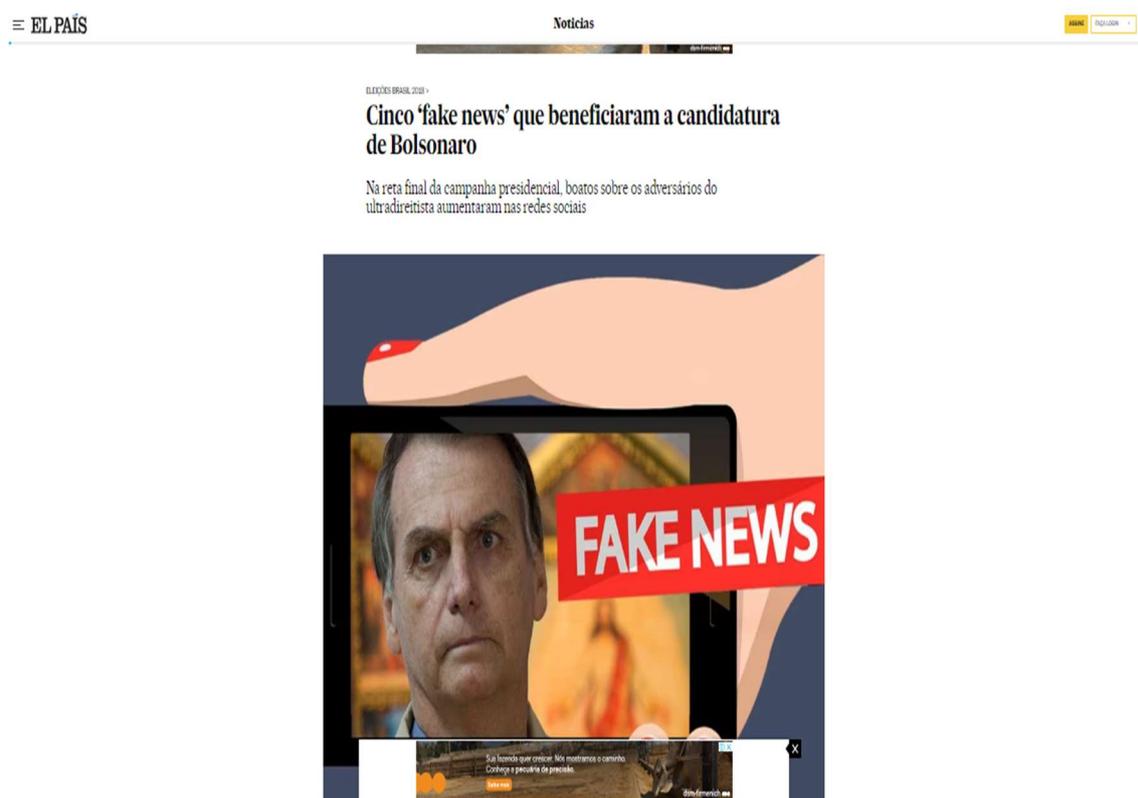


 13 anos atrás em 28 de maio de 2011
Por **Redação**

Notícia veiculada em 28/05/2011, com informações de [VEJA](#)

⁶³ Disponível em: [Haddad afirma que o "Kit gay" será reformulado e lançado até fim do ano \(gospelprime.com.br\)](https://gospelprime.com.br)

Anexo E – manchete do jornal El país sobre as cinco principais fake news de campanha⁶⁴



⁶⁴ Disponível em : [Cinco 'fake news' que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro | Noticias | EL PAÍS Brasil \(elpais.com\)](https://brasil.elpais.com/brasil/2022/10/27/cinco-fake-news-que-beneficiaram-a-candidatura-de-bolsonaro.html)

Anexo F– vídeo da *Band News* com afirmação de Marcelo Crivella⁶⁵



The screenshot displays a web browser window with the URL <https://www.band.uol.com.br/videos/ponto-a-ponto-entrevista-marcelo-crivella-16653613>. The main content is a video player showing a man in a dark suit and tie, identified as Marcelo Crivella, speaking. The video title is "Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella". Below the video, it states: "Mônica Bergamo e Antonio Lavareda conversam com o prefeito do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella." The video was uploaded on 23/05/2019 at 23:51. A button below the video says "ASSISTA A OUTROS VÍDEOS E ÍNTEGRAS EM Bandplay". To the right of the video player, there is a sidebar with several news thumbnails and titles: "Mega da Virada terá premiação recorde de R\$ 570 milhões", "Ceia de natal está 8,9% mais cara em 2023, aponta pesquisa", "Teto de igreja desaba e deixa feridos em Minas Gerais", and "Espécie de tamanduá-bandeira foi vista no RS". The browser's address bar and various icons are visible at the top, and the Windows taskbar is at the bottom.

⁶⁵ Disponível em: [Marcelo Crivella AFIRMA que houve KITGAY de Fernando Haddad \(youtube.com\)](https://www.youtube.com/watch?v=...)

Disponível também em: [Ponto a Ponto entrevista Marcelo Crivella | Vídeos Band \(uol.com.br\)](https://www.uol.com.br/videos/ponto-a-ponto-entrevista-marcelo-crivella)

Acesso em 29 dez. de 2023

Anexo G– manchete do por G1 *Fato ou Fake* – Comprovação de inveracidade⁶⁶



É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos

'Kit gay' é apelido do projeto 'Escola sem homofobia', voltado a educadores e não a crianças; livro 'Aparelho Sexual e Cia' não fez parte do projeto e não foi usado em escolas.

Por G1

16/10/2018 14h51 · Atualizado há 5 anos



⁶⁶ Disponível em: [É #FAKE que Haddad criou 'kit gay' para crianças de seis anos | Fato ou Fake | G1 \(globo.com\)](#)